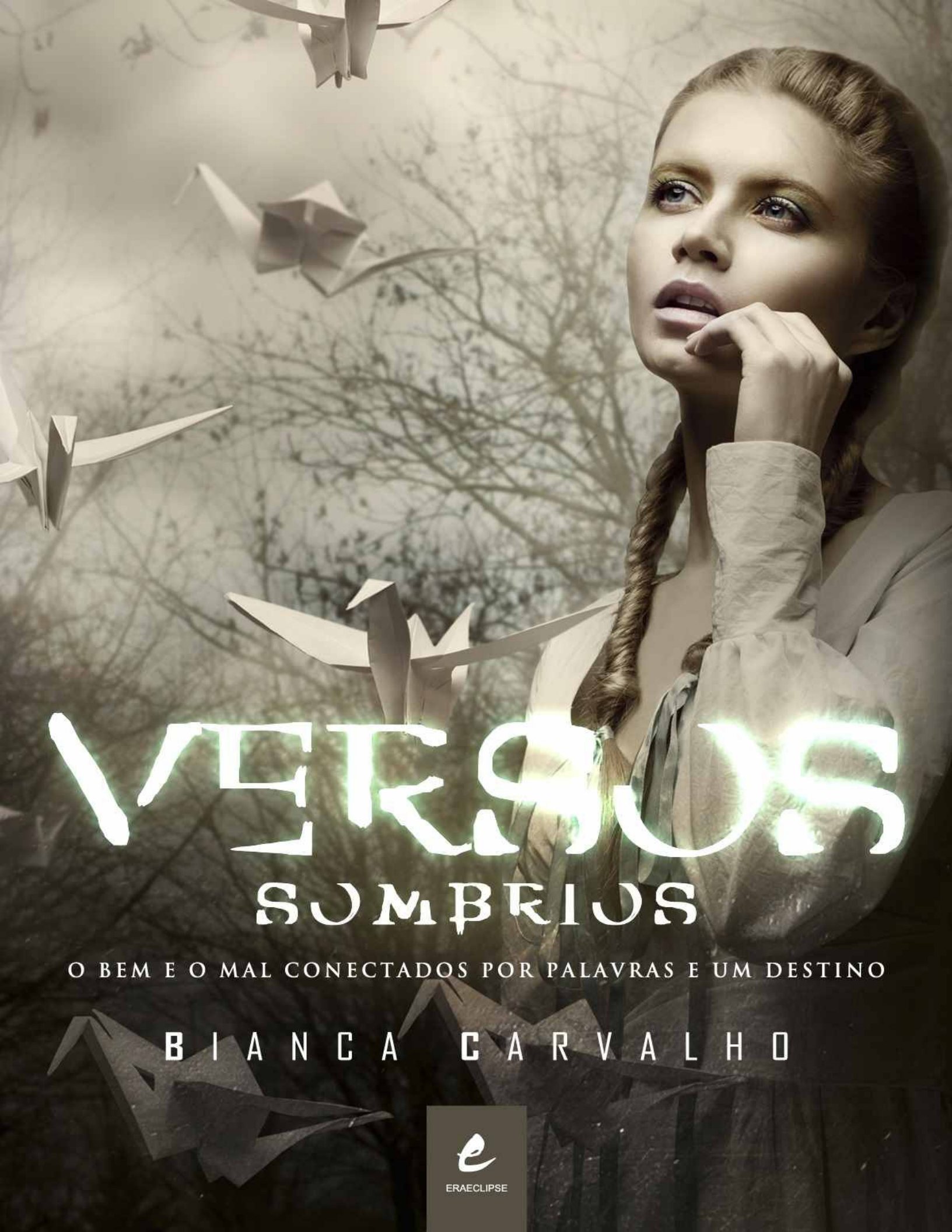




VERSOS SOMBRIOS

O BEM E O MAL CONECTADOS POR PALAVRAS E UM DESTINO

BIANCA CARVALHO



ERACLIPSE



PERIGOSAS NACIONAIS

BIANCA CARVALHO

VERSOS SOMBRIOS

**Todos os direitos desta obra estão reservados à
autora**

**Este livro é uma obra de ficção. Qualquer
semelhança de nomes ou fatos é mera
coincidência.**

PERIGOSAS ACHERON

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete.](#)

[Capítulo Oito.](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze.](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo Dezesseis.](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Epílogo](#)

PERIGOSAS ACHERON

*“O poema poreja flor e adaga
e assassina o íncubo sentido
Existe para não ser...”.*

Artur da Távola

Prólogo

ABRIL - 2010

Lolla acordou sobressaltada, com a respiração ofegante. Estava na hora.

Ela vestiu o robe delicado em seu corpo pequeno — porém ainda rígido e forte, mesmo próximo da morte —, desceu as escadas de sua casa, com o máximo de pressa que suas pernas cansadas permitiam, e foi para seu escritório. Tentou não fazer barulho, porque era madrugada, e Cailey e Tatianna dormiam.

Há uma semana tivera aquele mesmo sentimento, como se o coração estivesse prestes a saltar pela boca depois de um sonho. Um sonho real, vívido, que ela sabia que acabaria ultrapassando as barreiras de sua mente e se

materializando na realidade; como já acontecera tantas outras vezes, inclusive com Faith, suas flores, o belo homem no cemitério e todos os segredos que ainda lhe seriam revelados na hora certa. Não eram sonhos exatamente claros, não eram precisos, mas não havia dúvidas de que eram premonitórios. *Especiais*, como ela gostava de chamar. Ela sabia, sentia e conhecia seu dom; assim como conhecia cada uma de suas meninas, mesmo que elas sequer compreendessem a si mesmas.

Faith já tinha sua carta pronta, guardada dentro de uma gaveta, aguardando ser entregue por Thomas na data estipulada. Era a vez de Cailey.

Sua pequena Cailey, que se julgava tão forte, mas que na verdade era frágil como uma delicada taça de cristal.

Cailey ainda era uma menina em um corpo atraente de mulher. O corpo que ela conhecia e

PERIGOSAS ACHERON

usava tão bem para seu próprio prazer. Porém, ela se esquecia que tinha também um coração, que era tão belo quanto sua aparência, e uma mente privilegiada, que lhe proporcionava um poder extraordinário. Muito maior do que ela sequer imaginava. Ela conhecia as palavras, eternizava-as no papel com precisão, para as pessoas certas, nas horas certas, mentalizando suas histórias. Não que ela sempre soubesse o que dizer, mas escrever... ah, isso era outra história. E o destino se encarregaria de fazer com que ela odiasse aquele corpo para que pudesse descobrir todo o potencial de sua mente.

Escrever para Cailey não seria fácil. Seu poder de interpretação era também parte de seu dom, portanto, ela poderia julgar as palavras da avó da maneira que lhe fosse mais conveniente; exatamente o que Lolla não queria. Assim como Faith, ela teria que seguir seus conselhos perfeitamente, ou nada do que estava previsto

PERIGOSAS NACIONAIS

aconteceria. E *precisava* acontecer. Mesmo que seu caminho fosse mais sinuoso do que Lolla gostaria.

As primeiras linhas apareceram em sua mente, e a carta foi criando forma. O destino de mais uma de suas netas estava em suas mãos; mas apesar de ser uma responsabilidade grande, era algo muito gratificante.

Daquela vez, então, Lolla sabia que as coisas teriam início com um poema especial, uma promessa e um amor doentio...

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Um

NOVEMBRO - 2010

Ela fechou os olhos bem devagar, absorvendo o momento, pronta para entrar naquele transe que já lhe era conhecido. As palavras apareciam em sua mente como se fossem sussurradas por um anjo, de maneira doce em seus ouvidos. Elas lhe permitiam que se transportasse para um mundo paralelo, completamente dela, onde nada mais importava. Eram como uma melodia constante, com uma letra sempre diferente.

Sentia-se à vontade com suas palavras, assim como Faith se sentia com suas flores.

Era como se suas mãos não mais lhe pertencessem. Era sua alma que escrevia, entorpecida por devaneios íntimos, que na maioria das vezes faziam parte do destino de outras

pessoas.

Cailey sempre escreveu para si mesma. Usava sua poesia como um desabafo nas horas em que a dor era forte demais para suportar, como quando fora estuprada. Contudo, desde que começara a trabalhar para Faith, criando mensagens especiais para quem comprava um arranjo de flores, sua inspiração pertencia às pessoas para as quais escrevia mensagens; e embora fosse uma coisa que ela gostava de fazer, era algo que a assustava também. Todas as vezes que recebia respostas de clientes, eles diziam que tudo que ela escrevera realmente acontecera ou que suas palavras foram capazes de mudar a vida de alguém. Cailey não queria aquele poder nem aquela responsabilidade, pois sabia que não era uma simples coincidência, era um fardo que as DeWitt tinham que carregar.

Aquele tipo de habilidade especial era para

peessoas como sua irmã, que tinham maturidade suficiente para lidar com as consequências.

Fazia tempo que não escrevia nada por livre e espontânea vontade, e aquele texto que estava pronta para criar tinha um sabor especial. Seria para Faith e Rowan, que estavam prestes a chegar de lua de mel. O casamento de sua irmã fora o mais lindo que Cailey já vira, e Faith fora a noiva mais feliz de todas. Durante toda a cerimônia, as três sentiram a presença de Lolla abençoando o casal, que merecia, mais do que ninguém, estar onde estavam, depois de todas as barreiras que ultrapassaram para ficarem juntos.

Ao pensar na irmã e em sua felicidade incondicional, Cailey lutava para acreditar que não sentia inveja, mesmo que essa inveja fosse boa. Ela também jurava que era feliz, por mais que tentasse se contentar com metade das coisas que queria. Não que pudesse reclamar. Trabalhar com Faith fora

PERIGOSAS ACHERON

uma oferta bastante providencial e uma bela chance de colocar seu dom para fora, de usar as palavras e ser usada por elas, em um relacionamento de amor mútuo. Além disso, testemunhar sua irmã usando suas mãos mágicas em uma terra vazia e vê-la criar vida a partir do nada era mágico. Mais do que isso, ter a oportunidade de ver de perto a forma como ela transformava o significado daquelas plantas em realidade, como transportava as entrelinhas de cada pétala para a história de um cliente, fazia com que Cailey acreditasse em destino.

Contudo, apesar de acreditar em destino ser uma coisa boa, fazia também com que ela questionasse o seu. Será que seu caminho realmente seria trilhado com alguém como Morris? Não que ela não gostasse dele, afinal, já namoravam há seis meses, mas, apesar de sentir prazer em estar em sua companhia, ainda não se sentia pronta para intimidades. Morris dizia

PERIGOSAS ACHERON

compreender, por saber do estupro que ela sofrera, mas, no fundo, ela sabia que ele estava começando a perder a paciência.

Então, pensando em todos os infortúnios da vida, sentou-se no parapeito da janela de sua casa, observando o dia nublado lá fora, refletindo sobre quanto seus últimos meses se assemelhavam àquela névoa que conseguia enxergar do outro lado do vidro embaçado. Ela era como aquelas nuvens cinzentas, melancólicas, mas que simplesmente não explodiam em tempestades. Ela também era silenciosa como aquele céu... sem lágrimas, sem gritos, apenas dor.

Afogou, portanto, todas as suas mágoas em sua tarefa. Queria escrever uma linda poesia para acompanhar o presente de boas-vindas que comprara com Tatianna para Rowan e Faith, uma vez que o casal passara quase um mês viajando pela Europa. Encheu seu coração de felicidade por

PERIGOSAS ACHERON

aquele casal que tanto amava, antes de iniciar o perfeito casamento entre caneta e papel. Para ela esses objetos eram almas gêmeas, que se encontravam em um íntimo ato de amor, criando palavras melódicas, cheias de significados intrínsecos, contando histórias inéditas. E isso era felicidade suficiente para ela.

Contudo, ela mal sabia que era observada. Tatianna a fitava da porta, maravilhada com a maneira voraz com que Cailey escrevia, parecendo tão distante, tão sonhadora, tão inocente. E ela sabia que quando ela mergulhava naquele mundinho só dela, não havia nada que pudesse feri-la ou importuná-la.

Quando a poetisa colocou o ponto final no texto, percebeu que não estava sozinha. O olhar travesso que Tatianna lhe reservou a fez sorrir.

— Nunca te disseram que é falta de educação ficar espiando atrás da porta? — brincou

Cailey.

— Acho que perdi essa aula. Só lembro do “Não *ouvir* atrás da porta.”. — Tatianna entrou no quarto e sentou-se na cama, de frente para Cailey. — O que está escrevendo?

— Um poema para Faith e Rowan. Achei que acompanharia bem o presente que compramos para eles.

— Ótima ideia! — comentou Tatianna com um sorriso. — Estou ansiosa para que cheguem. Já estou até preparando um jantar especial — retrucou, mas nem precisava dizer nada, afinal, Cailey já estava sentindo o cheiro inconfundível da *Paella* que a prima preparava. — Posso ler?

Aquilo não era exatamente uma pergunta... era uma armadilha que deixava Cailey muito apreensiva. Ela não gostava das coisas que escrevia, menos ainda de mostrá-las para alguém.

PERIGOSAS ACHERON

Entretanto, desde que começara a trabalhar com Faith, todos passaram a querer ler seus poemas, e mesmo quando escrevia algo mais pessoal não tinha muita privacidade, o que nunca acontecera antes. Mas não conseguia negar nada àquelas mulheres, e, naquela ocasião em especial, Tatianna tinha todo o direito de ler a mensagem, já que o presente era das duas.

— Pode... — respondeu hesitante — ...pode ler!

Fazendo um enorme esforço para não demonstrar seu incômodo, entregou o caderno à prima.

Assim que Tatianna pousou os olhos no texto à sua frente, soltou um suspiro cheio de orgulho. Conhecia a capacidade de Cailey para escrever poesias belíssimas e tocar o coração das pessoas, porém, cada vez que lia suas mensagens,

sentia-se verdadeiramente aturdida. Aquela imagem de mulher intelectual não combinava com o que ela conhecia de sua prima, sempre tão sensual e imatura. Entretanto, ao ler a mensagem que ela escreveu para o casal que estava prestes a chegar, seu coração se enterneceu.

*“Há flores no jardim de pedras
Há luz na mais longa escuridão
Mas de olhos fechados
Almas gêmeas se encontram
Guiadas pelos mistérios do coração.*

*E doces primaveras se eternizam
Para que se afaste a tempestade
Aquele que tanto teimou em aparecer...*

*E uma melodia se tornou dueto
E novas portas irão se abrir
Lá, onde sempre haverá o amor
Aquele que entranhou pelas veias
E não vai se extinguir.”*

— Nossa! — exclamou Tatianna, assim que acabou de ler. Aquele era, sem dúvida, um dom que deveria ser melhor aproveitado.

— Acho que não está muito bom. Posso caprichar um pouco mais. — sorriu, tímida.

— Ficou louca, Cailey? Está incrível! Eles vão adorar. — Tatianna afirmou cheia de orgulho. Apenas lamentava ser a única DeWitt que parecia não ter um talento especial.

— Bom saber! — exclamou, sem muita emoção na voz, como se simplesmente não desse

valor para as belas coisas que escrevia. Depois de um momento de silêncio, ela mudou de assunto, exatamente como se não se importasse. — Bem, vou tomar um banho...

Ao ver Cailey caminhando em direção ao banheiro, Tatianna tentou não pensar no quanto ela parecia triste.

Depois de o presente ter sido embrulhando, uma bela mesa ter sido posta e o jantar estar completamente pronto, Rowan e Faith chegaram. A felicidade era visível em seus rostos, enquanto distribuíam presentes para as duas e contavam todas as coisas maravilhosas pelas quais passaram durante aquele mês. Foi apenas uma questão de

tempo para que Cailey perdesse o ar triste do rosto e entrasse rapidamente no clima agradável, especialmente enquanto abriam os presentes. Tatianna recebera uma coleção com dez livros de receitas, cada um escrito por um chef de um país diferente; já Cailey fora presenteada com um belo diário com uma capa de couro, confeccionado à mão. As páginas eram muito bonitas, amareladas, como se fossem pergaminhos. Acompanhando o livro, havia uma linda caneta tinteiro. Era um presente especial, e Cailey ficou emocionada.

Ela sabia que aquele presente não tinha apenas a intenção de fazer com que ela simplesmente escrevesse mais poesias. Aquele diário serviria como um espaço para que ela pudesse despejar todas as suas mágoas, desabafar sem testemunhas, curando sozinha seu próprio coração. Apenas alguém que a conhecesse, como

Faith conhecia, poderia ter a sensibilidade para lhe dar algo assim.

Encantadas com o presente, Cailey e Tatianna ficaram felizes em retribuir a gentileza, entregando o presente que também compraram. Tratava-se de uma caixinha de música, abrigo de uma pequena bailarina de porcelana, que rodopiava ao som de “Balada para Adelina”.

— Que coisa mais linda, meninas! — Faith, maravilhada, dirigiu-se às duas.

— Na verdade, o presente é mais para Faith, mas achamos que combinaria perfeitamente com a casa de vocês. — afirmou Tatianna.

— Eu não me importo. Aliás, acho que Faith realmente merece ser muito mais mimada do que eu. — Rowan beijou a mão da esposa, que estava carinhosamente entrelaçada à sua, e Cailey e Tatianna praticamente suspiraram.

PERIGOSAS NACIONAIS

Logo em seguida, o casal se ocupou da poesia. Conforme absorviam e interpretavam cada linha daquela mensagem, era como se cada palavra entrinhasse em seus corações, preenchendo suas almas com contentamento e ainda mais amor. Faith nunca havia recebido uma mensagem de Cailey. Sempre que lia qualquer coisa que ela escrevia ficava tocada pelas palavras que escolhia, mas não esperava o turbilhão de emoções que seus textos poderiam despertar. Era uma sensação quase sobrenatural, como se ela mesma tivesse desejado ler aquela poesia; como se uma força magnética a impulsionasse a querer ainda mais ter Rowan para sempre. E ele sentia a mesma coisa.

— Cailey... não sei o que dizer! — Rowan foi o primeiro a se manifestar. Era o mais abismado com o dom da cunhada, pois nunca tinha lido nenhuma de suas poesias.

PERIGOSAS ACHERON

— Também fiquei sem palavras, querida. Obrigada! — Faith tomou a mão da irmã, que parecia ficar mais e mais encabulada com cada elogio.

Cailey não sabia lidar com aquele tipo de admiração. Ouvir que era sexy, bonita ou qualquer “elogio” mais obsceno era um lugar comum, algo a que ela já estava acostumada; contudo, jamais a haviam enaltecido por sua inteligência, perspicácia ou talento. E ao mesmo tempo que era maravilhoso, era assustador.

Apesar de sorrir, ela estava incomodada com tudo aquilo, mas foi salva pela campainha insistente que tocava lá fora. Ninguém esperava visitas àquela hora, mas, mesmo assim, Tatianna foi atender à porta, e todos contemplaram um Thomas aflito, ofegante, com um papel nas mãos. Ele prestava alguns serviços para Faith na

floricultura e, às vezes, era um pouco atrapalhado, porém muito honesto e fiel à família que tanto lhe ajudava. Vivia em um abrigo e sabia que teria que sair de lá aos dezoito anos, portanto, guardava o dinheiro que ganhava para ter como se sustentar.

— Thomas! O que faz aqui a essa hora? Está tudo bem? — Tatianna surpreendeu-se, e todos se viraram para olhar e escutar a resposta do menino.

— Eu vim para falar com Cailey! — afirmou, cheio de formalidades. — Trouxe a segunda carta da D. Lolla!

Cailey levantou-se de um pulo e foi correndo até a porta, praticamente arrancando o envelope das mãos de Thomas como se fosse um tesouro.

No dia do funeral de Lolla, Faith recebeu uma carta com um último pedido da avó, que era clarividente. Uma vez que sua irmã atendeu a esse desejo da maneira correta, acabou conhecendo

PERIGOSAS ACHERON

Rowan, e por mais que tivessem passado por momentos difíceis, estavam ali, felizes e realizados. Lolla prometera uma carta para cada neta; cartas essas que poderiam mudar completamente seus futuros. Desde aquele dia, Cailey aguardava a sua ansiosamente.

Todavia, a partir do momento em que a pegou nas mãos, toda a vontade que sentiu de correr para seu quarto, trancar a porta e lê-la sozinha, como veio planejando todo aquele tempo, desapareceu ao ler o que estava escrito no envelope: “*Para minha pequena Cailey – Para ser entregue em 12 de novembro de 2010.*”. Ela sentiu que não poderia fazer aquilo sozinha. Apesar da carta pertencer apenas a ela, era um direito das três saber o que havia ali. E já que Faith abrira seu coração na sua vez, ela teria que fazer o mesmo.

— Puxa vida, quase que eu me esqueço de

entregar! — Thomas quebrou o silêncio. Não fazia ideia da importância daquelas cartas, porém, se achava o guardião delas, o que para ele era uma missão e tanto.

— Obrigada, Thomas! Amanhã espero você na estufa! — Faith disse, quando percebeu que Cailey estava atordoada demais para responder.

— Claro! Estarei lá! — exclamou feliz. O menino adorava trabalhar com as DeWitt e passara a gostar mais ainda desde que Rowan construía aquela belíssima e nova floricultura, que mais parecia um jardim encantado, como um presente para Faith.

Tatianna lhe deu alguns trocados pela entrega da carta, e ele partiu.

Na mesma hora em que a porta se fechou, deixando a família sozinha mais uma vez, todos se voltaram para Cailey, que ainda olhava para a carta

PERIGOSAS ACHERON

que tinha nas mãos, hesitando antes de lê-la.

— Você precisa abri-la primeiro. Não adianta ficar encarando o envelope desse jeito, ele não vai lhe passar as informações por telepatia. — brincou Tatianna, tentando dar força para a prima, pois percebeu que ela estava muito relutante.

— Esperei tanto por essa carta... Mas agora não sei o que fazer com ela. E se eu não gostar do que meu destino reserva para mim?

— Você só vai saber se deixar acontecer. Prefere jamais dar uma chance a si mesma e se perguntar para o resto da vida como poderia ter sido? — Faith opinou, e todos, não apenas Cailey, ficaram pensativos, como se também tivessem uma escolha a fazer.

— Quer que eu saia, Cailey? Talvez fique mais à vontade para ler a carta apenas com Faith e Tatianna. — ofereceu Rowan, sempre muito

PERIGOSAS ACHERON

educado.

— Não, Rowan, você é da família agora! —
Cailey respondeu. Em seguida respirou fundo e começou a abrir o envelope, iniciando a leitura em voz alta, exatamente como Faith fizera, meses atrás.

“Minha pequena Cailey...

Acredito que tenha testemunhado de perto todos os acontecimentos dos últimos meses, e se minha premonição estava mesmo certa, você pôde acompanhar as mudanças na vida de Faith e todas as coisas boas que deram fim a uma jornada árdua e complicada. Agora, Cailey, é a sua vez. Espero que esteja preparada e que tenha maturidade suficiente para encarar os obstáculos que se

PERIGOSAS NACIONAIS

colocarão no seu caminho.

Você sempre teve a alma inquieta e, de tão teimosa, acabou tomando atitudes erradas, que fizeram com que todos ao seu redor tivessem o ímpeto de tomar conta de você. Mas nenhuma dessas pessoas sabe o quanto essa pequena mulher pode ser forte e ter pulso firme para lutar pelas coisas que deseja e pelo que acredita. Acho, sinceramente, que nem mesmo você conhece seu potencial.

Sei que as flores de Faith muitas vezes foram um fardo para ela, assim como muitas vezes você terá dificuldade em lidar com suas palavras, mas não tenha medo delas. Deus não lhe daria um dom tão grande e poderoso se você não fosse merecedora e capaz de suportá-lo. Use-o, mas com cuidado. O poder de interpretação de cada pessoa é muito perigoso.

PERIGOSAS ACHERON

Bem, tenho certeza que está curiosa para saber qual é meu pedido para você. Então, peço-lhe que escreva uma linda poesia, com todo o seu coração, para um homem amargurado, cheio de cicatrizes. Um homem que perdeu a mulher que amava, que acabou afogando suas mágoas na bebida, e, por conta disso, se afastou de seu trabalho, perdendo a razão de viver. Quero que escolha as palavras com cautela para que elas tenham o poder de lhe trazer de volta a vida que ele deixou para trás. Aliás, acho que você conhece esse homem. Seu nome é Jayce Hernandez, e a data para que essa poesia seja entregue é amanhã, dia 13 de Novembro.

Antes de me despedir, minha pequena, peço que não se sinta inferior a ninguém. Sei que já sofreu mais do que merecia por pensar que encontraria o amor em pessoas que não a valorizaram da forma correta. Você precisa parar

de se culpar pela violência que assolou seu corpo, antes que ela tome conta também de sua alma. Mais que isso, você deve saber e acreditar que seu verdadeiro amor está onde você menos espera e virá de uma forma completamente inesperada. E será exatamente da maneira que você vem desejando há tanto tempo.

Com amor,

Lolla.”

— Eu não acredito! — Cailey alterou-se ao terminar de ler a carta. Enquanto Faith e Tatianna choravam pela lembrança da avó, ela parecia revoltada. — Não acredito que eu tenho que escrever um texto para aquele homem ignorante! Nem vou ter inspiração! — foi impossível para os

outros três não rirem da maneira como Cailey falou.

— Ora, ora, Cailey... deveria ser eu a ter raiva dele, não você! — Faith ria da irmã.

Realmente Jayce Hernandez e a família DeWitt não tinham um passado muito amigável. Faith previra a morte de Debra, mulher que fora sua parceira e namorada, e ele interpretou de maneira errada, como se ela a tivesse amaldiçoado. E, infelizmente, o primeiro “encontro” entre Cailey e Jayce não foi dos mais agradáveis.

— Não importa! Ele é um idiota! Não quero nem saber se é um bêbado, fraco e deprimido. O problema é dele! — Cailey continuou com sua revolta.

— Calma, Cailey! Você sabe que as premonições de vovó eram infalíveis. Tenho certeza que isso tem um sentido! Talvez você tenha

PERIGOSAS ACHERON

que se aproximar de Jayce para que ele a guie para alguma outra pessoa. — concluiu Faith.

— Ou quem sabe Jayce Hernandez não seja a sua alma gêmea? — provocou a prima. — Eu vi algumas fotos dele no jornal e o achei bastante atraente.

— Pessoalmente é mais ainda. — a irmã também entrou na brincadeira.

— Ei! Eu estou aqui! — Rowan interrompeu em tom divertido, como se não aprovasse o comentário da esposa. — Falando assim, vou começar a pensar como Cailey. E ele realmente foi rude com você.

— Eu não guardo rancor. E, de mais a mais, há uma grande chance de ele se tornar meu cunhado!

— Parem já com isso! — gritou Cailey. — Ele não tem nada de atraente e nunca vai se tornar seu

cunhado. Imagine só! Para começar, ele deve ter quase dois metros de altura, e eu não tenho nem 1.60m. Que casal bizarro!

— Se for só por isso, eu acho fofinho! — insistiu Tatianna.

— Tudo bem, meninas, mas isso não é o mais importante! — Faith interrompeu a provocação. — Você vai ou não atender ao pedido da vovó?

Cailey não sabia o que responder. Odiava Jayce Hernandez e a maneira como tratara sua irmã. Não achava justo que seu destino estivesse ligado ao dele, mesmo que fosse indiretamente. Apesar disso, sabia que aquele era o último desejo de sua avó para ela e que tinha o dever de cumpri-lo. De seu destino, ela mesma podia cuidar.

— Claro que vou! Mas pela vovó, porque tenho certeza que dessa vez ela não vai acertar! — ainda indignada, Cailey levantou-se e foi para seu quarto,

PERIGOSAS ACHERON

levando a carta consigo, deixando todos os outros pensativos. Sabiam que ela faria de tudo para alterar as coisas, mesmo que fossem para o bem dela.

Já em seu quarto, Cailey deitou-se na cama de bruços, lendo mais uma vez a carta de Lolla, tentando não chorar. Tantas noites sonhara com aquela mensagem, e quando ela chegou lhe trouxe uma imensa decepção. Porém, não tinha escolha. A contragosto, pegou o caderno que Faith lhe dera e decidiu que aquela poesia seria a primeira que colocaria ali. Não que quisesse se lembrar do que teria que fazer, mas porque, de uma certa forma, encararia como se aquela mensagem fosse para Lolla e não para Jayce Hernandez.

Pensava que não conseguiria escrever nem uma linha para uma pessoa que odiava, mas assim que a

bela caneta tinteiro tocou a primeira folha do caderno, a história de Jayce e Debra apareceu completa em sua mente como um filme, mesmo que não os tivesse conhecido, o que sempre acontecia quando se preparava para criar uma mensagem para alguém. Porém, daquela vez, algo estava diferente. Era como se todo aquele sofrimento lhe pertencesse, como se realmente o destino dela estivesse ligado ao de Jayce. Tanto que, pensando na angústia que ele deveria ter sentido ao perder a amada, continuou chorando, mas daquela vez pelo amor desfeito, como se ele lhe pertencesse, desejando realmente que Jayce encontrasse sua luz.

E, naquela noite, sonhou com ele.

Capítulo Dois

Jayce sabia que não era nada além de um corpo jogado no chão. O sol entrava por sua janela e atingia seus olhos de maneira dolorosa. Estava de ressaca, como sempre andava nos últimos tempos, e não lembrava sequer o que tinha bebido na noite passada, muito menos como tinha conseguido a garrafa, pois seu dinheiro acabara há algum tempo. Também tinha esquecido qual era a senha de seu cartão de débito, o que era uma bênção, ou nem mesmo suas economias teriam sido poupadas. A barba estava enorme, e o cabelo já não era cortado há vários meses. Além disso tudo, só tomava banho quando estava sóbrio e se lembrava de fazê-lo. Não tinha sequer coragem de se olhar no espelho, pois não queria ver aquele estranho a olhá-lo de volta. Sempre fora um belo homem, com seus genes

PERIGOSAS NACIONAIS

latinos, herança de família e de seu nascimento em Porto Rico. Sua pele era bronzeada naturalmente, o que lhe dava um lindo tom dourado no corpo; os cabelos que antes eram sempre usados curtos, tinham um tom castanho escuro quase aveludado, combinando com os belos olhos amendoados. Antes de ficar com Debra, fazia muito sucesso com as mulheres, porém, do jeito que estava, nem as desejava mais. Com suas feições bastante masculinas, sua altura imponente e o corpo bastante musculoso, era difícil não notá-lo no meio da rua, mas ele não reparava em mais ninguém. Temia comparações com a única mulher que verdadeiramente amou.

Um som estridente penetrou seus ouvidos, como se tivesse a intenção de deixá-lo surdo, fazendo com que ele resmungasse como um velho. Não fazia ideia de quem poderia estar lhe

PERIGOSAS ACHERON

procurando, afinal, todos os amigos, inclusive Steve, que não telefonava mais, já tinham desistido de tentar trazê-lo de volta à vida. Apesar disso, Jayce achava melhor que fosse daquela maneira, já que não queria que as pessoas sentissem pena ou que tentassem lhe dar conselhos que ele não pretendia seguir.

Ainda sem camisa e usando uma calça jeans que cheirava muito mal, ele abriu a porta. Do outro lado viu um rapazinho jovem, com um papel na mão. Não conhecia aquele menino, ou, pelo menos, em sua semiconsciência, achava que não.

— Senhor Jayce Hernandez? — o menino, que era Thomas, perguntou com muito respeito.

— Sou eu. O que quer? — respondeu de maneira rude, ansiando que aquela visita indesejada desistisse o mais rápido possível.

— Tenho uma correspondência para o

PERIGOSAS ACHERON

senhor... — entregou o papel para Jayce, que nem sequer prestou atenção ao que estava escrito ali, apenas jogou-o sobre uma mesinha que havia perto da porta.

— Era só isso?

— Sim, senhor! — respondeu Thomas, quase magoado por ser tratado com tanta aspereza. Ainda esperou por uma gorjeta, mas Jayce simplesmente fechou a porta.

Jayce entrou em casa e se jogou no sofá, pronto para voltar a seu sono perturbador. Os pesadelos eram constantes, como se todos os monstros de seu passado voltassem para assombrá-lo. Ele sempre via a cena de Debra pálida, dentro daquele saco preto, como um cadáver que ia lentamente perdendo a vida, a beleza, levando com ela todas as lembranças boas. Em alguns desses terríveis sonhos, ela chegava a se levantar de seu

leito de morte e assombrá-lo. Todas as vezes, Jayce acordava assustado, gritando, cheio de lágrimas nos olhos.

Naquele momento, porém, apesar de sentir sua cabeça girar de maneira frenética, havia uma curiosidade que não o deixava pegar no sono outra vez. O que significava aquela carta e quem a mandara? Não havia mais ninguém que se importasse com ele... Talvez fosse uma intimação, algum problema. Talvez fosse melhor nem abri-la, deixar sua vida patética exatamente como estava. Contudo, era difícil resistir. Cambaleando, levantou-se do sofá com dificuldade, caminhou até o local onde tinha jogado a carta e a pegou. Antes de ler o conteúdo, analisou o envelope com atenção — ou, pelo menos, toda atenção que conseguia reunir, estando completamente embriagado — e viu que o remetente era Cailey DeWitt.

— Mas que merda é essa? — resmungou, reconhecendo o nome, mas estranhando o motivo de aquela carta ter sido escrita para ele, afinal, se lembrava que não tratara as DeWitt muito bem na última vez que as vira. Lembrava-se principalmente que Cailey parecia a mais irritadiça das duas.

Sentindo-se ainda mais curioso a cada segundo, abriu finalmente o envelope, e a caligrafia caprichada da moça apareceu. Percebeu, ao olhar para o papel pela primeira vez, que o texto escrito ali estava disposto em forma de poesia, o que o deixou ainda mais confuso. Não havia, portanto, alternativa a não ser começar a ler aquela mensagem tão inesperada.

*“Ainda há um coração pulsante
No peito daquele que está a sofrer
Ainda há luz lá fora*

*Ainda há a esperança da aurora
E uma vida inteira para se viver*

*Deixe que as lágrimas caiam
Em um último doce lamento
Deixe que a lembrança cuide do momento
É ela que deve ser eterna*

*Não há dor que o tempo não apague
Não há tristeza sem redenção
Abra as janelas, deixe a vida entrar
Dispa-se desse inverno
Abra seu coração.”*

Jayce viu-se completamente absorto
naquelas palavras simples, que poderiam ter sido
escritas para qualquer pessoa, com qualquer

intenção. Mas a verdade era que elas atingiram o ponto mais fundo de sua alma, de uma maneira que ele não saberia explicar. Era como uma mágica, como um feitiço que entranhava por suas veias, hipnotizando-o e colocando ideias positivas em sua cabeça.

O que aquela menina sabia sobre sua vida? O que ela conhecia de seus sentimentos para saber exatamente o que ele precisava ler? Seja lá qual fosse o poder que ela possuía, funcionara com ele. Já fazia quase sete meses que Debra tinha morrido, e ele ainda se encontrava sepultado em sua própria dor. Não possuía mais nenhum objetivo na vida, nenhuma razão que o incentivasse a sair de casa e lutar por algo que o fizesse se sentir vivo novamente. Contudo, as palavras de Cailey, exatamente como ela as escrevera, fizeram com que ele abrisse seu coração para todas as coisas que

PERIGOSAS NACIONAIS

estava perdendo com sua depressão tão longa. Ainda tinha a polícia, embora estivesse afastado temporariamente. Ainda existiam vidas que precisavam ser salvas, pessoas com problemas bem maiores do que dele, que necessitavam de sua ajuda, enquanto ele ficava jogado no chão de uma casa fedorenta, em companhia de suas garrafas, que se tornavam cada dia mais baratas e de péssima qualidade. Sabia que sempre amaria Debra, mas precisava retomar sua vida de onde ela havia parado.

E foi assim, como num passe de mágica, que ele decidiu considerar aquela carta como um objeto sagrado, e foi direto tomar um banho decente e fazer a barba. O segundo passo foi vestir uma roupa limpa e pegar uma tesoura para cortar o cabelo. Em pouco mais de uma hora já parecia o Jayce de antes.

PERIGOSAS ACHERON

Colocando a carta de Cailey no bolso, decidido a torná-la um amuleto da sorte, foi até a delegacia. Sabia que poderia ouvir um *não*, que poderia voltar com as mãos abanando, sem emprego definitivamente, mas precisava tentar. Se não voltasse logo a trabalhar, acabaria se afundando novamente naquele poço obscuro a que fora submetido durante tanto tempo.

Assim que colocou os pés na delegacia, foi à sala de Steve. Este, apesar de considerar Jayce um grande amigo e amá-lo como a um irmão, acabara abandonando-o à própria sorte. Condenava-se por isso todos os dias, achava que era um amigo desnaturado e sabia que acabaria se responsabilizando por qualquer coisa que acontecesse a ele, mas com a gravidez de Emily e seu trabalho a consumi-lo cada vez mais, acabara dando prioridade à família. Exatamente por isso

que, ao vê-lo na porta de sua sala, Steve sorriu, surpreso ao ver o amigo tão bem disposto, sóbrio e limpo.

— Jayce, que bom te ver! — Steve levantou-se e deu a volta ao redor da mesa para abraçar o colega. O cumprimento foi retribuído calorosamente. — O que faz aqui?

— Vim retomar meu posto! — afirmou com tanta convicção que o outro não teve dúvidas que ele estava pronto.

— Que bom ouvir isso! Ficou sabendo que Ed foi transferido? — Steve falava de seu antigo parceiro, que era preguiçoso e um pouco inescrupuloso.

— Não, não soube. O que houve?

— Ele fez uma burrada daquelas e acabou sendo rebaixado. Prefiro não entrar em detalhes,

mas a coisa foi feia. — ele fez uma pausa. — Quem sabe você não fica no lugar dele? Fizemos um bom trabalho no caso do “Assassino das Noivas”.

— É... fizemos... — o semblante de Jayce se tornou um pouco sombrio ao lembrar-se do caso que levou a vida da mulher que amava. Steve percebeu o furo e tentou mudar de assunto.

— Mas o que proporcionou essa mudança? Da última vez que te vi ainda estava tão deprimido...

— Acho que foi um milagre... — enquanto falava, Jayce sentou-se na cadeira, de frente para Steve, e lhe entregou a carta de Cailey. — Veja o que eu recebi hoje de manhã.

Steve pegou o papel nas mãos, e a primeira coisa que percebeu foi o nome de Cailey.

— De Cailey? Mas não era ela que não ia

com a sua cara? — não que fosse algo bom de se ouvir, mas Jayce já desconfiava que não era lá muito bem quisto pela moça.

— Leia a carta e tire suas conclusões...

Curioso e surpreso, Steve fez o que Jayce lhe pediu, lendo toda a poesia. Porém, sua reação não foi tão intensa.

— Não sabia que Cailey era poetisa; isso é uma surpresa e tanto! Mas o que esta mensagem tem a ver com sua mudança?

— Não sei. Eu simplesmente li esse texto e fiquei com uma imensa vontade de parar de sentir pena de mim mesmo... vontade de tentar de novo.

— Ora, Jayce, se eu soubesse disso antes teria te presenteado com um livro de autoajuda. — brincou.

— Não é qualquer poesia! — exclamou

com veemência. — Cailey adivinhou exatamente as palavras que eu queria e precisava ouvir. Foi como uma ordem ao meu cérebro.

— Para mim parece uma simples poesia. Muito bonita, mas comum. — Steve afirmou descrente.

— Mas não é! — Jayce levantou-se inquieto. — Talvez ela não tenha o mesmo efeito em você, porque foi escrita para mim, mas essa moça tem um dom. A irmã dela não entende as flores? Por que ela não pode ter uma ligação especial com as palavras?

— Faz sentido, mas você não conhece Cailey. Apesar de ter vinte e cinco anos, é bastante imatura. Não acho que seja capaz de tanto.

— Mas eu acredito que sim. E é isso que importa. — aquela frase funcionou como um ponto final, e Steve compreendeu que era a hora de parar.

PERIGOSAS ACHERON

Seja lá o que fosse que tinha operado aquele milagre em seu amigo, ele estava agradecido.

Depois de mais alguns poucos minutos de conversa, Jayce foi até a sala do comandante para conversar. Assim como Steve, ele se surpreendeu ao vê-lo bem, afirmando estar pronto para voltar ao trabalho. Depois de usar argumentos convincentes, foi aceito novamente, e, como ambos esperavam, foi admitido como parceiro de Steve.

Jayce não podia estar mais feliz e devia isso àquela moça que mal conhecia. Àquela moça que, mesmo tendo tido problemas com ele, não hesitara em ajudá-lo. Portanto, antes de comemorar qualquer coisa, tinha algo a fazer...

PERIGOSAS NACIONAIS

O sol já estava quase se pondo, e o dia começava lentamente a esfriar. Aquela era a hora preferida de Cailey, quando as primeiras estrelas começavam lentamente a aparecer no firmamento, pintando o céu, dando boas-vindas à noite. Era a hora que mais a inspirava, que trazia poesia à sua mente, junto a uma brisa fresca e agradável.

Faith já tinha ido embora, mas Cailey decidira ficar mais um pouco para adiantar algumas mensagens do dia seguinte. Pretendia sair mais cedo na próxima noite, pois Morris a tinha convidado para jantar, alegando que preparara algo especial. A verdade era que queria estar um pouco mais animada com aquela promessa; queria sentir as famosas borboletas no estômago, a famosa sensação de paixão, mas não podia reclamar. Já tivera uma boa cota de cafajestes em sua vida, então, ter um cara legal, que realmente gostava

PERIGOSAS ACHERON

dela, era algo para se valorizar.

Estava escrevendo a última poesia de seu trabalho quando sentiu vontade de criar algo para si mesma. Uma sensação estranha pareceu pousar em sua alma. Na verdade, não era a primeira vez que aquilo acontecia nos últimos dias; a primeira fora quando escrevera aquela maldita poesia para Jayce. Assim que colocara o ponto final na mensagem que sua avó a obrigara a escrever, um suspiro de alívio foi proferido de seus lábios, sem que ela nem percebesse. Era como se *precisasse* fazer aquilo para se libertar de algum peso, que ela não sabia qual era. Não sabia se seu texto surtira algum efeito no rapaz, mas para ela fora especial. Embora não quisesse admitir.

E lá estava ela novamente sentindo aquele arrepio estranho percorrer por sua pele. Sabia que precisava escrever algo, mas ouviu o barulhinho

agradável do mensageiro dos ventos, que ficava na porta da floricultura, anunciar a chegada de alguém. De cabeça baixa, mirando o papel sobre sua escrivaninha, ela simplesmente praguejou, amaldiçoando o indesejado visitante, já pronta para avisar que a loja estava fechada para clientes. Seria educada, é claro, afinal, esquecera-se de trancar a porta e virar a placa de FECHADO. Entretanto, a pessoa já se aproximava a passos lentos, com os olhos fixos nela, fitando-a de uma forma como Cailey nunca fora fitada.

— Olá, Cailey. — Jayce Hernandez cumprimentou, quase em um sussurro, que preencheu os ouvidos da moça e a fez estremecer. Era a primeira vez que reparava nele um sotaque leve, extremamente gostoso de se ouvir.

— O que deseja? — ela indagou com indiferença, fechando seu diário, presente de Faith,

para esconder seus textos.

— Vim para agradecer o que fez por mim.

— Não há de quê. — cruzou os braços, tentando não reparar o quanto era pequena perto dele, muito menos o quanto ele a intimidava. — Se era só isso, já pode ir.

— Por que escreveu aquela poesia para mim? — ele insistiu. Não estava disposto a sair dali sem respostas.

— Prefiro não responder. Foi uma escolha minha.

— Sei que há mais nessa história. Por favor, tenho o direito de saber o que te levou a salvar minha vida.

Ok. Ele sabia argumentar.

Cailey sentiu um aperto no coração quando percebeu toda a humildade presente na voz daquele

PERIGOSAS ACHERON

homem. Ela sabia que ele estava ali, de todo coração, pedindo algo que não era tão difícil de se obter. Mas ela ainda se sentia magoada e não conseguia confiar em quem não conhecia, ainda mais em uma pessoa que fizera mal à sua irmã. Por causa disso, não estava disposta a ceder.

— É uma longa história, mas não tenho tempo para contar. Muito menos para você. — a última frase foi dita e seguida por um arrependimento. Suas palavras estavam cheias de crueldade, e ela não sentia prazer em agir daquela forma. Mas jamais as retiraria. Não com o orgulho que queimava em seu peito.

— Não me odeie, Cailey! Tudo que falei para sua irmã foi dito em um momento de raiva e tristeza. Gostaria de um dia pedir desculpas à ela, pessoalmente. — lá estava a humildade, que ele não tinha nenhuma vergonha em demonstrar,

presente em sua fala. Mas, por mais que sua atitude estivesse tocando seu coração, ela permanecia fria e séria. — E, além do mais, depois do que fez por mim com sua poesia, dou minha palavra de que você tem um amigo para o resto da vida. Mais que isso, serei seu guardião a partir de agora. Não deixarei que nada de mal te aconteça.

Se aquilo era realmente uma promessa, Jayce não parecia nem um pouco disposto a quebrá-la. Até porque, ela precisava admitir que havia nele uma integridade visível, que parecia impedi-lo de prometer qualquer coisa que não pudesse cumprir. Algo na maneira como ele falou aquilo fez Cailey acreditar em sua palavra. Havia certa paixão em seus olhos, como se fosse uma marca em seu temperamento; como se qualquer coisa que ele fizesse fosse de maneira intensa, até mesmo cumprir com sua palavra. Ela mal sabia o

PERIGOSAS NACIONAIS

que dizer, e não precisou falar nada, afinal, da mesma maneira como ele entrou na floricultura, acabou saindo, sem nem se despedir.

Depois que ele foi embora, Cailey mal conseguiu se concentrar em sua poesia. Sua mente parecia ter esvaziado, ou melhor, parecia estar cheia de pensamentos sobre Jayce, pois, daquele momento em diante, teve a certeza absoluta que eles realmente tinham uma ligação, como uma interseção em seus caminhos, como se seus destinos estivessem conectados de uma forma irreversível. Ela só não sabia se essa conexão era boa ou ruim.

Jayce acordou no dia seguinte sentindo-se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um outro homem. Ao se olhar no espelho, conseguiu enxergar em si a confiança que lhe abandonara naqueles meses de luto e morbidez, e aquela sensação lhe proporcionou um sorriso, enquanto vestia uma jaqueta de couro, aprontando-se para trabalhar, feliz como há muito tempo não se sentia, especialmente por saber seria parceiro de Steve.

Porém, o que encontrou, ao invés de um colega animado e uma recepção calorosa foi um Steve concentrado e preocupado. Ele analisava um arquivo de um caso, com uma expressão que não era das melhores. Jayce já começava a imaginar que teria que lidar com algo bem complicado logo em seu primeiro dia, mas estava simplesmente feliz por voltar. Por mais sangrento ou terrível que fosse o trabalho, precisaria pensar que sua vida tinha significado outra vez. Saber ia apreciar a chance que

PERIGOSAS ACHERON

lhe fora dada. Experimentara a escuridão e podia dizer que a luz lhe caía muito melhor.

Assim que Steve percebeu que Jayce estava ali, ansioso por ajudar, explicou-lhe detalhadamente o caso. Tratava-se de uma moça que estivera desaparecida por duas semanas e aparecera morta dentro de um galpão. Levara cinco tiros no peito, à queima-roupa, e tudo indicava que ela se tornara refém de algum louco, pois estava amarrada a uma cama e havia um prato de comida, já estragada, no chão. Havia fotos no arquivo, tiradas por policiais locais, que eram bastante nítidas. Em anexo, ainda encontrava-se outra, onde era possível vê-la com vida: uma linda moça, de no máximo dezenove anos, com belos cabelos ruivos, olhos verdes e um sorriso radiante.

— Mesmo depois de tanto tempo na polícia, eu ainda não compreendo o que leva uma pessoa a

PERIGOSAS NACIONAIS

matar alguém tão jovem. — comentou Steve.

— Um namorado, talvez? — opinou Jayce.

— Pelo que as amigas falaram, ela não tinha nenhum. Na verdade, nem queria nada sério com ninguém, estava focada nos estudos. — respondeu com pesar.

— Já falaram com a família?

— Ainda não. Estava esperando por você para irmos juntos.

— Então acho melhor não perdermos mais tempo! — a empolgação de Jayce contagiou Steve, que sorriu e deu um tapinha nas costas do parceiro.

— É bom tê-lo de volta. — comentou antes de saírem, e Jayce apenas sorriu, porque não era necessário dizer mais nada. Seus olhos irradiavam vida, mesmo diante da morte que estavam prestes a encarar.

PERIGOSAS ACHERON

E aquele clima de morte contrastava de forma lúgubre com o luxo e beleza da casa que foram visitar. Tratava-se de uma verdadeira mansão, e tanto o pai quanto a mãe de Jodie Bridges, a moça assassinada, combinavam com aquele ambiente de ostentação, já que ambos eram elegantes e pareciam manter sua classe, mesmo diante da morte da única filha.

— Perdoem-nos pela hora imprópria, mas precisamos conversar sobre sua filha. — começou Steve.

— A hora não é imprópria, detetive. Estão fazendo seu trabalho. — o homem afirmou, convidando os dois a se sentarem, apontando um confortável sofá.

— Onde Jodie estava quando foi vista pela última vez? — Steve prosseguiu, abrindo seu caderninho de anotações, pronto para começar seu

trabalho.

— Ela foi para a faculdade, como fazia todas as manhãs... — a mãe respondeu insegura, sem muita certeza..

— Pelo que consta aqui no relatório, quem reportou o desaparecimento de Jodie foi o senhor Bridges, somente no dia seguinte, à tarde. — Jayce, que aproveitara o caminho até a casa dos Bridges para ler todo o arquivo, também tinha sua pergunta. — Por que tanta demora?

— Detetive Hernandez, Jodie era uma moça extremamente responsável e não precisava que ninguém a ficasse controlando para que andasse na linha. — o pai falou. — Pensávamos que ela estava na casa de alguma amiga ou de algum namorado. — ouvindo aquilo, Jayce não pôde deixar de pensar que se aquele casal tivesse ficado mais atento à vida da filha, a polícia poderia tê-la encontrado, ou

Jodie, simplesmente, jamais teria passado por aquela situação.

— E nenhuma amiga a viu depois do horário da faculdade?

— Não. Elas disseram que Jodie tinha um compromisso com um amigo e que foi direto encontrá-lo. — respondeu a mãe, quase empolgada por saber responder uma pergunta com convicção.

— Alguém sabe o nome desse amigo? — Steve intercedeu, ignorando a reação da mãe.

— Não. — mais uma vez a Sra. Bridges respondeu, sem nada saber.

— Havia alguém especial em sua vida? Algum namorado ou homem a quem ela tenha dispensado?

Jayce tentou descobrir alguma coisa a partir daquela pergunta, mas o pai e a mãe trocaram olhares demonstrando dúvida, ambos sem saber o

que responder. Era como se estivessem, enfim, compreendendo o quanto foram negligentes com sua única filha. E o pior de tudo era que estavam percebendo aquilo tarde demais, quando a moça já estava morta, sem chances para recuperar o tempo perdido. Era algo demasiadamente triste, e ele testemunhou a mulher desmoronar, encostando a cabeça no ombro do marido para chorar, talvez pela primeira vez, naquela intensidade, pela perda da bela filha.

Ao ver aquela cena tão melancólica, foi inevitável para Jayce pensar em Debra. Ela também fora uma linda mulher, com uma vida inteira pela frente, uma carreira promissora, uma mente perspicaz e um coração valioso. Assim como acontecera com Jodie, sua vida fora ceifada cedo demais, por um louco sem piedade. Naquele momento, pensando na mulher que amara e que

perdera de forma cruel, Jayce jurou que cada mistério que desvendasse, cada vítima que vingasse, seria em nome de Debra.

Livrando-se de seus devaneios, pensou que não havia mais nada a fazer ali. Então, acompanhado por Steve, saiu de lá, ainda pensando naquela família tão estranha.

— O que você achou? — Steve indagou, percebendo que Jayce estava calado e pensativo.

— Desse teatro? Tive que me controlar para não dar uma boa lição de moral naqueles dois.

— Foi o interrogatório mais inútil do qual já participei... Espero que tenhamos mais sucesso nos próximos.

— Bem, quem mais temos para investigar?

— A melhor amiga mora aqui perto. Talvez seja uma boa tentativa, mas, algo me diz para não

ficar muito esperançoso.

— Vamos lá, então.

Dando partida no carro, os dois seguiram para seu próximo destino. Estavam conformados de que aquele caso seria complicado, mas ao receber respostas evasivas da melhor amiga de Jodie, tal qual acontecera com a mãe da jovem, eles praticamente suspiraram derrotados. Teriam um longo caminho a percorrer, enquanto um assassino impiedoso ainda estava nas ruas, perdido em escuridão e loucura, com seus pensamentos indecifráveis e as mãos manchadas de sangue.

Capítulo Três

De frente para o espelho, Cailey se admirava, feliz com o empenho que tivera para se arrumar, afinal, o resultado fora excelente. Jamais perdera a vaidade, mas desde que fora violentada passara a não se importar muito com sua aparência; porém, naquela noite, tirara do armário um de seus mais belos vestidos casuais: preto, de mangas longas, com um acentuado decote em V, marcado na cintura e com uma saia rodada, que ia até um pouco acima de seus joelhos. Um belo *trench coat*, da mesma cor, e meias calças a protegiam do frio, dando um ar requintado e elegante à produção.

Queria finalmente se divertir naquela noite; recuperar um pouco da Cailey que estava perdida em algum canto obscuro de sua mente, presa num

PERIGOSAS NACIONAIS

passado onde nada parecia poder atingi-la. Entretanto, quando viu Morris parado, encostado no carro, diante da porta de sua casa, assobiando para demonstrar o quanto gostava do que via, ela se sentiu um pouco decepcionada. Queria que ele dissesse que estava linda, que estava orgulhoso por sair de braço dado com ela... queria que ele fosse galante, sedutor e doce, como Rowan era. Mas ele era Morris... bem-humorado, atraente, gentil e parecia gostar dela, já que a tratava bem, como poucos fizeram. Então, se era assim, faria de tudo para que aquela noite fosse especial; seu coração pedia isso.

Ele a levou para um restaurante simples, mas aconchegante, cuja comida era leve e saborosa, escolheu um vinho suave e doce, e manteve uma conversa agradável durante todo o tempo. Cailey apreciava isso. Sentia que, acima de tudo, Morris

PERIGOSAS ACHERON

era um amigo, alguém com quem podia contar, mesmo nos momentos mais difíceis. E não era isso que importava em um relacionamento?

Mas, apesar de toda essa segurança ser confortadora, lhe causava um pouco de dúvidas. E se apenas gostasse dele como um companheiro, com um amor simplesmente fraternal? Claro que ela se sentia atraída. Claro que apreciava seus beijos, especialmente quando ele os aprofundava um pouco mais, acariciando-a com paixão. Entretanto, ainda não desejava mais, o que atribuía ao seu trauma recente. Mas seria apenas isso?

Assim que terminaram de comer, Morris pagou a conta, e eles deixaram o restaurante. Ele parecia empolgado, então Cailey compreendeu que era a hora da surpresa. Ela achava que ele iria lhe dizer que a amava. Na verdade, pensara sobre essa possibilidade o dia inteiro. Em sua mente, já

PERIGOSAS NACIONAIS

preparava várias reações, respostas e evasivas, caso não conseguisse retribuir com o mesmo sentimento. Queria não deixá-lo constrangido ou arrependido e estava disposta até mesmo a mentir, caso fosse necessário, pois não queria estragar aquele momento tão especial.

Entraram no carro, portanto, e ele permanecia sem lhe dar nenhuma pista. Quando Cailey percebeu que ele estava tomando um caminho desconhecido, começou a ficar preocupada e resolveu, finalmente, se manifestar.

— Morris, para onde estamos indo?

— Já disse que é uma surpresa... — ele falou com um sorriso no rosto. Subitamente, Cailey começou a não gostar muito daquilo.

— Olha, eu não sou muito de surpresas, então, não pode adiantar alguma coisa? — tentou.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem, você venceu! — ele se virou para ela, com uma expressão que parecia a de um menino que acabara de ganhar um presente de Natal. — Reservei uma suíte em um lugar especial. Tenho certeza que vai ser uma noite inesquecível!

Uma onda de ira começou a brotar no peito de Cailey. Precisava, no entanto, se acalmar; aquilo poderia ser apenas um mal entendido. Morris poderia estar falando de romance e não de sexo, embora a palavra *suíte* estivesse piscando em neon em sua mente.

— Morris, você está me levando para um motel? — sua voz confusa denotava que ela estava decepcionada, especialmente por saber que ele conhecia toda a história de seu estupro e que ela fora levada para um motel à força.

— Sim, mas...

— E nem sequer se deu ao trabalho de me
PERIGOSAS ACHERON

consultar? — gritou, interrompendo-o. Não queria ouvir seus *mas*, não queria ouvir explicações, pois elas não existiam. Estava furiosa. Odiava ser manipulada, ainda mais por uma pessoa que dizia gostar dela.

— Ah, Cailey, por favor... Estamos namorando há seis meses, e eu a respeitei até agora, mas está ficando cada vez mais difícil! Você é linda, desejável e está me deixando louco com toda essa castidade! — os elogios de Morris, que deveriam fazer com que ela se sentisse lisonjeada, estavam conseguindo apenas irritá-la. — Desculpe, Cailey, mas vou ser sincero com você... se não rolar hoje, acho que não vamos mais poder namorar.

Os olhos de Cailey se arregalaram sem que ela sequer percebesse. Aquilo foi uma surpresa. Não que acreditasse na ameaça — sabia que ele estava blefando —, mas, para ela, seria realmente um

ponto final no relacionamento.

— Tem certeza disso? — perguntou muito fria, deixando que ele conduzisse seu joguinho até onde queria. Sabia que, no final das contas, seria ela a dar as cartas.

— Infelizmente, tenho. Sou homem, tenho minhas necessidades e não quero trair você.

— Já que é assim tão generoso, acho melhor que me deixe descer do carro... — outra vez ela conseguiu se manter calma e até usar de um pouco de ironia.

— Cailey, qual é o problema de irmos para cama? — Morris ficou um pouco alterado, como em uma morte súbita.

— Eu vou para cama com *quem* eu quiser, *quando* eu quiser. Além do mais, não seja patético e pare de insistir. Você pode conseguir sexo mais

fácil do que comigo. — ela foi cruel, mas ele merecia.

— Que droga, garota! Já faz muito tempo que foi estuprada! Será que nunca vai voltar a viver sua vida? — começou a berrar, desesperado, sabendo que tinha feito uma burrada. — Eu jamais te trataria como aquele idiota. — acrescentou.

— *Já está tratando, porra!* — ela finalmente berrou, colocando para fora seu sentimento de ódio. — Estava me levando para um motel sem o meu consentimento. Qual seria o próximo passo? Me dopar e transar comigo inconsciente?

— Você está paranoica!

— Não, Morris, não estou. Que merda você sabe sobre traumas? O que um *idiota* como você pode saber sobre sentimentos? Até porque, já percebi que, assim como todos os homens, pensa com seu pênis e não com a cabeça... — ela fez uma PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pausa e baixou a voz, como se quisesse proferir a próxima frase apenas para si mesma — ...muito menos com o coração.

— Cailey, eu...

— Não precisa se explicar! Pare o carro, eu quero descer. — ela novamente ficou calma, pelo menos aparentemente, voltando ao tom de voz gélido e indiferente.

— Não! Ficou louca? Já passa da meia-noite, vou te levar em casa. Não precisa ser tão radical! — era fácil perceber que estava arrependido e que aproveitaria o trajeto para convencê-la de que poderiam esquecer aquele episódio e continuar de onde pararam, mas a verdade era que ela não queria mais viver aquela mentira.

— Não estou sendo radical... só quero ficar longe de você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E como pretende voltar para casa? Andando?

— Se for preciso... — falou de cabeça erguida, demonstrando orgulho.

— Não seja boba... precisamos conversar. Eu gosto de você...

— Mas eu não gosto mais de você. Aprendi com o estupro que preciso gostar de mim, sempre em primeiro lugar. E por ter aprendido a me amar acima de todas as coisas, eu não quero mais ser sua namorada. Quero que desapareça da minha vida... agora! — elevou a voz novamente. — Pare o carro antes que eu pule com ele em movimento.

— Por favor, vamos conversar! — ele ainda tentou, mas vendo que ela não pretendia mudar de ideia, parou o carro, de onde Cailey saltou.

— Posso fazer só uma pergunta? — perguntou

PERIGOSAS ACHERON

ela, olhando-o de fora da janela do passageiro. —
Era essa a surpresa que tinha para mim?

— Era, mas... — respondeu envergonhado.

— Então não deveria ter perdido seu tempo. —
Cailey disse e se afastou do carro, começando a
andar, ignorando os pedidos de Morris para que
voltasse.

Mas ela não voltaria. Sabia que era uma burrice
o que estava fazendo, que acabaria cansada de tanto
andar, que estaria correndo riscos em uma rua
deserta, tarde da noite, mas jamais voltaria para
aquele carro, para a companhia daquele idiota.

Pensando em sua falta de sorte, não suportou e
começou a chorar. Não lamentava pelo término do
namoro, afinal não gostava tanto assim de Morris.
Mas o que a deixava mais triste era o fato de que
realmente pensava que ele se importava com ela.
Chegara até a acreditar que ele a amava, mas
PERIGOSAS ACHERON

enganara-se, como sempre. Achava-se uma estúpida por ainda acreditar, por ainda sentir vontade de tentar. Entregar o corpo era fácil, difícil era entregar o coração e senti-lo partir em mil pedaços, senti-lo sangrar por causa de uma desilusão. Estava mais do que claro que ela não era o tipo de mulher que os homens queriam para casar e formar uma família. Jamais encontraria alguém como Rowan, pois ela não era como Faith. Simples assim.

Porém, as tragédias pareciam não querer acabar naquela noite. Assim que pensou em chamar um táxi, percebeu que sua *clutch*, a pequena bolsinha de mão que combinava perfeitamente com o vestido, ficara no carro de Morris. Ou seja, não poderia voltar para casa, para chorar sozinha, no aconchego de seu quarto. E naquela noite teria aquela oportunidade, uma vez que Tatianna tinha

PERIGOSAS NACIONAIS

ido a um evento de gastronomia em outra cidade. No entanto, mesmo sabendo que teria a chance perfeita para chorar por todas as suas mágoas, preferia passar a noite ao relento do que ligar de um orelhão para que Morris a buscasse ou que trouxesse sua bolsa de volta.

Bem, não havia outra saída a não ser ir caminhando para casa. Não estava assim tão longe, levaria pelo menos uma hora, mas não era a distância que a preocupava. Desde o estupro, passara a ter um pouco de medo de ficar sozinha, especialmente à noite e na rua. Sempre achava que a estavam seguindo, que Jonas — o homem que a violentara — voltaria ou enviaria alguém para vingar sua prisão, e esse pânico começava a se formar em sua cabeça naquele momento. Sentia a garganta secando, a respiração ofegante, e seus olhos não paravam de olhar de um lado para o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

outro, assustados com qualquer barulho, por mais corriqueiro que fosse. E, em sua crise, enquanto observava cada canto, cada esquina e cada rara pessoa que passava, acabou não percebendo um pequeno buraco na calçada, do tamanho exato do salto de seu sapato, que ficou preso, o que a fez desabar no chão.

Rasgou o vestido que tanto gostava, arranhou joelhos, braços, e ainda estava sentindo uma dor lancinante no tornozelo. Tentou continuar caminhando, mas apenas caiu sentada no meio fio outra vez, chorando pela noite horrível que estava vivendo. Começava a ter muita raiva dos homens novamente. Eles não mereciam suas lágrimas, suas dores, nem sequer sua consideração. Estava ali, jogada na calçada de uma rua deserta, exposta a todos os tipos de perigos, porque um homem a faltara com o respeito. E ele sequer retornou para

PERIGOSAS ACHERON

buscá-la! Por mais que tivesse deixado bem claro que queria distância dele e de suas intenções deturpadas, Morris deveria ter sido um cavalheiro e insistido para levá-la em casa, ou ao menos chamado um táxi. Confiara nele e fora desiludida. E já que não podia confiar em seus instintos, estava decidida a ficar sozinha. O amor não era para ela, não importava o que aquela carta de Lolla quisesse dizer.

Sentindo-se leve como se estivesse caminhando em nuvens, Jayce voltava para casa, depois de seu primeiro dia de trabalho. Apesar do lado negro de sua profissão, ele sentia-se um homem de sorte por poder fazer o que gostava, e mais ainda por poder trabalhar com Steve.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tencionava lentamente recuperar sua antiga situação financeira e retomar sua vida. Não que não apreciasse voltar para casa caminhando, tendo a oportunidade de pensar em seu dia, mas sentia falta da comodidade de um carro, já que vendera o seu para alimentar o vício estúpido que o consumira naqueles meses de negação e luto.

Mas, talvez, ir andando para casa não tivesse sido apenas uma consequência de não possuir mais um carro. Talvez fosse uma obra do destino.

A duas quadras de sua casa, enquanto caminhava despretensiosamente, avistou de longe uma moça sentada na calçada. Mesmo àquela distância, ele já conseguia visualizar que ela parecia machucada e chorava bastante. Sem nem saber de quem se tratava, seus instintos de policial começaram a se agitar dentro de suas veias, e ele sacou sua arma, deixando-a abaixada, para o caso

PERIGOSAS ACHERON

de haver alguém escondido, apenas esperando a oportunidade para maltratá-la ainda mais.

Ao se aproximar, com cautela, começou a perceber que ela lhe era familiar. Não demorou, portanto, para que ele percebesse que se tratava de Cailey, a mulher que praticamente lhe salvara a vida.

Colocando-se bem próximo dela, notou que estava de olhos fechados e proferindo alguns sussurros, que ele não conseguiu definir em um primeiro momento, mas que logo os compreendeu como sendo uma oração. Ela pedia para que alguém chamado Lolla a protegesse naquele momento, que não permitisse que ninguém lhe fizesse mal. Era óbvio que estava com medo, e Jayce se perguntava o que ela poderia estar fazendo ali, sozinha, no meio da rua. Então, ele a tocou gentilmente, sem a intenção de assustá-la, mas foi inevitável. Cailey,

sem coragem de abrir os olhos, começou a se debater, como se Jayce a estivesse imobilizando, o que ele acabou tendo que fazer, colocando sua arma no chão, antes que *ela* se machucasse.

— Cailey, sou eu... Jayce! — assim que ele falou e sua voz foi reconhecida, ela abriu os olhos e se acalmou. Por mais que não o considerasse um amigo, nem perto disso, sabia que ele não lhe faria mal. — O que está fazendo aqui na rua, sozinha? — antes que ela pudesse responder, ele deu uma boa avaliada em seu estado e logo reparou uma vermelhidão em seu delicado tornozelo. — E ainda por cima está machucada... O que aconteceu? — guardando o revólver, ao perceber que não havia ninguém à espreita, ele a observou enquanto ela olhava para ele, em silêncio, como se não soubesse o que dizer.

— Tive uns problemas com um namorado. Na

verdade, ex-namorado agora. — ele se corrigiu.

— Ele machucou você? — havia raiva na voz de Jayce, e Cailey se surpreendeu com o modo protetor com que ele proferiu aquela frase. Nenhum homem jamais a tratara daquela forma.

— Não, não... não foi ele! — ela exclamou. Por mais que Morris não valesse a explicação, ela não queria ser a mocinha indefesa da história. Se bem que era exatamente isso que ela estava parecendo. — Eu caí e acho que torci o tornozelo.

Jayce tomou a liberdade de pegar o pé de Cailey em suas mãos, com muita delicadeza, e o massageou. A princípio ela se sentiu entorpecida pelo toque, mas assim que ele fez um pouco mais de força, em um determinado ponto, ela soltou uma exclamação de dor que o fez parar.

— É, não foi uma torção bonita... — comentou ele, enquanto colocava seu pequeno pé de volta no

PERIGOSAS ACHERON

chão, com muito cuidado. — Vou levá-la ao hospital, tudo bem?

— Não, não, por favor. Eu odeio hospitais... — a forma como ela falou fez com que ele compreendesse que aquele receio tinha a ver com o estupro. Por isso, decidiu não insistir.

— Então eu posso levá-la para casa. Vamos ter que pegar um táxi, pois estou sem carro.

— Não vou poder entrar em casa! Minha bolsa ficou no carro do tal ex-namorado, e minha prima não vai passar a noite em casa para poder abrir a porta. Também não quero ir para a casa de Faith. Ela acabou de chegar de lua de mel e, depois de tudo que passou, não precisa de mais problemas. — choramingou, atropelando um pouco as palavras.

Jayce, então, se viu sem saída. Conhecia-se bem demais para saber que a partir daquele momento o problema de Cailey tornara-se seu

PERIGOSAS ACHERON

também. Mesmo se ela fosse uma mulher desconhecida, não teria coragem de deixá-la ali sozinha. Caso se tratasse de uma garota estranha para ele, poderia levá-la para um motel barato, pagando pela noite e a deixando lá, até que tivesse condições de ligar para alguém de sua família ir buscá-la. Mas era *Cailey*. Era exatamente a mulher a quem jurara proteger, quem jurara guardar, como um cavaleiro antigo guardaria sua princesa. Bem, e, sem dúvida, a descrição de princesa caía perfeitamente para ela.

Pensando em tudo aquilo, teve uma ideia:

— Cailey, eu moro bem perto daqui... se você quiser, pode passar a noite na minha casa. — ofereceu, e ela arregalou os olhos, mas ele não conseguia decifrar se ela estava surpresa ou assustada com a oferta.

— Não! Nem pensar!

— Não pense mal de mim, Cailey, eu juro que não tenho nenhum outro interesse a não ser protegê-la. Entendo a desconfiança, mas tem a minha palavra de que o convite foi puramente inocente. — ele explicou com cuidado, como lidaria com uma de suas vítimas

Mesmo depois de ouvir aquelas palavras, que ela julgou serem sinceras, Cailey ficou sem resposta. Jayce conseguia ler em cada linha de seu rosto o quanto estava em conflito consigo mesma. Ao mesmo tempo em que queria aceitar a proposta e passar a noite em um lugar seguro, quente e confortável, queria manter seu orgulho diante de um homem que decidira odiar, mesmo que não o conhecesse direito.

Jayce, por sua vez, não sabia o que fazer. Devia muito àquela mulher e não poderia deixá-la passar a noite na rua. Enquanto esperava uma resposta,

observava-a, e seu coração se enchia de preocupação. O que iria fazer se ela continuasse teimando em não acompanhá-lo? Era um alvo fácil, ainda mais estando machucada. Sem nem mencionar o fato de que era linda, o que também contava contra ela.

Apesar de realmente achá-la uma mulher atraente, isso não era mais importante do que a gratidão que sentia. Não superava o valor que passara a ter para ele. Era por causa dela que ele estava novamente se sentindo vivo, por ela que ele voltara a fazer o que mais amava. Devia-lhe tudo.

Por isso, mesmo sabendo que ouviria alguns protestos, Jayce a ergueu do chão com facilidade e começou a caminhar com ela nos braços.

— O que está fazendo? — ela indagou, assustada com sua atitude.

— Não posso te deixar no meio da rua,
PERIGOSAS ACHERON

desprotegida. É contra a minha natureza.

— Jayce, me ponha no chão! — esperneando levemente, Cailey pediu. — Não posso passar a noite na sua casa!

— E não pode ficar ao relento também! — Jayce afirmou decidido. — Eu fiz uma promessa, Cailey. Prometi cuidar de você e vou fazer isso! — depois de falar aquilo, ele abriu um lindo sorriso. — Só não pensei que fosse precisar de mim tão cedo. Isso deve significar que você se encrenca com facilidade.

— Você vai me carregar até a sua casa? — ignorando o comentário brincalhão, ela indagou. Era fácil perceber que ele era muito forte, mas Cailey não queria ser um estorvo. Nunca fora carregada por homem nenhum e sentia-se como um bebê nos braços de Jayce.

— É o que pretendo. — ele respondeu em tom PERIGOSAS ACHERON

divertido. — E, além do mais, eu realmente moro perto.

Cailey não disse mais nada, pois simplesmente não tinha palavras. Odiava ser manipulada, que lhe dissessem o que fazer, mas, apesar de Jayce estar fazendo exatamente aquilo, a sensação era boa. Ele estava cuidando dela, protegendo-a, como prometeu que faria. E tinha que admitir que estava realmente se sentindo segura em seus braços, confortável em sua presença, apesar do silêncio que se formara. No calor do momento, quando teve aquela estúpida ideia impensada de saltar do carro, não pensou em todas as coisas que *realmente* poderiam ter acontecido se Jayce não aparecesse. Ainda era o homem que insultara sua irmã, mas, por um momento, ela se permitiria esquecer aquilo.

Ele caminhou por pelo menos uns cinco minutos, até parar em frente à porta de uma casa de

classe média, onde Jayce pousou Cailey no chão, abriu a porta e ergueu-a novamente, cruzando a soleira e acomodando-a no sofá.

Rapidamente ele foi à cozinha e pegou dois cubos de gelo, enrolando-os em um pano de prato. Levando-os até ela, colocou-os sobre seu tornozelo, onde já começava a se formar um hematoma.

— Agora que está sã e salva, eu quero saber... no que estava pensando quando achou que poderia ficar na rua sozinha a uma hora dessas? E quem foi o imbecil que largou você ali?

— Fui eu que saltei do carro. Até ameacei pular com ele em movimento, caso Morris não abrisse a porta. — ela falou de um jeito tão decidido que chegou a divertir Jayce.

— Foi uma atitude corajosa, mas um pouso ousada demais. — comentou, mas logo em seguida sua expressão divertida se tornou um pouco mais

PERIGOSAS ACHERON

soturna, assim que se deu conta de algo que ela falou. — Como disse que se chamava o tal namorado que a deixou sozinha?

— Morris.

Não precisava nem de um sobrenome para que Jayce compreendesse de quem se tratava. Sabia que Morris fora o policial designado para guardar a floricultura, depois que a casa de Faith, fora invadida. Não era difícil imaginar que ele tinha ficado atraído por Cailey e a convidado para sair; difícil era compreender como um policial tivera coragem de fazer aquilo com uma mulher. Sentia vergonha de pessoas como Morris, enquanto olhava para a garota à sua frente e pensava em todas as coisas que poderiam ter acontecido a ela.

— Acho que você deve saber quem é. Nós nos conhecemos por intermédio de Steve; Morris é policial também.

— Sim, eu o conheço. — não havia um pingão de satisfação na voz de Jayce.

— Então pode recuperar minha bolsa para mim! — Cailey brincou, mas Jayce permaneceu sério. Não conseguia parar de pensar em Morris e no quanto queria quebrar sua cara, mesmo sendo um cara pacífico.. — Bem... — ela cortou o silêncio, que se estabeleceu por alguns breves minutos, pois percebeu que ele estava muito calado e pensativo. — ...Jayce, sem querer abusar de sua hospitalidade, eu gostaria de tomar um banho...

— Claro. Vou procurar também alguma coisa para você vestir. Aliás, é uma pena que seu vestido esteja rasgado; você ficou linda nele. — Jayce viu Cailey corar com aquele comentário e não conseguiu compreender qual fora o sentido do elogio. Claro que ela o merecia, mas fora uma atitude completamente impensada. O momento não

pedia bajulações. Não queria que ela pensasse que ele era igual aos outros. — Bem, vou te ajudar a chegar até o banheiro. — Jayce mudou de assunto, tentando amenizar a situação, e já estava prestes a erguê-la e carregá-la novamente no colo, quando ela o impediu.

— Não precisa me carregar! Uma ajudinha é mais do que suficiente. — e, conforme ela preferiu, Jayce passou um braço ao redor de sua cintura, e ela foi mancando até o banheiro.

— Se precisar de qualquer coisa, é só chamar. Acho que ainda tenho xampú no armário. Pode pegar um sabonete novo também.

— Obrigada, Jayce. De verdade. — ambos sabiam que ela não estava agradecendo apenas pela oferta dos materiais de higiene; era muito mais. Ele estava realmente cuidando dela, sem pedir nada em troca.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao vê-la agradecer, com tanta humildade e de forma tão sincera, Jayce preferiu não dizer nada, apenas balançou a cabeça positivamente e fechou a porta atrás de si, deixando-a sozinha.

Com um pouco de dificuldade, Cailey foi se escorando na parede até chegar ao boxe, pulando em um pé só. Encostada na pia, ela tirou o vestido, as sandálias e deu uma boa olhada no pé machucado. Havia um inchaço que lentamente começava a mudar de cor, passando de um leve avermelhado para um roxo esverdeado. Ela tentou pousá-lo no chão, mas a dor foi tão forte que chegou a deixá-la tonta e pálida. Não teve sequer coragem de fazê-lo de novo, pois não queria ter que chamar por Jayce, caso acabasse caindo ou desmaiando. Então, com cuidado, entrou debaixo do chuveiro, já nua, e começou a se banhar. Enquanto se lavava, tentou ao máximo não pensar

PERIGOSAS ACHERON

no homem que a aguardava e que estava lhe ajudando tanto. Fora uma sorte grande estar exatamente próxima à casa de Jayce e ele estar tão obcecado com aquela ideia de que lhe devia algo. Ou talvez não fosse apenas *sorte*. Talvez fosse a profecia de Lolla ganhando forma. Quem sabe não era o destino que os estava aproximando? Mas Cailey não queria pensar naquilo.

Saiu do banheiro enrolada em uma toalha e foi até o quarto dele, onde havia um enorme suéter de moletom sobre a cama, que ele provavelmente tinha separado exatamente para ela. Ela o vestiu e se olhou no espelho. Parecia uma criança com os cabelos molhados, sem nenhuma maquiagem, vestindo um agasalho que chegava quase à altura de seus joelhos, de tão grande. Não estava satisfeita com o que via. Por algum motivo, queria que ele a achasse atraente, e tinha certeza que daquela

maneira ele apenas diria que ela era bonitinha.

Mas Cailey não poderia estar mais enganada. Quando Jayce a viu, associou-a imediatamente a uma imagem de inocência e vulnerabilidade, e isso fez com que ele a achasse ainda mais linda. Os cabelos loiro claros, molhados, passando um pouco da base do pescoço, eram naturais e exalavam um cheiro maravilhoso de xampu. Os olhos claros, que antes estiveram vermelhos por causa do choro, mostravam-se menos inchados e pareciam desconfiados, mas ele conseguia enxergar tanto dor quanto um fogo, que ainda não tinha sido completamente extinto; que ainda estava lá, apesar de tudo pelo que ela tinha passado. Era isso que o fascinava.

Em um minuto ele reparou que estava analisando Cailey como se ela fosse uma possível pretendente. *Até parece!* Ele sabia que ela estava

agindo com gratidão, uma vez que a tinha ajudado, e que tudo isso poderia terminar em uma amizade, mas nada mais do que isso. Ela o desprezava por ter tratado sua irmã com grosseria e jamais abriria espaço para que flertasse com ela. Também, de qualquer forma, ele não estava preparado para um relacionamento.

Apesar disso, Jayce não conseguia parar de olhá-la, o que a estava deixando adoravelmente encabulada.

— O que foi? Algo errado? — perguntou, enquanto ele ainda a admirava.

— Não, é que eu não lembrava o quanto você é bonita. — Jayce não resistiu, como se todo controle abandonasse sua mente. As palavras saíram sem que ele sequer pensasse no que dizia.

Sentindo o ar escapando de seus pulmões, Cailey simplesmente não soube o que dizer. Claro

PERIGOSAS ACHERON

que ela tinha noção de que era bonita, que os homens a desejavam, mas jamais lhe elogiaram daquela forma. Por mais que Jayce a estivesse olhando como se quisesse levá-la para cama a qualquer momento, ela sabia que o comentário sobre sua beleza fora sem intenções maliciosas.

— Desculpe se te deixei sem jeito, mas precisava comentar. Achei que você tinha que saber. — Jayce acrescentou de uma maneira muito formal. Mais formal do que ele gostaria, por isso, tentou uma frase mais descontraída, para amenizar o clima: — Você deve ouvir isso o tempo todo... — sorriu ele, acanhado, comparando-se a um adolescente tolo que dizia que a garota mais bonita do colégio era linda.

— Não dessa maneira. — Cailey foi sincera. — Os homens costumam ser mais rudes comigo.

— A maioria deles não sabe valorizar uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mulher. Acho que nem eu sei, apesar de ter sido criado para isso.

— Criado para isso? — Cailey achou aquele comentário interessante e decidiu que queria ouvir mais sobre ele. Começou a caminhar até o sofá com dificuldade, e Jayce se prontificou a ajudá-la, como um verdadeiro cavalheiro. Ao ver que ela já estava devidamente acomodada, sentou-se também.

— Respondendo à sua pergunta... Sim, eu fui criado para tratar a mulher com respeito e cuidados. Sou de família latina, vinda de Porto Rico, e nossas convicções são muito fortes. Minha mãe é um exemplo para todos nós. — havia muito orgulho na voz de Jayce, e Cailey sorria ao ouvi-lo.

— Todos? Vocês são quantos?

— Tenho cinco irmãos. Dois homens e três mulheres. E somos muito unidos, apesar da distância.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu queria ter uma família grande. Meus pais morreram quando eu era muito pequena, então, eu e Faith fomos morar com nossa avó. — era uma história triste, mas ela devia tê-la contado tantas vezes que parecia já não lhe incomodar tanto. — Tatianna chegou logo depois. — acrescentou.

— O que houve com os pais dela?

— Ela nunca conheceu o pai, e a mãe desapareceu. Ela simplesmente foi embora. Minha tia era uma mulher estranha.

— As pessoas às vezes tomam atitudes impulsivas que acabam tendo consequências muito sérias. — Jayce falou.

— Como o ex-marido de Faith? — a menção daquele homem deixou ambos em silêncio. A história era mais que absurda. Há seis meses, Faith pensava ser viúva, mas, na verdade, seu marido forjara a própria morte e aparecera oito meses
PERIGOSAS ACHERON

depois, mostrando-se arrependido. Ele estava na cadeia, mas Faith jamais fora visitá-lo. Embora não comentasse sobre esse episódio de sua vida, Cailey sabia que ela sofria e que culpava-se pelo fracasso de seu casamento. Se não fosse por Rowan, ela tinha certeza que Faith cairia em uma intensa depressão, em uma escuridão tão profunda que acabaria sendo impossível tirá-la de lá. Mas o destino não permitiu e a salvou, a tempo.

— Sim, mas Henry Connor chegou a um ato extremo. E está pagando por isso.

— Não acho que esteja pagando o suficiente.
— ela afirmou com raiva, mas suavizou o tom de voz logo em seguida: — Faith e Tatty são tudo que eu tenho. Qualquer pessoa que faça mal a elas, faz mal a mim também.

Assim que ela falou aquilo, Jayce pôde notar uma certa fragilidade em sua voz. Ela não apenas

PERIGOSAS NACIONAIS

se sentia só, como também dava a entender que aquela solidão não seria apenas temporária. Era como se pensasse que chegaria o dia em que todos iriam deixá-la e só restaria o silêncio e o vazio. Percebendo isso, Jayce sentiu vontade de abraçá-la e confortá-la. Mas não demorou muito para que ela apenas deitasse a cabeça no encosto do sofá e fechasse os olhos. Ele sabia que era uma questão de segundos para que dormisse, portanto, foi até seu quarto, pegou um cobertor e um travesseiro e os levou até ela, ajeitando-a no sofá e cobrindo seu corpo com gentileza. Sentindo o toque do tecido grosso em sua pele, Cailey abriu os olhos, sonolenta, e sorriu.

— Jayce? Obrigada mais uma vez! — sua voz tornara-se pouco mais do que um sussurro doce e delicado, e Jayce sentiu o coração se aquecer por aquela moça. Então, pegou sua mão e a beijou.

PERIGOSAS ACHERON

— Você já agradeceu. Minha maior satisfação é vê-la sã e salva! — ele fez uma pausa. — Apenas durma. Estarei por perto, se precisar...

Cailey fechou os olhos e caiu em um sono pesado e tranquilo, sem sonhos, muito menos pesadelos. Já fazia tempo que não se deleitava com uma sensação tão sublime, que não se sentia tão segura. E Jayce, por sua vez, não conseguia parar de admirá-la.

Capítulo Quatro

Jayce estava sonhando. Mas não era um sonho muito diferente daqueles que passara a ter desde que Debra se fora. Nele, estava deitado em uma lindíssima cama de dossel, sobre lençóis muito brancos e macios, segurando uma mulher nos braços. Cabelos loiros se espalhavam sobre o travesseiro, e ela parecia relaxada, como se pertencesse àquele lugar. Era um sonho familiar. Todas as noites, depois de dormir, seu inconsciente o prendia em tal devaneio. E aquela era a hora mais temerosa, quando ele virava a bela mulher para si e a via sangrar até a morte, por uma profunda ferida no pescoço. Então, por já saber que aquele sonho sublime se tornaria um pesadelo, ele mexeu o corpo dela com cuidado. Entretanto, ao tê-la mais perto, viu que não estava morta, que era Cailey, linda e

PERIGOSAS ACHERON

relaxada... completamente viva.

Sobressaltado, voltou à realidade quando uma mão pequena tocou seu ombro. Seu coração batia descompassado, com a lembrança do sonho, mas assim que abriu os olhos com mais clareza e enxergou o rosto de Cailey, que já parecia bem desperta, vestindo novamente seu vestido preto, conseguiu se acalmar.

— Bom dia. — ela falou. — Tudo bem com você? Parece assustado. Desculpe por te acordar, mas você dormiu sentado, deve estar cheio de dor nas costas. — *ah, sim*, ele estava acabado, mas muito satisfeito.

— Sem problemas. Eu tive um pesadelo. — Jayce levantou-se e alongou o corpo enorme, estalando a coluna e sentindo os músculos atrofiados pela posição ingrata em que dormira. — Você acordou cedo! — mudou de assunto, tentando

PERIGOSAS NACIONAIS

esquecer o sonho ruim. Não queria se mostrar tão fragilizado depois de ser o herói da noite.

— Sim, quis preparar um café da manhã para você, mas não tinha nada em bom estado que eu pudesse usar.

— É, faz um bom tempo que eu não faço compras. — falou envergonhado.

— Aliás, tem algo cheirando muito mal na sua geladeira.

— É, também faz algum tempo que não limpo a casa. — ele coçou e abaixou a cabeça, encabulado por Cailey ter presenciado alguns de seus desleixes. Quando olhou novamente para ela, viu que tinha uma expressão de dor no rosto, que o fez compreender que seu tornozelo a estava incomodando. — Não devia estar se esforçando, vai acabar piorando.

PERIGOSAS ACHERON

— Já não está doendo tanto! — ela exclamou, mas seu rosto pálido dizia outra coisa. Jayce, então, a amparou até que chegasse no sofá, colocando-a sentada.

— Vou tomar um banho e depois posso deixá-la em casa...

— Mas eu estou sem a chave. Tatianna não vai chegar antes das duas. — lamentou.

— Eu tenho minhas habilidades com fechaduras... se você não se importar que eu as use na sua porta. — brincou.

— Não, é claro que não. Eu realmente quero voltar para casa. — assim que terminou de falar, percebeu que fora grosseira. Ele lhe oferecera um teto para passar a noite, estava sendo tão hospitaleiro, e ela lhe retribuía com uma indelicadeza. — Olha, eu não quis dizer que não gostei de ficar aqui... só que...

— Ei, Cailey... não precisa se explicar, eu entendo. — sorrindo, Jayce fez com que ela se sentisse melhor. — Bem, vou me arrumar. Mas é melhor que fique aí sentada ou vai acabar desmaiando de tão pálida que está.

Cailey nem sequer contestou aquela recomendação. Estava realmente sentindo dor — e muita —, mas achava que preparar algo para ele comer era o mínimo que poderia fazer depois de ser tão bem tratada.

Conforme prometera, Jayce voltou do banho e chamou um táxi para levar Cailey para casa. Assim que chegaram lá, ele fez exatamente o que prometeu e conseguiu destrancar a porta; e ela preferiu nem perguntar como ele tinha conseguido fazer aquilo ou por que não tinha feito o mesmo na noite anterior.

— Pronto, está entregue. — ele disse, assim

que a deixou confortavelmente sentada no sofá.

— Só não vou agradecer de novo porque vai soar um pouco piegas. — falou, divertida. — Mas nunca vou esquecer o que fez.

— Que bom... pelo menos é um sinal de que vai pensar em mim uma vez ou outra... — ele ousou flertar um pouco, já que ela parecia mais à vontade. Contudo, a viu corar novamente. Sendo assim, não querendo criar uma distância entre eles, mudou de assunto. — Bem, eu tenho que ir, mas, por favor, vá ao médico. Você pode acabar piorando.

— Tudo bem. — ela respondeu, e eles se despediram, sabendo que a partir daquele ponto tudo havia mudado.

Assim que ele bateu a porta ao sair, Cailey sentiu que o lugar parecia muito vazio. Talvez vazio demais, uma vez que ela sempre gostara de

PERIGOSAS ACHERON

ficar sozinha, quando ainda não tinha medo da solidão. Na verdade, ela não sentia medo por pensar que alguém entraria na casa e lhe faria mal, mas por temer seus próprios pensamentos. Perdia-se constantemente em memórias de violência, na terrível agonia que sofrera, e chorava, sem ter nenhum ombro para lhe consolar.

Bem, ao menos tinha seus textos como companhia. E foi a elas que Cailey recorreu para esperar a volta de Tatianna. Porém, assim que a caneta tocou a folha de papel, como dois lábios selando um beijo apaixonado, a primeira palavra que ganhou forma foi o nome de Jayce. E, de alguma forma, aquilo não foi uma surpresa.

A delegacia estava fervendo como sempre. Mortes, sequestros e roubos contribuía para obscurecer aquele lugar, torná-lo ainda mais terrível do que podia parecer. Contudo, havia uma pessoa ali, sentada em sua sala, que parecia não conseguir se concentrar em suas próprias anotações. Segurava a foto de alguns amigos de Jodie Bridges, tentava unir algumas peças do quebra-cabeça, para tentar solucionar aquela morte, mas sua mente estava confusa, transbordando de pensamentos por Cailey. Perdido e confuso por causa da noite anterior, ele tentava compreender o que estava acontecendo consigo mesmo. Apesar de ser uma mulher linda, ele quase não a conhecia; pelo menos não há tempo suficiente para estar tão impressionado.

Ora, *diabos*, ele sabia o suficiente sobre ela: fora a mulher escrevera a poesia que salvara sua

vida e sua sanidade. Isso deveria bastar.

Enquanto Jayce pensava na mulher, Steve apareceu e percebeu uma expressão diferente no rosto do amigo. Ele reluzia, perdera completamente a escuridão que se abatera sobre sua vida. E Steve conhecia aquele brilho: Jayce estava apaixonado.

— Está com uma cara boa, Jayce... posso saber porquê? — Steve indagou feliz, esperando obter alguma informação que confirmasse sua teoria.

— Pode parecer loucura, mas acho que estou me apaixonando por uma mulher que mal conheço. Será possível?

— Para o amor tudo é possível, meu caro...
— mudou o tom de voz, imitando um locutor de rádio das antigas. — E quem é a felizarda?

— Cailey DeWitt.

De uma certa forma, Steve já esperava por aquela resposta; ele somente desejava estar equivocado. Não que não gostasse de Cailey, mas achava que ela não era a mulher certa para Jayce. Pelo menos não naquele momento.

— Meu amigo, ainda bem que eu estou sentado, senão cairia para trás com essa revelação. — zombou. — Tudo isso por causa de uma poesia?

— É claro que não! — Jayce explicou toda a situação da noite anterior, e o outro o ouviu atentamente. Assim que terminou, acrescentou: — Não sei o que deu em mim, mas desde que a vi no meio da rua, sozinha, machucada e chorando, tenho vontade de estar por perto... de cuidar dela...

— Você pode estar confundindo as coisas!

— Sei disso! Mas, a princípio, estou impressionado com ela. Não consegui parar de admirá-la enquanto dormia. — sua fala era PERIGOSAS ACHERON

apaixonada, o que começava a deixar Steve realmente preocupado.

— Cailey é realmente linda, tem um bom coração, mas também pode se tornar uma encrenca — avisou. — Na maioria das vezes é imatura e instável. Faith e Tatianna têm muitas preocupações com ela.

Ouvindo Steve falar, Jayce sentiu pena por Cailey. Podia ser que estivesse realmente hipnotizado por sua beleza, por aquele olhar provocador e ao mesmo tempo inocente, sem nem se dar conta da verdade. Apesar disso, achava que ela deveria sofrer um grande preconceito por causa do julgamento das pessoas, que não se davam nem ao trabalho de enxergar quem ela era na essência, como ele conseguira fazer em pouco tempo. Cailey era mais que uma moça bonita e sem conteúdo. Ninguém com tanta sensibilidade para escrever

palavras tão profundas e cheias de entrelinhas poderia ser chamado de imaturo. E ele pôde ver em seus olhos, enquanto conversavam na noite anterior, o quanto ela ansiava por ser aceita. E Jayce estava disposto a tentar compreendê-la, mesmo que não conseguisse compreender a si mesmo.

— Cailey! Tem uma carta para você aqui!
—Faith avisou, enquanto verificava sua correspondência na floricultura, na tarde do dia seguinte.

Mesmo com o tornozelo fraturado — e devidamente enfaixado por um ortopedista, que lhe afirmou que não era nada grave, apenas uma

luxação —, Cailey decidiu ir trabalhar, não querendo ficar sozinha em casa com seus pensamentos. Naquele momento, quando ouviu o chamado da irmã, levantou-se com dificuldade, pegou seu par de muletas e foi até onde Faith estava.

Faith ficou preocupada ao ver o estado da irmã, assim que a viu chegando na floricultura, mas Cailey preferiu contar-lhe uma mentirinha piedosa para não deixá-la preocupada. Inventara que caíra em casa, enquanto tomava banho, logo após ter voltado do jantar com Morris. Mas foi apenas essa menção que fez ao nome do ex-namorado. Jayce também ficou de fora de seu relato. Apesar disso, o apurado sexto sentido de Faith fez com que ela desconfiasse, pois Cailey saíra de casa feliz; mas não parecia mais tão feliz naquele momento, embora pudesse ser pega sorrindo sonhadora em

momentos específicos. De alguma forma, sabia que ela nunca sorrisse daquela forma por causa de Morris; e acreditava que também não era o caso daquela vez.

— Querida, você precisa me lembrar de suas condições. Eu poderia ter levado a carta para você... — Faith falou, penalizada pela dificuldade que a irmã enfrentava para caminhar.

— Não, eu preciso me exercitar. E não vou forçar o pé machucado.

— Foi muito azar ter caído logo dentro de casa. Não sobra nem uma grande aventura para contar. — aquilo foi uma deixa, Cailey podia sentir. Tinha certeza que Faith sabia que ela estava mentindo, mas respeitava sua privacidade ao ponto de esperar que ela contasse a verdade por si mesma.

— Sim... uma pena. — Cailey insistiu em sua versão dos fatos e pôde observar sua irmã ficar

PERIGOSAS ACHERON

um pouco decepcionada.

Então, sem dizer mais nada, temendo que algo pudesse comprometê-la, ela pegou o envelope, que estava com Faith, e o abriu, sentando-se em uma cadeira logo em seguida. Analisando o que tinha em mãos, percebeu que não havia nenhum remetente. Ao abrir, logo reparou que no papel, onde uma perfeita caligrafia repousava, havia uma mancha escarlate, muito similar a sangue.

E bastou apenas isso para que o coração de Cailey começasse a bater acelerado. Não que ela fosse dada àquele tipo de coisas como pressentimentos ou profecias; acreditava nas visões de sua avó, nas flores de Faith... e até podia crer que suas poesias tinham alguma espécie de mágica nas palavras, mas jamais escutara seus próprios instintos. Apesar disso, ao pegar aquela mensagem nas mãos, quase teve certeza que algo estava por

vir. Algo assustador.

Curiosamente tratava-se de uma poesia, exatamente como aquelas que ela mesmo escrevia, e a caligrafia, que ela admirara anteriormente, parecia muito elegante e masculina. No entanto, o que realmente a deixou apreensiva foi o conteúdo da mensagem:

*“O medo consome sua alma
Transbordando pelos poros
Em olhares que não sabem mentir*

*A pele arrepia
Os lábios tremem
A voz grita por piedade
E eu me excito mais*

PERIGOSAS NACIONAIS

*Ela sabe que pode se salvar
Mas não diz o que eu quero ouvir
Ela chora, implora
E eu dou o tiro certo*

*Sua face fica pálida
Seu sangue é tão belo
Tão aliviador
Ela não é mais minha
Mas não é de mais ninguém.”*

Para completar, ao final da poesia, havia uma mensagem direcionada à Cailey. E era igualmente aterrorizante.

“Bela Cailey... Suas palavras são mágicas; seus
PERIGOSAS ACHERON

sentimentos ecoaram em meu coração. Agora você tem a morte dela nas mãos. E nossas almas estão conectadas por versos sombrios. Jamais a esquecerei.”

Uma sensação de pânico congelou a alma e o corpo de Cailey, deixando-a mais do que apreensiva: aflita. Em um primeiro movimento, tudo que conseguiu fazer foi jogar aquele papel amaldiçoado para bem longe de si, enquanto sua mente processava cada palavra escolhida para formar o texto. Queria gritar, mas o medo silenciara sua voz, fazendo com que ela se sentisse amordaçada por uma força invisível. Seus pensamentos estavam confusos, não permitindo que ela raciocinasse para chegar à conclusão de por que fora incluída naquela loucura toda.

O mais curioso era que jamais estivera do

“do outro lado”, jamais fora tocada pelos versos de alguém, mas esperava que a primeira vez que acontecesse não fosse de forma tão macabra e assustadora.

— Cailey? — Faith, que dera certo espaço para que a irmã pudesse ler sua carta com privacidade, reparou que havia algo de errado, mesmo de longe. Sendo assim, se aproximou e chamou-a: — O que houve?

Cailey ainda não conseguia dizer nada. E nem precisou. Faith viu a carta jogada no chão e concluiu que ela era o motivo de seu desespero. Quando Cailey apontou para o papel, Faith compreendeu que se tratava de um consentimento para que ela lesse a mensagem e a pegou nas mãos, começando a lê-la.

Lendo com atenção toda a poesia e também o recado destinado a Cailey, Faith sentiu a mesma

carga negativa, o mesmo ódio intrínseco em cada linha, como se aquela pequena mancha — que ela também podia jurar que era de sangue — estivesse se proliferando, transbordando pelas bordas da folha, pronta para afogar tudo à sua volta. Sua reação diante daquilo foi a mesma de Cailey.

— Viu, Faith? Não diga que eu estou maluca, mas eu quase posso jurar que ele está descrevendo um assassinato! Há manchas de sangue na carta! Ele matou a menina! — Cailey estava histérica, em pânico. Faith, vendo-a naquele estado, segurou seus braços com delicadeza, fazendo com que ela a olhasse nos olhos.

— Cailey, fique calma! Não comece tirando conclusões. Isso pode ser uma brincadeira... De péssimo gosto, é claro, mas ainda assim uma brincadeira.

— Você realmente pensa assim? Pois eu

PERIGOSAS NACIONAIS

não! E se eu estiver certa, uma pessoa foi assassinada por minha causa, por algo que escrevi!

— Não fale assim! — Faith falou com autoridade. — Lembra quando Jayce Hernandez me acusou de ter amaldiçoado Debra? Você foi a primeira a me defender e dizer que não era verdade... Então agora eu lhe digo o mesmo... Um louco interpretou sua poesia de maneira errada, e você não pode se responsabilizar por isso!

Um calafrio percorreu sua espinha no momento em que Faith mencionou o nome de Jayce. Realmente parecia que o destino estava colocando-os frente a frente das formas mais inusitadas e surpreendentes. Foi também ao ouvir seu nome que Cailey decidiu que a melhor coisa a fazer era falar com ele. Era um policial, não era? Então, quem melhor para ajudá-la a descobrir o que havia por trás daquela mensagem tão sinistra?

PERIGOSAS ACHERON

— Posso deixar a floricultura por algumas horas? — pediu à irmã, preferindo não dar detalhes ou motivos.

— Sim, claro, mas... o que vai fazer? — antes mesmo que pudesse responder, Cailey apressou-se, o máximo que podia com aquele pé machucado, como se chegar ao seu destino fosse sua única saída.

Tomou um táxi, o primeiro que passou, e indicou o caminho da casa de Jayce. Nem sequer pensou, não hesitou; simplesmente engoliu o orgulho e partiu.

Durante todo o caminho, lia e relia a mensagem anônima, tentando compreender quais eram as intenções de seu remetente. Ao mesmo tempo, tudo que queria era chegar logo à casa de Jayce.

Entretanto, ao chegar, bater à porta e ver

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que não havia ninguém, tudo que conseguiu pensar foi no quanto era estúpida em não pensar que ele deveria estar no trabalho; na delegacia.

Poderia ir até lá, pedir sua ajuda, naquele local onde ele teria acesso a informações, bancos de dados e retratos falados — caso se tratasse de algum assassino já sendo caçado —, mas não tinha coragem. Sua primeira experiência em uma delegacia, quando foi reconhecer seu estuprador, foi ao mesmo tempo libertadora e aterrorizante. Rever a imagem do homem que lhe fizera tão mal, enquanto ainda estava tão vulnerável à lembrança do estupro, a amedrontou mais do que gostaria e quase a acovardou. Mas, para seu alívio, conseguiu ir até o fim, podendo finalmente ter justiça. Ou pelo menos um pouco dela, já que uma parte daquele homem repugnante sempre viveria dentro de sua alma... consumindo seu corpo em violência e

PERIGOSAS ACHERON

humilhação.

Mas não queria mais pensar naquilo. Precisava encontrar uma maneira de falar com Jayce, nem que tivesse que esperá-lo voltar do trabalho. Sabendo, portanto, que ele iria demorar para chegar, sentou-se em frente à porta, colando as costas nela, tendo um pouco de dificuldade por causa da atadura no tornozelo. Estava decidida a ficar ali por quanto tempo precisasse, pacientemente, contando os minutos, mas sentiu a madeira se movimentando atrás de si e constatou que Jayce tinha esquecido de trancar sua casa.

Por um momento hesitou. Conhecia-o muito pouco para ter liberdade de entrar em sua casa sem ser convidada, mas, ao mesmo tempo, sentia uma imensa curiosidade a respeito dele, principalmente depois de ter constatado o quanto era diferente dos homens que conhecia. Não era um cafageste, mas

tampouco era equilibrado como Rowan. Havia algo em sua essência que a fazia acreditar que não eram assim tão diferentes. Ele também era inquieto, passional e parecia ter uma alma em chamas, assim como a dela...

Levantou-se, então, ainda hesitando, e abriu a porta devagar, dando-se ao direito de apenas bisbilhotar o que aquela pequena frestinha lhe permitia. Passara a noite ali, mas não tivera liberdade para observar as coisas ou para estudar o homem que a abrigara. Por isso, entrar na casa de Jayce, sem ele estar presente, era uma invasão, mas também uma grande tentação. Como todos os pecados. E de pecados Cailey entendia muito bem.

Depois de pensar por alguns minutos, Cailey tomou aquela decisão da mesma forma como sempre fizera: usando o coração, não a cabeça. Portanto, empurrou de leve a porta, quase

tentando acreditar que fora um vento mais forte que batera e a abrira, e entrou.

Diferente do que encontrara na primeira vez, a casa parecia mais limpa e mais arrumada. De leve, conseguia sentir um cheiro gostoso de desinfetante, misturado a algum outro produto, algo amadeirado. Bem ao fundo, destacava-se um aroma mais masculino, de algum perfume, que com certeza ele passara antes de sair para o trabalho. Aquilo inconscientemente a fez sorrir.

Usando suas muletas, começou a caminhar pela casa, observando tudo, primeiro com timidez, depois sem o menor pudor. Nunca fora muito boa para interpretar pessoas — apesar de ser tão boa em fazer o mesmo com as palavras —, mas Jayce parecia fácil demais de se ler. Ele tinha uma coleção de DVDs de filmes de ação, mas ao mesmo tempo, no meio daqueles títulos sanguinolentos,

PERIGOSAS NACIONAIS

outros chamavam atenção por serem um pouco mais sensíveis. Isso indicava que ele era um homem de extremos; podia agir com violência com a mesma facilidade que falava de amor.

Noutro extremo da pequena sala, ela podia encontrar seus CDs. Eram muitos de bandas em língua espanhola, o que dizia que ele com certeza sentia falta de casa. Mas isso também não seria difícil de imaginar, a julgar pela quantidade de fotografias de sua família que ele mantinha espalhadas pela casa. Pareciam unidos. As mulheres eram belas latinas, e os homens tão imponentes e atraentes quanto Jayce. Ver tamanha felicidade fez com que Cailey sentisse o coração aquecer de saudade dos tempos em que tudo era mais fácil; quando seus pais ainda eram vivos, a mãe de Tatianna ainda não tinha desaparecido e todos passavam os Natais juntos, em uma linda e

PERIGOSAS ACHERON

íntima festa. Porém, jamais seria daquela forma. Todos foram lentamente partindo, cada um à sua forma, e só sobraram as três: ela, Faith e Tatianna. Tinham Rowan agora, e ela esperava que ele trouxesse luz àquela família.

Ficou por algum tempo apenas descobrindo alguns dos segredos de Jayce, até que se cansou de andar pela casa com aquele pé machucado. Sentou-se, portanto, no lugar mais íntimo de todos, no mais pessoal e improvável, tendo tantas outras opções. Ela se sentou na cama dele, com as costas descansado no encosto de madeira. Ousou até mesmo colocar os pés para cima do colchão, sentindo-se confortável e um pouco abusada. Aquele era o território de uma pessoa, de alguém com quem ela não tinha a menor intimidade; mas estava ali, deitada em sua cama, como se fosse sua amante.

Amante...

Aquela palavra fez Cailey estremecer. Por algum motivo ela não soava tão vulgar quando associada a Jayce. Mas, apesar disso, ela não poderia se permitir pensar em tal coisa.

Lânguida, espreguiçou-se e endireitou-se sobre a colcha cinza, simples e masculina. Por um momento, seu pensamento se voltou para a mensagem manchada de sangue. Se Lolla estivesse ali, diria que era um mau presságio, prelúdio de algo bem maior e obscuro. Pensando nisso, Cailey fechou os olhos, iniciando uma oração para que nada de mal acomesse, nem a ela, nem aqueles que amava. Também rezou por Jayce, para que ele a ajudasse a desvendar aquele mistério e para que também fosse protegido, tanto de um potencial assassino, quanto dela própria.

Chegar cedo em casa, apesar de amar o que fazia, era uma verdadeira bênção. Por mais que ser um policial fosse sua verdadeira e apaixonada vocação, ele se sentia muito aliviado ao pisar em seu território, em sua casa, seu canto. Era como se apenas ali conseguisse se livrar do peso do mundo inteiro, do peso dos crimes que desvendava, e conseguisse respirar tranquilidade ao invés de tensão. Contudo, naquela tarde, algo estava diferente.

Costumava ser um homem de instintos e confiava neles com sua própria vida. Nunca fora cético e sabia que todo ser humano guardava um pouco de magia dentro de si. Por isso, quando sentiu que havia algo de estranho em sua casa, não duvidou. Na verdade, ele soube assim que se

PERIGOSAS NACIONAIS

aproximou do local. Teve absoluta certeza quando reparou que a porta estava destrancada.

Tentando fazer o mínimo de barulho, sacou sua arma do coldre e empunhou-a, começando a verificar cada canto da residência. Sua respiração estava ofegante, temendo haver um intruso ali dentro. Não estava com medo por si mesmo, é claro, pois já passara por situações piores, mas temia ser obrigado a cometer algum ato de violência dentro de um lugar que considerava sagrado, quase imaculado.

Mas a surpresa invadiu seu peito como um bálsamo. No mesmo instante em que entrou em seu quarto e que viu que havia um ser sobre a sua cama, guardou o revólver. Não se tratava de um ser perigoso; era, na verdade, uma criatura angelical, que parecia mais vulnerável que um passarinho perseguido por um falcão.

PERIGOSAS ACHERON

Ela dormia. Embora não parecesse serena em seu sono, era o mais próximo da Bela Adormecida que ele já tivera o prazer de ver. Nem mesmo na noite em que dormira em seu sofá ela parecera tão linda, tão celestial. Não sabia o motivo, mas vê-la deitada ali na sua cama, apesar de não fazer ideia do motivo de sua presença, parecia *tão* certo... assim como parecia certo também deitar-se ao lado dela e aconchegá-la em seu peito.

Porém, antes que pudesse fazer isso, teve um lapso de consciência. Ela não era sua, se estava ali na sua casa havia um motivo maior, que com certeza não era a busca por romance. E, além do mais, ele mal a conhecia.

Proferindo leves sons — que Jayce jurou serem extremamente eróticos —, ela começou a despertar. Assim que ela abriu os olhos, percebeu

que estavam vermelhos e que ela andara chorando.

— Ah, meu Deus! Me desculpe! Eu não...

— desesperadamente envergonhada, Cailey levantou-se da cama, mas o movimento brusco fez com que seu tornozelo latejasse. Jayce, no entanto, foi rápido e preciso em ampará-la antes que ela caísse. Em seguida ajudou-a a se sentar novamente sobre o colchão.

— Cailey, o que faz aqui? — sentou-se ao lado dela.

— Me desculpe, eu não queria ser intrometida... — ela falava de cabeça baixa, com os olhos fitando apenas o chão. Não suportando aquela reação tão submissa e amedrontada, Jayce colocou a mão em seu queixo e o levantou, fazendo-a olhar em seus olhos.

— Ei... tudo bem. Só queria saber como entrou aqui. Foi você que entrou, mas poderia ter PERIGOSAS ACHERON

sido uma pessoa perigosa. — sua voz era suave e soava calma, e isso foi definitivo para que ela finalmente compreendesse que ele não estava irritado com ela.

— A porta estava aberta. Eu pretendia ficar sentada lá fora te esperando, mas acabei entrando.

— Que bom que entrou... — ele fez uma pausa, tentando respirar pela primeira vez desde que a vira ali na sua casa... tão próxima... — Agora me conte o que te trouxe aqui... você parece preocupada.

— Preocupada, não, Jayce... estou *assustada*.

Assustada não era bom. Nada bom. O que quer que a tivesse levado até ali já lhe cheirava a problema. Ele estava disposto a ajudá-la em qualquer coisa que precisasse, mas algo lhe dizia — talvez seu aguçado instinto de policial — que aquele

PERIGOSAS ACHERON

medo que ela sentia não era infundado.

— Conte-me seu problema. Estou aqui para te ajudar...

Cailey respirou fundo, tentando encontrar uma maneira de simplificar o que tinha a dizer. Claro que não encontrou, e, não querendo demorar mais, acabou contando da única forma que conseguia:

— Jayce, você leu aquela poesia que eu te mandei, não leu? — começando pelo princípio, ela sentiu que seria mais fácil; entretanto, falar sobre seu dom nunca a deixava muito confortável.

— Claro que li... — respondeu ele, com um semblante confuso, como se não conseguisse prever onde ela queria chegar. — É graças a ela que não estou jogado naquele chão, completamente bêbado. — sorriu, tentando descontrair. Cailey, por sua vez, permaneceu séria, compenetrada, como deveria

PERIGOSAS ACHERON

ficar quando escrevia seus poemas.

— Então... eu ainda não tenho muita certeza do que tudo isso significa, mas acho que tenho algum dom com as palavras... talvez elas despertem diferentes sentimentos nas pessoas, de acordo com a forma como escrevo...

— Sim, faz sentido. Quando li sua mensagem me senti vivo novamente...

— Eu sempre tenho a intenção, desde que descobri esse dom, de ajudar as pessoas, não de prejudicar ninguém. — ela fez uma pausa, preparando-se para o que estava por vir. — Porém, acho que acabei de descobrir que as pessoas também podem interpretar minhas palavras de maneira errada, como eu acho que aconteceu. — respirando fundo novamente, quase como se hesitasse, ela baixou os olhos, retirou um papel de dentro do bolso da jaqueta e entregou a ele. — Veja

a poesia que recebi como resposta para uma que enviei.

Jayce tirou aquele papel das mãos de Cailey e leu toda a mensagem. Diferente do que acontecera com as mulheres que fizeram o mesmo — Cailey e Faith —, ele não se assustou tanto com aquelas palavras ou a promessa macabra que havia nelas. Estava mais acostumado com aquela violência e não foi surpreendido. Contudo, exatamente como elas, percebeu que era a perfeita descrição de um assassinato, feita por um fanático, narrando o crime contra uma mulher. Podia ser apenas um louco, imaginando todas aquelas coisas, ou poderia ser verdade... Se fosse o caso, Cailey estava lidando com um perigo real, com alguém se divertia em assustá-la. O que deixou Jayce muito preocupado.

— Cailey, me explique direito... você enviou

PERIGOSAS NACIONAIS

uma poesia a alguém... foi isso? — ele perguntou, afinal, não conhecia o trabalho de Cailey na floricultura.

— Eu comecei a trabalhar com Faith, escrevendo mensagens para serem enviadas com os buquês que ela prepara. — mostrando que tinha entendido, ao balançar a cabeça positivamente, Jayce prestava atenção ao que ela dizia. — Tenho quase certeza que este foi um desses casos.

— Você por acaso consegue identificar a pessoa que pode ter respondido desta maneira? Ou lembra como foi a poesia que enviou?

— Não... não faço ideia. Eu envio por volta de dez mensagens dessas por dia, no mínimo. Já tentei me lembrar de qualquer coisa, mas não consigo! — ela colocou a mão na cabeça, demonstrando frustração por não conseguir pensar direito.

PERIGOSAS ACHERON

— Acalme-se, Cailey! Talvez isso não passe de uma brincadeira. — ao ouvir a palavra *brincadeira*, Cailey arregalou os olhos. Para ela aquilo não soava como uma; soava como um pesadelo. — O que estou querendo dizer é que pode se tratar de um lunático querendo apenas te assustar. Isso é muito comum.

— Não, Jayce! Eu sei que não é apenas uma brincadeira. Eu sinto! Sinto que algo de muito ruim está se aproximando. — em sua voz não havia nenhuma dúvida. Ela estava certa do que dizia, como se proferisse uma mórbida profecia.

Por um breve minuto, ambos ficaram em silêncio para tentar absorver a intensidade daquelas palavras ditas por Cailey. Tendo testemunhado o poder de sua poesia, e sabendo que Faith também tinha um estranho dom com as flores, Jayce não conseguia duvidar, nem por um minuto, que a

mulher à sua frente sabia do que estava falando. Talvez ela não fosse capaz de prever o futuro, talvez não tivesse poderes capazes de lhe proporcionar visões — como era o caso de sua irmã —, mas o que ela sentia, sem dúvida, era um pressentimento a ser levado em consideração.

— Ah, meu Deus! — ela exclamou, parecendo subitamente animada. — Lembrei de uma coisa! Todas as mensagens que eu crio para clientes da floricultura são enviadas primeiro por e-mail para que sejam avaliadas por eles.

— E você acha que esta também está guardada?

— Sim, tenho certeza que sim! Você tem um computador com Internet por aí? — perguntou, ansiosa.

— Claro! — para sua sorte, Jayce tinha recontratado aquele serviço no dia anterior,
PERIGOSAS ACHERON

legalizando todos os pagamentos que ficaram atrasados nos meses de luto que vivera. Então, indicou o caminho para Cailey, que não tardou em ligar a máquina e sentar-se de frente para ela, tamborilando com os dedos na mesa, enquanto esperava que o computador inicializasse, demonstrando impaciência.

Logo que o computador ficou pronto para uso, ela abriu o navegador da internet, digitou o endereço da página do servidor de e-mail da floricultura e depois escreveu o login e a senha. Quando a caixa de mensagens enviadas foi exibida, ela se deparou com mais de seiscentos e-mails. Seria um longo trabalho, que levaria bastante tempo, o que a fez suspirar frustrada.

— É muita coisa! Vou demorar horas para terminar... — encostou-se na cadeira, ainda observando a tela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se quiser ficar por aqui, podemos trabalhar juntos. — sua oferta soou mais como um pedido. A verdade era que ele adoraria tê-la ali por mais uma noite, acordar de manhã e dar de cara com ela em sua cozinha, parecendo parte de sua vida. Sentia falta de alguém, estava cansado de ser sozinho.

— Não, obrigada! Acho melhor eu fazer isso em casa. Vou acabar virando a noite, e...

Enquanto falava, Cailey se levantou da cadeira, antes que ele conseguisse convencê-la a ficar. O que não levaria muito tempo, uma vez que a sensação de segurança que sentira na noite em que dormira naquela casa novamente se apossava de seu coração. Porém, ao se virar para se colocar frente a frente com ele, colidiu contra seu corpo, quase se desequilibrando, e foi segurada em seus braços, ficando perigosamente perto.

PERIGOSAS ACHERON

Foi naquele exato momento que Jayce compreendeu que o que sentia por Cailey não fazia parte de um sentimento de carência ou solidão. Era mais que isso. Ela o atraía... até mesmo parada, observando-o com cautela, muito próxima. Ele mantinha um de seus braços fortes em torno de sua cintura, segurando-a com um pouco mais de firmeza do que seria necessário, e podia jurar que quase conseguia ouvir cada um de seus poros gritar de desejo. Ele sabia que poderia beijá-la, que ela corresponderia, pela forma como o olhava, mas também sabia que poderia colocar tudo a perder com apenas *um* movimento em falso. Cailey estava cansada de ser tratada como um objeto, e ele não queria ser mais um a magoá-la daquela forma ou fazê-la se sentir usada. Ele não queria um pedaço dela... Se um dia a tivesse, teria que ser por inteiro. Era assim que ele amava... Se a tivesse para si, cada centímetro daquela mulher lhe pertenceria; mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

também não lhe daria menos do que ela lhe ofertasse. Seria dela, completamente.

Tão inebriada pela sensação quanto Jayce, Cailey se desvencilhou de seus braços com delicadeza e se afastou.

— Acho melhor eu ir... — ela falou, depois de um breve momento de silêncio.

— Cailey... — ele chamou. Sua voz soou como um sussurro rouco, sufocado pelas palavras não ditas que ansiavam em sair de sua boca. — ...deixa eu te levar em casa...

— Não precisa, eu posso tomar um táxi. Você acabou de chegar do trabalho, deve estar cansado.

— Eu não me importo. Vai ser um prazer. Além disso, pelo que pude perceber, você tem facilidade para se encrencar. Prefiro estar por perto

PERIGOSAS ACHERON

para manter minha promessa. — brincou, sorrindo de forma encabulada.

— Você já cumpriu sua promessa. Não está em débito comigo. Aliás, nunca estive. — insistiu. — Vou pegar um táxi e logo estarei em casa, sã e salva.

Jayce respirou fundo, sabendo que não seria prudente insistir mais. Então, ele foi com ela até a porta e, como um cavalheiro, esperou que um táxi aparecesse, fez sinal, abriu-lhe a porta quando este parou e se despediu. E a viu partir, ansiando por poder fazer com que ela ficasse.

Aquela noite foi longa para Cailey. Assim que chegou em sua casa, correu para o computador,

PERIGOSAS NACIONAIS

sem nem se importar com o horário, apesar de saber que demoraria para encontrar a poesia correta. Mas valeria a pena, pois estava completamente empenhada em descobrir do que aquilo se tratava. Tinha quase certeza que estava lidando com um verdadeiro assassino, contudo, não podia e não queria sofrer de véspera. Além do mais, se esse fosse mesmo o caso, ele teria sido cauteloso ao esconder sua identidade. Sabendo de tudo isso, ela estava focada em descobrir o nome da moça para quem ele enviara a mensagem e as flores. Isso já seria suficiente para iniciar uma busca.

Conforme acontecera na casa de Jayce, o Outlook listou mais de seiscentas mensagens em sua caixa de entrada; mesmo número que podia encontrar em sua pasta de “Enviadas”. Suspirando, cansada, levantou-se e foi até a cozinha para preparar um pouco de café, pois a noite seria longa.

PERIGOSAS ACHERON

Na verdade, por via das dúvidas, ela serviu-se de uma enorme garrafa térmica, levando-a consigo para o quarto, onde começou a trabalhar.

Releu as poesias uma por uma, por horas, tentando se lembrar de cada uma das histórias que as originaram, prestando atenção em seus contextos, deixando a mente interpretá-las como se fosse outra pessoa, como se estivesse dentro de outra mente. Uma mente perturbada por um amor não correspondido.

Já passava das quatro da manhã quando Tatianna entrou no quarto da prima e se deparou com ela adormecida, com o corpo sobre a mesa e a cabeça escondida nos braços. Era óbvio que estivera empenhada em alguma missão importante, o que aguçou sua curiosidade em saber o que poderia ser.

— Cailey... — com a voz baixa e cheia de

delicadeza, Tatianna chamou, encostando delicadamente sua mão no ombro da outra, fazendo com que ela despertasse. — Querida, vá para cama... está dormindo em pé.

Desorientada, sacudindo a cabeça para espantar o sono e esfregando os olhos, Cailey levantou-se, acordando de supetão.

— Não! Não posso me deitar! Preciso encontrar... — ela não falava coisa com coisa... Também, mesmo que estivesse completamente consciente não saberia o que dizer a Tatianna naquele momento.

— Encontrar o quê, Cailey? — insistiu ela.

Sem saber o que dizer, Cailey, sem querer, encostou no mouse de seu computador, movimentando-o, fazendo com que saísse do protetor de tela e voltasse ao Outlook. E, com os olhos ainda embaçados do sono, testemunhou um

PERIGOSAS ACHERON

milagre. O cursor estava exatamente em cima de um e-mail que parecia muito promissor, de alguém que ela, inclusive, se lembrava.

Com uma animação repentina, Cailey abriu a mensagem e a leu. Tratava-se da história de um rapaz, apaixonado por uma amiga, que simplesmente parecia não amá-lo da mesma forma. Mais do que isso, ele havia se declarado, e a moça simplesmente dissera que não o queria. Ainda assim ele arriscara uma última tentativa, decidindo lhe mandar flores. Entretanto, não pedira nenhuma mensagem para a destinatária, mas Cailey se recordava perfeitamente que sentira uma inspiração muito forte vinda daquele relato; como se uma ligação poderosa a incitasse a escrever algo que afastasse aquele homem da menina que dizia amar. Alguma força espiritual dissera para Cailey que a moça jamais lhe amaria.

Apesar de estar ciente de toda a história, Cailey se perguntava como tinha conseguido se esquecer de algo tão sério...

Com medo das palavras que ela mesmo tinha escrito, Cailey baixou o arquivo da poesia que escrevera para ele, pronta para avaliá-la com outros olhos.

*“Toda alma espera
Pelo doce fascínio desconhecido
Mas a alma também se conforma
Quando o amor não correspondido
Torna-se pó.*

*Toda alma chora
E cria rios de sangue e lágrimas*

*Toda alma também compreende
E aprende a sorrir, vira as páginas
Da história que não aconteceu*

*Toda alma perece
Apenas deixa o amor morrer
Pois o que o corpo não exorciza
A mente jamais deixa esquecer
E tudo que resta se eterniza
Quando a mente aprende a sobreviver.”*

Quando Cailey terminou a leitura, estava praticamente sem ar. Se não tivesse recebido uma poesia ameaçadora como resposta, poderia ler tal mensagem como qualquer outra, como um simples incentivo para que o rapaz seguisse em frente. Porém, lendo seu texto de outra forma, Cailey

conseguia entender perfeitamente como ele o interpretara. Era como se estivesse realmente incentivando sua libertação daquele romance não correspondido, dizendo que *o amor teria que morrer*. Claro que se tratava de uma metáfora caracterizando uma morte como uma transformação. O que ela afirmava era que o *sentimento* deveria terminar, desaparecer. Todavía, apesar de suas boas intenções, fora ela realmente a causadora da morte daquela pobre moça. E por mais que não tivesse culpa, sentia-se um monstro.

— Cailey, pelo amor de Deus, o que está acontecendo? — Cailey tinha até mesmo esquecido que Tatianna estava ali. Sua prima, por sua vez, angustiada, sem entender as estranhas reações de Cailey, perguntou, quase sufocada pelo silêncio.

— Por favor, Tatty, não faça perguntas...

— Ah, não me venha com essa! Está com

problemas de novo, não está? É com algum homem? Alguém te machucou? — preocupou-se.

— Por que vocês sempre acham que meus problemas têm a ver com sexo? Será que eu sou assim tão promiscua que é só isso que me abala? — a tensão presa no coração de Cailey a fez explodir.

— Cailey, me desculpe... eu...

— Sim, Tatianna, eu estou com um problema. Um baita problema! — Cailey a interrompeu. — Mas desta vez não vou correr para você ou para Faith para resolver. Vou encarar sozinha!

E saiu do quarto, batendo a porta, deixando a prima sem saber o que fazer.

Cailey refugiou-se no quarto de Lolla, pois sabia que ali seria o único local onde encontraria serenidade em meio ao caos que estava se instalando em sua vida. Outra vez.

Segurando a terrível poesia que recebera nas mãos, ela sentou-se na cama da avó e começou a orar, pedindo proteção e uma luz que a fizesse acreditar que se tratava de um mal entendido, que a mensagem não tinha nada a ver com a solução macabra que criara em sua mente. Ela queria simplesmente crer que tudo ficaria bem, que, no final das contas, Jayce investigaria o caso e que acabariam rindo, um dia, da paranoia dela.

Jayce...

A imagem de Jayce preencheu seus pensamentos como uma fonte de esperança. Não que estivesse disposta a depender de sua proteção ou de seu trabalho como policial. Não queria ser

PERIGOSAS NACIONAIS

uma observadora passiva daquela história; queria ajudar. Mas saber que podia contar com seu apoio e sua amizade já lhe proporcionava uma segurança... uma paz... a tal paz que ela sempre desejara.

Mas ao mesmo tempo isso a inquietava. Seus sentimentos por ele ainda eram um buraco negro em seu coração. Seria mais fácil simplesmente odiá-lo ou sentir raiva pelo que fizera com Faith e não abrir espaço para perdão. Seria mais simples deixar tudo como estava, aceitar sua ajuda para desvendar o que aquele poeta queria, mas deixá-lo partir da mesma forma como aparecera: de repente, sem explicações, sem mágoas. Antes que ele pudesse entrar em sua vida de uma forma mais definitiva; como um amigo... ou algo mais.

Contudo, algo em seu interior gritava que já era tarde demais para fugir, mesmo que fosse de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma amizade. Já pensava nele, não como o homem violento e gigantesco que partira o coração de sua irmã, mas como o homem gentil e respeitador que lhe oferecera abrigo quando estivera em uma situação difícil, que lhe carregara, que não hesitara em lhe ajudar quando fora buscar conforto e conselhos. Jayce era um bom amigo... e talvez ela conseguisse resistir ao magnetismo que ele lhe provocava, fazendo com que não tudo não chegasse mais longe que aquilo.

Confusa e ainda assustada, deitou-se no colchão, que impressionantemente ainda guardava o cheiro de Lolla, e encolheu-se em posição fetal. Demorou apenas alguns minutos para adormecer... um sono inquieto, mas com uma pequena ponta de esperança...

PERIGOSAS ACHERON

Jayce odiava passar o dia inteiro enclausurado dentro da delegacia, mas era um mal necessário. Tinha nas mãos alguns documentos que poderiam ser importantes na solução do caso do assassinato de Jodie Bridges, como sua conta de telefone e sua fatura do cartão de crédito.

Por se tratar de uma mulher jovem, ambas as contas eram altas, mas não havia gastos muito fúteis. Algumas contas de barzinhos, compra de roupas e acessórios, gasolina e... finalmente algo que lhe chamou a atenção: uma viagem marcada, para o mês seguinte, com destino ao Brasil.

Com essa informação, Jayce telefonou para a casa dos Bridges e perguntou à mãe da jovem, que atendera ao telefone, se ela sabia o que sua filha pretendia fazer no Brasil. Porém, até onde aquela mãe desnaturada sabia, Jodie jamais mencionara qualquer viagem, e Brasil não era um

local que ela desejasse visitar; pelo menos era o que a mulher pensava. Mas o fato era que ela não podia argumentar contra um documento.

Respirando fundo, tentando se conter diante da ignorância de uma mãe sobre o comportamento de sua própria filha, Jayce apoiou os cotovelos sobre a mesa e colocou as mãos na cabeça. Queria absorver primeiro aquele obstáculo para só então tentar ultrapassá-lo. Porém, nem teve tempo de pensar em mais nada, pois Steve o chamou, aparecendo em sua sala subitamente.

— Jayce, ligação para você... — avisou ele.

— Não posso atender agora, irmão, estou com algumas boas informações do caso de Jodie, e...

— É Cailey... parece urgente!

Aquilo foi suficiente para que o mundo de

Jayce parasse ao seu redor. Ele sabia que a ligação de Cailey tinha algo a ver com sua pesquisa nos e-mails da floricultura... Ela, com certeza, já teria alguma informação sobre a poesia que tanto a assustara.

Sendo assim, ele não disse mais nada, apenas levantou-se de sua cadeira e foi atender à ligação na sala de Steve.

— Cailey... — assim que pisou na sala de seu parceiro, pegou o telefone nas mãos e falou com ela, quase ansiando em ouvir sua voz.

— Desculpe ter telefonado para Steve, mas não tinha o número de sua casa nem seu celular. — *Droga!* Ele não tinha pensado nisso! Ficava tão idiota perto dela que conseguia esquecer das coisas mais simples.

— Não tem problema. Aconteceu alguma coisa?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que encontrei... — ela não precisava dizer mais nada. Ele já sabia o que ela queria dizer, e não podia perder tempo.

— Estou indo para aí! — sem nem hesitar, ele desligou o telefone e partiu para a casa de Lolla.

Assim que chegou e Cailey abriu a porta, reparou que ela não estava nada bem. Havia olheiras sob seus olhos e seu rosto estava abatido.

— Pelo que vejo você não dormiu nada — foi exatamente esta a frase que iniciou a conversa. Ele jurava que poderia ter dito qualquer coisa para fazê-la se sentir melhor, mas ela parecia tão exausta que o deixou preocupado.

— Não tive tempo. — respondeu abrindo a porta um pouco mais, o suficiente para deixá-lo passar. — Entre, por favor... vou te mostrar o e-mail que encontrei.

PERIGOSAS ACHERON

Ela o conduziu para seu quarto, convidando-o a entrar e o guiando até a escrivaninha. O computador ainda estava ligado, apenas parado no descanso de tela. Cailey, portanto, mexeu no mouse e fez com que retornasse à imagem do Outlook. Percebendo que ela abria espaço para que ele se sentasse em sua cadeira, Jayce colocou-se de frente para o computador, leu todo o texto e analisou a história desde o princípio.

— Não sei se não sou bom em interpretação, mas não há nada aqui que me faça pensar que se trata de um incentivo para um assassinato. — falou, assim que terminou de ler.

— Não para pessoas de boa índole como nós, mas algo me diz que esse cara é louco. Dá uma olhada no final da poesia que eu escrevi... — Cailey apontou para a última estrofe do verso “*Apenas deixe o amor morrer*”. — Se ele já tinha a

ideia na cabeça, deve ter entendido essa frase da maneira que quis.

— Olhando por esse lado, pode ter algum sentido. — respondeu Jayce, olhando novamente para a tela, tentando encontrar mais algum detalhe relevante. E foi só então que reparou em algo muito importante.

O poeta que assustara Cailey mencionou o nome da mulher que era o alvo de sua obsessão; a jovem para quem ele enviara as flores. Aquele nome explicava muita coisa e lhe dava uma prévia de com que tipo de pessoa estavam lidando. E, sem dúvida, modificava a urgência de sua investigação amadora. Tratava-se de algo muito mais sério do que imaginavam.

— Cailey, foi para essa moça que vocês enviaram o buquê e a mensagem? — Jayce preferiu perguntar para não restar nenhuma dúvida,

enquanto apontava para o nome mencionado no e-mail.

— Foi.

— Então ela foi realmente assassinada. —
pausa. — Jodie Bridges? Estou cuidando do caso...

Capítulo Cinco

— O quê? Você tem certeza?

Aquela foi uma pergunta estúpida, proferida em um momento de desespero. Claro que Jayce tinha certeza; claro que ele não brincaria com algo tão sério. Ela não o conhecia há muito tempo, mas não era difícil julgar sua índole.

— Infelizmente, tenho. Seu corpo foi encontrado em um galpão dias atrás. Ela foi sequestrada e morta depois de algum tempo. — ele preferiu ocultar alguns detalhes para não deixá-la ainda mais nervosa. Além disso, falou com calma, sabendo que a notícia iria abalá-la.

— Meu Deus! — com as mãos na cabeça, desorientada, Cailey sentou-se em sua cama, antes que suas pernas trêmulas não conseguissem mais

PERIGOSAS ACHERON

sustentá-la. — Eu ainda tinha esperança de descobrir que tudo não passava de uma brincadeira de mau gosto... Mas, não. Estou realmente ligada a isso! — ela estava desesperada. Não se sentia preparada para tal provação e mais uma vez subestimava sua própria capacidade de lidar com uma dificuldade. Jayce imaginava que ela fazia aquilo constantemente.

Tempos difíceis estavam por vir para ela. Claro que ele não tinha nenhum poder premonitório como Faith ou Lolla DeWitt, mas conseguia cheirar encrenca como ninguém, pois ele vivia aquilo todos os dias. Assassinatos faziam parte de sua vida, eram como uma maldição que ele tinha que suportar, como uma doença com a qual ele tinha que conviver. Não adiantava tentar buscar uma cura, pois não existia. Mesmo que conseguisse se livrar da escuridão, ela já estava entranhada em sua

pele, em cheiros, em palavras, em memórias. Ele apenas não desejava que o mesmo mal afetasse alguém como Cailey, que apesar de ter sido maculada por essa violência que ele conhecia tão bem, ainda guardava um pouco de pureza na alma. Uma pureza que poderia ser facilmente corrompida, se caísse nas mãos da pessoa errada. Um assassino, por exemplo.

Ela estava de cabeça baixa, completamente derrotada, sem nem ter ainda começado a lutar. Jayce sabia que havia uma guerreira ali, em algum lugar... Sabia disso porque ela sobrevivera a um estupro sem maiores traumas; mas não confiava na própria força. E ele não podia suportar vê-la se entregando, pois ela fizera o mesmo por ele... Resgatara-o do vazio. Pensando nisso, colocou a mão em seu queixo, levantando-o na direção de seu rosto. Nenhuma lágrima caía de seus olhos, mas ela

estava inconformada, sem dúvida. Assustada, com certeza. Mas, ao contrário do que ele havia imaginado, ela não estava pensando em se entregar. E foi isso que fez com que ele a puxasse para si delicadamente e a abraçasse, transmitindo-lhe toda segurança; a única coisa que podia oferecer naquele momento.

— Queria poder tirar o peso de suas costas... Te ajudar como fez comigo. Diga se eu posso fazer alguma coisa para aliviar seus pensamentos. Seja lá o que for... — lá estava mais uma promessa. E aquela soava tentadora demais. Ela poderia lhe pedir o que quisesse, mas só havia uma coisa em sua cabeça:

— Prometa que vai pegar esse cara! Não importa quando, não importa onde... apenas prometa! — ela suplicou, com imensa raiva na voz.

— Eu prometo, Cailey. Esse é meu mais

PERIGOSAS ACHERON

novo objetivo.

Naquele mesmo entardecer, assim que saiu da casa de Cailey, deixando-a um pouco menos desesperada, Jayce foi à delegacia, levando consigo as mensagens, tanto a que ela recebera quanto a que enviara há quase um mês. Assim que entrou em sua sala, contou a Steve todas as novas informações sobre o caso Jodie Bridges e a ligação de Cailey ao possível assassino da moça. Steve ouviu tudo com atenção, e algo dentro dele o fez acreditar que não se tratava apenas de uma coincidência: era destino.

Eles sequer esperaram; foram direto para a casa dos Bridges, com a intenção de conversar com os criados. Já que os pais não sabiam o que se

passava na vida da filha, alguém deveria ser capaz de ajudar. E, por sorte, havia uma pessoa disposta a isso.

Era fácil perceber que uma jovem criada, da exata faixa etária de Jodie, chorava compulsivamente. Pelo menos foi o que Jayce percebeu. Claro que poderia ser por qualquer outro motivo, mas ele preferia pagar para ver.

Seu nome era Felicia Wills, e aceitou ser interrogada, afirmando querer ajudar em tudo que fosse possível.

— Eu cresci com ela. — começou seu relato emocionado, sentada em uma confortável poltrona no escritório do Sr. Bridges. — Minha mãe já trabalhava aqui quando eu nasci, servindo aos pais de Jodie, e ficou grávida quase na mesma época que a Sra. Bridges. Jodie foi minha primeira amiga. Ela nunca teve preconceito por eu ser a filha de

PERIGOSAS ACHERON

uma criada, nem mesmo quando eu também passei a servir nesta casa.

— Já que eram amigas, Srta. Wills, trocavam confidências? — Steve perguntou.

— Sempre.

— Então deve saber de sua viagem ao Brasil... — Steve instigou.

— Brasil? — a expressão facial de Felicia tornou-se completamente surpresa. — Não... eu não sabia que Jodie ia viajar. Quem falou sobre essa viagem?

— Temos a fatura de seu cartão de crédito. Ela comprou uma passagem, somente de ida, para o Brasil. Estava marcada para daqui a dois meses. — explicou Jayce.

— Não estou sabendo de nada disso... e é estranho, porque ela sempre me contou tudo.

PERIGOSAS ACHERON

Principalmente sobre viagens. — Felicia estava realmente confusa. Então, Jayce tentou outra abordagem:

— Srta. Willis, também descobrimos que Jodie recebeu flores alguns dias antes de ser sequestrada. A senhorita sabe alguma coisa sobre isso?

— Sim, sei. Quando ela recebeu aquele lindo buquê, achei que tivesse um novo namorado, mas, não. A verdade é que ela reagiu como se não tivesse gostado do presente. — ela fez uma pausa. — Acham que pode ter algo a ver com a morte dela?

— Talvez. — Steve não quis dar muitas informações, que ainda eram confidenciais. Sendo assim, prosseguiu com as perguntas. — O buquê foi o primeiro presente que ela recebeu?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Tinha um rapaz que lhe enviava sempre alguma coisa, principalmente poesias. No início, Jodie achava tudo aquilo muito romântico, mesmo que não parecesse interessada nele, mas, depois, toda vez que lia o que recebia, parecia preocupada e nervosa.

— Ela guardou alguma dessas cartas?

— Acho que deve ter pelo menos uma no quarto dela. Podem me acompanhar?

Tanto Steve quanto Jayce seguiram a mulher até o quarto de Jodie. Ao chegar lá, Felicia logo começou a vasculhar cada parte do ambiente em busca das poesias.

— Ela não chegou a comentar o nome desse homem com você? — enquanto a criada procurava o que eles queriam, Jayce continuava com as perguntas.

PERIGOSAS ACHERON

— Não. Ela realmente parecia ter medo de alguma coisa, e acabou se fechando nesse assunto. Não imaginei que pudesse ser perigoso. — falou com pesar. Porém, depois de procurar por alguns minutos, finalmente achou vários envelopes dentro de uma gaveta, todos eles presos por um elástico. — Aqui! Acho que encontrei!

Felicia entregou todos os envelopes para Jayce, que os verificou e constatou que ali estavam exatamente as mensagens vindas do assassino do Jodie; inclusive a letra era a mesma da carta enviada para Cailey. Porém, apesar de estar satisfeito por ter aquelas evidências nas mãos, não havia nenhum nome de remetente para que pudessem descobrir quem era o misterioso poeta mórbido.

— Srta. Wills, vamos levar estas cartas, tudo bem? — Steve avisou, e Felicia concordou,

sabendo que aquilo poderia ajudar.

Com aquelas evidências nas mãos, eles saíram da casa.

Para Jayce, eram mais do que apenas evidências; ele tinha esperança nas mãos. Esperança para Cailey. Se necessário fosse, ele viraria noites e noites em busca de qualquer pista escondida naquelas entrelinhas.

Ele ficava particularmente horrorizado com a facilidade com que um louco poderia falar de amor e sem nenhum remorso tirar a vida de quem dizia amar.

Amor... Aquilo não era amor. Nem perto disso. Ele conhecia aquele sentimento; conhecia a plena felicidade que se sentia quando se via a pessoa amada sorrir, quando sabia que ela estava feliz. E sabia o quanto doía ver a morte levar seu

coração, parti-lo em mil pedaços. Então, aquilo não podia ser chamado de amor. O “Poeta Sombrio”, nome que Jayce escolhera naquele exato momento para denominar o assassino, era apenas um louco... mais um naquele mundo podre, que tentava justificar sua falha de caráter culpando o amor.

Mas Jayce sabia que o amor não tinha nada a ver com maldade nem com dor. Ele o sentira uma vez, e esperava ter a sorte de senti-lo novamente.

O dia seguinte amanheceu agitado na floricultura, com vários pedidos de clientes. Por mais que tentasse não associar uma coisa à outra, o que costumava ser um trabalho prazeroso para Cailey tornou-se assustador. Sempre gostara de ler

as histórias das pessoas, conhecer seus desejos e compartilhar de alguns segredos inocentes; porém, já não conseguia focar em seu trabalho com tanta facilidade. Não que lhe faltasse inspiração, mas sentia medo de que aquele assassino estivesse à espreita, em uma nova tentativa, pronto para interpretar sua poesia com sua mente perturbada.

Mas isso não era o pior. O mais terrível era pensar que estava conectada a ele, de alguma forma. Assim como ela, ele também tinha um dom; algo que praticamente os tornava opostos. E não era só isso; Cailey podia jurar que ele não era um poeta comum... ele também usava suas palavras de forma sobrenatural. Mas ela não saberia explicar como sabia. Apenas sentia.

Naquele instante estava distraída, travando uma batalha contra si mesma para poder realizar seu trabalho, quando olhou para o lado de fora da

floricultura e viu um rosto familiar. Era um homem bonito, loiro, de cabelos cacheados na altura dos ombros, com uma estrutura de corpo muito atraente. Cailey sabia que o conhecia, mas não se lembrava de onde. Ele parecia um pouco perdido, consultando um papel e observando todos os números das casas ao redor. Quando entrou na floricultura e virou o rosto na sua direção, ela o reconheceu instantaneamente e correu para ele.

— Lenny! — ela exclamou contente e se jogou em seus braços, sendo levantada do chão em um abraço afetuoso.

— Olá, gatinha! Não sabe como senti falta de você. — Lenny colocou Cailey no chão, e ela o conduziu até o coreto para apresentá-lo a Faith.

— Faith, este é Lenny Grant, um grande amigo da faculdade. Lenny, esta é minha irmã, Faith. — ela fez as devidas apresentações, e eles

apertaram as mãos.

— Ah, então você é a moça das flores? — perguntou ele, parecendo bastante entusiasmado.

— Sim, acho que posso ser chamada assim.
— respondeu divertida, contagiada pela alegria daquele simpático rapaz.

— Isso quer dizer que estou com as duas pessoas certas! — ele pegou sua carteira e tirou dois cartões de visitas de lá, entregando um para cada uma delas.

— Então quer dizer que se formou mesmo em jornalismo? — Cailey leu o cartão e concluiu. Quando entrou na faculdade de Letras, que acabou não terminando, Lenny já estava muito adiantado em seu curso, e depois que ela desistiu dos estudos acabaram perdendo o contato.

— Claro que eu terminei. Sabe que fofocas

são a minha vida! — gargalhou de uma forma gostosa e brincalhona, demonstrando que usara de sarcasmo naquela frase. — Brincadeiras à parte, o importante é que estou trabalhando para uma revista feminina chamada Fissure. Faço reportagens para uma coluna que entrevista mulheres que dirigem negócios lucrativos sozinhas. — explicou.

— Que legal, Lenny! Mas como soube de nós? — Cailey perguntou, sorridente. Lembrava que Faith já possuía a floricultura na época de sua faculdade, mas ela ainda não era tão lucrativa ao ponto de merecer uma matéria em uma revista.

— Bem, uma das repórteres recebeu um e-mail com a indicação de um cliente de vocês. Quando li o sobrenome DeWitt, associei a você, Cailey, então fiz questão de fazer essa matéria pessoalmente.

— Puxa, que coisa boa. Não acha, Faith?

Vai ser uma ótima forma de divulgarmos a floricultura.

— Claro! O que precisamos fazer?

— Minha ideia é começarmos uma conversa descontraída e informal, onde vocês me contam a história da floricultura, como ela começou, casos engraçados, as maiores dificuldades e tudo que acharem mais relevante. Enquanto falam, eu estarei gravando para poder transformar o seu relato em matéria. E, claro, farei algumas anotações. — a explicação foi sucinta, mas suficiente para que elas concordassem.

Ele, então, ligou o pequeno gravador que trazia na mochila, pegou um bloco de notas e uma caneta, e todos se sentaram em um banco do jardim, começando a conversar. Faith era mais tímida do que Cailey, mas sabia tudo sobre aquela estufa, desde as primeiras flores plantadas até o

PERIGOSAS NACIONAIS

primeiro cliente. Falar de seu jardim era muito simples, afinal, era tudo que ela sabia fazer e uma das coisas que mais amava. Contou sobre seu dom especial, sobre a cumplicidade que tinha com suas plantas e explicou o significado de algumas delas, de uma maneira muito breve. Mencionou o lindo projeto de Rowan, mas não deixou de tocar no nome de Henry, que lhe presenteara com sua primeira floricultura. Por mais que sentisse muito ódio dele, não seria justo.

Depois foi a vez de Cailey. Ela também tinha apenas coisas maravilhosas para falar sobre a floricultura da irmã, que era um pouco sua também. Contou como suas poesias se tornaram parte de todas as encomendas e explicou um pouco de seu dom, sem se aprofundar muito, afinal, nem ela mesma sabia como ele funcionava exatamente. Por fim, forneceu a Lenny duas de suas mensagens, de

PERIGOSAS ACHERON

diferentes temas, para que ele apresentasse na matéria.

Ele ouvia tudo encantado. Era possível sentir o amor emanando naquele relato; ambas as irmãs adoravam o que faziam, acreditavam em seus dons e os utilizavam para o bem, para ajudar pessoas e levar felicidade àqueles que amavam. Sabia que prepararia uma matéria incrível para a revista.

— E então, Lenny? Tudo pronto? — questionou Cailey, que parecia muito entusiasmada.

— Bem, faltam as fotos, mas imagino que prefiram estar preparadas para isso.

— É verdade! Eu confesso que não sou muito fotogênica, mas podemos marcar um dia. — Faith falou.

— Não seja boba, vocês são lindas, garanto

que ficarão maravilhosas! — ele fez uma pausa. — Podemos marcar para amanhã?

— Por mim tudo bem! — Cailey foi a primeira a se manifestar, e Faith acabou concordando também.

Contudo, no coração da mais velha, um estranho pressentimento começava a se formar. Porém, preferiu não comentar nada, pois sequer sabia se tinha algo a ver com a entrevista, mas tinha a ver com Cailey. Especialmente porque, naquele momento, ao pensar nela, enxergava Urzes Brancas, que significavam *obsessão*. O que não era nada, nada bom.

O entusiasmo de Cailey não poderia ser medido. E levando em consideração que estivera

completamente assustada com a história da poesia e do assassinato de Jodie Bridges, sentia-se aliviada. De alguma forma, tudo que conseguia pensar era que proporcionaria alguma alegria à Faith, que a floricultura Jardins e Sentimentos seria finalmente apresentada ao mundo por intermédio dela, mesmo que indiretamente. E, percebendo sua alegria, Tatianna a ouvia com atenção, por mais que, exatamente como uma criança, ela estivesse repetindo o mesmo relato pela terceira vez, apenas com outras palavras.

Foi interrompida pela campainha, que tocava. Tatianna se prontificou a se levantar para atender, mas a prima se mostrou assustada, colocando a mão em seu braço, fazendo com que esperasse um pouco.

— O que foi, Cailey? Tenho que atender à porta... — reclamou Tatianna, não entendendo

aquela hesitação.

— Tenha cuidado, não deixe de verificar no olho mágico!

— É claro! Eu sempre verifico! — Tatianna finalmente se levantou, uma vez que Cailey tinha soltado seu braço, e foi ver quem era. — Cailey, é pra você! — Tatianna anunciou minutos depois, e Cailey sentiu todos os músculos de seu corpo retesarem de medo. Era uma tolice pensar que a visita poderia ser o homem que a atormentara com aquela mensagem, mas não queria duvidar nem descuidar-se. Entretanto, conforme se levantava para ir até a porta, Tatianna aproximou-se dela, sussurrando: — O que ele está fazendo aqui?

Ela não fazia ideia de quem poderia ser *ele*, mas logo a figura enorme de Jayce apareceu na sua frente, com as mãos nas costas, em uma postura quase militar, parecendo sério e compenetrado.

— Olá, Cailey! Precisamos conversar... — ele foi sucinto, e ela logo imaginou que se tratava do caso que estava investigando. Sabia que ele tinha decidido ser discreto por estarem na presença de Tatianna, que ele mal conhecia.

— Vou deixar vocês a sós. — a prima falou, olhando para Cailey de uma forma desconfiada, como se dissesse que precisavam conversar assim que ele fosse embora, saindo da sala e os deixando a sós.

Os dois observaram Tatianna subir as escadas da casa e a ouviram fechar a porta de seu quarto.

— Pode falar, Jayce! — Cailey cruzou os braços na altura do peito, olhando para ele com toda sua atenção.

— Consegui algumas poesias que Jodie recebeu de seu assassino antes de morrer. Gostaria

PERIGOSAS ACHERON

que desse uma olhada nelas comigo. — enquanto falava, Jayce ia tirando alguns papéis de dentro do bolso da jaqueta, mas Cailey o impediu, colocando a mão em seu braço.

— Sim, mas não aqui. — pediu. — Não quero que Tatianna saiba de nada dessa história. Quero manter minha irmã e minha prima fora dessa, combinado?

— Entendo.

— O que significa que temos um segredo, Jayce... só tenho você com quem contar...

Jayce podia jurar que sentiu todo seu corpo se derreter com aquela simples frase. Ela estava entregando uma parte de si a ele; entregando-lhe sua confiança. Era um prêmio valioso, que ele não estava disposto a trair.

— Pode confiar em mim, Cailey. Não

pretendo te desapontar. — afirmou com delicadeza.

— É estranho dizer isso, mas eu confio em você. De alguma forma, *realmente* confio.

— Que bom. — sensibilizado por aquela breve conversa, Jayce sorriu. Mas logo acrescentou, antes que ela acabasse se esquivando novamente: — Já que não quer ficar aqui, se importa se formos para minha casa?

— Tudo bem. Só preciso avisar minha prima.

Sem dizer mais nada, Cailey afastou-se de Jayce, indo em direção ao quarto de Tatianna para lhe avisar que sairia com ele.

Jayce ficou sozinho por apenas alguns momentos, e Cailey logo retornou, trazendo um leve casaquinho para vestir sobre seu vestido. Ele, prontamente, se prontificou a ajudá-la a vesti-lo, e

então saíram.

Durante o início do percurso, Cailey estava silenciosa. Estar tão perto de Jayce era como perder o controle sobre si mesma. Era como descobrir um jardim escondido atrás de uma porta de ferro, pois ao mesmo tempo que hesitava em entrar, por não saber o que encontraria lá dentro, tinha curiosidade e vontade de se arriscar, tendo a certeza que a recompensa seria encantadora.

Bem, talvez ela estivesse convivendo demais com Faith e vendo flores onde havia apenas espinhos... Porque ela simplesmente aprendera a acreditar que o amor era perigoso, venenoso, que sempre poderia ferir, cravar uma adaga no coração mais vulnerável. E ela não queria sofrer. Não mais do que já tinha sofrido.

— Você está bem, Cailey? — perguntou Jayce, quebrando o silêncio. Sua voz, tão gentil,

afastou momentaneamente todos os pensamentos negativos que atormentavam a cabeça de Cailey.

— Estou com um pouco de medo. Algo me diz que esse cara não vai parar por aí.

Jayce pensava a mesma coisa. Conseguia farejar um caso complicado de longe e sabia que o tal poeta tinha apenas começado sua brincadeira; que com certeza não deixaria Cailey em paz tão cedo. E, percebendo que seu silêncio a deixava ainda mais preocupada, pousou sua mão sobre a dela, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Demoraram apenas mais dez minutos para chegarem à casa de Jayce e, assim que entraram, Cailey já conseguiu visualizar uma grande mudança naquele ambiente. Tudo parecia mais limpo, mais organizado, e quando ele abriu a geladeira para lhe oferecer uma bebida, ela viu que estava cheia. Era um grande avanço desde a última

vez. E, mesmo involuntariamente, passou por sua cabeça que era responsável por aquilo, que seu poder permitira que Jayce se recuperasse e superasse sua profunda depressão. Ao se deparar com pensamentos como aquele, Cailey compreendeu o quanto a vida era capaz de mostrar luz e escuridão ao mesmo tempo. Da mesma forma que amaldiçoara seu poder por estar sendo responsável por ter causado a morte de uma pessoa, festejava o fato de seu dom também fazer o bem.

Jayce abriu duas latas de refrigerante e levou-as para a mesa de jantar, onde Cailey se acomodou e observou enquanto ele retirava todos os envelopes do bolso e os colocava na frente dela.

— Já li todas essas poesias mais de uma vez e não consegui extrair nada de nenhuma delas. Por isso preciso de sua ajuda.

Cailey pegou os papéis das mãos dele e

PERIGOSAS NACIONAIS

começou a mergulhar na loucura daquelas palavras, tentando se concentrar, interpretando seus devaneios de forma mais obscura e literal. Precisava buscar a verdade escondida por trás de suas juras de amor, mas não conseguiu ler nada além do que tinha diante de seus olhos. Ela sabia que todas as vezes que ele afirmava amar Jodie Bridges, ele dizia a verdade, embora sua forma de se dedicar ao sentimento fosse completamente contraditória. Ela *sabia* disso. Sabia como se fosse íntima dele; como se possuísem uma conexão inquebrável. Mas preferiu não comentar com Jayce.

— Realmente não há nada aqui. Nada que seja relevante para a investigação. Pelo menos eu acho... — afirmou desapontada.

— Tem mais uma. Deixei essa para o final, porque algo me diz que foi a última que ele enviou a ela, antes de decidir matá-la. — Jayce desdobrou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o papel, no que pareceu uma eternidade para Cailey. Assim que ele terminou, ela arrancou-o de suas mãos, literalmente.

E, daquela vez, exatamente como ela imaginava que aconteceria, seu estômago se revirou e sua pele foi tomada por arrepios, sem nem mesmo começar a ler o texto. Já sabia que ali não encontraria mais uma poesia de amor; encontraria uma sentença de morte.

*“Os corvos anunciam a dor
Que sangra neste espírito
Que lamenta a indiferença
E que decide a punição*

*Não há como voltar atrás
O labirinto já se formou*

PERIGOSAS ACHERON

Em breve você será apenas uma lembrança

E eu te condeno

Por não enxergar a luz

Que brotava clara na escuridão;

O amor que lhe foi oferecido

Tornou-se ódio em meu coração.”

Quando seus olhos pousaram na última palavra da poesia, seu coração começou a bater descompassado. Suas mãos, que ainda seguravam o papel, queimavam, como se ela as tivesse colocado em uma fogueira. Uma fogueira de medo e desespero. Da mesma forma súbita e indesejada como veio a escuridão, ela deu lugar a uma cena desordenada e arrebatadora.

Cailey era expectadora, como se jogasse um

jogo em primeira pessoa, vendo-se em uma sala onde a foto de uma linda moça destacava-se em uma prateleira, com todos os outros objetos desfocados. Além disso, sentia reações violentas apoderando-se de seu ser, como se fosse outra pessoa vestindo seu corpo, como numa possessão demoníaca. Era a telespectadora de outra vida.

Quando voltou a si, estava ainda na casa de Jayce, caída no chão. A cadeira onde estivera sentada, segundos antes, estava tombada no piso de tábua corrida, e Jayce, com uma expressão apavorada no rosto, estava ajoelhado no chão, amparando-a.

— Cailey! O que houve? — ele ainda a amparava, e ela podia ler em seus olhos o quanto estava assustado com a reação dela. Queria responder, para tranquilizá-lo, mas não conseguia falar. Havia um turbilhão de sentimentos

fervilhando em sua mente; sentimentos cruéis que não lhe pertenciam, mas que a sufocavam.

Portanto, desvencilhando-se dos braços de Jayce, ela levantou-se da cadeira, correu para o banheiro, e vomitou dentro do vaso sanitário. Colocou para fora toda aquela maldade, despejou o ódio que sentira da moça do retrato, livrando sua alma daquela escuridão profunda e impenetrável.

Em seu desespero, nem percebeu que Jayce estava atrás de si quando se jogou sentada no chão. Apenas sentiu seus braços puxarem-na para si e a apertarem bem forte, enquanto ela chorava como uma menina.

Jayce ficou embalando Cailey por um tempo, em silêncio. Não sabia o que deveria dizer e, menos ainda, como reagir ao que acabara de acontecer. Em um momento ela estava lendo a poesia com avidez, ansiosa para encontrar alguma

pista, no outro instante, estava desacordada, desabando no chão de sua casa, murmurando coisas que ele não conseguira ouvir. Não fazia ideia se aquilo tinha a ver com a poesia que lera, mas ele podia apostar que sim.

Apesar de se tratar de uma situação delicada, Jayce não podia negar que era bom tê-la em seus braços e poder confortá-la, mesmo sem saber o que estava acontecendo. Cailey estava trêmula, frágil e amedrontada, e não podendo mais suportar vê-la daquele jeito, sentiu necessidade de perguntar o que a afligia... ou ficaria louco.

— Cailey, por favor, me diga o que houve com você. — pediu, quase suplicante.

— Eu senti, Jayce! Todas as coisas que ele sentiu enquanto escrevia aquela poesia. Eu senti seu impulso assassino em mim. Nunca desejei tanto mal a alguém, e aquele ódio não era meu. — a voz

de Cailey estava embargada pelo choro, e ele simplesmente não conseguia compreender o que ela queria dizer.

— Você entrou na mente dele? — foi o que ele concluiu.

— Acho que sim. Terminei de ler a poesia e tive uma visão ou algo parecido. Mas é Faith que faz essas coisas, não eu.

— Talvez você tenha esse poder agora. — falou serenamente, mas não contava com a reação explosiva que ela teve, soltando-se de seus braços e levantando-se bruscamente.

— Mas eu não quero isso! — gritou, mas logo abrandou a voz, abaixando a cabeça, envergonhando-se de sua atitude covarde. — Não estou preparada!

— Você é bem mais forte do que imagina,

Cailey! — ele se levantou, ficando frente a frente com ela

Já de pé, Jayce pegou a mão de Cailey e a guiou até a sala, onde a fez se sentar no sofá.

— Sei que não deseja este dom para você, mas qualquer coisa que se lembrar dessa espécie de visão pode ser essencial. — ele disse com calma, como se falasse com uma criança.

— Eu... quer dizer... *ele*... — corrigiu-se, confusa. — ...estava escrevendo a poesia, e assim que terminou, cheio de ódio, quebrou um retrato com a foto de uma moça. Não consegui ver o rosto dele. Era como se fosse eu a fazer tudo isso, mas na verdade não era... — explicou, confusa.

— Consegue descrever a moça? — perguntou, interessado naquela informação.

— Ruiva, bonita, olhos verdes... parecia

bastante jovem...

— A descrição bate com as características físicas de Jodie Bridges. — Jayce divagou em voz alta, mas Cailey prosseguiu:

— Depois disso ele saiu do lugar onde estava, e eu simplesmente senti que sua intenção era ir ao correio postar a carta. Exatamente a carta que estava nas minhas mãos. — ela fez uma pausa. — Eu quase posso jurar que ele estava em uma biblioteca. Ele retirou o retrato de dentro de uma mochila e deixou em cima da mesa enquanto escrevia.

— Uma biblioteca? Você consegue dizer qual?
— Jayce se animou com aquele dado.

— Não... infelizmente, não. — Cailey se esforçou para se lembrar de mais alguma coisa, então, outra imagem surgiu em sua mente: — Havia um livro sobre a mesa! Acho que era Romeu
PERIGOSAS ACHERON

e Julieta!

— Faz sentido! O casal que morreu por amor.

— É, mas neste caso apenas a Julieta morreu. Talvez o Romeu seja covarde demais para um suicídio. — Cailey falou com desdém. — Queria poder ajudar, mas não lembro de mais nada.

— Já ajudou. Vou verificar. Não é muito comum ver um homem quebrando um porta-retrato em uma biblioteca.

— Isso, é claro, levando em consideração que o que eu vi *realmente* aconteceu. Posso estar enganada. Não sou muito experiente nessas coisas...

— Vamos acreditar, tudo bem? É o que temos por enquanto.

Estava nas mãos dela. Definitivamente. E por mais que não tivesse escolha, por mais que aquela

PERIGOSAS NACIONAIS

situação lhe tivesse sido imposta de forma inevitável, ela não se sentia pressionada; sentia que estava fazendo a coisa certa. Era tarde para salvar a vida da pobre Jodie, mas poderia vingar sua morte...

— Está ficando tarde... — Jayce falou, enquanto olhava em seu relógio de pulso. — Acho melhor levá-la para casa.

— Não! — ela exclamou em desespero. Não queria se afastar dele. Era uma coisa estúpida a se pensar, já que ele não era obrigado a mantê-la consigo como um fardo, mas ainda não estava preparada para se afastar de sua proteção. — Não quero ir para casa ainda. Tatianna já deve estar dormindo, e eu não quero ficar sozinha.

Era uma súplica, e ele não tinha coragem de negar-lhe nada, ainda mais algo que ele também desejava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, então, como o cavalheiro que sou, tenho que te levar para jantar. — ele brincou. — Eu não sei o que você gosta de comer, então, não vou arriscar. Vou deixar nas suas mãos.

— Eu estou mesmo com fome. — riu — Mas veja bem, nada de me levar para um restaurante caro e chique.

— Ah, não? — ele sorriu. Era impressionante a rapidez com que tinha se recuperado do choque, dos momentos desagradáveis de poucos minutos atrás, pois já estava ali, sorridente, desesperadoramente linda.

— Não! Quero comida de verdade, gordurosa e bem salgada! — falou com autoridade, e Jayce fingiu suspirar.

— A mulher dos meus sonhos... Vamos logo antes que eu te peça em casamento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Era uma brincadeira, claro, mas ambos se viram em silêncio, trocando olhares profundos e cheios de indagações. Mas a intenção daquele momento era fazer com que Cailey esquecesse que havia um assassino à solta, então, flertar com ela não poderia ser uma opção.

E ele faria de tudo para compensá-la. Lá estava mais uma promessa... estava se tornando um expert nelas.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Seis

Jayce levou Cailey ao McDonald's, e ela não poderia ter apreciado mais sua escolha.

Ele fez os pedidos para viagem e a levou para um improvisado piquenique noturno, em uma pequena praça.

— Ah, me sinto no paraíso! — Cailey exclamou ao dar a primeira mordida no sanduíche. — Por que as pessoas complicam tanto a vida? Eu mesma faço isso! Tudo pode ser tão simples...

— Concordo. — foi a única coisa que ele ousou proferir. Tudo que queria era ficar ali, olhando para ela, parecendo uma menina despreocupada, comendo seu lanche e olhando as estrelas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quer ouvir uma coisa engraçada? —
Jayce respondeu que sim, balançando a cabeça. —
Eu passei o dia inteiro cheia de medo, mas agora
estou me sentindo segura. Talvez seja você... — de
alguma forma, o ambiente, o clima, a conversa e o
céu estrelado deixaram Cailey relaxada ao ponto de
confessar, pelo menos uma parte, do que estava
sentindo em sua presença.

— Eu? Não entendi...

— Claro! Não tem como ter medo de nada do
seu lado.

— Não sou invencível, Cailey! — ele sorriu.

— Mas bem que poderia ser, com todo esse
tamanho. — ela falou de modo tão engraçado que
fez Jayce gargalhar.

— Não sou tão grande assim, você que é
pequena.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está me chamando de baixinha? — deixando seu lanche dentro da caixinha e fingindo estar se sentindo ofendida, Cailey levantou-se do chão, onde eles estavam sentados.

— Mais ou menos isso!

— Pois saiba que eu não sou baixinha! Você que é um brutamontes! — aquela não era bem a palavra certa para definir Jayce, uma vez que seu corpo era muito bem desenhado, com proporções bem definidas, mas a intenção era apenas zombar dele.

— Ah, é? Acho melhor retirar o que disse! — ameaçou, sem perder o sorriso divertido dos lábios, e levantou-se do chão também, limpando uma mão na outra. fingindo-se ameaçador.

— Não vou retirar! — teimou, colocando as mãos na cintura, desafiadora.

PERIGOSAS ACHERON

— Então vai sofrer consequências! — fez outra ameaça brincalhona e partiu para cima dela, que fugiu, iniciando uma brincadeira de pega por toda extensão do parque.

Claro que Jayce conseguiu alcançá-la em poucos minutos, apesar de ela correr muito bem. Assim que ele agarrou seu braço, puxou-a para perto e a jogou no ombro, como um homem primitivo, começando a carregá-la de volta até o local onde estiveram antes.

— Não, Jayce! Me ponha no chão! Eu retiro o que disse! — berrou ela, entre gargalhadas.

— Tarde demais! — ele a colocou cuidadosamente deitada em um banco, segurou seus dois braços sobre a cabeça, prendendo-a ali, e começou a fazer-lhe cócegas. Em qualquer outra situação, ela estaria tensa por ser dominada tão facilmente por um homem, mas Jayce lhe inspirava

confiança, ainda mais com um gesto tão inocente e infantil como aquela brincadeira.

Cailey gritava e ria, pedindo para que ele parasse, começando a espernear. Quando ele percebeu que ela realmente não aguentava mais e seus olhos já estavam cheios de lágrimas, ele parou. Porém, não soltou seus braços, mantendo-a naquela posição por mais alguns instantes. Ambos ficaram subitamente muito sérios, trocando olhares que pareciam ser capazes de ler almas. Jayce não se lembrava de se divertir tanto com uma mulher ou de achar alguém tão linda. Nem mesmo Debra, nem nenhuma outra de sua vida.

Ele a soltou, finalmente, e Cailey se sentou no banco, ficando frente a frente.

— Acho que perdi alguma coisa... Quando foi que surgiu toda essa intimidade entre nós? — Cailey perguntou, muito séria, sem tirar os olhos

dele.

— Não sei. Te incomoda?

— Não. Na verdade me intriga, mas não de um jeito negativo, pelo contrário. É que eu nunca me senti assim com ninguém. Pelo menos não com um homem. — a sinceridade de Cailey era sempre evidente.

— E como você se sente comigo, Cailey? — a voz de Jayce saiu profunda e suave, e ele se aproximou um pouco mais dela.

A profundidade e intensidade da reação de Jayce, diante de sua simples confissão, a assustaram. Não estava pronta para se abrir, para revelar o quanto ele mexia com seus sentimentos. Por isso, ela se levantou do banco e se afastou. Como uma covarde, é claro.

— Acho melhor irmos embora. — foi uma

resposta ridícula, já que fora ela a começar aquela conversa tão séria.

Mas o que ela não esperava era que ele fosse surpreendê-la, segurando-a pelos braços, grudando seu corpo ao dela, impedindo-a de sair dali. Apesar de estar sendo mantida ali contra sua vontade, apesar de Jayce tê-la prendido, frente a frente a ele, sem lhe dar chance de fugir, seus novos sentimentos por ele jamais estiveram tão evidentes quanto naquele momento. Ele realmente era diferente de todos os homens que conhecia, pois preocupava-se com o que ela sentia, não queria apenas aproveitar de seu corpo.

— Desculpe, Cailey, mas você não sai daqui enquanto não responder minha pergunta. Preciso saber se você está se sentindo da mesma forma que eu.

Cailey hesitou. A verdade era que ela não sabia

PERIGOSAS ACHERON

como explicar.

— Estou confusa, Jayce! É assim que estou me sentindo. — ela sabia que não era a resposta que ele queria receber, nem era a melhor que ela poderia fornecer, mas era o máximo que podia lhe dar.

Insatisfeito, ele afrouxou a pressão em seus braços, e Cailey, de cabeça baixa, foi caminhando em direção ao carro, bem devagar.

Jayce ainda demorou um pouco para ir atrás dela, catando o lixo que eles deixaram espalhados. Pensando bem, ela estar confusa não era tão mal assim; era, pelo menos, um sinal de que sentia algo por ele, por mais que ainda não compreendesse do que se tratava.

Depois de algum tempo, ele também se dirigiu ao carro, entrando, dando a partida e levando-a em casa, mais precisamente até a porta, onde ficaram parados por algum tempo, em um silêncio

PERIGOSAS ACHERON

sufocante. Nenhum dos dois queria ser o responsável pelo primeiro passo ou pelas primeiras palavras. Foi Cailey quem tomou coragem e se abriu, para que não restasse nenhum mal entendido.

— Jayce, eu nunca fui boa com sentimentos. Na verdade, eu nunca fui boa em questões que exigissem maturidade. — confessou ela, bastante sem graça. — Então vamos com calma, tá legal? Você é diferente, então quero que as coisas sejam diferentes, mesmo que acabemos apenas como bons amigos.

Aquilo deveria ser algo bom, uma esperança, mas a palavra *amigo* feriu o coração de Jayce, mais do que ele imaginaria.

— Não tenha pressa, Cailey. Estarei bem aqui quando decidir. — precisava confessar que estava sendo hipócrita naquela conversa. A verdade era que ele *tinha* pressa. Cada dia que passava sentia-se

mais atraído por ela. Não era algo que esperava, não era algo que queria, mas surgira como uma primavera bem-vinda, trazendo cores e esperança ao seu coração.

— Obrigada. — Cailey colocou-se na ponta do pé para beijá-lo no rosto, o que o fez fechar os olhos, bem apertado, quase como se aquele beijo fosse doloroso. E, de certa forma, era.

E ela também parecia triste, embora tivessem vivido alguns bons momentos. Jayce a observou caminhar, cabisbaixa, sem olhar para trás, e começou a pensar o que seria de sua vida dali para frente, uma vez que começava a se apaixonar de verdade por Cailey DeWitt.

E não foi fácil parar de pensar nela na manhã seguinte, especialmente quando a primeira pessoa que encontrou no estacionamento da delegacia foi Morris. Ao vê-lo, Jayce sentiu-se encher de raiva, pensando que fora ele, um policial, que deixara uma mulher indefesa no meio da rua, sozinha.

Ainda tentou conter sua ira, respirar fundo, mas a imagem de Cailey, machucada e chorando assustada, não lhe abandonava. Pelo contrário, conforme observava o colega caminhar, na direção da delegacia, imaginava o que poderia passar pela cabeça de um filho da puta daqueles para cometer tamanha estupidez.

Sem nem pensar no que estava fazendo, Jayce apressou o passo até chegar em Morris, tocando em seu ombro e fazendo-o virar para si. A princípio tentou uma abordagem gentil, com a intenção de conversar e saber o que tinha acontecido; embora

não tivesse muita esperança que fosse conseguir se controlar por muito tempo.

— Morris, tem um minuto? — perguntou, assim que ficaram frente a frente.

— Claro! Pode falar, Jayce! — respondeu com visível respeito. Na verdade, apesar de ter ficado meses afastado da delegacia, todos os policiais que ali trabalhavam, e até mesmo os superiores, admiravam a competência e o caráter de Jayce Hernandez.

— Que tipo de merda você tem na cabeça? — explodiu. — Como tem coragem de deixar uma mulher como Cailey no meio da rua, sozinha, tarde da noite?

— Ei, Jayce... calma aí, cara! Desculpa a sinceridade, mas isso é problema meu e dela. O que você tem a ver com isso? — Morris levantou as mãos, como em um gesto de rendição, surpreso

PERIGOSAS ACHERON

com a atitude do outro.

— Cailey é uma espécie de amiga para mim...
— a palavra amiga ainda era incômoda, mas era o melhor que poderia defini-la. — E mesmo que não fosse, você a deixou em perigo. Somos policiais!

— Foi uma briguinha de namorados. Ela tinha terminado comigo, o que eu poderia fazer?

— Ser um cavalheiro e levá-la em casa. — a resposta era óbvia para Jayce.

— Ela ameaçou descer do carro em movimento! — exclamou, fazendo-se de vítima, o que não convenceria ninguém.

— Ora, por favor, será que você não conseguiria impedi-la? Olha o seu tamanho e o dela...

— Olha, Jayce... Repito que você não tem nada a ver com essa história. Cailey é uma menina legal,

mas muito problemática...

— É claro que ela é problemática! Foi estuprada! Você já sabia disso quando começou a sair com ela, não sabia?

— Sim, sabia. Mas achei que se recuperaria rápido. — Morris aproximou-se de Jayce, baixando o tom de voz, como se quisesse compartilhar um segredo. — Cá entre nós, ela é um mulherão... não dava para aguentar muito tempo sem ter vontade de comê-la.

Jayce nem permitiu que ele falasse mais qualquer coisa, pois lhe acertou um soco direto em seu nariz. Foi um soco cheio de ódio, vindo de um homem enorme, então Morris não teve nem chance, acabou caindo no chão, totalmente sem equilíbrio, com a mão no local machucado. Com certeza o nariz estava quebrado.

— *Ficou maluco, seu idiota?* Tanta bebida
PERIGOSAS ACHERON

afetou seu cérebro, foi?

— Babaca! Fale dela com mais respeito!

— Ah! Agora eu entendi tudo! — Morris começava a se levantar, ainda segurando o nariz que sangrava bastante, demonstrando um sorrisinho malicioso no rosto. — Ela foi rápida em correr para os braços de outro. Talvez fosse por isso que não ia para cama comigo...

Jayce sabia que era uma provocação. Sabia que estava sendo testado, que muita coisa estava em jogo naquela pequena briga, que acabaria não dando em nada. Mas era de Cailey que ele estava falando; aquela mulher que já fora alvo de tanto desrespeito e humilhação, que fora admirada como um objeto, como um artigo de decoração, sem que lhe dessem o mínimo valor. Ele estava falando da mulher que ele queria; da mulher com quem ele rira no parque na noite anterior, que sorrisa para ele

PERIGOSAS NACIONAIS

como nenhuma outra. A mulher que lhe salvara a vida com suas palavras mágicas. E ele não podia permitir.

Já estava pronto para partir para cima de Morris mais uma vez — e desta, sabia que não iria conseguir parar em apenas um soco —, quando foi agarrado por trás, impedido de fazer aquela besteira.

— Para, Jayce! Não vale a pena! — a voz era de Steve.

— É de Cailey que ele está falando, *mierda*! — toda vez que ele falava em sua língua materna, o espanhol, era porque estava completamente transtornado. — Não posso permitir...

— Sai daqui, Morris. Já falou merda suficiente!
— Steve vociferou para o outro, enquanto se esforçava para segurar Jayce.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ora, Steve, deixa ele vir. Não tenho medo!
— zombou Morris.

— Não seja idiota! Jayce acabaria com você em dois segundos se não estivesse controlando sua força. Vá embora e não cause mais problemas.

— Mas foi ele que...

— Cale a boca e vá embora! — gritou Steve. E quando Morris fez o que ele mandou, Jayce finalmente foi se acalmando pouco a pouco, até finalmente poder ser solto. — No que estava pensando, Jayce? Está querendo ser suspenso novamente? — Steve brigou com o amigo. Achava de coração que ele estava certo e faria o mesmo com o primeiro babaca que desrespeitasse Emily, mas precisava aconselhá-lo de maneira positiva.

— Ele mereceu, Steve!

— Sei disso. Ouvi tudo que ele falou e

PERIGOSAS ACHERON

concordo totalmente com você. Mas avisei que ela era encrenca. Vai acabar lhe trazendo problemas, mesmo que indiretamente. — afirmou.

— Cailey não tem culpa. Acho que as pessoas não têm sido muito justas com ela. — Jayce fez uma pausa, e ambos começaram a caminhar para entrar na delegacia, esperando que não cruzassem o caminho de Morris. Ao chegarem em sua sala, em silêncio, Jayce sentou em sua cadeira, mostrando preocupação em sua linguagem corporal.

— Você parece preocupado, Jayce. Aconteceu alguma coisa além da briga com Morris?

— Cailey teve uma visão ontem.

— Uma visão? Cailey? — surpreendeu-se.

— Sim. Mostrei as cartas que o assassino escreveu para Jodie Bridges, antes de ela morrer, e ao ler uma das mensagens, a mais mórbida de

todas, ela caiu em um transe, chegando a ficar desacordada. Acho que entrou na mente dele... — Jayce falava com pesar. — Sei que parece difícil de acreditar, mas...

— Difícil de acreditar? — Steve interrompeu o amigo, usando de ironia. — Jayce, você já se esqueceu de tudo que já vi Faith fazer? E se elas são irmãs, acho que era de se esperar. Sem contar Lolla... ela era assustadora.

— Sim... essa é a palavra. Ontem foi assustador vê-la inconsciente, sem saber o que estava acontecendo.

— E ainda tem certeza que quer se envolver com ela? — perguntou, cheio de seriedade.

— Não se trata de se envolver, Steve. É mais que isso. E se tenho certeza? Desde que Debra morreu não tenho tanta certeza de uma coisa. — ele respirou fundo. — Todos julgam Cailey, mas acho PERIGOSAS ACHERON

que ninguém a conhece direito.

— E você acha que a conhece? Com alguns dias de convivência? — Steve soava descrente.

— Não, não é isso! Só acho, pelo que vi ontem, que ela tem mais força do que pensam.

— Amigo, você não pode querer ficar com essa mulher para cuidar dela. — Steve colocou a mão no ombro de Jayce, aconselhando-o mais uma vez.

— Não seria uma má ideia... — finalmente Jayce sorriu.

— Bem, boa sorte. — Steve ainda estava incrédulo, mas decidiu não tocar mais no assunto. — Mas o que ela viu ao tocar a carta?

— Uma biblioteca e um porta retrato.

— Não ajuda muito. — lamentou.

— Não, mas ela está se empenhando em

lembrar de mais alguma coisa. Pelo que disse, havia um exemplar de Romeu e Julieta sobre a mesa. Se ele chegou a alugar o livro, deve haver algum registro. — Jayce tentava ver esperança onde não havia.

— E você vai em todas as bibliotecas da cidade verificar isso? Isso, é claro, se considerarmos a melhor hipótese. Quem vai saber se essa biblioteca fica mesmo em Nova Iorque?

— Eu sei. — exclamou desanimado. — Mas precisamos começar por algum lugar. Não quero deixar outras pessoas morrerem, como no caso do “Assassino das Noivas”.

— Não há como saber se esse cara é um assassino serial ou se isso se trata apenas de um caso isolado. — Steve usou de coerência, mas percebeu que o colega tinha outras preocupações na cabeça. — Está com medo por Cailey, não está?

— Sim, estou. Ela está no centro de tudo isso. Dá para ver pelo bilhete que o cara ficou obcecado pela poesia que ela escreveu. — ele falava, enquanto andava de um lado para o outro, desnortado.

— Acalme-se, Jayce. Não vamos deixar que nada aconteça a ela. E vamos logo dar uma verificada nas bibliotecas da cidade. — afirmou, dando-se por vencido, sabendo que Jayce não ficaria em paz se não agissem, mas acabou resmungando, esperando que o amigo não ouvisse: — Vai ser como encontrar uma agulha no palheiro...

Como se tivessem feito aquilo a vida toda,

Cailey e Faith pareciam à vontade na sessão de fotos para a revista Fissure. Lenny havia chamado um fotógrafo, que era um grande amigo seu e que estava fazendo um excelente trabalho, divertindo e relaxando as moças.

Usavam a beleza do jardim criado por Rowan para Faith como cenário, e as duas belas mulheres pareciam ainda mais lindas em meio àquelas flores. Cailey, que era a que mais levava jeito para modelo, começou a gostar da brincadeira, especialmente porque Johnny, o fotógrafo, parecia muito interessado nela.

Uma foto dela, em especial, era a mais promissora: sentada no balanço que fora construído no centro da estufa, segurava nas mãos o diário que Faith lhe dera, fingindo que estava escrevendo. Sua cabeça baixa e os olhos fixos no papel, com uma expressão concentrada, davam-lhe um ar de doce

vulnerabilidade, quase irresistível para qualquer um que a visse.

— Uma boa história e mulheres bonitas? Essa matéria vai me render um prêmio. — brincou Lenny, assim que deram a sessão de fotos como terminada.

— Com certeza um bom jornalista ajuda neste caso. — Faith elogiou. Era sempre cheia de gentilezas, o que ganhava o coração de todos facilmente.

— E Lenny é o melhor! — Cailey abraçou o amigo, sentindo-se feliz como há muito não se sentia.

Assim que Lenny se afastou de Cailey, indo conversar com Faith sobre quando a matéria seria veiculada e como fariam para receber um exemplar, Johnny não perdeu tempo e se aproximou da mais nova, com segundas intenções.

— Insisto que você deveria se tornar modelo. — fazia tempo que um homem não flertava assim com ela, como nos velhos tempos. Era bonito, mas tudo que ela conseguia pensar, por mais que parecesse ridículo, era que não chegava nem aos pés de Jayce. Em nenhum quesito.

— Quem sabe um dia? — ela respondeu, tentando sorrir. Queria manter sua essência viva, queria conseguir se divertir e levar a vida como costumava fazer antes, com menos preocupações e mais alegria, porém com responsabilidade, mas algo nela havia mudado para sempre.

— Se pensar nisso com carinho e mudar de ideia, ligue para mim. — o rapaz lhe entregou um cartão de visitas, mas Cailey sabia que nunca iria lhe telefonar.

Estava cansada de tipos como aquele, cheios de sorrisos, cantadas ensaiadas, elogios e

PERIGOSAS ACHERON

olhares sensuais. Já perdera a conta de quantos homens conhecera que agiam exatamente da mesma forma que ele; e ela sabia exatamente o que ele queria. Queria levá-la para cama, ter uma noite de prazer e nunca mais vê-la. Se fosse há algum tempo, Cailey entraria no jogo e aceitaria de bom grado o que ele tinha para oferecer, mas ela queria mais. Queria compartilhar risadas, ser paparicada, cuidar de alguém... queria abraços quando precisasse chorar ou sentisse medo. Não queria mais ficar sozinha. Queria ter alguém como *Jayce*.

— Cailey, querida, vou almoçar! — Faith tirou Cailey da inércia de seus próprios pensamentos, e a mais nova apenas concordou.

Assim que Faith entrou em casa, fechando a porta atrás de si, Cailey apreciou seu momento sozinha. Imediatamente abriu sua gaveta pessoal e tirou de lá a carta que Lolla lhe enviara depois de

sua morte. A bendita carta que ela tanto esperara e que lhe revelara algo tão inusitado.

Precisava lê-la novamente, pois sabia que seus pensamentos tinham mudado um pouco desde o dia em que recebera a mensagem emocionante da avó. Mas ainda queria encontrar qualquer coisa nova que pudesse ter ficado no caminho, incompreendida.

E as palavras de Lolla preencheram seu coração de uma maneira tão reconfortante que parecia que ela estava ali, aninhando a neta caçula nos braços, protegendo-a de algum pesadelo. Na frente de Faith, ela sempre se mostrou forte e corajosa, mas era Lolla que testemunhava suas maiores fraquezas. E, mesmo assim, insistia que ela não deveria menosprezar a si mesma, que não deveria se sentir inferior.

Mas como era possível? Sempre fora a

desajustada das três, sempre fizera sua avó sofrer com suas imaturidades, com suas escolhas erradas e as rebeldias sem motivo. Arrependia-se de não ter dito que a amava mais vezes, ao invés de iniciar discussões a respeito de suas noitadas que pareciam nunca ter fim; arrependia-se de não ter respeitado sua sabedoria e acreditado em suas visões. Arrependia-se e era uma covarde. E sabia que estava sendo covarde também em relação a Jayce.

O nome dele estava mencionado ali, como uma das últimas palavras de sua avó para ela. Como pudera ser estúpida ao pensar que Lolla o usaria para outro propósito que não fosse tornar-se parte da vida de Cailey? Como pudera duvidar que acabaria se envolvendo com ele e até começando a sentir um interesse mais profundo? Lolla conhecia seu futuro e levava o segredo para o túmulo. E Cailey tinha medo de seguir pelo caminho errado e

PERIGOSAS NACIONAIS

acabar se perdendo antes de se encontrar. E ela era especialista em cometer erros.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Sete.

Verificar registros de todas as bibliotecas de Nova Iorque e redondezas não era um trabalho fácil, nem mesmo rápido. Já fazia mais de uma semana que os dois detetives estavam investigando cada pessoa do sexo masculino que alugara Romeu e Julieta no último mês, e pareciam não ter sucesso nenhum. Steve se mostrava completamente desanimado, mas era Jayce quem ainda insistia em continuar tentando. Ele acreditava na visão de Cailey, acreditava que o que ela vira não tinha sido em vão. Tinha um motivo maior do que apenas uma informação sem sentido.

Interrogavam funcionários de bibliotecas à exaustão, mas nenhum deles parecia ter presenciado a cena de um homem quebrando um

PERIGOSAS NACIONAIS

porta-retrato em um local de silêncio e concentração. E Cailey afirmara que ele não fora discreto ao fazê-lo.

Aquele era mais um dia aparentemente perdido, depois de tantas respostas negativas. Já estava quase anoitecendo, e ambos se viam derrotados, saindo de mais um estabelecimento sem nada. Para Steve era apenas um trabalho que estava se tornando complicado, para Jayce, a situação era um pouco mais grave. Todos os dias quando chegava em casa, falava com Cailey ao telefone e sentia-se totalmente impotente ao ter que lhe dizer que mais uma vez não tinha nenhuma pista do paradeiro do assassino, que decidiram chamar de “Poeta Sombrio”. Ela nunca dizia nada, nunca reclamava ou se mostrava decepcionada, mas ele sabia que cada vez que o tempo passava ela se sentia mais acuada.

PERIGOSAS ACHERON

E estava pensando exatamente em Cailey quando passou por uma banca de jornal e enxergou uma foto dela, na capa de uma revista, ao lado de Faith.

— Uau! As irmãs encrenca na Fissure! Emily adora essa revista! — Steve comentou em um tom de brincadeira, mas Jayce não parecia estar gostando muito daquilo. — Você sabia disso?

— Não, não sabia! — Jayce, taciturno, respondeu.

— Ora, sua namorada não te falou? — desde o episódio com Morris, Steve passara a brincar com aquilo, o que, claro, não agradava muito ao amigo.

Sem responder a provocação, Jayce entrou na banca de jornal e comprou um exemplar da revista.

— Cailey ficou louca em se expor dessa maneira! — disse, com raiva, enquanto ele e Steve voltavam a caminhar. — Tem um assassino que pode encontrá-la com mais facilidade vendo uma matéria como essa.

— Você não pode querer que ela se esconda. Cailey tem o espírito livre, Jayce! Nunca foi de receber ordens de ninguém e duvido que aceite alguma de você.

— Não importa. Ao menos ela vai ter que me ouvir. — Jayce entrou no carro da polícia, que passara a usar até comprar um, sem dizer mais nada, e começou a dirigir. Levou Steve na delegacia, mas não saltou do carro com ele.

— Vai mesmo tentar domar Cailey?

— Essa não é a minha intenção... só quero que ela saiba se cuidar. — e assim ele partiu, em direção à floricultura.

Ao chegar lá, hesitou um pouco antes de entrar. Durante todo o trajeto não conseguia não parar de olhar para uma específica foto da revista, cuja página deixara aberta sobre o painel do carro. Cailey parecia uma princesa, sentada em um balanço, cercada por flores, escrevendo. Jayce nunca sentiu tanta vontade de tê-la como naquele momento, observando a fotografia. Sua essência etérea e delicada fora captada com a maior das precisões, e ela jamais parecera tanto com a mulher que ele idealizava; que ele sabia que existia dentro dela.

Estava sozinha quando ele entrou. Era uma sexta-feira, final de expediente, e Faith, com certeza, tinha saído mais cedo para jantar com Rowan Allers. O que dava a Jayce a oportunidade de conversar com Cailey com mais privacidade, uma vez que já não a via desde a maravilhosa noite

no parque.

Ela o ouviu entrando na loja, assim que levantou os olhos em sua direção e abriu um sorriso que quase fez com que ele esquecesse o motivo pelo qual estava ali.

— Jayce! Que bom ver você! — ela se aproximou, dando uma breve corridinha em sua direção, mas estranhou quando ele não sorriu e não retribuiu as boas-vindas com o mesmo entusiasmo. — O que houve? Está sério...

— Você não deveria se expor dessa maneira...

Foi a única frase que ele disse antes de lhe entregar a revista Fissure, de forma ríspida e direta, parecendo exatamente com o policial que era.

— Não estou entendendo!

— Você falou de sua vida nesta entrevista,

comentou fatos e hábitos seus e de sua irmã. Há um assassino à solta que afirma ter uma ligação bizarra com você. Não sabemos o que ele quer, nem temos noção do tamanho de sua loucura... — Jayce ia continuar falando, mas foi interrompido por Cailey, que estava começando a ficar irritada com todo aquele discurso.

— Ei, ei, ei... não precisa falar comigo desse jeito! — alertou, apontando o dedo indicador em sua direção.

— Estou sendo sensato.

— Não, não está. Em primeiro lugar, não pode me dar ordens. E segundo, eu tenho uma vida! Não vou desistir de fazer as coisas que gosto. Não sabemos se esse cara vai tentar alguma coisa contra mim. — Cailey estava alterada.

— E prefere arriscar? — indagou ele, começando a ficar alterado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro que não. Mas acho que as pessoas da minha família não precisam pagar por isso também. Faith ama essa floricultura, daria a vida por ela, e essa matéria vai trazer novos clientes, novas oportunidades. — ele sabia que Cailey estava certa, e que sua lealdade à irmã era louvável. Optou, portanto, por deixá-la falar tudo que queria. — Jayce, aprecio seu cuidado, mas não vou ficar trancada dentro da minha casa, refugiada como uma criminosa.

Ao dizer aquilo, Cailey lhe deu as costas, e ia caminhando em direção às flores, pois estava na hora de regá-las, mas ele não permitiu que ela saísse dali. Com suas mãos enormes, agarrou um de seus braços, puxando-a para si. Quando ela estava na sua frente, levantando a cabeça para olhá-lo nos olhos, Jayce segurou seu outro braço, prendendo-a consigo.

PERIGOSAS ACHERON

Sabia que aquilo era um passo em falso, que estaria agindo errado com ela, mas estava desesperado com a possibilidade de ela se colocar em perigo por causa de um deslize tão infantil.

— Não me perdoaria se alguma coisa te acontecesse. — da forma como ele falou, quase sussurrando, com os olhos apertados, cravados nela, Cailey podia jurar que ele estava prestes a beijá-la. Mas depois daquela ceninha que ele armou, ela jamais permitiria. Embora também desejasse...

— Não pense que por causa daquela promessa estúpida pode controlar minha vida. — nervosa, Cailey começou a tentar se soltar de suas mãos, o que parecia impossível. — Você não tem direitos sobre mim, Jayce!

— Não foi uma promessa estúpida, Cailey!

— Não importa! Tire as mãos de mim! —

ela falou mais alto, até que o barulho de um porta se abrindo foi ouvido, o que travou os dois.

— O que está acontecendo aqui? — Tatianna falou com autoridade, imaginando que Cailey estava sofrendo mais algum tipo de violência. — Solte-a, Jayce. O que está fazendo?

Jayce tirou as mãos dos braços de Cailey, e um silêncio estranho caiu sobre a floricultura. Tatianna foi a primeira a quebrá-lo.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo aqui antes que eu pense qualquer besteira? — ela cruzou os braços na altura do peito, sustentando uma expressão severa no rosto.

— Está tudo bem, Tatty. Jayce já estava de saída... — Cailey falou, olhando para ele como se o expulsasse dali. Aquilo o deixou surpreso e um pouco magoado. Ainda não tinham terminado a conversa; ainda tinha coisas a lhe dizer. Coisas

PERIGOSAS ACHERON

muito importantes que ficaram em segundo plano, enquanto ele demonstrava preocupação com sua segurança.

— Tem certeza que está tudo bem? Porque o que eu vi me dizia outra coisa... — insistiu Tatianna.

— Sim. Tenho certeza. — e Cailey se voltou para Tatianna, esquecendo-se completamente da presença de Jayce ali. Ou fingindo que esquecia para ele simplesmente ir embora. — O que veio fazer aqui, Tatty?

— Isso estava na sua caixa do correio. Acho que é um exemplar daquela revista que entrevistou vocês.

Enquanto as primas conversavam, Jayce começou a caminhar para fora da floricultura. Sabia que era melhor se se apressasse, para sair logo dali, contudo, algo fez com que ele desse passos lentos, PERIGOSAS ACHERON

como se ainda tivesse esperança de que ela o chamasse de volta.

E foi exatamente o que aconteceu. Em poucos instantes, antes que pudesse cruzar a porta de saída, ouviu a voz dela a chamá-lo.

— Jayce... — ela parecia amedrontada, o que fez com que ele atendesse seu chamado imediatamente. — ... é ele...

Ela não precisava falar mais nada para que Jayce compreendesse que havia alguma poesia naquela revista que recebera; que suas suspeitas de que o “Poeta Sombrio” acabaria lendo aquela matéria estavam certas.

E Jayce só teve tempo de correr para Cailey, pois viu seus olhos rolarem nas órbitas e seu rosto ficar pálido, o que indicava que ela iria rapidamente desmaiar. Por sorte ele chegou a tempo de ampará-la, antes que caísse no chão.

— Cailey! Ah, meu Deus! — Tatianna se apavorou, enquanto Jayce descia o corpo inconsciente de Cailey até o chão, fazendo-a deitar ali para poder tentar reanimá-la.

Tatianna ocupou-se de Cailey, mas Jayce, que sabia de onde viera aquele desmaio, buscou a revista que ela recebera, fixando seus olhos na página que ela lera antes de perder os sentidos. Era exatamente a foto que aquecera seu coração pouco antes de chegar à floricultura. Com certeza também atiçara os instintos daquele louco.

Mas, para manter sua lucidez e conseguir ajudá-la, Jayce fixou seus olhos no pequeno trecho que estava escrito à caneta vermelha, sobre a foto de Cailey. Era um trecho que ele reconhecia, mas não conseguia se lembrar de onde.

“Olhos, vede mais uma vez

*Braços, permiti-vos um último abraço
E lábios, vós que sois a porta do hálito
Com um beijo legítimo selou este contrato
Com a morte exorbitante.”*

Assim que ele terminou a leitura, sentiu Cailey se mexer em seus braços, começando a despertar. Tatianna, que parecia desesperada, suspirou aliviada. Mas Jayce, não. Ele a conhecia muito pouco, mas já conseguia dizer que estava transtornada, fora de si. Tanto que não se surpreendeu quando ela se levantou de um pulo e começou a correr para fora da floricultura.

— Cailey... — Tatianna chamou, pronta para ir atrás dela, mas Jayce a impediu.

— Deixa que eu vou.

— E o que você sabe sobre ela? — perguntou com um pouco de ressentimento na voz, ainda achando que Jayce tinha machucado sua prima de alguma forma.

— Neste caso sei o suficiente. Prometo que vou pedir que Cailey lhe explique tudo. Só deixe isso comigo desta vez.

E sem dizer mais nada, Jayce saiu apressado, deixando Tatianna sozinha, esperando por notícias.

A morte era amarga como um veneno. Mas ela a sentira doce, reconfortante, como um alívio para sua alma. Sentira o ódio mais temível de todos; o ódio fatal, que julga e dá a sentença.

PERIGOSAS ACHERON

Definitiva.

Cailey sabia que não estivera em seu juízo perfeito, que fora prisioneira do sonho cruel de outra pessoa; mas foram as sensações e tudo que testemunhara o que a deixara desnorteada. Viu sua própria morte. Viu-se presa em um cama, com ambos os punhos atados, enquanto alguém acabava com sua vida com um único tiro, como se não importasse nada... como se sua existência valesse o preço de um segundo.

Ao voltar à realidade, sequer olhou para o lugar ao seu redor. Queria simplesmente fugir; como se ainda estivesse presa àquela cama, à mercê de sabe-se lá quem. Nem pensou nas pessoas que estavam apavoradas com seu desmaio; não pensou que Tatianna sequer sabia o que estava acontecendo, embora a situação não fosse mais fácil para Jayce. Apesar disso, do remorso que

começou a sentir ao pensar neles, quando ele se aproximou, tocando-a com toda delicadeza, Cailey assustou-se, sobressaltando-se e afastando-se amedrontada.

— Calma, Cailey! Sou eu! — ele afirmou com serenidade.

— Jayce... — ele a viu respirar fundo, em alívio, como se estivesse esperando um demônio. E talvez fosse realmente o que ela imaginava que iria aparecer.

— Venha, vou levá-la para a floricultura para conversarmos melhor.

— Não, Jayce, você não entende! Não há como fugir! Não importa onde eu esteja, meu futuro já está traçado... eu... — Cailey mal conseguia falar. Estava transtornada. Ofegante. Trêmula. Mal conseguia se manter de pé, quando Jayce colocou o braço em torno de sua cintura, PERIGOSAS ACHERON

sustentando todo seu peso.

— Estou aqui, Cailey! Não vou te abandonar... vou te levar para a floricultura onde você vai poder desabafar...

— Não quero ir para a floricultura. Me leve para sua casa, por favor! — ela estava agarrada à gola de sua camisa, com suas mãos pequenas fechadas em torno do tecido, fazendo tanta força que as articulações de seus dedos estavam ficando brancas.

— Tatianna está preocupada com você. Deveríamos avisá-la e...

Mas ela nem ouviu mais. Apenas encostou-se em Jayce, fazendo-o de amparo para seu corpo que lentamente ia perdendo as forças, até cair completamente.

Não havia nada em seus sonhos, apenas um borrão negro, vozes abafadas e sombras. Era melhor assim. Melhor que simplesmente dormisse, que deixasse para trás tudo de ruim que passara a se abater sobre sua vida.

Na verdade, estava tão absorvida em seu silêncio, em sua escuridão, que amaldiçoou o momento em que foi despertada com gritos de uma voz conhecida.

Era Tatianna, que parecia extremamente revoltada, exigindo explicações. Acusava Jayce de sequestro, de ter feito algo para Cailey ficar inconsciente, de maltratá-la. Queria explicações, mas não o deixava falar. Então, para defendê-lo, Cailey resolveu que era a hora de acordar. Mais do que isso, era hora de fazer o que ela *não* queria:

PERIGOSAS ACHERON

envolver sua prima naquilo tudo.

— Tatty... — ela chamou, e Tatianna veio correndo, seguindo o som de sua voz pela pequena casa de Jayce.

— Como você chegou aqui?

— Steve me passou o endereço... mas isso não importa agora! O que ele fez com você?

— Jayce? A única coisa que ele fez até agora foi me proteger e cuidar de mim. — Cailey sorriu para ele, cheia de gratidão. O olhar que ela lhe dirigiu dizia tudo que ele queria ouvir; mais ainda do que suas palavras proferiram. — Tatty.. tenho uma coisa para te contar. Quero que se sente aqui, por favor. — apontou a cama de Jayce, fazendo com que a prima se sentasse ao seu lado.

— Estou ficando nervosa, Cailey! O que está acontecendo com você? Está doente?

— Sim. De uma certa forma. — ela olhou para Jayce, como se buscasse encorajamento, e ele balançou a cabeça em afirmação, incentivando-a a falar tudo, afinal, era um meio de desabafar também.

— Vou deixá-las sozinhas. — ele anunciou, saindo do quarto em seguida e fechando a porta atrás de si.

— O que você tem... é curável...? Por favor, Cailey, não me assuste! — Tatianna estava quase chorando, e Cailey, mesmo sem saber como contar sua história, sabia que não podia hesitar ou postergar mais.

— Não estou fisicamente doente. É minha mente. — pausa. — Há um poeta que ficou obcecado por minhas poesias. Na verdade, ele encomendou flores com Faith, e eu enviei uma mensagem, incentivando-o a esquecer a menina que

PERIGOSAS NACIONAIS

ele dizia amar de forma não correspondida. Ele interpretou a poesia de maneira errada e a matou, como se o tivesse feito em minha homenagem.

— Meu Deus! Que coisa horrível!

— O problema, Tatty, é que todas as vezes que leio uma poesia que ele escreveu eu sou transportada para a mente dele. Vejo o que ele vê, sinto o que ele sente...

— Seu dom... Só pode ser isso!

— *Dom!* — exclamou com sarcasmo na voz. — Acha mesmo que *isso* pode ser chamado assim?

Tatianna concordou com Cailey, silenciosamente. Seu poder ainda não havia se manifestado, e ela pedia por ele cada dia de sua vida. Sabia que aquilo a aproximaria mais de suas primas, o que a faria não se sentir tão solitária.

PERIGOSAS ACHERON

Embora, claro, nenhuma delas permitisse que ela se sentisse excluída. Entretanto, ver Cailey sofrendo daquela forma, sendo manipulada por sua própria habilidade — que era uma parte inseparável dela —, deixava-a amedrontada. Caso houvesse mesmo um dom a ser despertado (ou descoberto), ela temia que fosse algo perigoso.

— E onde entra Jayce nessa história? — indagou Tatianna.

— Por coincidência ele estava investigando a morte da moça que foi assassinada por este homem.

— Você sabe que não se trata de coincidência, Cailey. Sabe que é destino.

— Seja lá o nome que tiver, não me importa, Tatianna! — alterou-se. — Uma pessoa *morreu...* acha mesmo que isso é justo? Que uma pessoa tenha perdido a vida para que eu possa viver

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a minha? Que o tal caminho que vovó tanto dizia que eu encontraria esteja coberto de sangue?

— Querida, você viu o que aconteceu com Faith...

— E, sabendo disso, você não acha que pessoas demais já morreram para que as DeWitt possam ter um final feliz? Por que somos mais especiais que essas pessoas?

— Não somos. Mas a vida é assim... alguns morrem e outros vivem. Alguns choram enquanto outros sorriem... é o equilíbrio, Cailey... não somos nós que escolhemos. Também não podemos condenar.

— Que merda de equilíbrio, então! Eu não escolhi nada disso! Não quero ser feliz às custas de outras vidas.

— Não é assim que funciona. Você não está

PERIGOSAS ACHERON

falando com o coração. Está abalada com o que aconteceu. — Tatianna passou a mão pelo rosto de Cailey com carinho. — Você jamais seria capaz de machucar ninguém, querida. Ou de sacrificar uma pessoa para seu próprio bem. Eu a conheço bem demais e posso afirmar tudo isso. Precisa aprender a se conhecer também para parar de se culpar por algo que está fora do seu alcance.

Será que era mesmo verdade? Que Tatianna estava certa? Ainda levaria um tempo para Cailey se acostumar com aquilo? Ou talvez jamais fosse capaz de se conformar; talvez sempre vivesse com o remorso na cabeça, mesmo não tendo machucado aquela moça, nem indiretamente.

Tatianna ficou um pouco mais de tempo com a prima, tentando acalmá-la, até que saiu do quarto, em busca de Jayce.

Cailey ainda estava muito abalada para lhe

explicar como aquela repentina amizade com Jayce iniciara, mas Tatianna podia ver que gostavam um do outro. Até mais do que eles mesmos sabiam. Podia vê-lo caminhando em círculos, com a mão na cabeça, pensativo. Ele estava preocupado e curioso para saber o que Cailey tinha a dizer sobre ter desmaiado na floricultura. Então, Tatianna deixaria que ele fizesse seu trabalho.

— Vá vê-la, Jayce. Acho que ela precisa de você. — Tatianna afirmou com suavidade.

— Ela *pediu* para me ver?

— Não. Mas conheço minha prima e sei que ela gosta de você. Infelizmente não posso ajudá-la como gostaria... você pode...

Jayce respirou fundo e não hesitou nem por um segundo. Não cogitou sequer a hipótese de ser orgulhoso ou pensar na pequena discussão que tiveram momentos atrás. Ele não era assim. Não

PERIGOSAS ACHERON

deixava que sentimentos indesejados estragassem o que ele apreciava ou queria. E queria Cailey, desesperadamente.

E o caminho até seu quarto nunca pareceu tão longo. Ele precisava vê-la, saber como estava, pois passara todo aquele tempo sem notícias, se controlando para não irromper no quarto.

Ele a encontrou sentada de frente para a janela, observando o mundo lá fora. Parecia melancólica, pensativa e cheia de demônios dentro de seu coração. Seu olhar estava perdido, vago, distante... A verdadeira imagem de uma bela pintura melancólica.

— Achei que não iria querer me ver... — ele nem precisou falar nada, afinal. Cailey percebeu sua presença sem nenhum alerta.

— Achou mesmo? Acho que eu a abandonaria em um momento difícil por causa de

PERIGOSAS ACHERON

uma discussão? — falou de forma suave e notou que ela parecia ainda não ter coragem para encará-lo. — Ainda bem que sei que me conhece muito pouco.

— Eu não fui muito justa com você.

— Não vamos falar sobre isso agora. — pediu, pois não queria que ela se humilhasse.

— Mas eu preciso... — ela finalmente olhou para ele, e Jayce percebeu que estava chorando. — Não estou acostumada a deixar que controlem minhas ações, que tomem decisões por mim. Talvez seja por isso que fiz tantas coisas erradas. Mas reconheço que estava me dando aquele sermão para meu bem.

— Não diga nada... — ele colocou a mão em seu rosto, fazendo-lhe carinho, pedindo para que ficasse em silêncio. — Eu entendo. Não precisa se explicar. Quero apenas apenas o que houve com PERIGOSAS ACHERON

você. Viu alguma coisa?

E o silêncio que ela lhe reservou nos breves momentos seguintes disse muito mais do que qualquer coisa que ela tencionasse proferir. Jayce sabia que ela tinha algo grave para contar, que sua visão lhe revelara uma imagem estarrecedora; não apenas julgando sua falta de palavras, mas tendo em vista a forma como ela reagiu, saindo correndo da floricultura sem explicar nada a ninguém.

Mas não estava preparado para o que ela falou.

— Sim, Jayce... eu vi. — pausa. — Ele vai me matar.

Apesar de tentar parecer calma e segura ao falar, era fácil perceber que estava apavorada. Jayce não podia sequer imaginar o quão desconcertante deveria ter sido a sensação de testemunhar a própria morte, sem nem saber como evitar ou

PERIGOSAS ACHERON

quando aquilo aconteceria. Não era uma carga muito fácil de suportar.

— Ele sabe que eu posso entrar na mente dele. Aliás, acho que ele também tem algum dom. Como o meu, como o da minha irmã. Tenho quase certeza que plantou a visão da biblioteca na minha cabeça.

— Como assim, Cailey? — Jayce pegou um banco e colocou-o perto dela, sentando-se em seguida. — Como você sabe que ele tem um dom?

— Você leu a poesia, não leu, Jayce? Aquela que ele escreveu na revista.

— Li. Não é Shakespeare?

— Sim. É de Romeu e Julieta.

— O livro que ele estava lendo na biblioteca. — concluiu ele.

— Por isso que eu sei que ele descobriu que
PERIGOSAS ACHERON

posso entrar em sua mente.

— Cailey... — ele se aproximou ainda mais.
— ... isso não prova nada.

— *Isso foi um sinal!* — alterou a voz. — Eu não sei como, mas entendo a forma como ele pensa. Temos alguma conexão através do que escrevemos.
— Cailey respirou de forma entrecortada, com o nervosismo à flor da pele. Sua frase seguinte saiu como um sussurro cheio de agonia. — Não quero morrer, Jayce!

— Você não vai morrer! — ele exclamou com toda a certeza, levantando-se cheio de raiva.

— Mas eu vi! Ele *vai* me matar!

— Não! — ele vociferou, agarrando os braços dela e fazendo-a ficar de pé também. — Eu não vou deixar, Cailey. Ele não vai nem tocar em você.

Dizendo isso, ele a puxou para si e a abraçou. Por mais que aquele fosse um abraço de proteção, havia mais... Por um momento ele a afastou centímetros de si, olhando-a nos olhos com paixão.

Cailey queria que ele a beijasse. Queria que a abraçasse e a fizesse esquecer de todos os medos que sentia. Desejava sentir o toque firme de Jayce, desejava ser amada, mas tudo era indevido. Ela não podia querer que um homem tão simples e descomplicado tivesse que conviver com alguém como ela. Cailey sabia que acabaria se apaixonando perdidamente e sairia magoada caso ele desistisse.

De maneira que quase a fez derreter, Jayce passou um braço ao redor de sua cintura e a fez ficar mais perto, colando o corpo delicado ao dele.

— Jayce, não sei se é uma boa ideia... — disse sem muita certeza, tentando se desvencilhar

de seus braços.

— Diga que não quer e eu a deixo ir; caso contrário não vai a lugar algum. — havia autoridade em sua voz, e Cailey não tinha coragem de mentir para ele. Então ficou calada e não o encarou. — Sei que você também quer, então me deixe te beijar. Estou desesperado por isso. — ele sussurrava, pedindo, quase implorando.

— Não, Jayce... você não merece isso... — ela ainda tentava sair de seu abraço, mas ele estreitou o braço ainda mais ao seu redor.

— Chega de fugir, Cailey. Não vou deixar você escapar dessa vez. — dizendo isso, ele a ergueu do chão alguns centímetros, o suficiente para que ela ficasse na altura ideal. Com o braço livre, colocou a mão em sua nuca e tomou seus lábios.

Cailey não tinha escolha. Ela não *queria*
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

outra escolha. Ainda mais quando ele aprofundou o beijo, explorando sua boca, mordendo seus lábios gentilmente. Ele era doce, mas possessivo, dominador, e sabia muito bem o que estava fazendo. Ao sentir que ela tinha finalmente se entregado ao beijo, completamente, colocando os braços ao redor de seu pescoço, ele usou seus dois braços para sustentá-la naquela posição com mais firmeza.

Ela não queria mais que ele a soltasse. Em seus braços sentia-se forte, protegida e extremamente feminina. E seu beijo era mais do que ela jamais poderia esperar.

Depois de deixá-la extasiada pelo que pareceu uma eternidade, Jayce colocou-a de volta no chão com todo cuidado, como se ela fosse de porcelana e pudesse quebrar. Mesmo assim, não tirou o braço de sua cintura, mantendo-a bem perto.

PERIGOSAS ACHERON

Ainda bem, porque ela poderia jurar que cairia no chão de tão fracas que estavam suas pernas.

Ela manteve a cabeça baixa e os olhos fechados, mas Jayce colocou a mão em seu queixo e a fez olhar para ele.

— Minha linda Cailey... já prometi e prometo quantas vezes forem necessárias... Estou disposto a protegê-la de qualquer coisa, de qualquer mal. E vou cuidar para que esse louco nem sequer chegue perto. — lá estava mais uma promessa de Jayce, e ela acreditava nele. Acreditava que ele a salvaria de qualquer coisa.

E quando ele saiu do quarto, beijando-a no alto da cabeça e pedindo que ela descansasse mais um pouco, ela mal conseguia escutá-lo. Foi só quando se viu sozinha que teve forças para se movimentar. Então jogou-se na cama, com a cabeça zonda, sentindo-se inebriada. Quase podia sentir os

lábios de Jayce em sua boca e estremecer com o contato de seus braços, com a forma como ele a havia segurado, como se ela fosse um presente. Naquele momento, não houve mais nada, não houve o mal que os rondava. Havia apenas Jayce e seu beijo, o prelúdio de um romance, que Cailey sentia que iria mudar sua vida. Para o bem ou para o mal.

Capítulo Oito.

Quando Jayce a levou para casa na manhã seguinte, Cailey não tinha conseguido dormir nem por um minuto.

Ele não tentou beijá-la novamente, pois sabia que ela estava muito fragilizada — ainda mais do que na ocasião anterior —, e também evitou falar. Sabia que ela precisava daqueles momentos consigo mesma.

A verdade era que Cailey tinha vários pensamentos conflitantes na cabeça, e um deles materializou-se em suas mãos algum tempo depois de ter chegado em casa. Ela segurava a carta do “Poeta Sombrio” e tentava induzir alguma visão. Apesar de não querer se ver morrendo novamente, tinha quase certeza que havia mais alguma coisa

PERIGOSAS NACIONAIS

naquela cena, algo que não fora capaz de enxergar por estar tão incomodada com seu próprio sofrimento. Contudo, não tinha a experiência necessária para aquilo. Ela apenas lia toda a poesia, fechava os olhos e tentava se concentrar na caligrafia, na mensagem, mas nada acontecia. Decidiu, então, focar nos sentimentos que teve na última visão, onde se viu sendo assassinada por aquela criatura. Pensou em todo ódio, toda vingança, toda crueldade, e logo uma imagem se formou em sua mente.

Lá estava sua morte outra vez. Mas havia algo mais. Havia outro corpo naquele lugar além do de Cailey. Podia ver outra mulher morta, e quando o poeta a viu, sentiu ódio também, mas de uma maneira mais desdenhosa, da mesma forma como quando olhou para a foto de Jodie Bridges. Ele ia sequestrar mais uma mulher.

PERIGOSAS ACHERON

Cailey pretendia tentar enxergar mais qualquer coisa. Queria ver o rosto da mulher, encontrar ou ouvir algum nome, mas voltou a si de forma abrupta. E permaneceu na total ignorância, sabendo que a qualquer momento teria que enfrentá-lo novamente. Ele não iria desistir.

Ele travava uma batalha contra si mesmo. Já fazia três dias desde que Jayce falara com Cailey pela última vez e simplesmente não conseguia parar de pensar nela. Porém, decidira lhe dar algum tempo, embora buscasse notícias diárias com Tatianna. Sabia que ela andava um pouco melancólica, mas que não fora incomodada mais nenhuma vez pelo Poeta Sombrio.

PERIGOSAS NACIONAIS

Claro que ele pensava no beijo incrível que trocaram, mas sua verdadeira obsessão era o caso de assassinato em que ela, indiretamente, estava envolvida. Tinha nas mãos, naquele momento, uma agenda que pertencera à Jodie Bridges e que fora encontrada no quarto dela, quase escondida, por Felicia, a criada.

Ao abrir aquela agenda, se deparou com a letra caprichada de Jodie e várias fotografias onde ela aparecia feliz e sorridente ao lado de amigos. Pelo que ele podia ver, ela também gostava de escrever, também criava lindas poesias. Não eram tão elaboradas quanto as de Cailey, mas tinham sentimento. Uma delas, em particular, escrita dias antes de seu desaparecimento, chamou a atenção de Jayce. Era sombria, assustada e um pouco macabra, revelando que Jodie estava com medo de algo.

PERIGOSAS ACHERON

*“Ele me espreita
Me fala sobre morte, sobre dor
Ameaça
Diz que pode entrar na minha mente
E eu acredito
Pois sabe exatamente como me assustar
Sabe o que me faz ter medo
E eu sei que ele me quer
E de uma forma ou de outra
Me terá.”*

— Jayce? — a leitura e a concentração de Jayce foram interrompidas pela voz de um colega que o chamava. Discretamente ele guardou a agenda de Jodie dentro do bolso da jaqueta, não querendo que ninguém a visse, e começou a prestar atenção no que o colega tinha a dizer. — Steve

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ligou querendo falar com você, mas não conseguiu chamar no seu ramal.

— E o que ele queria falar?

— Que está na maternidade com Emily. O bebê vai nascer! — exclamou o outro policial, muito feliz.

Aquela era uma notícia maravilhosa, capaz de salvar o dia. E, sem nem pensar duas vezes, Jayce vestiu um casaco e foi correndo para a maternidade. Queria estar perto de Steve naquele momento, queria ver seus olhos brilhantes de felicidade pelo filho que chegava. A cena serviria como inspiração para ele; como uma prova de que ainda poderia haver esperança, mesmo quando o caos parecia estar se formando ao seu redor... lentamente.

PERIGOSAS ACHERON

Era a terceira vez que Cailey escrevia o mesmo poema. Estava sem inspiração, confusa e um pouco desligada. Faith fora a uma reunião com um fornecedor, e ela tinha muitas mensagens para criar, vários buquês para montar, mas simplesmente não conseguia produzir nada. Estava longe, procurando uma saída para o labirinto onde se encontrava. Porém, seu pensamento parecia girar em vários círculos e cair sempre no mesmo lugar.

Foi, então, surpreendida pela chegada de alguém, que bateu na porta de vidro. Era Lenny; e, ao vê-lo, Cailey sorriu e foi em sua direção. Sua expressão parecia alegre, e era exatamente de boas notícias que Cailey estava precisando.

— Bom te ver, Lenny! — Cailey cumprimentou-lhe com dois beijinhos. — O que PERIGOSAS ACHERON

faz aqui?

— Além de te parabenizar pelo sucesso da revista? Tenho uma boa notícia! — exclamou ele, fazendo um pequeno suspense. — O diretor geral gostou tanto de suas poesias que decidiu que quer tê-la a qualquer custo na Fissure, em todas as edições.

— Não entendi... — Cailey franziu o cenho em desconfiança.

— Então vou lhe explicar melhor. — Lenny a segurou pelo braço e a conduziu até o banco de madeira, no meio do jardim, fazendo com que ela se sentasse. — Pessoas lhe enviarão e-mails, contando suas histórias, e você lhes enviará poesias em resposta. Faremos uma seleção das melhores e publicaremos na revista.

Não era muito diferente do que ela fazia na floricultura, exceto pelo fato de que seria *publicada* PERIGOSAS ACHERON

em uma revista de circulação nacional. O que, com certeza, poderia lhe abrir portas.

Mas abrir portas para quê? Será que Cailey sabia o que queria do futuro? Será que conhecia seus próprios sonhos, suas metas? Ela tinha sua profunda conexão com as palavras, transpirava-as por cada um de seus poros e sabia que queria viver por elas e para elas. Porém, até onde ia aquele amor? Será que ela seria capaz de viver de sua poesia? Infelizmente ainda estaria escrevendo para outras pessoas; ainda não poderia divagar sobre seus próprios pensamentos, sobre seus anseios, medos e alegrias, mas quem sabe não era o início de algo muito maior?

— Não precisa responder hoje, é claro! Pode pensar, conversar com sua irmã...

— Ora, Lenny... o que mais acha que eu poderia dizer além de "quando começo"? —

PERIGOSAS NACIONAIS

verdadeiramente feliz, ela abraçou o amigo responsável por aquela oportunidade. — Obrigada! Muito obrigada!

— Cada um cria suas próprias oportunidades. Seu talento é sobrenatural, Cailey. Não deve jamais duvidar dele. — aconselhou.

E Lenny não fazia ideia do quanto ela estava precisando de um conselho como aquele. Principalmente quando sua mente lhe dizia exatamente o contrário, que suas palavras eram amaldiçoadas. Mas ao sentir a sinceridade do amigo, percebeu que precisava amadurecer, tanto seus poderes quanto suas ideias sobre eles, tentando não encará-los como um fardo. Ao pensar naquilo, em seu mais novo dilema, desejou ardentemente que Lolla estivesse ali. Com certeza ela saberia lhe explicar certas coisas que ainda não compreendia. Estava sozinha.

PERIGOSAS ACHERON

Não. Não estava sozinha...

Havia Jayce no meio daquilo tudo. Havia sua dedicação, sua presença sempre forte e confiante, sua paciência. E a forma como a beijara...

Céus! O beijo fora completamente inesperado, deixando-a totalmente desconcertada. Só tinha certeza de uma coisa: jamais fora beijada daquela forma. Os lábios de Jayce fizeram amor com sua boca, devoraram-na com lentidão e luxúria, aprisionando seus sentidos e demonstrando intensa paixão. Mas havia mais... ou talvez ela desejasse que houvesse mais. Não queria se iludir, mas sentira algo mais profundo no beijo que compartilharam. Ela sentira o gosto de destino. Fora como se um anjo sussurrasse em seu ouvido que aquilo era o certo, que estavam seguindo exatamente o caminho que fora trilhado para eles.

PERIGOSAS NACIONAIS

O que, de certa forma, lhe causava um surpreendente alívio.

Minutos depois de Lenny ter ido embora, Faith chegou correndo, afobada, parecendo completamente eufórica.

— Preciso correr para o hospital; o bebê de Steve e Emily está para nascer.

— Que coisa boa, Faith! — exclamou satisfeita.

— Você fica na floricultura? Sabe que eu odeio abandonar as coisas nas suas mãos, mas...

— Vai logo, Faith! Não precisa ficar preocupada. Eu dou conta de tudo... — afirmou de maneira segura. E, realmente, depois de tantos meses trabalhando ali, ela conseguia se virar sozinha.

— Eu sei que dá. — Faith sorriu orgulhosa

PERIGOSAS ACHERON

e saiu, sem dizer mais nada.

Assim que se viu sozinha, na companhia das flores de Faith, naquele lugar que mais parecia saído de um sonho, Cailey sentiu uma antecipada sensação de nostalgia tomando seu coração. Sabia que sentiria falta de seus dias floridos. Na verdade, ela sentiria falta de Faith. Por mais que soubesse que sempre estariam juntas, não teriam tantas oportunidades para conversarem, para desabafarem sobre seus problemas ou rirem de qualquer coisa, como costumavam fazer naqueles últimos meses. Cailey sabia que havia uma ligação mais profunda entre elas; compartilhavam do mesmo sangue e do mesmo sobrenome, mas era mais que isso. Assim como acontecia com Tatianna... elas se amavam mais do que poderiam explicar.

E, pensando nisso, Cailey decidiu que queria escrever, desabafar em um pedaço de papel

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre seus sentimentos naquele momento. Sabia que precisava criar algo para si mesma, deixar-se levar pelos labirintos de sua mente — onde seus versos se escondiam —, divagar ou brincar com as palavras. Fazia tempo que não se permitia isso.

Para tal, fechou os olhos quase que inconscientemente e respirou bem fundo, buscando trazer para dentro de si qualquer inspiração perdida. Escrever, para ela, não era um ato simples, não era somente a ação de jogar frases aleatórias em um espaço em branco; escrever, para Cailey, era pura e simplesmente derramar um pouco de si mesma, abrir-se para a imensidão, revelar-se a um mundo que pertencia apenas a ela mesma, conhecendo-se em cada sílaba, cada rima, cada estrofe que se unia, em um casamento simétrico e melódico. Por isso, buscava as palavras de dentro de seu coração, como se elas fossem atraídas para sua mente por meio de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mágica. Mas, quando elas chegaram, preenchendo sua imaginação totalmente, o resultado não foi exatamente o que ela esperava.

A escuridão surgiu como uma música alta que inicia sem que ninguém espere. Foi como um baque, um grito apavorado dentro dos tímpanos. Eram berros, uma inspiração imposta, algo que ela simplesmente não conseguia reconhecer como sendo fruto de suas ideias. Ela estava criando aquela poesia, mas ela não lhe pertencia. Não vinha de sua alma.

“Somos almas gêmeas

Unidas por sangue e poesia

Eu escuto sua mente

Compreendo seus pensamentos

Sei quem você é

PERIGOSAS ACHERON

*Dama das palavras
Que sabe tecer doces promessas
Que tem poder sobre vida e morte
Meus prazeres
Dona do meu destino...*

*Seus versos me pertencem
E não há nada que possa nos separar...”*

Logo que Cailey escreveu a última palavra, abriu os olhos e sentiu-se confusa, como se tudo não tivesse passado de um sonho. Mas a realidade ardia em seus olhos, como que a obrigando a fitar o papel sobre a mesa à sua frente. Lembrava-se de cada coisa que escrevera, mas não pôde evitar uma exclamação mais assustada quando percebeu que estava tudo ali, como prova.

Era como uma possessão. Como se algum espírito maligno tivesse se apoderado de seu corpo por aqueles breves minutos. Pensara em escrever algo esperançoso, algo que lhe remetesse à nova fase de sua vida, mas lhe sobraram sentenças obscuras, profetizando um futuro terrível.

Cailey sabia que aquela poesia viera de sua conexão com o Poeta Sombrio. Fora ele que a idealizara, mas ela que a escrevera. Eram como uma equipe; e pensar nisso a fez estremecer. Ele tencionara demonstrar seu poder sobre ela, estava testando seus limites e obtivera sucesso em sua primeira investida.

E Cailey só tinha uma certeza: aquela não seria a última vez.

Colocando as mãos na cabeça, tentando afastar a dor que começava a se aproximar, ela se sentiu desesperadoramente sozinha. Uma sensação

PERIGOSAS NACIONAIS

de pânico começou a preencher sua mente, como não sentia há algum tempo. Não merecia aquilo; como Faith não merecera passar por tudo que passou. A diferença era que Faith tinha sobrevivido... e ela? Seria capaz de reunir todas as suas forças para revelar a Cailey que ninguém conhecia? Tinha cicatrizes suficientes para lembrar, e cada uma delas era responsável por seu amadurecimento. Lembrando disso, pensou que queria apenas ficar viva. Não importava *como*.

A vida estava lhe oferecendo tudo de uma vez só, sem nem lhe perguntar se ela podia lidar com todas as dificuldades. Ofereciam-lhe um dom perigoso, a promessa de um romance avassalador e um inimigo mortal. Como ela seria capaz de lidar com tudo ao mesmo tempo, se mal sabia lidar consigo mesma?

Ela não saberia medir quantas horas passara

PERIGOSAS ACHERON

ali, somente observando o nada, contemplando as sombras que pareciam se formar sobre sua existência. Fechou a mente o máximo que podia, com medo de que alguém a invadisse e descobrisse todas as suas fraquezas e inseguranças. Tentou ficar o mais imóvel possível até que não suportou mais. A solidão a estava sufocando, prendendo-a em um nó cego, pronta para estraçalhá-la como uma peça frágil. E Cailey não queria ser frágil, mas enquanto não conseguisse superar traumas, medos e covardias, precisava de seus portos seguros.

Sua primeira opção, portanto, foi buscar alegria, energias positivas, escape. Por isso, fechou a floricultura, tomou um táxi e foi à maternidade, para também conhecer o bebê que estava chegando.

Na recepção foi informada sobre o número do quarto, e pretendia ir direto para lá, porém, não resistiu e decidiu passar no berçário para conhecer

a criança. Sentia-se ansiosa para ver a mais nova herdeira de Steve Ruther, mas havia uma estranha movimentação em seu coração que ela sabia não ter nada a ver com o bebê. Ele sabia de algo que ela não sabia.

Lá estava Jayce. De longe, Cailey conseguia perceber um leve sorriso emocionado observava os bebês. A cena era comovente. Mesmo cansada, física e mentalmente, ela não resistiu e sorriu, sabendo que ali estava um homem raro.

— Boa tarde, senhor... — ela pigarreou divertida, aproximando-se de Jayce, que teve o sorriso triplicado ao vê-la. — ...poderia me informar qual deles é o bebê Ruther?

Divertida com a brincadeira, esperando uma resposta engraçada, foi surpreendida quando ele literalmente a agarrou, passando um braço ao redor de sua cintura e puxando-a para si. Em seguida

colou seus lábios aos dela, sem aprofundar o beijo, apenas mantendo suas bocas unidas por algum tempo. Quando ele a soltou, Cailey sentiu que as pernas teriam ficado bambas se o contato tivesse durado mais um milésimo de segundo.

— *Buenas tardes, señorita...* — era a primeira vez que Jayce proferia uma palavra em sua língua nativa, e ela achou uma gracinha. Naquele momento ela soube que se ele falasse qualquer coisa em seu ouvido, com aquela voz rouca e sensual, usando o espanhol, ela se derreteria como gelo jogado em uma fogueira. Então, com um sorriso largo no rosto, ele apontou para um determinado local, através do vidro. — É aquela ali.

A menina dormia serena, envolta em uma manta cor-de-rosa. Sua boquinha estava aberta, em formato de coração, ainda aprendendo a respirar o

ar da vida aqui fora. O coração de Cailey apertou naquele mesmo instante diante de tão inocente criatura. Apesar de aquela criança não ser sua, ela imediatamente sentiu vontade de protegê-la de tudo e de todos. E foi inevitável pensar que chegava a ser um pecado submeter uma alma tão pura aos males daquele mundo sórdido, cruel e sombrio.

— Ela é tão linda...

— *Muito* linda. Precisa ver como Steve está babando por ela.

— Imagino. — Cailey riu, sem conseguir tirar os olhos de Jayce, que parecia eufórico como se fosse o pai. — Mas acho que o tio Jayce também está.

— Claro que estou. Serei padrinho dessa belezinha. Aliás, eu e sua irmã. Foi uma escolha inteligente, pois tive a oportunidade de pedir desculpas a ela e a Rowan. São boas pessoas. — ele

PERIGOSAS ACHERON

comentou e depois baixou a cabeça, começando a fitar o chão, demonstrando-se envergonhado. — Eu jamais quis magoá-la, Cailey. Estava fora de mim...

— Ei... — ela tomou seu rosto nas duas mãos e fez com que olhasse para ela. — Eu sei. Faith também sabe. Ela é maravilhosa... não seria capaz de não te perdoar. E sei que seu perdão é sincero.

— Não é só ela que é maravilhosa, sabe? Você também é... — sua voz tornou-se um sussurro cálido, quase uma canção de ninar. Depois de alguns momentos de silêncio, em que ele ficou sem palavras ao vê-la corar, acrescentou: — Eu ainda não tive oportunidade de perguntar se fui rápido demais ao te beijar no outro dia. Você ficou chateada?

— *Chateada?* — ela se surpreendeu. Se tivesse coragem de expressar tudo que sentiu com o

beijo que recebeu, Jayce perceberia que chateada foi a última forma como ela se sentiu. Desconcertada, com certeza, seria o primeiro adjetivo. — Não, não fiquei chateada.

— Bom saber...

E ele roubou seus lábios, beijando-a novamente. Porém, desta vez, não havia euforia, mas uma delicadeza que a deixou inebriada. Jayce pousou uma mão em sua nuca, enroscando os dedos em seu cabelo, e a outra parou em suas costas, enorme, possessiva, puxando-a ainda mais para si. Sua língua buscou a dela, como pares em uma dança sensual e íntima, fazendo o estômago de Cailey revirar, queimando sua pele em cada lugar onde ele a tocava.

Quando se afastaram, Cailey podia jurar que seria capaz de suspirar ao ver a forma como ele a olhava, como se ela fosse mais preciosa que um

diamante. — Linda... — ele sussurrou novamente, passando a mão pelos fios de seu cabelo, fazendo-lhe carinho.

— Você não deveria me beijar aqui. — Cailey sorria ao falar.

— Não? Desculpe, eu... — Jayce recolheu a mão imediatamente, pensando que tinha feito algo errado.

— Há bebês nos vigiando. Estamos dando um mal exemplo. — ela brincou, e ele riu, aliviado.

— Beijar não é um mal exemplo.

— Da forma como você me beijou, sim...

— O que eu fiz de errado? — ele se surpreendeu.

— Errado? Nada! — exclamou. — O problema é que beijar você é como estar em uma montanha-russa... me deixa tonta. — falou em um PERIGOSAS ACHERON

tom de confissão. Mas logo riu, prosseguindo: — Imagine a impressão que vou passar para essas crianças? — os dois riram.

— Bem... — Jayce respirou fundo, tentando se recuperar do que tinha acabado de ouvir. — Então vou passar a beijá-la quando estivermos completamente a sós. Tudo bem?

— Tudo bem... contanto que não deixe de fazer isso...

— Eu não poderia...

Mais um momento de silêncio se fez entre eles, como se tudo que houvesse para ser dito pudesse ser falado através de seus olhos. Cailey sabia que corria riscos ao aceitar aquele relacionamento que estava iniciando ali. Eles se conheciam há pouco tempo, mas tudo estava acontecendo rápido demais, de uma forma muito intensa, e ela tinha medo que acabasse, da mesma

PERIGOSAS ACHERON

forma abrupta como começou. Contudo, não conseguiria pensar com a razão, enquanto seu coração gritasse que era aquilo que desejava. Queria ser olhada daquela forma, beijada daquela forma, como se o mundo pertencesse apenas a eles. Então, mais uma vez, Cailey se jogaria naquele abismo, se arriscaria e deixaria tudo que ainda lhe restava nas mãos de Jayce, esperando que ele não esmigalhasse seus sentimentos.

— Jayce, eu vim para cá porque não queria ficar sozinha... — prosseguiu, logo após um tempo de silêncio. — Aconteceu de novo.

— O que ele fez? Você está bem? — ao ouvir seu tom de voz assustado, Jayce compreendeu que aquele homem insano tinha novamente brincado com a mente dela.

— Não quero falar sobre isso aqui. Tudo bem se formos para a minha casa? Tem algo que eu

quero te mostrar.

— Tudo bem...

Eles, então, avisaram à Faith e aos outros que Jayce levaria Cailey em casa e partiram.

Assim que chegaram em seu destino, ela o convidou para sentar e tirou um papel do bolso. Era a poesia transmitida pelo poeta. Ao mesmo tempo, Jayce pegou uma agenda e a colocou sobre a mesa. Ao vê-la, Cailey não se conteve de curiosidade.

— O que é isso?

— Encontramos uma agenda de Jodie Bridges. Ela também escrevia poesias, e a última que consta aqui, na minha opinião, foi escrita em um momento de medo, como se ela soubesse que ele iria persegui-la.

— Então me mostra logo!

O desespero na voz de Cailey foi tão grande que Jayce não tentou nem argumentar. Ele apenas folheou a agenda, deixando na página da poesia que tinha mencionado, e ela agarrou o livro, literalmente.

Leu tudo com atenção, e sua expressão parecia inalterada; seus únicos movimentos vinham de seus olhos, que percorriam as linhas, seguindo os versos, e seu peito que subia e descia com uma respiração profunda. Ao final da leitura, Cailey fechou os olhos e ficou assim por algum tempo, até que tomou coragem para falar.

— Meu Deus, Jayce! Ele também conseguia entrar na mente dela! — alterou a voz, mostrando-se nervosa.

— Talvez ela esteja usando uma metáfora. Talvez quisesse dizer que ele conseguia compreendê-la através do que ela escrevia...

— Não! Se ele consegue fazer isso comigo, por que não faria com ela? — Cailey colocou seu cabelo atrás da orelha, antes que ficasse molhado por suas lágrimas, fazendo uma pausa, como uma hesitação. — Sabe o que mais, Jayce? Eu estava olhando novamente para aquele primeiro e-mail que enviei para ele, e, talvez, quando o escrevi, estivesse realmente pensando em morte, em violência.

— Não diga bobagens, Cailey! Você seria incapaz...

— Eu tinha acabado de ser estuprada. Talvez não fosse esse o sentimento que queria transmitir, mas era o que tinha no coração naquela época. Eu pensava apenas em matar aquele homem, em lhe causar tanta dor quanto ele me causou. — engoliu em seco, analisando suas próprias palavras. — Se ele consegue entrar na minha cabeça tão

fácil, foi exatamente isso que ele viu. E todo esse rancor deve ter sido transmitido para a minha poesia. — Diga que faz sentido, Jayce! Por favor! Diga que não estou ficando louca... — exclamou com desespero, e ele tomou sua mão.

— Você está longe da loucura, Cailey! Com tudo isso acontecendo, você está se mantendo mais sã do que qualquer um seria capaz. — ao ouvi-lo falar, ela respirou fundo. — E o que disse faz sentido, sim. Aliás, acho que, diante dos fatos, tudo é possível.

— Bem, já que pensa assim, acho que está preparado para o que eu vou te mostrar. — pegando novamente a poesia, ela desdobrou o papel e entregou a ele. Sabia que Jayce iria se surpreender com o teor daquele texto, e foi exatamente o que aconteceu.

— Quando ele enviou isso a você?

— Ele não me enviou, Jayce. Ele entrou na minha mente e me fez redigir esta poesia.

— Como ele fez isso? Você se lembra?

— Eu estava prestes a escrever uma poesia, como faço normalmente. Então, fechei meus olhos e me concentrei. Juro que pretendia escrever uma poesia alegre, mas comecei a ter sentimentos ruins, impuros, cruéis... no final das contas, acabei escrevendo isso. — Cailey tentava parecer calma, mas estava muito alterada. — E eu tenho a impressão de que ele pode fazer isso quantas vezes quiser.

Porém, observando o papel com mais atenção e razão, Jayce percebeu que no primeiro verso da poesia, a expressão "almas gêmeas" estava grifada, como se o poeta quisesse que Cailey prestasse atenção a ela. Ele não pôde deixar de mencionar aquilo.

— Eu não tinha percebido isso... Fiquei tão assustada com essa mensagem que mal reparei neste detalhe. — Cailey pegou o papel da mão de Jayce para poder analisar mais de perto.

Mas assim que ela tomou o papel nas mãos, a cena veio de maneira arrebatadora.

Na verdade não foi uma cena, pois ela apenas conseguia enxergar uma escuridão que parecia infinita. Ela estava novamente no corpo de outra pessoa, dentro daquela mente doentia; e por mais que não pudesse ver nada, havia um pensamento a persegui-la, como um corvo na noite, caçando sua presa: ela e o Poeta Sombrio eram *almas gêmeas*.

Aquela certeza passou a ser uma frase latejante e repetitiva em sua mente, até que ela abriu os olhos e se ouviu gritando, caída no chão, nos braços de Jayce.

— Cailey, volte! — ele dava leve tapinhas em seu rosto, tentando trazê-la de volta. — Olhe para mim!

Os olhos vidrados de Cailey giravam nas órbitas, procurando um foco, praticamente sem sucesso. Ela mal tinha forças para se manter firme e estava sendo sustentada por Jayce, que ainda tentava reanimá-la.

Tinha que ser mais forte do que tudo aquilo. Precisava vencer o mal que se apoderava dela, todas as vezes que ele entrava em sua mente. Necessitava ter controle de seu corpo e de seus pensamentos, mas não sabia como. Ainda não sabia como lidar com seu poder, e seu inimigo parecia experiente demais para ser vencido tão facilmente.

— Almas gêmeas... — murmurou ela, de maneira quase inaudível.

— O que você disse? — Jayce não
PERIGOSAS ACHERON

compreendeu.

— Ele acha que somos almas gêmeas. — explicou melhor, ainda lutando para encontrar as palavras, para se fazer entender. Não precisou sequer mencionar que tinha novamente entrado na mente do assassino.

— Cailey, ele é louco. Está obcecado por você. Você não pode acreditar em tudo que ele acredita.

— Mas e se for verdade? — ela mal falou, foi quase como um gemido dolorido, apavorado.

— Se for, não sabemos nada sobre almas gêmeas; talvez exista outro tipo... — era uma esperança, mas a verdade era que Jayce estava blefando para deixá-la menos assustada.

— Não sabemos, mas podemos descobrir... — decidida, ela se levantou e foi para o

computador. Acreditava que o "Poeta Sombrio" tinha alguma razão para dizer aquilo, não era apenas um jeito de atormentá-la. E Cailey precisava descobrir.

Assim que ela escreveu a expressão na barra de pesquisas do *Google*, encontrou vários sites sobre o assunto. Alguns continham depoimentos de pessoas que haviam encontrado sua cara-metade e estavam felizes; outros eram sites de namoro virtual, que prometiam um parceiro perfeito. Ela já começava a perder as esperanças, acreditando que não encontraria mais nada. Contudo, depois de passar várias páginas, mas sem pensar em desistir, encontrou um site muito discreto que parecia conter várias informações sobre o assunto.

Antes de clicar no link, olhou para Jayce, como se já sentisse que ali conseguiria qualquer coisa.

No blog, que não era lá muito organizado, havia várias páginas sobre o assunto, com diversos depoimentos de pessoas anônimas revelando suas experiências com almas gêmeas. Havia também uma parte que deixou Cailey interessada, onde ela explicava que almas gêmeas eram erradamente relacionadas a um cunho romântico. Na verdade, ela mencionava espíritos similares, com características em comum, que se conectavam, de alguma forma, durante várias encarnações.

— Veja, Jayce... essa mulher pode me explicar algumas coisas. E ela é de Nova Iorque, talvez não esteja muito longe de nós. — Cailey parecia animada, mostrando a ele a página de contato, onde não constava o endereço da administradora do blog, mas havia menção da cidade onde ela morava e um telefone. Nem esperou a reação de Jayce e já foi pegando seu

celular para ligar para a mulher. Ele, porém, tirou-o de sua mão, impedindo-a.

— Vá com calma, Cailey! Você nem sabe quem é essa mulher!

— Não, não sei, mas que escolha eu tenho?

— Você não pode levar tudo que ele fala a sério. Ele pode estar apenas te testando. Pode ser uma armadilha. — ele ainda segurava o telefone para que ela não pudesse ligar para a tal mulher.

— Então encontre uma explicação melhor para o que está acontecendo comigo! — alterou-se. — Eu não posso me dar ao luxo de descartar uma hipótese, portanto, ou você me dá esse telefone agora ou procura uma forma de me impedir de ir até lá. Porque eu vou, Jayce...

Ele poderia impedi-la, é claro. De várias maneiras. Porém, não poderia lhe tirar aquele

direito. Não era apenas um policial naquele momento, era um homem preocupado, sendo enfrentado de igual para igual. Ele sabia que ela daria um jeito de ir; não poderia prendê-la em algum lugar sob sua vigilância, e seria pior se ele não estivesse por perto.

Então, mesmo a contragosto, ele devolveu o celular a ela.

Rapidamente, sem chance para que ele mudasse de ideia, Cailey discou o número. Enquanto ouvia a ligação chamar, seu coração parecia bater desesperadamente, como se sua vida dependesse daquela mulher atender ou não. Quando ouviu uma voz feminina do outro lado da linha, aparentando pertencer a uma mulher de meia idade, ela suspirou aliviada.

— Eu falo com Gloria Eller? — iniciou Cailey, um pouco apreensiva, mencionando o nome

que tinha encontrado no site.

— Sim, é ela mesma. — afirmou com cautela.

— Boa noite, senhora. Espero não estar incomodando, mas encontrei seu site na Internet e estou com algumas dúvidas.

— Dúvidas? — indagou surpresa. — Qual seu nome, menina?

— Cailey DeWitt — respondeu. — Na verdade eu estou com um problema. Acho que minha alma gêmea é um perigo para mim.

Por um momento, Cailey não ouviu mais nada. Poderia pensar que a mulher tinha desligado o telefone, se não tivesse falado logo em seguida:

— Pode vir até a minha casa? Não gosto de falar certas coisas por telefone. — disse Gloria.

— Claro, mas não quero te incomodar.

— De maneira alguma, anote meu endereço... — Gloria ditou seu endereço para Cailey, e ela anotou tudo com atenção. Seu destino podia depender daquilo.

Depois de desligar o telefone, levantou-se, sem nem encarar Jayce, e pegou sua bolsa. Já sabia que seria uma batalha, por isso, nem tentou convencê-lo que preferia ir sozinha.

— Vamos, carcereiro... pode me levar na casa dela? — falou cheia de ironia.

— Tem certeza que quer ir? Pode ser perigoso.

— Por isso estou levando você, detetive! — com uma piscadela divertida e ao mesmo tempo sensual, ela o convenceu, e não se surpreendeu quando o viu tirando uma arma do porta luvas do carro, quando já estavam na porta da casa de Gloria Eller, colocando-a escondida na jaqueta. —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Armado e perigoso? — brincou, tentando conter seu nervosismo.

— Espero que não precise ser perigoso desta vez. — alertou Jayce, com uma expressão contrariada, e os dois saltaram do carro.

Caminharam lentamente até a porta da casa, parando por um tempo. Era uma bela casa, de classe média alta, com um jardim bem cuidado, lembrando aquela onde Cailey morava.

Cailey estava decidida a entrar e despejar toda sua insegurança sobre aquela mulher, na esperança de que ela pudesse lhe dar qualquer direção. Sua mente gritava, seus pensamentos se confundiam desesperadamente, como se seu coração estivesse tentando convencer sua razão de que aquilo era o certo a fazer. Contudo, estava cansada de surpresas e temia que Gloria Eller pudesse lhe dizer coisas que não queria ouvir.

PERIGOSAS ACHERON

— Jayce... — ela praticamente suspirou seu nome, e ele tomou sua mão, tentando lhe passar coragem.

— Você já veio até aqui, Cailey. Não desista... — por mais que não acreditasse que dali poderiam surgir respostas, ele queria ser uma força incentivadora, pois sabia o quanto ela desejava.

Ele falou com tanta delicadeza que ela teve que sorrir. Estava ali *para* ela e *com* ela. Então, Cailey bateu na porta.

Foram recebidos por uma espécie de governanta, que parecia já estar esperando por eles. Foram conduzidos a um escritório um pouco bagunçado, onde apenas as enormes estantes de livros pareciam organizadas. A criada pediu que eles se acomodassem, enquanto Gloria se encaminhava para o local.

Cailey não conseguia se sentar. Estava

PERIGOSAS ACHERON

ansiosa, angustiada, andando de um lado para o outro, sem parar. Jayce queria confortá-la de alguma forma, tomá-la nos braços e dizer que tudo ficaria bem, mas nem ele mesmo sabia o que pensar.

Em poucos minutos a porta se abriu, e uma bela mulher, na faixa dos cinquenta anos, sentada em uma cadeira de rodas, entrou, com um lindo cãozinho da raça maltês no colo. Ela mantinha uma expressão séria no rosto, mas possuía olhos simpáticos, o que fez com que ambos se acalmassem um pouco.

— Cailey DeWitt... é mais jovem do que parecia ao telefone. — comentou ao olhar para a moça. — Sejam bem-vindos. Não é sempre que recebo um casal tão bonito em minha casa.

— Sra. Eller, eu preciso de sua ajuda. — Cailey, que ainda não conseguira se sentar,

aproximou-se.

— Prometo fazer tudo que estiver ao meu alcance. — Gloria deixou o cachorrinho no chão com muita delicadeza e pegou a mão de Cailey. — Sente-se, querida. E conte-me tudo...

Jayce, percebendo que Cailey estava um pouco atordoada, aproximou-se dela, segurando em seus braços, e a guiou até uma poltrona, em frente à cadeira de Gloria, fazendo com que se sentasse.

Antes de começar a falar qualquer coisa, Cailey olhou para Jayce, buscando sua aprovação, e ele apenas deu de ombros, afinal, o segredo pertencia a ela. Então ela começou...

Despejou toda sua angústia, como se fizesse uma confissão a um padre. Era fácil sentir o quanto aquilo feria e a amedrontava, como um mal invisível e poderoso. A verdade era que ela sentia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muito mais coisas do que demonstrava, sofria muito mais do que deixava transparecer.

— E agora você está com medo de serem realmente almas gêmeas... — Gloria concluiu, depois de ouvir com atenção o relato de Cailey.

— Sim. Eu sempre ouvi dizer que almas gêmeas são apaixonadas e têm um amor especial. Não posso me imaginar amando um monstro como esse! — exclamou ela, começando a sentir lágrimas queimando em seus olhos.

— Na verdade, essa é apenas a definição romântica para a expressão. — disse, muito calma. — Eu encaro tudo de uma outra forma.

— Sou toda ouvidos. — apreensiva, Cailey inclinou o corpo para frente, para ficar mais próxima de Gloria.

— Eu estudei muito sobre o assunto, e

PERIGOSAS ACHERON

minha teoria favorita é a de que almas gêmeas não são nada mais do que espíritos que evoluíram em um mesmo nível, atingiram a simetria perfeita, metaforicamente falando. Com essa perfeição, se forma uma conexão inquebrável, uma ligação não necessariamente romântica. Conheci irmãos que eram almas gêmeas, pais e filhos, dentre outros.

— Mas esses laços que você mencionou são de amor. — interrompeu, visivelmente ansiosa.

— São os que as pessoas conhecem, porque são mais fáceis de identificar. Mas o conceito de Almas Gêmeas também pode incluir o bem e o mal, dois extremos. Positivo e negativo.

Encarando daquela forma, fazia sentido, mas Cailey ainda não estava convencida. Aquilo era muito complexo, até mesmo para sua mente que tinha um alto poder de interpretação.

— Pelo que você me contou, vocês têm o

PERIGOSAS ACHERON

mesmo tipo de habilidade. Ele consegue ver através de suas palavras e assim compreender seus sentimentos, que é o que acontece também com você. Além disso, um pode entrar na mente do outro... — Gloria ia continuar a falar, mas Cailey outra vez a interrompeu.

— Mas ele conseguiu me enviar uma mensagem através da minha própria mente. Eu não seria capaz disso.

— Você ainda não tentou. — disse categórica. — E há mais uma coisa... você disse que aparentemente ele era capaz de fazer o mesmo com a moça que morreu, certo? — Cailey fez que sim com a cabeça. — E você? Consegue usar esse seu dom com outra pessoa?

— Não... — ela respondeu impulsivamente, mas Gloria ficou em silêncio, como se desse tempo para Cailey pensar melhor. E ela se lembrou de

todas as vezes que precisava escrever uma poesia para a floricultura, e acabava se conectando com as pessoas de forma muito especial. — Na verdade, já aconteceu. Algumas vezes.

— Então aí está sua resposta. Vocês dois são as duas faces de um espelho, que reflete imagens parecidas, mas nunca iguais. Assim como o bem e o mal. São igualmente poderosos, mas com propósitos diferentes. — a voz de Gloria permanecia calma, exatamente como no início da conversa, e aquele som quase melodioso foi acalmando o coração da moça, deixando-a menos assustada.

— Eu não fazia ideia que isso podia existir.

— Há várias coisas nesse mundo que desconhecemos ainda, menina. E não pode negar que isso tem uma certa lógica. Quer ver um exemplo? Sansão e Dalila. Quem vai negar que eles

eram almas gêmeas? E, no entanto, ela o traiu. — explicou.

— E foi uma tragédia. — complementou Cailey.

— Mas é uma das graves consequências do encontro do bem com o mal. Uma profunda discórdia.

— Então a discórdia já começou. Nossa primeira troca de e-mails resultou na morte de uma pessoa. O que mais ainda está por vir? — cansada e abatida, ela colocou a mão na cabeça em busca do silêncio. Mas em sua mente ela não iria encontrá-lo. Seus pensamentos estavam gritando, como se sua alma pedisse socorro. Não havia paz dentro de Cailey.

— Querida, por que não vai lavar o rosto? Está um pouco pálida. — respirando fundo, Cailey obedeceu e deixou Jayce preocupado quando

PERIGOSAS ACHERON

passou por ele. Assim que ficaram sozinhos, Gloria o fitou, com uma expressão indagadora. Ele ainda estava de pé, inquieto, sombrio e observador. — Como é seu nome, rapaz? — Gloria se dirigiu a Jayce quando ficaram sozinhos.

— Jayce Hernandez.

— Vejo que gosta muito dessa moça, Jayce Hernandez, então, acho que vai precisar cuidar dela. — aconselhou.

— Ela está em perigo, não está? — por mais que ainda não confiasse muito naquela naquela mulher, a vida de Cailey estava em jogo, e ele precisava se agarrar a qualquer coisa.

— Em vários tipos de perigo, mas o pior deles é ela mesma, sua sanidade no meio disso tudo.

— Você não parece surpresa com toda essa

história. — afirmou, cheio de desconfiança.

— Se conhecesse todos os meus segredos, compreenderia porque não me assusto tão facilmente. — Gloria respondeu sorrindo e, logo depois, girou sua cadeira de rodas até um pequeno armário, no canto de seu escritório gigantesco. De lá, retirou um pequeno frasco e o levou até Jayce. — Leve isso com você.

— E o que é? — outra vez desconfiado.

— É um tranquilizante bem forte. Cailey precisa dormir depois de tantas revelações.

— Senhora, não me leve a mal, mas eu nem a conheço. Acha mesmo que eu vou colocar isso na bebida dela sem nem saber o que é? Como vou confiar que não é veneno? — ele estava nervoso, mas Gloria permanecia inalterada.

— Acho que pode confiar em seus instintos,

PERIGOSAS NACIONAIS

detetive... — outra vez ela sorriu, de forma maliciosa, mas quando Jayce estava pronto para perguntar como ela sabia que ele era policial, Cailey apareceu, e ele apenas guardou o tal tranquilizante no bolso.

Cailey voltou do banheiro com os olhos vermelhos e tão pálidos que parecia que iria desabar a qualquer momento. Jayce imaginava toda a pressão pela qual ela estava passando e não achava justo. Ela simplesmente não merecia.

— Você está bem? — Jayce segurou seu braço, enquanto ela passava por ele, de uma forma muito protetora e apaixonada.

— Não. Não estou... mas acho que vou ficar. — ela se virou para Gloria, suplicante. — Não vou?

— Vai, querida... tenha fé.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada, Gloria... você acendeu uma luz no fim do túnel. — Cailey sorriu de forma cansada e desanimada.

— Estarei aqui para você. Sempre que precisar.

— Eu vou precisar. Com certeza!

Gloria os acompanhou pessoalmente até a saída e trocou um abraço com Cailey, como se fossem velhas amigas. Apesar de tudo, ela se sentia um pouco mais tranquila, embora soubesse que a batalha não estava nem perto de terminar.

Houve um silêncio de alguns minutos enquanto Jayce dirigia. Cailey estava pensativa, e ele queria lhe dar aquele tempo para que ela pudesse lidar com seus demônios interiores, enquanto não fosse possível exorcizá-los. Em uma magnitude infinitamente menor, ele conhecia a agonia de se viver uma batalha interior, de se sentir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

miserável. Naquela época, em que tudo parecia conspirar contra ele, tudo que queria era ser deixado em seu canto, sozinho, embriagado em álcool e em sua própria dor, mas ele vira os resultados; tornara-se um lixo, uma vergonha para si mesmo, portanto, não permitiria que Cailey caísse no mesmo abismo.

— Jayce, para onde está me levando? —
Cailey proferiu ao perceber que ele não estava pegando o caminho de sua casa. Sua voz cansada denunciava que ele estava fazendo a coisa certa.

— Para minha casa...

— Jayce, não! Por favor, eu quero ficar sozinha... preciso pensar.

— Shhh... — ele pediu que ela se calasse.
— Não vai ficar sozinha. Vou cuidar de você.

Ela queria protestar, mas estava sem forças.

PERIGOSAS ACHERON

A verdade era que ficar sozinha, depois de ouvir a proposta de Jayce, não parecia assim tão bom. Sabia que seria atormentada por pesadelos, por pensamentos assombrados e pela vontade de tentar fazer o que Gloria supôs que ela fosse capaz: entrar em contato com ele. Tinha certeza que estando sob os cuidados de Jayce, ele jamais permitiria que ela o fizesse. Porém, tinha que tentar convencê-lo. Precisava sentir aquele poder nela também, sentir que não era somente uma vítima, que aquele homem não podia ser o único a surpreendê-la.

Assim que chegaram, portanto, Cailey apressou-se em descer do carro; e assim que ele abriu a porta, ela foi a primeira a entrar.

Sem nem dizer nada, correu até o computador — mesmo sem pedir permissão —, e estava prestes a ligá-lo quando mais uma vez foi interrompida por uma mão insistente que teimava

em segurá-la e impedi-la.

— Nem pense nisso, Cailey... você vai dormir! — falou ele enfático.

— Não quero! Preciso encontrar mais coisas sobre o que Gloria falou... sobre as almas gêmeas. Tenho muito a fazer! Além do mais, já que estou aqui com você, eu poderia tentar entrar na mente dele e lhe transmitir alguma mensagem...

Ela falava sem parar, quase ofegando. Não estava em seu estado normal, é claro. Seus olhos pareciam vidrados, sua pele estava gelada e o rosto um pouco pálido. Jayce sabia que ela poderia entrar em um surto a qualquer momento, e ele não queria pagar para ver.

Todos aqueles planos de não desperdiçar a noite com seu sono, que ela estava fazendo, teriam que ficar para outro dia. Ele só precisava pensar em uma maneira de impedi-la... E, claro, foi naquele

PERIGOSAS ACHERON

momento que ele começou a achar a ideia do tranquilizante muito boa. Porém, ele não pretendia usar o de Gloria Eller, afinal, podia até tê-la achado muito simpática, mas *confiar* era algo que ele ainda não se permitia.

Respirando fundo e fingindo derrota, ele soltou Cailey e permitiu que ela se sentasse na frente do computador.

— Tudo bem... faça o que tem que fazer.

— Obrigada, Jayce... se precisar de ajuda eu chamo. — ela acreditou em sua farsa e deixou que ele saísse de perto, sem nem desconfiar de nada.

Jayce, por sua vez, foi até a cozinha de sua casa e abriu o armário onde costumava guardar remédios. Logo encontrou um calmante, que a psicóloga da polícia lhe receitou na época da morte de Debra. Claro que o vidro ainda estava cheio, uma vez que ele utilizara o álcool para o mesmo

PERIGOSAS ACHERON

fim.

Discretamente ele abriu a geladeira, serviu dois copos de suco e preparou dois sanduíches para disfarçar. Em seguida pingou algumas gotas do tranquilizante, que ele lembrava ser bem forte — e teria mesmo que ser, para um homem do tamanho dele —, no copo que entregaria a Cailey.

Colocando os dois pratos e os dois copos em uma bandeja, ele levou o lanche até a sala, onde ela estava, olhando para a tela do computador, vidrada.

— Se pretende ficar acordada até tarde fazendo suas pesquisas, vai ter que comer, pelo menos. — ele odiava mentir para ela, mas sabia que estava fazendo algo para seu bem.

— Nossa! Obrigada! — ela sorriu, olhando para tudo que ele havia lhe preparado. — Estou mesmo com fome.

Ele respirou aliviado quando ela deu uma boa mordida no sanduíche e uma boa golada no suco. Jayce sabia que era apenas uma questão de tempo para que ela desabasse.

E nem demorou tanto tempo assim. Enquanto ainda fazia suas pesquisas no computador, Cailey começou a sentir seus olhos pesarem e o corpo amolecer lentamente. Sabia que estava cansada desde o início, mas aquele mal estar era muito súbito. Tinha algo errado.

Logo concluiu o que tinha acontecido ao ver que Jayce a vigiava, de pé, encostado na parede, e ao lembrar de quão facilmente ele tinha desistido de convencê-la a ir dormir.

— Jayce, seu trapaceiro... — ela se levantou, sem muitas forças nas pernas e começou a caminhar até ele. — O que fez comigo? — ao andar, ela sentia-se trôpega e teria caído no chão se

PERIGOSAS NACIONAIS

ele não tivesse sido rápido em chegar até ela e ampará-la.

— Você precisa dormir! Não tem noção do quanto está abatida.

— Tire as mãos de mim! Você me enganou... — ela falou mais alto, sem forças, tentando se soltar de seus braços, mas Jayce a segurou com mais ímpeto.

— Se eu tirar as mãos de você, vai cair no chão. — brincou. — E, além do mais, acho melhor eu carregá-la até a cama, pois não vai chegar até lá sozinha... — ele estava se divertindo com tudo aquilo, o que a deixava ainda mais irritada.

— Você me paga! Eu vou... — e ela nem teve tempo de terminar sua frase, pois foi lentamente caindo em um sono profundo, até estar entregue, totalmente, nos braços de Jayce, adormecida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele a ergueu do chão no colo e a carregou até seu quarto. Daquela vez ela não dormiria no sofá, merecia todo conforto e uma noite tranquila. Pelo menos o mais tranquila possível. Ele a colocou sobre o colchão com todo cuidado, depois tirou seus sapatos, suas bijuterias — para que nada a machucasse — e a cobriu. Em seguida deitou-se ao lado dela, puxando-a para mais perto, aconchegando-a delicadamente em seu peito.

Ali ela estava protegida. Mas por quanto tempo?

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Nove

Ele sabia que seria uma tempestade daquelas poderosas. Sabia que quando Cailey acordasse exigira explicações, haveria gritaria, xingamentos e, talvez, acabasse indo embora, mas, mesmo assim, não estava arrependido de sua atitude. E quando ela apareceu, desperta, com os cabelos bagunçados, descalça e com uma expressão furiosa, ele soube que tinha feito seu papel. Cailey tinha perdido o aspecto exausto do rosto. Ela ainda precisava de muito descanso, mas parecia bem melhor.

— Jayce, como teve coragem de me dopar? Eu disse que não queria dormir. Não *podia* dormir!
— berrou.

— Sim, você *podia*! Ou melhor, você

PERIGOSAS NACIONAIS

precisava. Eu seria um idiota se permitisse que ficasse acordada. Devia me agradecer.

— Agradecer??? — ela riu cheia de sarcasmo. — Quantas horas eu dormi?

— Quase dezoito. — afirmou, tentando esconder que ficara envergonhado ao dizer aquilo.

— *Dezoito?* — indagou com os olhos arregalados. — Meu Deus! Eu ia me apresentar hoje na revista!

— Revista?

— Sim. Aquela revista que fez a matéria comigo e com Faith vai me contratar para trabalhar com eles... vou fazer o mesmo trabalho que faço na floricultura, só que as poesias serão publicadas. — explicou. — Mas acho que agora nem vão mais me querer... — dirigiu-lhe um olhar acusador.

— Não acha que estará se expondo demais?

PERIGOSAS ACHERON

Qualquer um poderá ler a revista... ele terá muito mais acesso à você...

— Não posso deixar que minha vida gire em torno disso! — ela falou com desdém, mas ele não pôde negar que ela estava certa. Exatamente como Gloria dissera, o maior desafio naquela situação era manter Cailey sã. Portanto, prendê-la em uma redoma de vidro não seria uma escolha muito sábia.

— Já que é tão importante para você, por que não liga para lá e explica que não se sentiu bem? Pode acontecer com qualquer um... — ele opinou, e foi o que Cailey fez. Para sua sorte, Lenny afirmou que não teria problema se ela aparecesse por lá apenas na segunda-feira, o que seria até melhor, para se prepararem para sua chegada.

Mais aliviada, Cailey decidiu que tomaria

PERIGOSAS NACIONAIS

um banho rápido, pentearia o cabelo e voltaria para casa, porém, Jayce insistiu que ela, ao menos, comesse alguma coisa. Ele queria que ela ficasse um pouco mais de tempo, pois sabia que estava chateada.

E estava mesmo. Queria brigar com ele, reclamar, exigir que nunca mais fizesse algo do tipo, pois gostava de tomar suas próprias decisões. Contudo, não era capaz de reclamar. Não quando ele estava querendo protegê-la, não quando era a única pessoa, além de Faith e Tatianna, que realmente se preocupava em cuidar dela, que zelava por seu bem estar. Tinha plena consciência de que estivera exausta no dia anterior e que acabaria doente se não tivesse sido forçada a descansar. Era bom ter alguém para lhe ajudar a enfrentar seus demônios. Saber que não estava sozinha lhe dava uma espécie de força, uma esperança.

PERIGOSAS ACHERON

— Cailey... — ele chamou, depois de terem passado vários minutos calados. Jayce já não estava suportando o silêncio; não quando tinha tanto a dizer. — Desculpe por ter feito o que fiz ontem à noite, mas você está com uma aparência bem melhor. — falou cheio de cautela, esperando que ela pudesse explodir a qualquer momento.

Mas, para sua surpresa, ele viu um leve sorriso brotar naquele rosto que era capaz de fazê-lo ficar de joelhos.

— Tudo bem, Jayce... vou te dar um desconto e assumir que estou me sentindo muito bem agora.

Bem, na verdade era o que ela pensava... pois, assim que terminou a frase, como se realmente quisessem brincar com ela, irozinar sua vida, sentiu um vazio estranho no peito, como se sua alma estivesse sendo sugada de seu corpo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Como se sua mente estivesse sendo transportada para outro lugar, outra dimensão. Um local escuro, sombrio, assustador. Ela sabia do que se tratava. Era um sinal, um chamado.

— Cailey, o que houve? — Jayce imediatamente percebeu algo de errado. De olhos fechados e apertados, seu semblante era de dor, como se estivessem apunhalando seu peito. Na verdade, ela lutava... porém, não sabia se devia lutar contra ou a favor.

— Ele está escrevendo, Jayce! Sei disso... é a minha chance. Me dê papel e caneta, por favor. — ela pediu, estendendo a mão, e ele se prontificou a buscar. — Rápido, Jayce! Rápido! — e ele lhe entregou um caderno e um lapiseira, que encontrara sobre a mesinha de telefone.

De olhos fechados, assustadoramente concentrada, ela escreveu com letras quase

PERIGOSAS ACHERON

garrafais no papel: “DEIXE-ME EM PAZ!”. Permaneceu, então, em transe por mais algum tempo, e a resposta surgiu depois de uma espera de alguns minutos. Cailey, um pouco mais fora de si, redigiu: “JAMAIS VOU DEIXÁ-LA EM PAZ, MAS, NO MOMENTO, MINHA INSPIRAÇÃO ENCONTROU OUTRA BELA POETISA.”

Foi algo súbito, como se ela fosse jogada com violência de volta à realidade. Mal teve tempo de recuperar a respiração, foi acometida por um ataque de tosse, como se algo tivesse comprimido sua garganta.

De olhos abertos, sentiu Jayce ao seu lado e tateou em busca dele, de sua mão. Percebendo que ela estava descontrolada, ele sentou-se ao lado dela e puxou-a para seu colo, abraçando-a. Ofegante, ela começou a chorar compulsivamente. Enquanto ela escrevia, Jayce lia toda a mensagem que recebera

do “Poeta Sombrio”, compreendendo que havia mais uma mulher em perigo. Seu instinto de policial dizia que deveria sair correndo para a delegacia, embora fosse seu dia de folga, para tentar descobrir qualquer coisa, mas tudo que queria era ficar ali, embalando Cailey em seus braços até que ela se acalmasse.

— Eu consegui, Jayce! Consegui fazer com que ele se comunique comigo! — ela falava como se tratasse de uma vitória. Sabia que não estava mais tão vulnerável, que também tinha um modo de se defender e atacar, mas, apesar disso, ela chorava. Os laços ficavam cada vez mais estreitos, a ligação mais forte. E sentia mais e mais ódio. — Ele vai perseguir essa moça, exatamente como fez com Jodie Bridges.

Ao ouvi-la falar, ele simplesmente tinha vontade de apertá-la mais contra si. Embora tivesse

dormido várias horas e sua aparência estivesse bem melhor, lá estava ela novamente pálida, parecendo um cristal frágil, pronto para se espatifar pelo chão. Estava tão perdida que sequer protestou — se é que percebeu — quando Jayce a fez se levantar e caminhar até o sofá, onde ele a sentou novamente em seu colo.

— Você precisa se acalmar...

— Como quer que eu me acalme? Há muita coisa em jogo! — ela o interrompeu, parecendo muito indignada ao falar.

— Sei disso, mas se não se cuidar, não vai conseguir me ajudar. E também sei o quanto quer ser útil. — falou docemente, acariciando seus cabelos.

— Sabe o que me deixa mais desesperada?
— ela perguntou, e ele fez que não com a cabeça.
— É que para que tudo tenha um fim, um de nós
PERIGOSAS ACHERON

tem que morrer. Ou eu, ou ele. Se isso não acontecer, ele vai infernizar minha vida para sempre.

Aquela era uma teoria que já tinha passado pela cabeça de Jayce, embora ele preferisse nem pensar em tal desfecho. Claro que ele sequer se permitia imaginar a possibilidade de ser Cailey a morrer, pois pretendia matar aquele filho da puta primeiro.

— Não pense nisso agora. — foi tudo que ele conseguiu dizer, antes de lhe beijar a testa e fazer com que ela encostasse em seu peito, aninhada como uma gatinha.

O ritmo dos batimentos do coração de Jayce começaram a embalá-la e a enebriá-la. Era como se estar ali, abraçada a ele, fizesse todo o sentido, como se ali fosse o lugar onde ela sempre devesse ficar. Ele a deixava calma, mesmo nas horas mais

difíceis, e estava por perto desde aquele fatídico dia onde a encontrara na rua, sozinha, à noite. Cailey podia dizer que Jayce era seu anjo da guarda e que estava totalmente apaixonada por ele. Sabendo disso, assumindo seus sentimentos para si mesma, decidiu que estava na hora de fazer algo a respeito.

Em silêncio, ajeitou-se em seu colo, colocando uma perna de cada lado dele, podendo ficar frente a frente. Ansiosa, ela agarrou a gola de sua blusa social com as duas mãos e o puxou para si, beijando-o em seguida. Era a vez de *ela* deixá-lo sem chão, fora de rumo... Mas, apesar de ter ficado surpreso com aquela atitude, Jayce correspondeu rápido à ação e passou o braço ao redor de sua cintura, deixando uma das mão em suas costas, que logo começou a puxá-la mais para perto, como se precisasse daquela proximidade. A outra mão foi para um ponto mais alto, nos cabelos, que ele

agarrou com delicadeza e um pouco de desespero. Tinha vontade de tocá-la em todas as partes do corpo, mas não sabia onde aquele beijo iria terminar e não queria ultrapassar nenhum limite.

Mas ela, então, interrompeu o beijo subitamente. Jayce podia sentir suas entranhas se revirando de desejo, um calor queimando cada vestígio de sua pele. A urgência quase o fez cometer uma loucura e puxá-la de novo para si, pois sabia que ela corresponderia com paixão, mas precisava respeitá-la, tendo em vista todas as coisas pelas quais havia passado. Imaginava que ela ainda teria um pouco de relutância em aceitar carícias mais íntimas.

Contudo, apesar de ter recuado, abaixando a cabeça, parecendo arrependida, não saiu de seu colo. Percebendo que ela estava em dúvida, Jayce segurou seu rosto com delicadeza, fazendo-a olhar

em seus olhos.

— Cailey, tudo bem... vamos no seu ritmo. Eu a desejo de todas as formas, quero tanto fazer amor com você que mal pode imaginar, mas só vou fazer o que você quiser que eu faça. Se quiser apenas me beijar, aceitarei de bom grado.

— Não é isso... eu também quero, mas...

— Então qual é o problema? Fale comigo!

— Ah, Jayce, eu lutei tanto para mudar aquela pessoa que eu era, que tomava atitudes impulsivas e que deixava o desejo falar mais alto, mas vejo que não mudei nada. — ela estava envergonhada. — Eu preciso confessar que já fiz sexo com homens que mal conhecia, buscando alguém que realmente gostasse de mim, mas nunca deu em nada. — as lágrimas já começavam a aparecer em seus olhos, e Jayce usou as costas da mão para limpar uma que teimou em rolar.

— Ainda bem que nunca deu em nada, pois você está aqui comigo agora. — ele brincou, e ela não conseguiu não sorrir. — Olha, repito o que eu disse, você pode parar a hora que quiser, mas saiba que não está atirando no escuro desta vez. — Jayce respirou fundo. Era hora de revelar seus sentimentos, ela merecia saber. — Estou completamente apaixonado por você.

— Apaixonado? — Cailey o olhou novamente nos olhos, talvez para tentar descobrir se ele estava falando a verdade ou se mentia. Mas Jayce era extremamente confiável, tinha vários princípios, e ela sabia que ele odiava enganar os outros.

— É. Na verdade, eu nem sei o que estou sentindo. Você é um sonho, Cailey... exatamente o que eu sempre desejei para mim. Uma mulher doce, frágil, delicada, mas ao mesmo tempo forte,

corajosa... e tão linda, que eu poderia passar horas olhando para seu rosto sem acreditar que é real. — as palavras de Jayce a emocionavam. Ela jamais ouvira aquele tipo de coisa. — Você é o tipo de mulher que eu teria muito orgulho de dizer que é minha, se eu tivesse essa sorte...

Sem saber as palavras certas a dizer, mediante tal declaração, ela apenas olhou bem fundo naqueles olhos amendoados tão sinceros e sorriu.

— Sou sua, Jayce... se você me quiser... — sussurrando, exatamente como ele fizera, demonstrando toda doçura que o conquistara, ela se ofereceu para ele, com uma encantadora expressão de inocência e sinceridade, que o fez beijá-la sem nem dizer nada.

— Então, a partir de agora você é minha, Cailey DeWitt, e eu juro que vou passar por cima

de qualquer um que tentar tirar você de mim... — mais uma promessa, e Cailey compreendeu o sentido daquela. Ele estaria disposto a fazer qualquer coisa para defendê-la de todo mal que a espreitava. Aquilo a fez desejá-lo ainda mais.

— Faça amor comigo, Jayce... por favor!

Apesar de saber exatamente o que queria fazer com ela, em todos os detalhes e milímetros, de alguma forma, mal sabia por onde começar. Queria fazer tudo certo... respeitá-la, amá-la como merecia, mas ela lhe despertava sentimentos selvagens também. O que era perigoso... Cailey era tão pequena, tão delicada, e, ainda por cima, o tinha escolhido para ser seu primeiro amante depois do trauma do estupro.

E, *por Deus!* Ele jurava que seria o último...

Sentindo seu peso delicado sobre suas coxas, ele agarrou sua cintura fina com as duas

PERIGOSAS ACHERON

mãos e a apertou, com certa delicadeza, aproveitando para puxá-la para um beijo. De uma forma mais profunda ele tomou posse de sua boca, prometendo para si mesmo que seria capaz de beijá-la até que a deixasse exausta. Depois de se fartar de sua boca, ele desceu, colando seus lábios em seu queixo, descendo por todo o pescoço, traçando uma linha incerta até o colo, inclinando-a para trás, sustentando-a com apenas um braço.

Jayce podia jurar que Cailey tinha o colo mais lindo que ele já tinha visto. Sua pele era mais macia que já tivera o prazer de tocar, e ela cheirava a lavanda e a algo mais cítrico, oscilando entre mulher e menina, a combinação que tanto o fascinava.

Cailey mantinha os olhos fechados, a concentração em todas as diferentes sensações que ele provocava com seus toques e beijos. Sabia que

a partir daquele momento, daquele dia em diante, estava completamente entregue, perdida. Ou talvez tivesse finalmente se encontrado, depois de uma vida inteira na escuridão, no vazio. Jayce era a luz para qual ela sabia que deveria seguir, a segurança que ela sempre buscara...

Bem... naquele instante ela sequer conseguia pensar em qualquer coisa, enquanto suas mãos a apertavam inteira, como se massageando cada parte de seu corpo. De forma mais ousada, Jayce pousou as mãos sob as coxas de Cailey e a levantou, mantendo-a em seus braços, carregando-a até o quarto. Contudo, ao invés de deitá-la na cama, ele a deixou sentada na escrivaninha, começando a desabotoar sua camisa, botão por botão, bem devagar, enquanto lhe mordiscava o lóbulo da orelha e a beijava na região do pescoço.

Logo em seguida ele se afastou um pouco e

retirou sua própria camisa, e Cailey pôde contemplá-lo por inteiro. Exatamente como ela imaginava, ele tinha um corpo extremamente musculoso, desenhado, esculpido. Desejando-o ainda mais, ela desceu da escrivaninha de um salto e foi em direção a ele, colocando a mão em seu peito, acariciando-o, mas sem desviar os olhos dos dele.

— Você é tão lindo... — ela sentiu a necessidade de dizer, embora tenha usado seu tom de voz mais tímido. Jayce era o único homem que ela conhecia que merecia ser elogiado, receber carinhos e atenção.

— Eu? Estou de frente para toda beleza do mundo e é você quem diz isso? — ele a puxou para si, colando seus corpos e a beijou mais uma vez.

Cailey suspirou em seus braços, e ele a carregou até a cama, finalmente deitando-a

delicadamente. Com ela confortável e linda, com os cabelos loiros espalhados pelo travesseiro, ele terminou de despir-se e deitou-se sobre ela, sustentando todo seu peso em seus próprios braços para não machucá-la. Logo começou a beijá-la novamente, explorando seus lábios por alguns momentos, mas descendo até chegar ao local mais íntimo, onde se ele demorou para lhe dar muito prazer.

Quando ele a sentiu arquear, tremendo de prazer, decidiu torturá-la um pouco mais e parou de beijá-la naquele exato ponto, para novamente subir e ocupar-se de seus seios. Eram pequenos, firmes, redondos e cabiam perfeitamente em sua boca. Assim que ele tomou um deles nos lábios, Cailey soltou um leve e doce gemido, que deixou Jayce ainda mais excitado.

— Olhe para mim, Cailey... — ele

sussurrou em seu ouvido, quando percebeu que ela mantinha os olhos fechados, enquanto agarrava o lençol da cama, tentando se conter.

Ele queria que ela relaxasse, que aproveitasse cada segundo... que se entregasse e esquecesse de qualquer momento ruim pelo qual tinha passado nos últimos meses. Naquele momento sentia-se egoísta, pois queria ser o único em seu pensamento.

— *Eres un sueño... Te deseo mucho...*

A necessidade de dizer que a desejava e repetir que ela era um sonho para ele, em sua língua materna, foi tanta que ele sequer percebeu o que estava fazendo. Cailey, por sua vez, não entendeu uma palavra do que ele dizia, mas sequer se importou... foi a coisa mais sensual que já ouvira na vida.

E novamente ela sentiu seu controle se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perder quando os dedos dele buscaram o local onde antes estava sendo beijada, fazendo com que eles penetrassem sua carne... Cailey mal conseguia respirar. Especialmente porque a outra mão de Jayce segurava seus braços sobre sua cabeça, tornando-a refém dele.

E ela podia jurar que seu corpo estava prestes a explodir, até que ele levantou um pouco seus quadris e a penetrou, tocando-a fundo, abafando seus sons com outro beijo desesperado.

Podia não ser o primeiro homem com quem ela ia para cama, o que já tinha feito com muitos outros, mas era a primeira vez que fazia amor, que era amada, e era a sensação mais indescritível de todas. Estava plena.

PERIGOSAS ACHERON

Ela acordou devagar, quase com medo de que tivesse vivido um sonho. Teve medo até mesmo de olhar ao redor, ainda mais quando tateou a cama às cegas e percebeu, com um suspiro derrotado, que estava vazia. Só então teve coragem de abrir os olhos e se viu deitada na cama de Jayce, com o corpo nu coberto apenas por um lençol e com o dia amanhecendo. Não fazia ideia de por quantas horas havia dormido, mas sabia que fazia muito tempo que não passava uma noite tão tranquila.

Bem, nem tão tranquila assim, se fosse levado em consideração a quantidade de vezes que fizeram amor.

Porém, acordar sozinha não estava em seus planos. Será que ele tinha se arrependido? Tinha dado conta de que ela não era uma mulher para ser

levada a sério? Ou será que tinha feito alguma coisa errada? Bem, precisava descobrir.

Entretanto, antes que pudesse levantar, Jayce surgiu na porta do quarto com um enorme buquê de flores e uma cesta de café da manhã.

— Ah, meu Deus! — Cailey, em uma reação muito autêntica, levou as mãos à boca, demonstrando surpresa.

Jayce imaginava que nenhum homem jamais fizera algo parecido por ela. Simplesmente aproveitaram de seu corpo e partiam horas depois sem nunca mais procurá-la. Contudo, ele não conseguia entender o motivo, já que ela era tão adorável, tão incrível, que merecia muitos gestos como aquele.

— Obrigada...

— Não me agradeça. Você merece muito

mais que isso... — ele falou muito sério, quase solene. Então, com um tom mais suave acrescentou: — Estou vivo de novo, Cailey, e devo isso a você.

Assim que ouviu aquilo, os olhos de Cailey se iluminaram. Em um primeiro momento ele não conseguiu interpretar o motivo daquele brilho, mas logo compreendeu que se tratava de *esperança*. Tinha certeza que ela, pela primeira vez, sentia-se digna, sentia-se mais próxima da mulher maravilhosa que realmente era.

— Você também me salvou, de uma certa forma. Nós fizemos amor, e eu sequer pensei no estupro. — ao falar aquilo, Cailey imediatamente se arrependeu. Era realmente péssima em diálogos românticos, mas Jayce pareceu não se importar, tanto que pegou suas mãos e a beijou.

— Se depender de mim você nunca mais

vai lembrar do que aconteceu.

Ao se olharem, surpresos com a promessa que tinha se formado ali, ficaram em silêncio. Sentindo-se uma criança tola, Cailey pegou as flores e as cheirou, mas seu semblante logo se alterou ao se lembrar das palavras de Faith em relação àquela flor. Durante o tempo em que já trabalhava na floricultura, aprendera algumas coisas com a irmã, e sabia que aquelas flores eram Frésias... e seu significado era *proteção*. O que não era um bom sinal.

— Você ficou séria. Está tudo bem? — reparou Jayce, depois de avaliá-la por algum tempo.

— Sim, sim... está tudo bem... — então ela sorriu, tentando não demonstrar seu incômodo em relação ao significado das flores. — Bem, vamos comer? Estou morrendo de fome!

Eles prolongaram o momento o máximo que puderam, mas a verdade era que ambos precisavam seguir com suas vidas.

Assim que a viu se virar para ele, acenando de forma docemente infantil, no momento em que a deixou em casa, ele soube que seu coração pertencia a ela... definitivamente.

Logo que entrou em casa, Cailey deparou-se com Faith e Tatianna, sentadas no sofá, com celulares na mão, parecendo aflitas. Sua irmã foi a primeira a se levantar e ir em sua direção.

— Você quer nos matar do coração? Onde esteve esse tempo todo? — as lágrimas em seus olhos não podiam ser disfarçadas, por mais que ela

tentasse.

— Na cama... com um homem! — sorriu com malícia.

— O quê? — Tatianna também se levantou, revoltada. — Será que ainda não aprendeu? Pelo menos você sabe o nome dele?

Ouvir aquilo serviu como uma bofetada no rosto de Cailey. Era bem verdade que merecia, por todo seu passado negro e por todas as preocupações que dera àquelas mulheres durante tantos anos, mas estava cansada de ser a errada.

— Sim, eu sei o nome dele... é Jayce Hernandez. E, sim, Tatianna, eu aprendi. Fiz amor com um homem que significa muito para mim... E isso é somente da *minha* conta... — Cailey explodiu.

Seu peito latejava e seu sangue fervilhava.

Não era mais a Cailey desajustada que não sabia o que desejava de sua própria vida, que precisava de conselhos e de orientação. Tinha um problema muito maior nas mãos do que apenas o fato de ter feito sexo, de ter se entregado mais uma vez para um homem. E as expressões surpresas de Faith e de Tatianna fizeram com que ela ficasse satisfeita.

— Cailey, me desculpe... eu não queria...

— Queria sim, Tatianna. — ela abrandou, portanto, sua fala e sua expressão facial. — Mas eu não vou te julgar, pois sei que estava preocupada. — de forma muito madura, ela falou e sentou-se, respirando fundo ao fazê-lo.

— Está tudo bem, Cailey? Você não está com cara de alguém que acabou de passar a noite com um homem com quem se importa. — Faith percebeu, tentando, além de tudo, amenizar a discussão que tinha acabado de acontecer entre

Tatianna e sua irmã.

— Não. Não está tudo bem.

Pronto! Ela queria desabafar, então desabafaria. Sabia que podia contar com Jayce, que podia conversar com ele, falar sobre o que a afligia naquele momento, mas não se comparava com aquelas duas ali. Ninguém jamais a entenderia como sua família.

— O que houve?

Depois de respirar fundo, Cailey despejou tudo que a afligia em palavras sóbrias e muito coerentes. Apesar de estar morrendo por dentro, consumida por um medo e uma insegurança doentios, ela tentava falar com calma; a situação era complicada por si só, então ela não precisava deixar Faith e Tatianna desesperadas e fora de controle. Já bastava ela.

— Almas gêmeas opostas? — Tatianna se manifestou quando Cailey terminou a história. Já conhecia boa parte dela, mas a novidade sobre as "almas gêmeas" foi uma surpresa nada agradável. — Que coisa mais doida. Nunca ouvi falar sobre isso.

— Ainda não tenho certeza, mas é uma possibilidade que explicaria muitas coisas.

— O que você vai fazer agora, Cailey? — Faith indagou, preocupada com a irmã.

— Preciso descobrir quem é essa moça que ele mencionou na última mensagem. Ainda há uma chance de ela estar viva, e não quero que ele lhe faça mal. — mostrou-se decidida, e as outras duas admiraram aquela atitude.

— Cailey, tome cuidado. Por tudo que me contou, dá para perceber que esse homem é perigoso. Talvez fosse melhor que você deixasse

PERIGOSAS ACHERON

esse trabalho para a polícia. — Taianna preocupou-se.

— E deveria fazer o quê? Cruzar os braços e esperar que ele cometa vários crimes, enquanto consome minha mente com suas insanidades? — as outras se surpreenderam com o tom de voz alterado, demonstrando que estava muito mais nervosa com aquela situação do que tentava demonstrar.

— Não... você pode ajudar a polícia, mas sem estar de frente para tudo isso.

— Mas eu *já* estou de frente! É ele que está me inserindo na história. Não posso fugir. — diante daquele argumento, Tatianna não soube mais o que dizer.

— Cailey, você vai precisar ser forte. Sei que vovó tinha ciência de todas as coisas que aconteceram comigo, e não é diferente com você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tenho certeza que esses fardos se tornarão aprendizado. Além do mais, no fim de tudo, eu ainda ganhei Rowan... E... bem... você ganhou Jayce. — Faith falou, com sua delicada sabedoria.

— Eu não sei ainda se o ganhei... ainda nem sei o que há entre nós exatamente... — ela falou, mas um sorriso sonhador surgiu em seu rosto, sem que percebesse. — E, além do mais, Jayce apareceu na minha vida antes de o "Poeta Sombrio" começar a me assustar.

— Mas tudo está interligado... você não Mesmo que indiretamente. — Tatianna fez uma pausa. — Não tente encontrar desculpas para o óbvio...

— Tatty está certa. Acho que você vai ter que conviver com isso. — Faith brincou. — Não que deva ser muito difícil, a julgar pelo sorriso em seu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

— E por falar nisso... — Tatianna soava maliciosa, ansiosa pelas novidades daquele início de romance. — Não era você que o odiava?

— As pessoas mudam de opinião... — Cailey tentou parecer indiferente, mas não havia como disfarçar o brilho em seus olhos ou a forma como sua voz soava mais cálida ao mencioná-lo. — Tudo bem... vocês venceram! Não há palavras para descrevê-lo. Ele é um cavalheiro, protetor, decidido... e tão... *passional*! Nunca conheci um homem como ele. Bem... não que isso seja lá muito mérito, já que os homens que eu conheci não eram bons parâmetros.

— Detalhes, Cailey! Queremos detalhes. — insistiu Tatianna, sempre a mais brincalhona.

— Ora, suas abusadas! Querem saber como ele é na cama? — as outras duas riram, travessas. — A verdade é que ele... — suspirou. — ...é

perigoso.

— Perigoso? — Faith estranhou.

— Sim. Fiquei completamente viciada, dependente de Jayce. — confessou. — Apesar de amar vocês duas mais do que tudo, estou quase em crise de abstinência, me controlando para não correr para ele. — sua frase foi seguida por vários sons de admiração, vindos das outras DeWitt.

— Olha, Faith... que irmã desnaturada que você tem! — Tatianna disse, levantando-se do sofá para pegar uma bebida. Tinha a impressão de que apesar do assunto pesado de antes, ainda havia muito a comemorar, principalmente o fato de que estavam juntas.

— Então quer dizer que apesar de estarmos reunidas para falar sobre um problema, acabamos comemorando? — sorriu Cailey, recebendo sua taça de vinho.

PERIGOSAS NACIONAIS

— E temos muito para comemorar! — disse Faith. — O novo romance de Cailey, meu casamento que está cada dia melhor e a faculdade de Tatianna.

— Nossa, que decadência! Sou a única encalhada das três. — lamentou Tatianna, sentando-se, depois de servir a todas.

— Não fale assim, vai chegar sua hora também!

— Claro, Tatty! Ainda tem a carta de vovó para você! — Cailey completou a frase da irmã. — Mas há outra coisa para comemorar também...

— O quê? — Faith perguntou.

— Eu fui chamada para trabalhar na revista Fissure. Tenho que me apresentar lá na segunda-feira. — ela se virou para Faith. — Espero que não fique chateada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chateada? Estou muito orgulhosa. —
Faith se levantou e abraçou a irmã. — Você merece! Tenho certeza que será um sucesso!

— Mas como foi isso? Conte-nos!

E Cailey começou seu relato, não lhes poupando de detalhes.

As três eram especiais e se amavam de maneira intensa e verdadeira. Ali, unidas, como sempre deveriam estar, reconheciam a força que possuíam. Cada uma com sua cota de problemas, de fantasmas para enfrentar e com suas memórias dolorosas, sabiam que poderiam sobreviver a tudo, se pelo menos ainda restasse aquela ligação inquebrável. Perto delas, até mesmo Cailey sentiu-se em paz.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dez

Brasil...

Era o destino misterioso de Jodie Bridges, embora ninguém soubesse nada sobre isso. Nem suas amigas, nem seus pais... talvez nem mesmo ela soubesse o que iria procurar naquele país, mas algo dizia a Jayce que aquilo tinha tudo a ver com o caso. Por isso, acompanhado por Steve, estava vasculhando o Facebook da jovem.

Difícilmente gostavam de recorrer a uma mídia social para fazer seu trabalho, mas tratava-se de um caso extremo. E tudo ficava bem mais fácil quando tinham a senha da conta da vítima, sendo que fora encontrada anotada na agenda que lhes foi entregue para a investigação. Um presente do destino...

A primeira coisa que verificaram foram suas mensagens privadas. A maioria vinha de amigas, vários convites para baladas — que eram quase sempre recusados —, e alguns comentários sobre aulas da faculdade.

Porém, algo lhes chamou a atenção. Tratava-se de uma conversa entre Jodie e um rapaz. Em um primeiro momento, nem Jayce nem Steve conseguiram identificar qualquer conotação romântica no relacionamento deles, mas estava claro que o jovem se preocupava com ela. E ele *tinha* motivos para isso.

Jodie se abria para ele, contava-lhe sobre a obsessão do Poeta Sombrio. Falava sobre o modo como ele insistia, como a perseguia... ela lhe dizia que no início ficaram amigos, trocavam poesias, escreviam juntos, até que tudo ficou estranho. Começou, na verdade, quando Jodie surgiu com

PERIGOSAS NACIONAIS

uma poesia de amor, dizendo que era inspirada em um rapaz por quem estava apaixonada, chamado Wayne Leighton. Seu "amigo obcecado" teve uma reação explosiva, quebrando algumas coisas ao redor deles e afirmando que ela não poderia ser de ninguém. Que ela pertencia a ele...

Mas isso não era o pior de tudo. Wayne Leighton desapareceu pouco tempo depois disso.

Jodie sabia que não era uma coincidência, mas custou a acreditar que seu querido amigo, que a compreendia, que compartilhava com ela o amor pela poesia podia ser tão cruel... um assassino, talvez.

E seus relatos ficavam apenas mais e mais desesperados... até que o rapaz propôs a salvação. Ela deveria fugir. E ele tinha um local para abrigá-la por quanto tempo fosse necessário. Um apartamento em Fortaleza, Ceará, no Brasil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele dizia que seu pai era brasileiro e que mantinha um apartamento lá para visitar a família e aproveitar as férias em um lugar paradisíaco. O amigo, chamado Hugh Milliard, também dizia que seu pai não se importaria em ceder o local por algum tempo, pois a casa normalmente ficava vazia. Isso, claro, se ela se compromettesse a custear as despesas com eletricidade, gás, dentre outras...

Jodie mostrou-se relutante por alguns dias, mas logo aceitou, enxergando aquilo como sua única saída, antes que perdesse a sanidade. Ou a vida.

A última conversa entre Jodie e Hugh dizia que ela já tinha comprado a passagem, somente de ida, mas que ninguém, nem mesmo sua família, poderia saber.

E, no final da leitura daquele relato desesperado, Jayce tinha algumas anotações: os

PERIGOSAS ACHERON

nomes Hugh Milliard, Wayne Leighton e...

...Edmond Forsight... o Poeta Sombrio.

— Pegamos ele, Jayce! — Steve comentou, empolgado.

— Sim... — Jayce concordou, mas com menos da metade da animação do amigo. — Só acho que está fácil demais.

— Bem, alguma vez tinha que ser assim, não é?

— Espero que seja mesmo...

— Tudo que temos que fazer é encontrar esse desgraçado, descobrir tudo sobre ele e conseguir uma prova. Talvez Cailey possa ajudar.

— Não! Não quero envolvê-la nisso. Se conseguirmos mesmo pegá-lo, ela nem vai chegar perto dele. Só vai saber que está livre... — afirmou, embora soubesse que não funcionaria exatamente

PERIGOSAS ACHERON

da maneira como ele estava imaginando. Mesmo preso, bem longe de Cailey, ele a atormentaria, entraria em sua mente, torturaria seus pensamentos, faria de sua existência um inferno ainda mais terrível.

Mas Jayce preferiu guardar aqueles pensamentos para si. Porque quando ele encontrasse o Poeta Sombrio, não importava o preço que teria que pagar, ele o mataria, se isso servisse para livrar Cailey de uma vez por todas...

A segunda feira chegou com gosto de recomeço para Cailey. Acordou cedo, escolheu uma de suas roupas mais elegantes e comportadas, penteou o cabelo em um coque frouxo, deixando

PERIGOSAS NACIONAIS

sua franja lateral solta, fornecendo certa inocência a seu rosto delicado, calçou saltos altos, mas confortáveis, e foi trabalhar.

Trabalhar... Ela tinha um emprego...

Não que seu trabalho na floricultura não fosse importante ou relevante. Ela amava trabalhar com Faith, ter aquele contato tão íntimo com as flores, mas pela primeira vez estava fazendo algo por sua própria conta. Pela primeira vez estava completamente sozinha, sem depender de nenhuma das DeWitt.

Aquilo era libertador. Ela quase conseguia sentir as correntes que algemavam seus punhos a um passado terrível se romperem, quase sentia as cicatrizes se fechando, estancando um sangramento. E ela sangrava lembranças, sangrava medo... insegurança. Cailey finalmente dava um passo para encontrar a si mesma.

PERIGOSAS ACHERON

A revista ficava próxima de sua casa, uma distância que podia ser percorrida a pé, mas, naquele dia em especial, não querendo chegar atrasada e porque ainda estava com o pé um pouco machucado, Tatianna a levou.

O prédio inteiro pertencia à revista, possuindo doze andares. Lenny havia lhe informado o andar onde ela trabalharia. Então, depois de se identificar na recepção, ela entrou, tentando parecer confiante, e foi procurar pelo amigo, no terceiro andar.

Ele já estava esperando por ela, pois, com certeza, a recepcionista avisara de sua chegada. Ver um rosto familiar deixou Cailey muito mais tranquila. Ele a apresentou para todos que também trabalhavam ali: Johnny, o fotógrafo, que ela já conhecia, Sandy Christensen, a revisora de textos, Nate Olsen, filho do diretor, que trabalhava com

PERIGOSAS NACIONAIS

toda a parte de design, tanto das edições físicas quanto da versão online, James Minkel, que trabalhava no marketing, vendendo espaços publicitários, e Boyd Olsen, o diretor, que controlava toda a parte administrativa. Todos tinham suas equipes, mas eram tantas pessoas que ela achou que jamais conseguiria gravar o nome de todos, por isso, Lenny preferiu lhe apresentar primeiro aos principais, que trabalhariam direto com ela.

Depois de ser apresentada a todas aquelas pessoas, Cailey foi levada para uma salinha onde lhe mostraram onde iria trabalhar e com quem.

Em sua mesa havia um computador, um telefone, um caderno em branco e um porta-lápis com várias canetas de cores diferentes. Além de seu futuro material de trabalho, encontrou uma caixa de bombons lindamente embrulhada, com um pequeno

PERIGOSAS ACHERON

cartão onde estava escrito apenas: “Seja bem-vinda.”.

Apesar de ter sido tão bem recebida, ao sentar-se na cadeira de um verdadeiro escritório, sabendo que teria uma responsabilidade para com aquela empresa, sentiu um frio na barriga. Mas era uma sensação gostosa.

Na sala onde ela iria trabalhar havia mais três pessoas, que respondiam os e-mails, reclamações, sugestões e perguntas. Era o departamento de comunicação interna e externa. Uma dessas três pessoas era responsável pelo endomarketing da empresa, deixando todos os funcionários a par de eventos, calendários, visitas, novos funcionários e etc... Ele, que se chamava Ronald Eckert, foi o primeiro a se aproximar de Cailey, pois tinha algumas coisas a lhe explicar.

— Cailey, preciso trabalhar, mas a deixo em

boas mãos. — Lenny beijou a testa da amiga, sorriu para Ronald e saiu.

— Então, Cailey, vou lhe explicar mais ou menos como vai funcionar seu trabalho aqui. Nessa primeira edição, vamos utilizar histórias dos nossos funcionários, pois os leitores ainda não sabem sobre essa nova coluna. Portanto, ontem enviamos um e-mail coletivo, pedindo para que cada um enviasse uma mensagem para você, contando algum problema, um desejo, algo para o qual precisem de ajuda, para que você possa ter ideias para suas poesias. — enquanto Ronald falava, começava também a ligar o computador. Ele falava tão rápido que ela precisou manter toda sua concentração nele. — Você irá responder todos os e-mails que chegarem, solicitando poesias, mas apenas alguns serão publicados na revista, entendeu?

— Sim, sem problemas! — sorriu, e Ronald prometeu que ela poderia lhe chamar a qualquer momento que precisasse.

E com certeza ela iria precisar, pois assim que olhou para sua caixa de e-mails, que tinha acabado de ser criada, e viu que havia mais de cinquenta mensagens, ela quase pegou sua bolsa e saiu correndo, cheia de medo. Na floricultura escrevia no máximo quinze poesias por dia e já ficava exausta. Não fazia ideia de como aquilo funcionaria, mas iria arriscar.

Sentando em sua cadeira, colocando-se de frente para o computador, ela respirou fundo e começou a trabalhar. Primeiro leu algumas histórias por alto e se familiarizou com o serviço. As pessoas, que mal se conheciam, tinham muito em comum, e as histórias, que ela transformou em poesias na floricultura, repetiam-se ali, com nomes

diferentes e situações distintas, mas, ainda assim, os mesmos contextos. Portanto, sorrindo, ela começou a devanear e a caminhar pelos longos e vastos caminhos de sua imaginação. Sentia-se tão bem que até o final do dia deu conta de uma boa parte do que tinha recebido.

Sua vontade ao sair do trabalho era partir para a casa de Jayce para lhe contar todas as novidades, relatar todos os acontecimentos de seu primeiro dia e dormir em seus braços, depois de fazerem amor. Porém, ele tinha mandado algumas mensagens e telefonado umas poucas vezes, e isso a assustava. Ela simplesmente não sabia o que dizer, como agir, pois era a primeira vez que um homem realmente a procurava depois de uma transa.

O amor lhe era estranho, assustador... indecifrável como um enigma. Lidar com palavras,

versos e rimas era fácil, mas com um sentimento daquela magnitude era apavorante. Sim, ela estava apavorada... e não sabia se conseguiria lidar com aquilo.

Já passava das sete da noite, mas Steve e Jayce ainda tinham muito trabalho a fazer. Especialmente porque Edmond Forsight simplesmente não existia. Era como um fantasma em uma casa assombrada, aterrorizando a vida de todos à sua volta. O nome que Jodie mencionara para Hugh Milliard pertencia a um poeta, morto no século XVI, vítima de um afogamento suspeito que nunca foi investigado. Ou seja, era apenas um pseudônimo daquele monstro.

— Desgraçado! — Jayce exclamou, socando a mesa.

— Bem que você falou que não seria tão fácil. — Steve também lamentou

Jayce, transtornado, não falou mais nada, apenas voltou ao computador, procurando, daquela vez, informações sobre Hugh Milliard e Wayne Leighton.

Wayne Leighton estava cadastrado no banco de dados de pessoas desaparecidas há mais de dois meses. Entretanto, Hugh Milliard parecia mais acessível e próximo.

Hugh vivia com dois amigos em uma espécie de república fora do campus da faculdade. O lugar não era lá muito organizado ou limpo, mas eles foram recebidos de forma cordial.

O alvo de seu interrogatório apareceu alguns minutos depois, vestindo uma camisa por cima de uma bermuda marfim. Seus cabelos estavam molhados, e ele cheirava a sabonete

PERIGOSAS ACHERON

barato.

— Em que posso ajudar? — ele perguntou de uma maneira formal.

— Acho que você sabe o que viemos fazer aqui. — Steve começou.

— É sobre Jodie? — sua expressão ficou mais triste, séria, como se realmente gostasse da moça.

— Sim, é sobre ela. Esperamos que possa nos ajudar a descobrir qualquer coisa.

— Não há dúvida, detetives. Foi aquele louco... Edmond Forsight. Ele era obcecado por ela... foi ele quem a matou.

— Sim, foi o que presumimos também, mas esse não é o nome verdadeiro dele. É um pseudônimo. O verdadeiro Edmond Forsight morreu no século XVI.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Filho da puta! — o rapaz exclamou. —
Eu sempre soube que ele iria fazer mal a ela...

— Como eles se conheceram?

— Em um site de poesias. Eu disse que ela era louca por confiar em um cara que conheceu na Internet, mas ela não se importava... estava encantada.

— Jodie chegou a se apaixonar por ele? —
Jayce perguntou.

— No início eu acho que ela estava um pouco empolgada, até pensando em ter um relacionamento. Mas essa empolgação foi esfriando e murchou quando eles se conheceram. Jodie jamais julgaria uma pessoa por sua aparência, mas acho que ela simplesmente não se sentiu atraída por ele.

— E como ele era fisicamente?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não faço ideia. Jodie era muito discreta, não chegou a descrevê-lo fisicamente, apenas como ele era como amigo.

— E sobre Wayne Leighton? Fale-nos sobre ele... — Steve pediu.

— Bem, era um desses garotos de ouro. Bonito, rico, inteligente e com um futuro promissor. Jodie caiu de quatro por ele. Como a maioria das garotas que o conheceram.

— E ele também estava apaixonado por ela?
— Jayce questionou, fazendo suas anotações.

— Sabe o que é mais irônico? Que além de todas essas qualidades, o cara ainda era realmente legal. Sim, ele gostava de Jodie, e acho que poderiam ter chegado a namorar caso ele não tivesse desaparecido. Ou sido morto, sei lá.

— Quando foi a última vez que o viram?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, eu sei o que me falaram... a última pessoa que viu Wayne foi o professor de Cálculo. Ele estudava Engenharia, sabe? E acho que foi tirar uma dúvida em uma matéria. Depois , saiu da universidade, pegou seu carro e nunca mais foi visto.

— Lembra qual era o carro dele?

— Sim. Era uma Land Rover preta. Irada...
— falou com admiração.

— Acha que alguém poderia saber a placa deste carro?

— Hummm, deixa eu pensar... — Hugh parecia solícito e estava dando informações relevantes. Era a primeira pessoa, depois de Felicia, que ajudava naquele caso. — Olha, ele consertava o carro, lavava e trocava os pneus na oficina do pai de Mason Fisher.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E quem é Mason Fisher?

— Ah, é um cara lá da faculdade. Meio calado, mas gente boa também.

— Pode nos passar o endereço desta oficina? — pediu Jayce, preparando-se para anotar.

— Claro. Acho até que eu tenho um cartão aqui. Espera um minuto...

Jayce e Steve observaram Hugh adentrar o apartamento em busca do tal cartão mencionado. Ele não demorou muito para retornar.

— Aqui está. Endereço e telefone. Espero ter ajudado.

— Ajudou, sim. Obrigado. Qualquer coisa que se lembrar, por favor, entre em contato. — Jayce também entregou um cartão com seus contatos e se retiraram, certos de que não descobririam mais nada ali.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A próxima parada foi a oficina mencionada por Hugh. Lá eles conheceram Mason Fisher, que parecia muito assustado com a presença de policiais, mas não demoraram a conseguir a placa do carro que tanto queriam.

Ao voltar para a delegacia, imediatamente iniciaram uma busca em seu banco de dados por aquela placa e verificaram que o carro fora encontrado caído debaixo de uma ribanceira, destruído. Havia um corpo dentro, completamente carbonizado, irreconhecível. No relatório constava que havia uma identificação no bolso do casaco, intacta, que o nominava como “Franklin Smith”.

De acordo com a busca da polícia, Franklin Smith era um ladrão de carros procurado em mais de cinco estados. Sendo assim, portanto, eles finalizaram o caso, alegando que fora um roubo, seguido de acidente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Essa era uma das coisas que mais incomodava Jayce. Será que era só ele que enxergava que havia muitas brechas naquele caso? Que o fato de o documento estar dentro do bolso de um homem que fora carbonizado, intacto, dizia que aquilo se tratava de uma evidência plantada? E que o fato de o carro pertencer a um homem desaparecido mudava todo o cenário?

Bem, o fato era que, com certeza, o corpo carbonizado pertencia a Wayne Leighton. O que provava que Jodie Bridges não fora a primeira nem a única vítima do Poeta Sombrio. E isso, sem dúvidas, deixava a situação de Cailey bem mais perigosa.

PERIGOSAS ACHERON

Já era a terceira vez que seu celular tocava em menos de cinco minutos. Fazia pouco mais de três dias que suportava aquele silêncio de forma quase torturante. Era uma idiota, uma covarde... Mas simplesmente não sabia o que dizer.

Não precisava mais nem olhar no visor para saber quem era. Ele parecia impaciente, ligando em espaços de tempo cada vez menores. Cailey sabia que poderia ser importante, que poderia ter algo a ver com a investigação do Poeta Sombrio, mas sua insegurança era mais forte do que tudo aquilo.

E não atendê-lo lhe fazia mais mal do que seus próprios pensamentos sobre o que poderia ser dito em uma possível conversa. Imaginava que a qualquer momento ele iria desistir, que iria descobrir que ela não valia a pena todo o esforço. Na verdade, poderia jurar que ele já teria desistido, mas, para sua surpresa, enquanto pensava nisso, seu

PERIGOSAS NACIONAIS

celular novamente tocou, porém, desta vez, em um barulho diferente, acusando que tinha recebido uma mensagem.

Ao ler as palavras que lhe foram enviadas, teve a certeza que nenhuma poesia do mundo lhe deixaria mais comovida. Nenhum verso escrito pelo mais talentoso poeta despertaria uma reação tão genuína em seu coração. Jayce parecia desesperado, verdadeiramente preocupado... Apaixonado, como disse que estava.

"Cailey, não sei o que aconteceu para não querer mais falar comigo. Seja lá o que eu fiz de errado, me desculpe. Mas não permita que isso a deixe desprotegida. Não me afaste. Preciso falar com você sobre o caso. Você está em perigo. Me ligue, por favor..."

PERIGOSAS ACHERON

Então o celular tocou de novo, acusando outra mensagem. Uma que complementava a primeira:

“Droga, Cailey! Não é apenas por você estar em perigo... Eu preciso de você. Quero você. Tenho algumas coisas para lhe falar. Só preciso de uma oportunidade. Não me negue isso...”

Ela sentiu a respiração falhar, um doce frio na barriga e o espírito se agitar de forma frenética. Ele *precisava* dela. Ele a *queria*. Isso era muito mais do que ela poderia esperar ou pedir. Involuntariamente sentiu uma imensa vontade de sorrir; de repente, tudo passou a valer a pena, e sua insegurança tornou-se poeira morta dentro de seu coração. Jayce não era igual a nenhum outro, e ela precisava compreender isso de uma vez por todas.

Sem nem pensar duas vezes, ela acessou a agenda de contatos de seu telefone, com as mãos trêmulas de ansiedade, e encontrou o número de Jayce. Apertou a tecla para efetuar a ligação e esperou.

Assim que ele atendeu, parecendo quase desesperado, Cailey chamou seu nome... Mas foi tudo que conseguiu dizer.

— Jayce, eu... — antes que pudesse terminar de falar qualquer coisa, de proferir qualquer outra palavra, ela sentiu sua cabeça pesar. Sentiu uma forte onda de ódio, de sentimentos obscuros invadindo seu coração, sem permissão, sem sentido. Sentimentos que não lhe pertenciam.

Era uma possessão. Estava possuída pelo Poeta Sombrio, fora do controle de seus próprios pensamentos. Sua inspiração não lhe pertencia mais... Ela precisava escrever. Mais do que

precisava falar com Jayce e lhe dizer o que sentia.

De uma forma automática, seu corpo foi arremessado ao chão, no meio da sala de estar de sua casa, e ela derrubou a cadeira na queda. Tentava se manter parada, lutar contra aqueles atos involuntários, mas não conseguia. Em minutos estava rastejando pelo chão, sentindo-se impossibilitada de se levantar, procurando desesperadamente por um papel e uma caneta. Os pensamentos negros e terríveis precisavam ser postos para fora.

Cailey rastejou-se até a mesa de jantar, onde encontrou seu caderno, presente de Faith. A bela caneta tinteiro também estava ali dentro, o que foi muito provincial.

Assim que encostou a ponta da tinteiro no papel amarelado do caderno, uma explosão de palavras surgiu na escuridão de suas ideias. Era

PERIGOSAS NACIONAIS

uma mensagem. Algo que ele, o Poeta Sombrio, queria lhe dizer e não podia esperar nem um segundo.

“ Tenho outra poetisa comigo... mas era você quem deveria estar aqui.”.

Cailey nem tentou cortar a conexão. Queria saber mais sobre aquela moça e perguntou quem ela era, sem esperanças de que respondesse qualquer coisa, mas ele apenas lhe enviou frases sem sentido, como trechos de poesias loucas, tão macabras quanto as outras.

Estava claro que ele não queria que ela soubesse de quem se tratava, mas Cailey também sentia que ele estava brincando com ela, divertindo-se. Em um ritmo frenético, jogava frases e mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

frases que não se completavam em sua imaginação, fazendo-a escrever desesperadamente, rabiscando o caderno com força, chegando a rasgar as folhas.

Ele a torturou dessa forma por quase meia hora, até que Cailey não suportou e se deixou levar pela inconsciência...

Do outro lado da linha de um celular jogado no chão, Jayce ouvia barulhos e gemidos que ele sabia serem de Cailey. Ele gritava seu nome, tentando fazer com que ela retornasse à ligação e lhe dissesse algo, mas as piores coisas passavam por sua cabeça.

Sem suportar ser um ouvinte passivo, ele desligou e correu para encontrá-la. Para o inferno com aquela distância que ela criou entre eles! Ele não a deixaria sozinha. Só esperava que não fosse tarde.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Onze.

Cailey estava presa.

Sabia que o local onde se encontrava não era parte da realidade, mas fruto de seu inconsciente. Estava um vale perdido, uma floresta sombria, com árvores secas, flores mortas e uma noite eterna.

Tinha uma vaga noção de tempo e sabia que estava ali há alguns dias. Não sabia há quantos, é claro, especialmente porque naquela espécie de limbo não havia sol, nem luz, nem vida...

Contudo, também sabia que não estava morta. Estava apenas fora da realidade. Tinha plena certeza disso, pois ouvia claramente a voz de Jayce chamando-a, escutava barulhos de hospital e outras vozes conhecidas, como a de Faith e Tatianna, seus choros e lamentos.

Porém, o que mais a intrigava era que, por mais que quisesse rever todas essas pessoas e lhes dizer que estava tudo bem, ela não queria voltar. Pela primeira vez sentia-se livre; satisfeita com a solidão. Por mais que aquela solidão fosse um pouco assustadora, não estava com medo. Estava aliviada.

Havia uma espécie de pressão ao seu redor. Era o relacionamento com Jayce, a morte de Jodie Bridges em sua consciência, o novo trabalho, seu dom que ainda a amedrontava... Ali, no limbo em que se encontrava, não havia nada disso.

Mas ela sabia que era hora de retornar. Não poderia ficar ali para sempre, pois todos que amava estavam preocupados, queriam que ela voltasse...

E a luz machucou seus olhos quando os abriu pela primeira vez. Em um primeiro momento não conseguiu enxergar nada. Fechou os olhos

novamente, quase querendo voltar atrás, mas os abriu, piscando-os uma, duas, três vezes, até que começou a se acostumar.

Logo percebeu que estava em uma cama de hospital. Seus batimentos cardíacos monitorados por aparelhos faziam um barulho constante e um pouco irritante. A primeira pessoa que viu foi Faith. Depois Tatianna e, por último, Jayce. As duas DeWitt ficaram animadas quando a viram despertar, enquanto Jayce a observava de longe, com os braços cruzados, como se esperasse qualquer coisa. Como se não soubesse se tinha permissão para se aproximar.

— Meu Deus, Cailey! Como você está? — Tatianna correu e abraçou a prima.

— Tatianna! Você vai machucá-la! — Faith exclamou e também se aproximou da irmã, pegando sua mão com delicadeza. — Você está

bem, querida?

— Há quanto tempo estou aqui? — foi tudo que ela conseguiu perguntar, sentindo-se ainda desorientada.

— Três dias. — Faith respondeu.

— Mas fique tranquila. Seu colega de trabalho, o tal Lenny, ligou lá para casa. Eu expliquei a ele o que aconteceu, e você pode voltar a trabalhar assim que melhorar.

Cailey apenas balançou a cabeça, em afirmativa, mas em um desânimo quase febril. Um silêncio se fez, e seus olhos encontraram os de Jayce. Havia uma súplica neles... como se Cailey simplesmente precisasse conversar, precisasse desabafar.

Percebendo isso, Faith pegou Tatianna pelo braço, puxando-a para fora do quarto, avisando que

iria chamar uma enfermeira para checar seus sinais vitais. Mas a intenção não era essa, é claro.

Viram-se sozinhos, portanto. Jayce não parecia à vontade, então, Cailey soube que teria que ser ela a iniciar a conversa...

— Jayce, eu sinto muito. — assim que terminou de falar, um choro compulsivo iniciou. Ela mal sabia por que estava chorando.

— Ah, Cailey, não chore, por favor! — Jayce finalmente se aproximou. Ele falou de uma forma penalizada, como se estivesse se derretendo por ela. Não suportava vê-la chorar. Não por causa dele. — Meu amor, não chore... — ele a abraçou com toda gentileza.

— Eu não sei o que me deu... Não conseguia te atender. Eu *queria* falar com você... — a voz de Cailey saía entrecortada pelo choro. Ela pretendia continuar a falar, mas ele colou seus

PERIGOSAS ACHERON

lábios ao dela, com sofreguidão, em beijo rápido que servira apenas para calá-la.

— Não importa, Cailey! A única coisa que importa é saber se você está bem. Eu quase morri quando você falou meu nome naquele telefonema e depois não disse mais nada. Eu só ouvia barulhos. Achei que ele tinha te encontrado e te levado com ele. Que tinha tirado você de mim...

— Ele entrou em contato comigo...
Falou que estava olhando para minha foto e me comparou com a moça por quem ele está obcecado agora. — ela contava o que tinha acontecido com bastante nervosismo.

— Eu achei o caderno. Estava no chão, ao seu lado. Eu o guardei, mas acho que não há nada que faça sentido ali. Apenas a frase que você mencionou, sobre a comparação.

— Foi você que me encontrou?

— Sim. Eu sabia que havia algo de errado.
— ele respondeu. — E fiquei desesperado, Cailey. Você ficou desacordada por três dias. Os médicos acharam que você estava em coma, mas não encontraram explicação para isso, pois todos os exames foram normais. Eu não sabia mais o que fazer... — e ela viu uma lágrima cair também do olho dele.

Meu Deus, ele estava chorando! Aquele homem gigante, que parecia invencível, demonstrava fraqueza sem sequer se preocupar com o que ela poderia pensar. E ele estava chorando *por ela*!

— Eu estava enganado, Cailey... — ele começou a falar sem qualquer outra explicação. Foi uma frase solta, jogada no ar.

— Enganado?

— Sim... enganado... quando disse que
PERIGOSAS ACHERON

estava apaixonado por você.

O mundo de Cailey desabou naquele momento. O que ele queria? Queria dizer que estava arrependido? Que não a queria mais? Que fora um erro? Que espécie de homem ele era para lhe fazer acreditar que tudo era mágico, lindo e perfeito e depois desprezá-la? Abandoná-la quando mais precisava dele...

— Eu amo você, Cailey... essa é a única explicação para o que estou sentindo.

Ele a amava...

Ele a amava...

Amava?

A cabeça de Cailey girou de forma rápida e sem avisar. Será que ainda estava longe da vida real? Presa em uma realidade alternativa? Aquilo era algo novo, inusitado, maravilhoso... Algo com o

PERIGOSAS NACIONAIS

que ela não tinha certeza se saberia lidar, mas que valeria a pena tentar.

— E quero que saiba de uma coisa, Cailey, não vou mais permitir que tente se comunicar com esse louco. Está te deixando doente...

— Mas eu não tenho controle! O que espera que eu faça? — suspirou, sentindo-se derrotada. — Não sei como impedir. Ainda não sei como fechar minha mente.

— Por que não conversa com Gloria Eller? Talvez ela possa ajudar em alguma coisa. Eu cheguei a falar com ela sobre o que aconteceu com você...

— Você? Cogitando a ajuda de Gloria? Estou surpresa.

— Talvez isso prove o quanto você é importante para mim...

PERIGOSAS ACHERON

Por que ele tinha sempre a resposta certa na ponta da língua? E por que sabia exatamente como deixá-la envergonhada por não saber como agir com ele? Sempre fora boa com as palavras ao colocá-las no papel, mas dizê-las era algo completamente diferente. Era um talento, um dom que ela não tinha.

Porém, ele estava certo. Falar com Gloria poderia ajudá-la. Acreditava que a mulher não tinha noção do que fazer para que ela se livrasse daquele fardo, mas, sem dúvidas, poderia responder algumas charadas.

Eles não tiveram tempo sequer para falar mais nada, pois a enfermeira que Faith e Tatianna chamaram entrou no quarto e a examinou. Ela ainda teria que refazer alguns exames, mas logo no dia seguinte recebeu alta.

Porém, não foi para casa. Pediu que

Tatianna a deixasse na casa de Gloria Eller. A prima atendeu seu pedido com um pouco de relutância, sem saber exatamente se seria bom para ela, depois do que tinha passado. Mas Cailey insistiu, alegando que precisava de ajuda e que aquela mulher era sua única chance de recuperar sua vida normal.

Saltou do carro da prima, prometendo que pegaria um táxi para voltar para casa, e caminhou a passos lentos, inseguros. Tinha medo do que Gloria iria lhe falar. E se dissesse o que não queria ouvir? Que apenas a morte a livraria daquele caos. A morte dele, ou dela.

Assim que bateu à porta de Gloria, ela mesma foi atendê-la, como se já a estivesse esperando.

— Entre, querida. — Gloria abriu passagem para que Cailey pudesse entrar em sua

casa e a seguiu quando a moça foi em direção ao sofá, sentando-se em seguida. Estava tão desnorteada que nem esperou ser convidada. — Vamos, Cailey... conte-me o que houve...

— Jayce disse que falou com você...

— Sim, mas um homem apaixonado não tem a serenidade para explicações. — ela sorriu ao falar aquilo. — Sei que tem algo a ver com o homem que diz ser sua alma gêmea, aquele de quem você tem tanto medo...

— Ele mesmo... — e Cailey contou detalhadamente tudo o que tinha acontecido, a forma como o Poeta Sombrio conseguiu afetá-la, fazendo tudo parecer tão fácil.

Gloria era uma boa ouvinte, e Cailey deixou suas aflições serem derramadas sobre aquela mulher que, de alguma forma, fazia com que se lembrasse de Lolla. Assim que terminou seu relato

PERIGOSAS ACHERON

sobre o coma e sobre a forma como ele a fragilizou, entrando em sua mente, Cailey lhe mostrou o diário e todos os rabiscos que fizera ali.

Havia uma confusão de frases sobrepondo outras, como acontece quando se escreve de olhos fechados. Como foi o caso. Gloria, portanto, concentrou-se no caderno, disposta a ler qualquer coisa que fosse. Logo, girou as rodas de sua cadeira em direção a uma mesa, de onde pegou um papel e uma caneta, começando a fazer anotações de forma bastante compenetrada.

Ela localizou um ano, 1678, o nome de uma mulher: Georgiana, algumas palavras românticas e outras de ódio, além da palavra “morte”.

Terminando de transpor as palavras para outro papel, em tópicos, Gloria olhou para Cailey, como se a estudasse, tentando ler em seus olhos se estava preparada para o que ela iria dizer.

Sem dizer nada, mantendo o mistério, Gloria mais uma vez girou sua cadeira, pedindo que Cailey a acompanhasse. Ela a guiou até o escritório onde se encontraram pela primeira vez.

Gloria seguiu até a estante repleta de livros e pegou um, muito específico. Possuía uma capa preta, dura, parecendo um clássico como os de Edgar Allan Poe. As letras em dourado, em fonte cursiva, grandes, mostravam o título do mesmo: “A Mansão do Lobo”. Em um tamanho menor, no topo da capa elegante, o nome do autor: Edmond Forsight, também em dourado. Este livro foi entregue à Cailey.

— O que esse livro tem a ver comigo? —
Cailey perguntou confusa.

— Ai está seu Poeta Sombrio.

Com cuidado, Cailey analisou o exemplar que tinha em mãos. Ela começou a folheá-lo com
PERIGOSAS ACHERON

cuidado, até que encontrou uma página com uma breve biografia do referido autor.

— Gloria, como este pode ser o Poeta Sombrio se ele morreu no século XVI?

— Calma... vamos ligar os fatos. Sente-se.

— Cailey não queria se sentar. Estava inquieta demais, nervosa demais para se manter parada por mais de cinco minutos. Mas ela compreendeu que Gloria não começaria a falar enquanto ela não se sentasse. Então, obedeceu. — Continue a ler a biografia.

Mais uma vez Cailey fez o que Gloria lhe pedira. A biografia, apesar de resumida, era bem completa, fazendo uma linha cronológica desde seu nascimento até sua morte, mencionando os acontecimentos mais importantes e relevantes.

E ela se surpreendeu ao perceber que *tudo* se encaixava. Ele se casara com uma mulher

PERIGOSAS ACHERON

chamada Georgiana Hartmann em 1678, também poetisa, por quem fora extremamente apaixonado, de forma quase obsessiva. Ele fora o principal suspeito da morte dela, matando-se depois, jogando-se em um rio. Pelo menos era o que diziam as teorias. Outros fanáticos por este poeta alegavam que ele tinha constantes alucinações com a falecida esposa e que, por causa disso, caiu para a morte. Mas, claro, nunca se soube a verdadeira história, pois ela se perdeu no tempo, em boatos e segredos.

— Qual sua teoria, Gloria? — perguntou ao terminar de ler.

— Acho que esse poeta que tanto te assombra é obcecado por Edmond Forsight. Na verdade, me parece que ele está tentando recriar sua história. — Gloria fez uma pausa dramática. — Há algumas coisas que este livro não conta... Eu sou uma estudiosa de poesia antiga, e a história de

Forsight sempre me intrigou. Há muita morte em seu caminho... não apenas a dele e a de Georgiana Hartmann... mas outras duas mulheres foram assassinadas por ele; poetisas menos expressivas, mas talentosas.

— Ah, meu Deus! — Cailey levou a mão à boca, apavorada. — A situação é muito mais grave do que pensei. — ela se levantou, não conseguindo mais se conter, não podendo mais segurar seu corpo naquela cadeira. — Jayce precisa saber disso! — Cailey fez uma pausa, mostrando-se um pouco atordoada. — Acho que é melhor que eu vá embora. Posso ficar com o livro? Prometo devolvê-lo intacto.

— É seu. Não precisa devolver. Vai precisar dele para se munir de informações.

— Obrigada. Mais uma vez...

— Não precisa agradecer. Só quero que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tenha uma coisa em mente, Cailey... as palavras têm um poder maior do que qualquer dom. Elas são capazes de mudar o mundo, mudar uma pessoa... dependendo de como forem interpretadas, podem causar a paz. Ou uma tragédia. Uma vez que a palavra está escrita em um papel, ela é eterna.

O conselho provocou arrepios em Cailey. Ela sentira as palavras de Gloria penetrarem em seus ouvidos como uma profecia, como uma sombria maldição. E quando ela cruzou a porta, saindo da casa de sua mais nova amiga, soube que algo havia mudado. Não conhecia a identidade de seu inimigo, mas já sabia um pouco mais sobre ele; conhecia a imensidão de sua loucura. Quem sabe em breve não seria capaz de lutar de igual para igual, deixando de ser uma vítima? Era tudo que mais queria e necessitava. Por sobrevivência.

PERIGOSAS ACHERON

Seu pensamento estava sem foco. Tinha uma pista promissora nas mãos, mas tudo que lhe preocupava naquele momento era Cailey. Ele podia jurar que ela ainda iria lhe matar do coração um dia.

Aquela era literalmente a décima sexta vez que ligava para ela e não obtinha resposta. Em um primeiro momento pensou que ela poderia estar lhe evitando novamente, o que o encheu de raiva. Mas depois de três horas de espera e todas aquelas tentativas de encontrá-la, ele estava começando a ficar preocupado.

Não conseguia tirar de sua mente a lembrança de chegar na casa dela, bater à porta e simplesmente não ter nenhuma resposta. Depois de conseguir abrir a porta, em uma atitude

PERIGOSAS ACHERON

desesperada, encontrá-la caída no chão fora devastador. Pensava que mais uma vez passaria pela terrível dor da perda de uma pessoa querida. Mas foi quando a sentiu viva, checando sua pulsação, que compreendeu que a amava. Amava-a desde a noite em que a levara para sua casa pela primeira vez, mas precisara quase perdê-la para ter coragem suficiente para admitir.

Estava ansioso para que seu plantão na delegacia acabasse. Faltavam apenas trinta minutos, mas parecia uma eternidade. Precisava focar no trabalho, especialmente porque tinha algo precioso nas mãos.

A central de atendimento da delegacia recebeu uma ligação de uma mulher avisando que estava se sentindo andava recebendo poesias com um tom ameaçador e que parecia sempre saber onde ela ia, o que fazia, descobrindo coisas íntimas

de sua vida. No entanto, quando ela ia dizer seu nome e endereço, a ligação caiu. O número rastreado foi reconhecido como sendo de um orelhão, mas a atendente resolveu reportar o ocorrido à delegacia mais próxima, pois sentiu um desespero genuíno na voz da menina. Preferira não considerar como sendo um trote. E ainda bem que ela fez isso, pois Jayce podia jurar que se tratava da nova vítima do Poeta Sombrio.

Durante aquela breve meia hora, ele descobriu que o orelhão de onde a ligação fora feita ficava próximo à faculdade onde Jodie Bridges estudava. Isso lhe proporcionava mais uma pista. O falso Edmond Forsight tinha também ligação com aquela faculdade; fosse como professor, aluno ou funcionário.

E claro que ele iria descobrir, mas não naquele momento. Poderia estar negligenciando,

perdendo tempo, mas a segurança de Cailey era mais importante. Poderia pedir que alguém adiantasse a parte burocrática, que ele checaria no dia seguinte.

Assim que chegou na casa das DeWitt, viu um táxi parando em frente à porta. No momento em que a viu saltar, parecendo pálida e exausta, ele sentiu o corpo todo estremecer de alívio.

Estava tão focada em qualquer que fosse seu pensamento, agarrada a dois livros, que nem o viu parado na calçada, apenas continuou seus passos em direção à casa. Porém, quando ele agarrou seu braço, quase com urgência, ela se assustou, virando-se em sua direção, com os olhos arregalados. Quando o viu, relaxou.

— Jayce... — ela exclamou em um suspiro,

— Onde você estava? Me evitando novamente? — ele perguntou de forma severa,
PERIGOSAS ACHERON

quase não parecendo o Jayce que ela conhecera.

— Podemos conversar, antes de você julgar qualquer coisa? — ela também deixou seu tom de voz seco, áspero. Não admitiria que ele a tratasse daquela forma depois de todas as coisas que tinha descoberto, estando tão tensa e preocupada. — Tatianna acabou de me ligar avisando que vai demorar a chegar em casa. Teremos privacidade.

— Tudo bem.

Jayce tomou os livros da mão de Cailey para que ela pudesse encontrar a chave dentro do bolso de seu casaco. Depois, esperou que ela conseguisse encaixar a chave na fechadura, o que pareceu ser uma missão quase impossível, levando em consideração o quanto ela estava tremendo. Delicadamente, ele a tirou de suas mãos e abriu a porta por ela, deixando que entrasse primeiro e acendesse a luz.

Quando a porta foi fechada, deixando os dois protegidos do frio que fazia lá fora, Cailey tirou a jaqueta e o cachecol, colocando-os no cabideiro atrás da porta. Depois ligou o aquecedor da casa, tentando aquecer o frio que açoitava sua pele, embora aqueles tremores não se devessem apenas à temperatura, mas ao nervosismo também.

— Sente-se, Jayce. Tenho algumas coisas para te falar. — ela coçou a cabeça ao falar aquilo, demonstrando que o assunto era sério.

— Eu também tenho. Posso começar?

— À vontade...

— Recebemos uma ligação que é bem provável que seja da futura vítima do Poeta Sombrio.

— E já sabem o nome dela? Endereço? Qualquer coisa... ela está bem? — a reação

desesperada de Cailey fez com que ela levantasse do sofá, quase partindo para cima dele cheia de questionamentos. Jayce levantou também, pegando-a pelos ombros e fazendo-a se sentar novamente.

— Não. A ligação caiu no momento em que ela iria nos passar seu nome e localização. — ela suspirou derrotada ao ouvir aquilo. — Mas sabemos que ela telefonou de um orelhão próximo à faculdade onde Jodie Bridges estudava.

— É a conexão, não é? Ele deve conhecê-las de lá!

— Exatamente. Eu já solicitei um levantamento sobre professores e alunos que possam ter algum interesse em poesia, especialmente em Edmond Forsight.

— Como assim? Você já sabia sobre Edmond Forsight? — surpreendeu-se ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, eu sabia, mas não imaginava que *you* já soubesse.

— Eu acabei de descobrir. Pretendia, aliás, lhe falar sobre isso. Por que não me falou nada?

— Eu venho tentando falar com você há um bom tempo, Cailey. A última vez que a vi você estava desacordada em uma cama de hospital. Quando acordou, quis lhe dar um tempo para se recuperar. Não pretendia esconder nada de você.

Ela sabia. Não precisava sequer olhar naqueles olhos sinceros que a fitavam de volta para compreender que Jayce não tivera nenhuma intenção que não fosse nobre e justificável. Ele era puramente digno e sincero. Nada menos que isso.

— Primeiro de tudo me responda: Onde esteve? — ele perguntou, não conseguindo mais se conter.

PERIGOSAS ACHERON

— Na casa de Gloria.

— Pensei que iríamos juntos. — falou, mostrando-se decepcionado.

— Eu precisava ir sozinha. Preciso resolver meus problemas sem precisar te envolver todas as vezes...

— Cailey, quando vai compreender que eu te amo e quero estar do seu lado em qualquer momento, seja ele bom ou ruim? Que quero protegê-la, cuidar de você? Eu não gosto da ideia de deixá-la sozinha para resolver ou descobrir qualquer coisa relacionada ao Poeta Sombrio. — depois de falar isso com a maior convicção, abaixou a cabeça e acrescentou: — A não ser que você não queira que eu participe de sua vida desta maneira.

Ao ouvir aquela frase, dita *daquela forma*, Cailey sentiu um aperto no peito. Um sentimento

PERIGOSAS ACHERON

muito forte, mais forte que a paixão, preenchia sua alma naquele momento. Ela quase podia imaginar do que se tratava, mas ainda não conseguia admitir.

Sorrindo, comovida com a forma tão doce que ele falou, ela colocou as duas mãos no rosto dele e beijou-lhe os lábios com delicadeza.

— Eu quero ter você por perto, Jayce... você se tornou muito importante para mim. — foi o máximo que ela conseguiu dizer, apesar de não traduzir nem metade do que estava sentindo

— Não posso permitir que faça nada estúpido e que a deixe ferida.

— Sei disso. Sei que quer cuidar de mim, mas é da minha vida que estamos falando. Não pretendo colocá-la em risco. — Cailey falava com doçura.

— Sua vida é minha vida agora. Já estive

em um abismo uma vez, não quero ficar perdido lá novamente. — ele falou de maneira sofrida, e ela o beijou de novo. Pretendia dizer que não deixaria que ele se perdesse, que ela o encontraria onde quer que ele estivesse, mas Jayce subitamente a puxou para si, tornando o beijo um pouco mais possessivo, colocando-a sentada em seu colo.

— Jayce! Me solte... Eu ainda tenho coisas a lhe dizer... — ela exclamou, mas sem muita convicção, com um sorriso no rosto que antes estivera pálido e desanimado.

— Não vou soltá-la porque vou fazer amor com você agora. Preciso compensar nós dois por cada dia que estivemos separados...

E ele a beijou de novo...

E Cailey esqueceu completamente o que precisava tanto lhe dizer. Seja lá o que fosse, poderia esperar.

Logo ele a estava despindo, com tanta pressa que as roupas eram jogadas em cada canto da casa, perdendo-se sobre o tapete, a mesa de centro e a poltrona que posicionava-se à esquerda. Observando-a nua, *sua*, pronta para ser amada, ele a beijou por inteiro, satisfazendo-se de seu gosto e dando-lhe prazer, beijando suas partes mais íntimas.

Cailey quase gritou de desejo, enquanto Jayce continuava usando sua língua para excitá-la. E só parou quando a levou ao clímax, ouvindo-a chamar seu nome... Um som que parecia música aos seus ouvidos.

Por mais que Cailey estivesse em êxtase, ela queria lhe dar prazer também. Por isso, usou toda sua força para empurrá-lo, fazendo-o ficar sentado no sofá. Ela se colocou sobre ele, disposta a seduzí-lo e enlouquecê-lo como ele sempre fazia com ela.

Ela o beijou, demorando-se em seus lábios, traçando o caminho de seu pescoço, enquanto desabotoava sua camisa. Deixando-o com o peito nú, ela continuou a beijá-lo, sentindo a rigidez de seus músculos, o calor de sua pele que parecia pronta para explodir.

E quando ela também começou a beijá-lo de forma mais íntima, Jayce jurou que iria enlouquecer.

Quando já estava quase pronto para perder a cabeça, ele a agarrou pelas coxas, deitando em direção ao chão e levando-a junto, penetrando-a sem nem sequer esperar. Não estava sendo tão delicado quanto na primeira vez, parecia ter pressa, urgência, sede... E, para Cailey, tudo aquilo era ainda mais especial, pois ele a amava. E ela não tinha mais nenhuma dúvida disso.

Jogados no chão, depois de se amarem desesperadamente, Jayce acariciava o cabelo macio e um pouco molhado de suor de Cailey. Ele a olhava fascinado, grato por ela estar ali com ele depois de tudo pelo que passaram.

Entretanto, enquanto ele a admirava, ela começava a rir, gargalhar.

— O que foi? — perguntou desconfiado, mas contaminado pelo riso dela.

— Isso é ridículo, sabia? — falou simplesmente aquilo, sem nenhuma outra explicação, permanecendo divertida.

— Não entendi...

— Estamos nós, jogados no chão da sala de estar da minha avó, sendo que Tatianna pode entrar

a qualquer momento. — com a explicação, Jayce também riu, mas simplesmente rolou até ficar ainda mais exposto.

— Não me importo. Ela vai ficar feliz em ver que há um homem tão *bonito e viril* apaixonado por sua prima. — a forma como Jayce pronunciou a palavra “*viril*” foi tão engraçada que Cailey gargalhou ainda mais.

Foi então que Jayce levantou-se, vestiu sua calça jeans e pegou a manta que cobria o sofá, colocando-a gentilmente sobre o corpo nu de Cailey.

—Eu preferia cobrí-la com um lençol de seda, mas é o que temos no momento. Vamos manter sua reputação perante sua prima! — Jayce levantou-a do chão no colo, e mais uma vez ela se surpreendeu com a gentileza. Ele era incansável em agradá-la.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um lençol de seda? Vou ficar mal acostumada assim...

— Só o melhor para você, *bella señorita*...

— Você é uma gracinha falando espanhol. Aliás... você é real mesmo? — indagou enquanto enlaçava seu pescoço e olhava em seus olhos.

— Completamente. E sou sua realidade agora, Cailey. Acostume-se com isso. — ele começou a carregá-la para o segundo andar da casa, enquanto ela se aninhava nele, em uma rara demonstração de carinho. Aqueles pequenos gestos significavam muito para ele.

Cruzando a porta do quarto, que já sabia ser o dela, Jayce a colocou sentada na cama, ainda enrolada na manta, e sentou-se de frente para ela.

— Vamos, agora me conte tudo que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

descobriu na casa de Gloria Eller.

Ele não precisou nem pedir duas vezes, pois Cailey estava ansiosa em compartilhar. Falou sobre Edmond Forsight, sobre Geogiana, sobre a teoria de Gloria, que pensava que o Poeta Sombrio acreditava ser Forsight... Jayce a ouviu sem interrompê-la nenhuma vez. Ele compreendia que ela necessitava daquele desabafo; sabia que por mais que ela tentasse demonstrar controle e equilíbrio, estava destruída, como uma das flores de Faith quando se desmantelavam ao mais perverso vendaval. E havia um vendaval na vida de Cailey, uma tormenta de sentimentos conflitantes, desde medo até amor. Jayce sabia que ele era uma daquelas tempestades de sua vida; sabia que ela se sentia confusa, perdida, sem Norte. Tudo isso provava que ela era muito mais corajosa do que aparentava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele está chegando longe demais, Jayce. Não sei mais o que fazer para impedi-lo. — ela terminou seu relato com essa frase. — Ele deve estar atormentando essa moça, e nem sabemos quem ela é.

— Cailey, você não tem obrigação de nada. A investigação é minha, é *meu* trabalho...

— Não importa! Eu estou diretamente ligada a tudo isso! Não tenho como fugir...

— Mas não precisa se atirar ao perigo. Você precisa compreender que por mais que ele esteja perseguindo a ela, é *você* que ele quer. Já deixou bem claro em mais de uma ocasião.

Enquanto Jayce terminava sua frase, sentiu seu telefone vibrar no bolso da calça jeans. Era da delegacia, e ele sabia que era alguma notícia da investigação que os outros policiais estavam fazendo na faculdade.

PERIGOSAS ACHERON

De acordo com o colega do outro lado da linha, foram feitos alguns interrogatórios muito breves com alunos e professores e chegou-se a conclusão que havia um site na Internet, chamado “Entrelinhas Obscuras”, onde qualquer pessoa poderia publicar suas poesias e textos, tendo a oportunidade de mostrá-los para outros escritores, receber comentários e usar aquele espaço como um diário, um ambiente de desabafo.

A informação fora transmitida pelo professor de literatura, que recebera um e-mail com uma pequena divulgação deste espaço. Ele informara que o remetente da mensagem nomeava-se como “Edmond Forsight”, o que ele achou curioso, identificando imediatamente como um pseudônimo. Depois de verificar do que se tratava e se não era um vírus, ele informou a seus alunos e viu que Jodie Bridges foi a que ficou mais animada.

Essas eram todas as informações que foram adquiridas, mas eram um caminho.

Jayce contou tudo que ouviu a Cailey, e ela sequer esperou que ele terminasse de falar; foi logo ligando seu computador e buscando, em um site de pesquisa, o título do site. Encontrou alguns resultados, mas um deles possuía a descrição que eles procuravam.

Sem sequer hesitar, ela entrou. Era uma home page bem feita, com vários recursos, um logotipo chamativo e parecia ter vários acessos diários. Na página inicial era possível ver os títulos das poesias publicadas mais recentemente, o que era atualizado constantemente. Na primeira página também era possível encontrar uma ficha de cadastro, onde Cailey começou a preencher os dados requeridos, pronta para se registrar.

— O que está fazendo? — Jayce segurou o

braço dela, antes que pudesse clicar em Ok para finalizar o cadastro.

— Estou me cadastrando. Talvez consiga alguma informação.

— Ficou maluca? — perguntou, ainda sem soltar o braço dela.

— Não! Acho que estou agindo com bastante sanidade. Aquela moça, a provável próxima vítima dele, deve estar cadastrada aqui também. Eu quero encontrá-la!

— Então deixe que eu faça isso...

— Não! Poesia é o *meu* negócio. Tudo que eu descobrir vou passar para você, então, trabalharemos juntos! — ela falou com decisão e, aproveitando que ele tinha afrouxado o toque em seu braço, Cailey deu ok, finalizando o cadastro.

Jayce até se deu por vencido, sabendo que

não conseguiria convencê-la a desistir daquela ideia. Mas assim que viu que ela tinha escolhido o nome Georgiana Hartmann, ele quase socou a parede à sua frente. Era exatamente o que ele temia: Cailey *queria* ser descoberta, identificada. Na verdade, ela queria desafiá-lo, mostrar que não tinha medo, que não era mais apenas a caça, mas também o caçador. Estava disposta a travar uma batalha contra ele e não haveria ninguém capaz de impedi-la.

Para dar início à farsa, Cailey publicou duas de suas poesias mais pessoais, onde desnudava sua alma, falando sobre a dor de perder alguém que amava, que escreveu logo após a morte da avó, e escolheu uma outra, que nasceu após o estupro que sofreu. Eram as mais sombrias que tinha e que mais combinavam com a proposta obscura do site.

Não havia muito mais o que fazer além de

esperar. Já estava cadastrada, já publicara duas poesias e precisava aguardar. Tinha quase certeza que o “Poeta Sombrio” iria lhe contatar em breve.

Quando ela fechou a página, Jayce virou a cadeira onde ela estava sentada, até que ela ficou de costas para o computador e de frente para ele.

— O que foi, Jayce, vai me passar mais um sermão? — ela perguntou, com uma expressão contrariada, enquanto ele segurava cada um dos braços da cadeira, como se quisesse impedi-la de se levantar sem que acabasse caindo nos braços dele.

— Não. Vou dizer que estou muito orgulho pela mulher que você é.

Sem compreender nada, Cailey arregalou os olhos, surpresa com aquela afirmação.

— Orgulho? De mim? — a forma inocente como ela fez aquelas perguntas fez com que ele

sorrisse.

— Muito. Você é maravilhosa e nem tem noção do quanto. Sua coragem é impressionante...

— Coragem? Jayce, acho que você não está enxergando quem eu sou de verdade. Não há nada de corajoso em mim... eu sou a mais covarde de todas. — ela deu uma risadinha sem graça, como se quisesse disfarçar o quanto aquilo a incomodava.

— Não, meu amor... você é uma *sobrevivente*. Você soube lidar com o sofrimento de um estupro da melhor maneira possível... mais do que isso, você ainda se importa com as pessoas. Está se arriscando mais do que deveria para ajudar uma mulher que mal conhece.

— Jayce, eu... — ela estava emocionada; ninguém jamais lhe dissera nada parecido.

— Não me interrompa — sorriu. — É por

PERIGOSAS NACIONAIS

essas e outras coisas que eu digo com segurança que a amo. Não tenho nenhuma dúvida disso...

— Por essas e outras coisas? Que outras coisas? — ela quis saber, em uma expressão divertida.

— Porque você é linda... — Jayce depositou um beijo em sua boca. — Porque você é doce... — outro beijo. — Porque me trouxe de volta à vida... — mais um beijo. — Porque é inteligente, sensível, gentil... precisa de mais motivos?

— Não... estou satisfeita. Mas não me incomodaria com mais alguns beijos...

— Estamos de acordo nesse quesito. — brincou. — Por isso, vou lhe dar alguns minutos para que arrume uma bolsa e vá dormir comigo... — ele ordenou, mais uma vez em um tom de brincadeira.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou pensar no assunto...

— Sem tempo para pensar ou vou ser obrigado a deixá-la inconsciente e a raptá-la. Vai acordar na minha cama, e eu jamais vou te deixar sair de lá. — brincou.

Cailey gargalhou.

— Posso, pelo menos, tomar um banho? Não vou demorar...

— Não demore ou vou te buscar como um homem das cavernas e te levar embora daqui nos ombros.

— Até que seria interessante... — ela franziu o cenho, como se estivesse avaliando as alternativas. E quando Jayce começou a se aproximar, pronto para jogá-la nos ombros, ela saiu correndo para o banheiro dando um gritinho.

Enquanto se colocava debaixo do chuveiro,

começava a pensar. Ele ainda estava ali com ela, desejando sua presença em sua casa, demonstrando que sentia sua falta e insistindo que a amava. Parecia um sonho, e tudo ficaria melhor quando seus problemas terminassem, se é que iriam terminar. A imagem de sua morte ainda a perturbava e ainda tinha medo, mas aos poucos sentia-se mais forte, mais capaz de enfrentá-lo. Tinha aliados e informações que não possuía antes. Estava evoluindo.

Ainda ficaria pensando naquelas coisas horríveis por mais tempo, mas Jayce surgiu, entrando no boxe sem ser convidado, agarrando-a e encostando-a na parede.

— Jayce! — exclamou surpresa, mas pensando que ele sempre sabia a hora certa de aparecer.

— Senti sua falta e não resisti ao pensar que

estava aqui sozinha, talvez precisando de ajuda. —
ele falou em um sussurro.

— Em vinte e cinco anos de vida sempre
tomei banho sozinha e nunca tive nenhuma
dificuldade. — brincou.

— Não importa, eu sou muito cavalheiro e
faço questão de ajudar...

Jayce cobriu-lhe a boca com beijos, e ela
não teve oportunidade de falar mais nada. Apenas
sentia que mesmo em meio a tanta tristeza, sentia-
se feliz como nunca.

Capítulo Doze

Havia um buraco negro invadindo sua mente. Um imenso vazio, um terrível nada. Aquilo era mais inquietante e desesperador que um sonho ruim. Ouvia vozes em sua cabeça, obrigando-a a despertar, mas simplesmente não conseguia. Sentia braços a segurá-la, sabia que eram os de Jayce, mas lutava contra ele. Ao finalmente despertar, conseguiu fazer com que ele a soltasse, porém, quando ele tentou abraçá-la, querendo confortá-la, ela levantou-se da cama e correu para a sala de estar, sentando-se a mesa com papel e caneta na mão.

Jayce acompanhou toda a cena. Sem explicação, Cailey fechou os olhos e concentrou-se. Em segundos estava escrevendo de maneira

frenética, com um terrível garrancho. O detetive se aproximou e viu exatamente o que ela escrevia. Imediatamente compreendeu que se tratava de uma mensagem *dele*.

“Está me perseguindo, Georgianna?”.

Apesar de sua mente estar sendo invadida pelo Poeta Sombrio, Cailey não se sentia fora do controle de si mesma. Então ela sentiu que era a hora de revidar, responder, tentar manter aquele contato.

Ela sabia que com o “*perseguindo*” ele se referia ao cadastro no site de poesias.

“Vou descobrir todos os seus segredos!”

E a resposta não tardou...

“Eu irei revelá-los a você, pessoalmente, quando estiver comigo...”

Cailey sentiu uma ruptura na conexão entre eles; sentiu que tinha sido deixada sozinha, abandonada no abismo de sua mente. Mas daquela vez conseguiu se manter consciente, apesar de fraca e desorientada.

— Cailey, você está bem? — Jayce indagou, preocupado, segurando-a enquanto ela levantava da cadeira, inquieta, não conseguindo se manter sentada.

— Viu, Jayce? Eu sabia que ele estava participando desse site! Ele sabe que eu entrei, sabe

PERIGOSAS ACHERON

que... — Cailey ofegou e mal conseguiu terminar sua frase, pois cambaleou, sentindo as pernas fracas, e Jayce a segurou antes que pudesse cair no chão.

Amparando-a, ele fez com que ela caminhasse até o sofá e se sentasse lá. Pedindo que ela ficasse ali, Jayce foi até a cozinha para buscar-lhe um copo d'água. Sua mãos estavam trêmulas ao segurar o copo, sua respiração permanecia alterada, e quando ele a tocou, tentando checar sua temperatura, percebeu que ela estava gelada, embora estivesse agasalhada com uma blusa de manga comprida e um casaco.

Cailey não estava bem, mas fazia um esforço enorme para não transparecer. Apenas ela sabia o que se passava em seu interior, no recanto mais profundo de seu ser, onde ninguém mais tinha acesso. Imaginava que ela deveria travar uma

batalha infundável contra suas emoções, na esperança de se manter firme e sã. Somente Cailey conhecia o desespero de fechar os olhos e ter alguém completamente insano tomando posse de seus pensamentos, tornado-a uma pessoa que ela não era. Era refém daquele homem, e tudo que Jayce queria era libertá-la daquela prisão.

— Meu amor, vamos para cama! Você não está bem...

— Não... eu não quero me deitar... não quero sonhar novamente... — ela insistiu, quase implorando, deixando Jayce sem saber o que fazer.

Então, ele a puxou para seu colo, deixando-a sentada ali, aconchegada como uma criança indefesa. Até aquele momento ela se manteve forte, lutando contra sua própria fragilidade. Tentava desesperadamente provar que era corajosa, que todos estavam enganados quando diziam que ela

era irresponsável, imatura e covarde, mas era visível que não estava mais suportando a farsa.

— Não reprima seus sentimentos, Cailey. Você está comigo, não vou te julgar.

A fala de Jayce foi suficiente para fazer com que ela desmoronasse. Ele a embalava em silêncio, decidido a acalmá-la. Diante de tanto zelo e amor, Cailey derramou seu pranto agonizante, desabafando em forma de lágrimas descontroladas, que ela esperava que lavassem sua alma.

Jayce deixou que Cailey chorasse por todo tempo necessário. Quando ela simplesmente parou de soluçar e tremer, ele percebeu que ela tinha adormecido. Parecia serena... tão tranquila que Jayce não teve coragem sequer de fazer qualquer movimento mais brusco. Para ele era um privilégio tê-la nos braços e saber que ela confiava nele a ponto de demonstrar seus sentimentos de forma tão

intensa.

Ele estava decidido a velar seu sono, observá-la enquanto dormia, como um guardião. Queria ser capaz de fazer mais, de espantar todos os demônios que lhe faziam mal. Era irônico que, logo ele, que era um homem da polícia, cuja missão de vida era salvar e proteger pessoas, não soubesse o que fazer para proteger a mulher que amava.

Cailey acordou deitada na cama, sentindo-se bem mais relaxada. Ao olhar ao seu redor, percebeu que estava sozinha, mas Jayce tinha lhe deixado um bilhete sobre o travesseiro, avisando que precisara sair para o trabalho, mas que esperava que ela estivesse por ali quando ele retornasse.

Era dia de trabalho também para Cailey, então ela se adiantou e começou a se arrumar. Enquanto procurava uma camiseta menos amassada dentro da mochila, encontrou algo que ela nem lembrava que estava com ela: a agenda de Jodie Bridges.

Como já estava atrasada, jogou-a dentro de sua bolsa, disposta a verificá-la mais tarde.

Aproveitou, portanto, sua hora do almoço para verificar aquele livro. Já que não tinha fome, poderia passar aqueles sessenta minutos fazendo algo produtivo.

Começou a folhear a agenda aleatoriamente, tentando prestar atenção nos mínimos detalhes. Havia muitas anotações de compromissos, alguns rabiscos de poesias, alguns números de telefones, informações sobre matérias da faculdade, dentre outros. Assim que percebeu que não havia nada de interessante ou relevante, ela virou o pequeno

caderno de cabeça para baixo e o sacudiu um pouquinho, fazendo alguns papéis caírem sobre sua mesa.

Alguns eram comprovantes de pagamento, entradas de cinema e teatro, bilhetinhos bobos... Mas um parecia muito promissor.

Ele estava fechado com durex, como se fosse confidencial, exatamente o tipo de coisa que ela procurava. Curiosa, ela o abriu e encontrou o login de uma conta de e-mail e uma senha.

Não tardou em abrir o site do servidor de e-mails e utilizar as informações que tinha acabado de conseguir. Em segundos estava com acesso a todos os segredos de Jodie Bridges.

Havia vários e-mails não lidos, vários lidos, e ela tomou o cuidado de verificar um por um. Encontrou várias mensagens de humor, recados de amigos e familiares, e algumas propagandas. Eram

PERIGOSAS ACHERON

muitas páginas, então, Cailey apelou para a lacuna de pesquisa, digitando o nome “Edmond Forsight”, apenas como tentativa. Mas a sorte parecia estar ao seu lado e apenas dois e-mail apareceram. Um deles tinha sido enviado pelo próprio. Não possuía assunto e tinha apenas uma frase no corpo de mensagem: “*Estaremos juntos em breve, nem que seja no inferno...*”. Estava datado de poucos dias antes de sua morte.

Cailey sentiu um calafrio percorrer seu corpo, mas decidiu não perder tempo. Ainda tinha mais um e-mail que mencionava o pseudônimo do Poeta Sombrio. E este vinha de uma mulher chamada Monica Grimm.

Na verdade tratava-se de uma série de e-mails, uma conversa entre as duas moças. Elas trocavam poesias entre si, e Jodie lhe indicara o site “Entrelinhas Obscuras”. Pelo que era possível ler,

PERIGOSAS NACIONAIS

Monica tinha gostado da ideia e fizera cadastro, passando a publicar poesias por lá.

Rapidamente, Cailey abriu outra aba no navegador e entrou no site de poesias que já conhecia. Ao digitar o nome Monica Grimm para buscar o autor, encontrou poesias semelhantes às suas, bem íntimas, pessoais e melancólicas. A moça tinha talento. Em todas elas, comentários de um mesmo usuário eram constantes, e ele se denominava “Edmond Forsight”.

Porém, o perfil dele não demonstrava nada. Ele era o dono do site, mas não publicava ali suas próprias poesias. Era apenas um observador... um predador à caça de presas. E, por mais que lutasse contra, Cailey era uma de suas presas, condenada a matar ou morrer para ter de volta sua paz.

Mais tarde, já na casa de Jayce, contou a ele tudo que tinha desvendado, mostrando provas de

PERIGOSAS ACHERON

suas constatações no computador.

— Então temos um nome para a moça, finalmente? — ele perguntou, e ela fez que sim com a cabeça. — Excelente trabalho, Watson. — brincou ele.

— O problema, Sherlock, é que só o nome não basta. Precisamos saber *quem* ela é. Você acha que consegue ter acesso a essas informações?

— Bem, não é tão fácil assim... — ele viu Cailey murchar. — Podem existir várias mulheres com esse mesmo nome. Mas, Cailey, você...

— E não podemos obter informações sobre essas mulheres e tentar descobrir qual delas é a certa? — ela o interrompeu.

— Algumas, sim. Mas precisamos contatar órgãos federais para isso. E, claro, precisamos de uma ordem judicial. — Jayce usava de um jeito

PERIGOSAS NACIONAIS

carinhoso ao falar, pois sabia que encontrar aquela mulher era tão importante para ela quanto era para ele. — Você só está esquecendo de uma coisa...

— Estou? O quê?

— Você tem o e-mail desta Monica Grimm. É só acessar as respostas que ela enviou para Jodie. Envie uma mensagem para ela, invente uma história e a atraia para um encontro conosco. Lá, eu me apresentarei como policial e a colocarei em proteção.

— Ah, meu Deus! Como sou burra! Você tem razão!

— Você não tem nada de burra...

— Ah, Jayce! Temos uma chance de salvá-la!

— Cailey jogou os braços ao redor do pescoço dele, comemorando.

Porém não esperou nem mais um minuto.

PERIGOSAS ACHERON

Entrou na caixa de e-mails de Jodie Bridges e copiou o contato de Monica Grimm. Segundos depois, acessou sua própria conta e escreveu uma mensagem explicando que viu suas poesias no site “Entrelinhas Obscuras” e que trabalhava na revista “Fissure”, em uma sessão nova sobre poesia. Alegou que gostara de seu trabalho, tendo interesse em uma revista exclusiva. Explicara também que conseguira seu e-mail em uma rede social, pois o site não liberava a visualização do e-mail pessoal de seus usuários.

Claro que tudo aquilo fazia parte de uma farsa, mas era o único meio de se aproximar da moça.

Ao final da mensagem, colocou todos os seus contatos, inclusive seu ramal na revista, caso ela quisesse confirmar a história. Depois da sensação de missão cumprida, Cailey voltou para o trabalho, mas simplesmente não conseguia se concentrar, não

deixando de atualizar sua página de entrada do e-mail várias vezes.

Contudo, sua resposta veio por telefone. Monica ligou exatamente às cinco da tarde, quando ela já estava partindo.

— Meu Deus! Então é verdade mesmo! — Monica exclamou eufórica, depois de ter ouvido a recepcionista saudá-la, utilizando o nome da revista, antes de transferir a ligação para Cailey. E quando esta compreendeu quem era, engoliu em seco, quase perdendo a fala. — Sou Monica Grimm, recebi seu e-mail.

Cailey mal soube o que dizer a princípio. Não imaginara que chegaria tão perto de salvar uma vida, que poderia cumprir uma missão, fazer algo de bom para alguém. Isso a fez quase perder a fala.

— Srta. DeWitt? — a moça, do outro lado da linha, chamou, estranhando o silêncio.

— Desculpe, Monica. — voltou a si. — Sim, eu mesma lhe enviei o e-mail. Achei seu trabalho excelente.

Rapidamente, Cailey abriu a página de Monica no site de poesias para ficar munida de informações, caso ela lhe fizesse qualquer pergunta. E uma coisa lhe chamou a atenção. No perfil de cada poeta daquele site era possível encontrar uma foto, uma espécie de avatar. Claro que o “Poeta Sombrio” utilizava uma imagem que não era seu rosto, mas sim a foto de uma rosa pingando sangue. Naquele momento, estava focada no retrato de Monica Grimm, que ela não tinha percebido antes. Não reparara o quanto a moça se parecia consigo mesma. Igualmente loira, olhos verdes, rosto jovem e natural. A semelhança era assustadora, doentia. E estava claro que havia um motivo para aquela “coincidência”.

— E então? Como faremos? — sua voz soou quase desesperada, muito animada.

— Bem, como disse no e-mail, minha ideia é fazer uma entrevista com você. Podemos marcar um almoço amanhã? — sua vontade era se encontrar com Monica naquele momento para lhe avisar do perigo, porém, gostaria de ir com Jayce. Além disso, precisava demonstrar profissionalismo ou a garota perderia a confiança.

— Claro, será um prazer! Onde nos encontramos?

Cailey lhe passou o endereço de um restaurante próximo à revista, e tudo ficou acertado. Ao terminar a ligação, estava satisfeita e ansiosa para que o dia seguinte chegasse logo.

Já estava começando a escurecer quando deixou o prédio da redação da revista. Uma brisa fria cortava o ar, e Cailey fechou a jaqueta contra o

PERIGOSAS ACHERON

peito, sentindo seu corpo tremer. Entretanto, não era apenas o vento gelado que lhe proporcionava arrepios — era o medo. Havia algo dentro dela, algum sexto sentido — talvez herdado de Lolla — que lhe dizia para ficar em alerta, que lhe dava a sensação de estar sendo seguida. Com isso, acelerou seus passos. E foi quando ouviu seu nome e reconheceu a voz. Uma voz que não lhe inspirava confiança, mas que pelo menos não significava perigo, apenas encrenca.

— Cailey... está fugindo de mim? — Johnny, o fotografou, chamou.

Nem um pouco interessada em conversas àquela hora, com homem do tipo que ela estava tentando evitar, Cailey virou-se para ele a contragosto, ensaiando um sorriso sem graça. A verdade era que sabia que Johnny tinha más intenções, e apesar de ele ser um homem lindo, que

chamaria sua atenção algum tempo atrás, ela apenas pensava em Jayce. Não havia como compará-lo a homem nenhum, nem em aparência, nem em caráter. E, por um breve momento, ela sentiu vontade de estar com ele, como nunca tinha acontecido com nenhum outro.

— Não estou fugindo, Johnny. Estou com pressa! E você me assustou um pouco. — falou com sinceridade para que ele não a seguisse nunca mais.

— Assustei? — gargalhou, tentando ser sedutor. — Não era minha intenção!

— O que deseja? — cruzou os braços, demonstrando impaciência.

— Seria clichê demais se eu respondesse “você”?

— Seria sim. — Cailey ainda estava séria e

nada envaidecida pela cantada barata.

— Bem, então vou suavizar minha resposta e te convidar para jantar. Não gostaria de imaginar você sozinha nesse frio...

Johnny estava conseguindo irritá-la. Era como se ela soubesse exatamente cada palavra que ele iria dizer, cada movimento, como se fosse ensaiado, previsível.

— Acontece que tem alguém me esperando em casa, não vou ficar sozinha. — havia uma ar de vitória em sua voz.

— Ah, eu não sabia... — ele tentou não demonstrar surpresa, mas Cailey conseguiu enxergá-la dentro de seus olhos. — Bem, saiba que se mudar de ideia, estarei aqui.

Sem dizer mais nada, Johnny se afastou, e Cailey simplesmente virou as costas continuando

PERIGOSAS NACIONAIS

seu caminho, feliz por poder voltar para Jayce e por não precisar mais cair na lábria de um idiota como aquele.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Treze

À uma hora da tarde do dia seguinte, em ponto, Cailey encontrava-se sentada à mesa do restaurante no qual marcara o encontro com Monica Grimm. Jayce estava ao seu lado, como um fiel escudeiro, tentando acalmar sua inquietude.

— Onde ela está, Jayce? Será que não vem? — perguntou impaciente.

— Calma, chegamos cedo. Ela nem está atrasada.

— Ela parecia tão ansiosa ao telefone... Eu podia jurar que ela iria aparecer aqui bem antes de nós. — falou, enquanto estalava os ossos dos dedos de maneira nervosa.

— Vamos esperar...

Cailey não queria esperar. Não tinham tempo para isso. Por isso, sentiu-se totalmente contrariada.

E ela pôde sentir cada minuto passando, cada novo tic-tac do relógio como se fosse uma bomba prestes a explodir. A todo momento ela olhava para a cadeira vazia, onde Monica Grimm já deveria estar sentada, e tudo parecia não fazer nenhum sentido. Àquela hora já era para tudo estar resolvido. Era para a moça estar avisada do perigo que corria. Provavelmente até já saberiam a identidade do “Poeta Sombrio”. O que tinha dado errado?

— Cailey, acho que é hora de irmos embora. — avisou de maneira doce, cheio de cautela, sabendo o quanto aquilo a deixaria triste e frustrada. — Ela já está atrasada em uma hora.

— Eu não posso abandoná-la dessa maneira! Tenho certeza que aconteceu alguma coisa. Ela

queria vir, estava animada.

— Eu sei, mas não vai adiantar nada ficarmos aqui. Eu vou te deixar no trabalho, e você pode enviar um e-mail para ela perguntando o que aconteceu. Enquanto isso, vou procurando mais informações na polícia. — opinou.

— Acha que ele já a matou?

— Não sei, Cailey. Se ele seguir o padrão do primeiro caso, ele pode tê-la sequestrado.

Cailey não gostou daquela opção; não era nem um pouco melhor do que a hipótese de Monica já estar morta, assassinada pelo “Poeta Sombrio”. Além disso, não queria ir embora, pois sentia que seria o mesmo que entregar a moça para a morte, mas Jayce estava certo; não podiam esperar mais. Por isso, se deixou ser levada. Sentia um vínculo com aquela moça, mesmo sem conhecê-la; tinha uma dívida com ela, e jurava para si mesma que

PERIGOSAS ACHERON

não iria descansar nem um minuto até que conseguisse salvá-la.

Assim que chegou em sua sala, no escritório da revista, encontrou um enorme buquê de flores sobre a mesa. Em um primeiro momento sorriu, imaginando serem de Jayce, porém, seu coração se agitou de uma forma estranha, como se ele soubesse que havia algo de errado.

Bem, e ele estava certo. Ao pegar o cartão que acompanhava o buquê, não ficou surpresa ao constatar a *quem* pertenciam.

“Há poesia no coração de quem chora

Implorando por vida... por misericórdia

*O coração ainda pulsa
Cansado de lutar em vão
Cansado de esperar...
E eu também espero
Contentando-me com metade do que procuro
Ela é apenas um início
Uma versão de uma poesia incompleta
Um verso imperfeito
Enquanto espero por aquela que tecerá
palavras em minha alma”*

Ela nem tentou se conter, apenas jogou o bilhete sobre sua mesa, antes que pudesse lhe trazer qualquer tipo de conexão. Mas não conseguiu controlar a enxurrada de pensamentos desesperadores que assolaram sua mente em uma breve fração de segundo, na velocidade da luz.

Ele *sabia* onde ela trabalhava; mas isso não era
PERIGOSAS ACHERON

o mais importante naquele momento. O que mais atormentava Cailey era saber que Monica já estava com ele. Era exatamente isso que ele queria demonstrar com a poesia.

Sem nem pensar no que estava fazendo, pegou sua bolsa e saiu de novo, correndo da sala, sem rumo. Fora do prédio da revista, pegou seu celular e discou para Jayce, sabendo que ele não deveria estar longe, afinal, tinha acabado de deixá-la ali. Exatamente como ela imaginou que ele faria, chegou para buscá-la em pouquíssimos minutos.

No momento em que entrou no carro, Jayce reparou que ela estava assustada. Seu silêncio denunciava que precisava de um tempo para colocar as ideias no lugar, e ele lhe concederia esses momentos, embora estivesse desesperado para compreender o que havia acontecido.

Ele a levou para sua casa, onde ela entrou e

PERIGOSAS ACHERON

sequer sentou, apenas ficou andando de um lado para o outro, um pouco desorientada, como se pensasse o que deveria fazer em um primeiro momento. Subitamente sentou-se à mesa de jantar, pegando seu diário que estava sobre ela.

— Preciso entrar em contato com ele! Agora! Antes que ele faça uma besteira. — ao ouvir aquilo, Jayce agarrou os dois braços de Cailey, imobilizando-a, mantendo-a presa. — Jayce, não me impeça!

— Impeço sim! Você não enxerga como está... está destruída, pálida. Não consegue ver como isso está acabando com você. Eu não posso permitir que se mate por causa disso, Cailey. — sua voz estava cheia de autoridade, enquanto ela tentava se soltar, cheia de teimosia.

— *Será que você não percebe que isso já está me matando?* Dolorosamente... A única vida que eu

tenho é você...

Ela não queria que soasse como uma declaração de amor... queria apenas demonstrar que seus pensamentos estavam todos focados no Poeta Sombrio, que ela respirava aqueles problemas, sonhava com aquilo e temia até mesmo qualquer batida na porta, qualquer telefonema. Tinha medo de simplesmente fechar os olhos e se perder em escuridão novamente. Temia a si mesma, temia as pessoas que não conhecia... O pânico se instalara em seu espírito, e a Cailey que ela fora um dia se perdera em meio ao terror e à maldição que se tornara sua existência. Queria demonstrar também que, apesar daquilo tudo, ele era a única fonte de cor em seu mundo preto e branco.

Jayce ainda estava um pouco atordoado com o que tinha acabado de ouvir. Sabia que ela não tinha a intenção de soar romântica, mas era mais do que

PERIGOSAS NACIONAIS

ele poderia esperar escutar.

— Não quero que me proteja o tempo todo. Preciso lutar contra isso! Se ficar parada lamentando não vou conseguir ajudar em nada... *Quero que isso pare! Não aguento mais.* — ela berrou a última frase.

Estava chorando, histérica, e tudo que Jayce queria era tomá-la no colo ali mesmo e carregá-la para bem longe daquilo tudo. Fugiria com ela, deixaria tudo para trás, sem nem pensar duas vezes, se fosse suficiente para que ela ficasse a salvo e em paz. Mas não era assim tão simples. Por mais longe que estivessem, de nada adiantaria. O “Poeta Sombrio” a perseguiria por toda parte, onde quer que ela fosse. Ele estava em sua mente, sussurrando em seu pensamento palavras que ela não queria ouvir. Estaria por perto, mesmo a quilômetros de distância.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu quero falar com ele. Por favor. — ela implorou, como última alternativa, pois ele ainda a segurava.

E ela falou de uma forma tão suplicante, inocente e doce, que ele suspirou derrotado. *Merda!* Ele não seria capaz de lhe negar nada enquanto ela pedisse daquele jeito.

— Tudo bem, Cailey... — ele finalmente a soltou, e Cailey não esperou nem um segundo para fechar os olhos, buscando aquela conexão que tanto a assustava.

Ela estava correndo em direção ao perigo, se atirando à própria sorte em um precipício. Mas era tudo que ela queria naquele momento. Por mais que estivesse com medo.

Não demorou muito para que recebesse uma resposta, como se o “Poeta Sombrio” estivesse esperando por aquele contato.

PERIGOSAS ACHERON

“Deixe-a em paz! Não é a mim que você quer?”

“As duas são especiais, cada uma a seu modo. Monica tem sua luz, mas você, Cailey, é uma constelação.”

Cailey escrevia rápido, como se psicografasse todas as suas palavras e também as de seu inimigo.

“Vou fazer da sua vida uma eterna escuridão se machucar essa moça!”

“Vocês nem sequer são amigas. Não deveria se importar, mas, sim, apreciar a beleza que há na morte.”

“Se acha a morte tão bonita, por que não

comete suicídio?”

“Não seja rude, dama das palavras, afinal, mais uma vez, foi você quem me incentivou a fazer o que eu fiz...”

Consciente do que ele acabara de afirmar, Cailey ficou confusa. Como ele poderia acusá-la novamente de algo tão absurdo?

“Não entendi!”

“Não deixe que as luzes se apaguem

Em meio à doce escuridão

Há flores que brotam da dor

E as que plantam espinhos no coração

Lute até a morte

Até a última pétala restar

A alma se cura

A alma resiste

Enquanto o livro não se fechar.”

Mesmo em sua semi-consciência, Cailey conseguiu reconhecer aquela poesia de algum lugar. Percebendo que ainda estava no controle de suas ações, antes que ele a sugasse novamente para seus pensamentos sombrios, ela abriu os olhos.

Sentia-se mais forte do que das outras vezes, o que poderia significar que estava lidando melhor com aquilo tudo. Então, logo tentou focar seu pensamento na poesia que tinha escrito no papel à sua frente, mas não demorou para compreender que era *sua*.

Lembrava-se perfeitamente de como cada frase havia surgido em sua imaginação, como suas palavras se encaixaram, uma após a outra, tomando

PERIGOSAS ACHERON

forma. Recordava-se de sentir seu dom pulsando nas veias, a história que lhe fora contada surgindo em sua mente como um filme, transformando-se em palavras, sem que ela sequer tivesse o controle. Começara a se lembrar o motivo de ter escrito aquela poesia... E teve certeza que tudo era pior do que imaginara a princípio...

— Jayce! Ele trabalha comigo! — exclamou de maneira tão apressada que Jayce não compreendeu a princípio. Mas quando a entendeu, mal pôde acreditar.

— Como assim ele trabalha com você?

— Seja quem for esse “Poeta Sombrio”, trabalha na revista Fissure. — explicou, visivelmente alterada por causa daquela perseguição sem fim.

— E como você sabe?

— Esta poesia... — Cailey apontou para os versos que tinha escrito no papel, enquanto se comunicava com ele por telepatia. — ...eu escrevi para um funcionário da revista, em meu primeiro dia.

— Então você tem o e-mail dele, com nome e sobrenome reais... — animou-se.

— Não... esse é o problema. A maioria dos funcionários me enviou histórias por um endereço de e-mail anônimo, não querendo se identificar. — ela se levantou da cadeira e começou a andar de um lado para o outro. — Como eu não percebi que se tratava praticamente da mesma história? Um rapaz apaixonado por uma moça que fugia dele. E ainda o encorajei a lutar por ela! Como fui burra!

— Você não poderia imaginar. — ele falou com calma, tentando ser a parte serena daquele diálogo, embora estivesse se corroendo por dentro,

pensando exatamente no que mencionou a seguir:
— Precisamos pensar em você. Se ele realmente trabalha na revista, está muito próximo...

— Não, precisamos pensar em Monica...

— Mas que merda, Cailey! Será que não está pensando na gravidade do que acabou de me falar?
— ele a agarrou pelos braços. Seria possível que estivesse tão cega? — Você não está trabalhando nessa revista por acaso... tem um dedo dele nessa história. Ele a quer por perto para controlá-la. Tenho certeza que está apenas esperando o momento certo para sequestrá-la. É isso que ele quer. — era a primeira vez que Cailey via Jayce tão transtornado.

— É você que não entende! Eu ainda estou aqui, a salvo, com você. Ainda tenho uma chance! É Monica Grimm que está lá...

— De Monica nós vamos cuidar, mas a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

obsessão dele está em você.

— Você é um policial, devia estar pensando em uma mulher em perigo!

— Também sou humano e e estou pensando que a mulher que amo está em perigo! — Cailey não conseguiu falar nada diante daquela resposta. Ele sempre a surpreendia. — Você não vai mais trabalhar... aliás, só vai sair de casa comigo enquanto isso não acabar...

— Você está sendo ridículo! — ela exclamou. — Não pode me prender em uma gaiola, Jayce.

— Não, não posso... — ele admitiu de forma desanimada, quase concordando que estava sendo exagerado e tolo.

Cailey jogou seus braços ao redor dele, abraçando-o e encostando a cabeça em seu peito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele retribuiu o abraço, apertando-a contra si e esforçando-se ao máximo para não esmagá-la com o desespero de seu amor. Perdê-la não era uma opção. Não quando a tinha encontrado depois de tanto caminhar por um limbo que parecia eterno.

— Não sei o que seria de mim se não fosse você... — ela confessou cheia de hesitação.

— Estou aqui para você. E pretendo permanecer por quanto tempo você me quiser...

E ela o beijou, provando que o amava, embora não tivesse coragem de dizê-lo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Quatorze

No dia seguinte, assim que terminou seu expediente, Cailey pegou um táxi e foi à floricultura. Não tinha combinado nada com Faith, mas sabia que ela gostaria da surpresa. Porém, infelizmente não se tratava apenas de uma visita informal. Cailey tinha dúvidas a tirar.

Caminhando por aquele lugar lindo, ela começou a sentir um aperto no peito. Nunca imaginou que poderia sentir tanta falta daquelas flores, mas sentia; principalmente ao ver a irmã sorridente, visivelmente maravilhada com o próprio trabalho. Ninguém jamais ousaria negar que Faith pertencia àquela estufa. Rowan estava lá com ela, fazendo algumas contas, enquanto ela colhia margaridas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cailey? — levantou-se assim que percebeu a presença da irmã, retirou suas luvas e limpou as mãos no avental que usava. — Que bom que está aqui! — elas trocaram beijinhos de cumprimento.

— Vim matar a saudade deste lugar... — respondeu, sonhadora, olhando ao seu redor. O lugar transmitia tanta paz que ela se permitiu acreditar, por um breve momento, que estava ali exatamente para apreciar a companhia da irmã e uma boa conversa. — Está escravizando Rowan como fazia comigo? — brincou, elevando a voz, uma vez que o cunhado estava tão empenhado em sua função que ainda não tinha sequer reparado que ela tinha chegado.

— Que nada... eu só faço essas coisas para ela pensar que depende um pouquinho de mim, e não o contrário. — Rowan lhe mandou uma piscadela charmosa, e Cailey sorriu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Faith, podemos conversar? — dirigiu-se à irmã, séria.

— Claro! Querido, você toma conta de tudo? — ele respondeu positivamente com a cabeça, ainda focado em seus cálculos. — Qualquer problema é só me chamar...

— Vá tranquila! Vão todos se encantar pelo meu charme e comprar todas as flores. Vamos ficar ricos!

— Não duvido nada. — Cailey concordou brincando. Gostava muito de Rowan e ficava feliz por ter uma boa relação com ele.

Faith jogou um beijo para o marido e convidou a irmã para ir até sua casa.

— Pode falar, querida... — Faith iniciou a conversa, assim que as duas se acomodaram.

— É sobre aquele homem... — Cailey baixou a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça, talvez envergonhada por ter de levar um problema para sua irmã. Faith já tivera sua cota de tragédias para suportar.

— Que homem, Cailey? Está falando do assassino que tem se comunicado com você?

— Ele mesmo...

— O que aconteceu agora?

— Nem sei por onde começar. — Cailey fez uma pausa. Não suportando ficar sentada, levantou-se e começou a andar em círculos. Faith já estava agoniada com aquele silêncio, mas soube esperar, reconhecendo que o assunto não deveria ser nada fácil. — Ele sequestrou outra mulher. E, de alguma forma, sabe mais coisas de mim do que eu imaginava. Ele sabe onde eu trabalho. Ontem recebi flores...

— Dele?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. — foi então que Cailey retirou uma das flores do buquê, que estava dentro de uma sacola. Já começara a murchar, deixando um aspecto de morte. Hesitante, entregou-a a Faith, temendo descobrir o significado.

— Esta flor é um Cravo-de-defunto, Cailey. Eu sequer tenho esta flor na minha estufa, pois significa *crueldade*. — Faith fez uma pausa. — Ah, Cailey... onde foi que você se meteu?

Um arrepio gelado percorreu o corpo de Cailey. Não que ela não imaginasse algo daquela espécie. Já sabia que a maldade do Poeta Sombrio era profunda, intensa, doentia, mas ouvir a confirmação, vinda da pessoa que ela mais confiava no mundo, foi como um juízo final.

Faith tinha muitas coisas a perguntar, mas a conversa foi interrompida pelo ranger da porta, anunciando que alguém estava entrando.

PERIGOSAS ACHERON

No mesmo instante em que viram Tatianna entrar, um pouco atrapalhada com uma panela enorme, enrolada em um pano de prato, Cailey e Faith trocaram olhares cúmplices, que diziam que o assunto teria que esperar um pouco. Por mais que Tatianna soubesse de toda a história, podiam poupá-la daquele detalhe. Quanto menos pessoas desesperadas e preocupadas, melhor.

— Estou entrando... — ela anunciou, enquanto caminhava em direção a elas, concentrada em manter a panela segura em suas mãos. — Puxa vida! — exclamou quando viu Cailey. — Tirei a sorte grande! Vim visitar uma prima e ganhei duas. — finalmente Tatianna pousou a panela sobre o balcão da floricultura e pôde dar dois beijinhos em cada uma. — E então, Cailey, o que me diz? Ainda moramos juntas ou eu fui trocada por um bonitão?

— Estou te dando férias. Devia agradecer.

Tatianna sorriu, mas a verdade era que ela não achava que deveria ser grata à imensa solidão que aquela casa lhe proporcionava. Claro que isso seria um segredo somente dela, pois queria que Cailey fosse feliz ao lado de Jayce.

— Bem, eu preparei um ensopado. Estáquentinho. E ainda bem que sou exagerada ou teríamos que excluir Cailey da brincadeira. — falou, mudando de assunto, enquanto se encaminhava para a casa de Faith, onde poderiam almoçar. Assim que chegaram e Tatianna destampou a panela, as outras duas suspiraram com o cheiro delicioso.

— Teria coragem de deixar sua priminha de fora? Poderíamos excluir Rowan, já que ele foi o último a entrar para a família.

— Coitadinho do meu marido! Aliás, vou chamá-lo para que possamos almoçar todos juntos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Faith disse e em instantes deixou as duas sozinhas.

— É impressão minha ou vocês estavam em uma conversa delicada? Porque foi visível a forma como interromperam o assunto para me deixar de fora. — Tatianna parecia magoada. — Sei que não esconderiam nada de mim de propósito, mas se for algo preocupante, quero saber.

Cailey não soube como responder. Sabia que não poderia manter segredo por muito tempo. Não de uma das pessoas que mais amava no mundo.

— O que aconteceu dessa vez, Cailey. Foi o tal Poeta Sombrio, não foi?

— Sim. Parece que ele sabe coisas demais sobre mim...

— Isso já está indo longe demais... Veja o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que ele fez com você daquela vez que foi parar no hospital. O que mais pode acontecer?

— Eu sei! Mas estamos progredindo... descobrimos algumas coisas sobre ele.

— Não ouse me deixar de fora dessa história, Cailey. Eu amo você e não suportaria perdê-la. — naquele momento, diante daquela bela declaração de amor fraternal, Faith chegou. Ela sabia que o assunto entre as duas era o Poeta Sombrio, por isso, tentou se fazer de desentendida. Cailey merecia alguns momentos de paz, em família. Embora ela também tivesse um assunto delicado a tratar.

— Rowan está entretido com algumas planilhas. Acho que podemos começar sem ele.

— Ótimo! Estou morrendo de fome. — Cailey afirmou, começando a se servir sem nenhuma cerimônia.

PERIGOSAS ACHERON

Todas fizeram o mesmo que Cailey e em instantes estavam reunidas à mesa.

Começaram a comer em silêncio, apenas esperando para ver quem seria a primeira a falar qualquer coisa. E foi Faith... As outras apenas não esperavam que o assunto seria tão inesperado.

— É bom estarmos aqui reunidas e sozinhas, pois tenho um assunto delicado a tratar. — começou Faith. Ela hesitou por um momento, respirando fundo, sem encarar as outras. — Eu andei pensando e acho que vou visitar Henry.

— O quê!? — Tatianna exclamou, quase engasgando com a comida.

— Ficou louca, Faith? Depois de tudo que ele te fez? — Cailey estava ainda mais indignada que Tatianna.

— Ele salvou minha vida, Cailey!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Salvou? Ele *destruiu* sua vida! Você não deve nada a ele! — a mais nova das DeWitt estava alterada.

— Sei que não devo, mas...

— Sem mas... — exclamou. — Você não pode estar falando sério!

— Cailey, vamos deixar Faith falar. Ela deve ter um bom motivo... — apaziguou Tatianna.

— Espero que tenha mesmo!

— Eu quero... aliás, *preciso* vê-lo! Passei vários anos da minha vida com ele e não posso simplesmente fingir que não existe mais.

— O que Rowan acha disso? — perguntou a prima.

— Ele não gostou muito da ideia, mas disse que eu devo fazer o que achar melhor. — a verdade era que Rowan discutira bastante com ela, mas deixara

PERIGOSAS ACHERON

a decisão em suas mãos.

— Se eu fosse ele ficaria bem irritado com você! — insistiu a mais nova, e Tatianna a olhou com reprovação. — Não olhe para mim dessa forma! Como eu posso compreender? Aquele homem fingiu estar morto para ficar com outra mulher e fez Faith perder o bebê. Eu, no seu lugar, iria querer distância desse louco. *Para sempre!*

— Mas somos diferentes, Cailey! Eu não o perdoei. Ainda há uma mágoa muito grande dentro de mim que não vai se curar. Mas eu preciso vê-lo. Não sei por quê, mas preciso!

— Então, pelo menos, faça isso para jogar na cara dele que você está feliz, mais feliz do que nunca foi com ele. — aquilo não era um conselho, era quase uma ordem. Havia muita raiva em seus olhos e em suas palavras. Não era culpa de Faith, mas Cailey simplesmente não conseguia evitar. —

E, droga! Se você for, não vou deixar que vá sozinha. Vou com você.

— Então iremos todas nós! — Tatianna também se prontificou, e Faith sorriu, pegando em suas mãos.

— Não sei o que seria de mim sem vocês. — ela já tinha lágrimas nos olhos. Amava a forma como aquelas duas sempre ficavam do seu lado, mesmo quando não a compreendiam.

A ligação que possuíam era muito mais forte do que qualquer conexão terrível com o Poeta Sombrio. Era uma ligação de amor. E era nesta certeza que Cailey precisava se agarrar. O amor poderia salvar tudo. Era mais forte que qualquer mal, que qualquer medo. E ela o sentia dentro de suas veias, fortalecendo-se... Sentia-o por Faith, Tatianna... Jayce... Então, sabia que aquele amor seria também mais forte que a morte. Não iria

fracassar.

O lugar por si só era deprimente. Tudo parecia cinza, desbotado, lúgubre. O cheiro era de rancor, de tédio... de culpa.

Não era exatamente um lugar adequado para mulheres, e Cailey sentia-se ainda mais incomodada, pois lembrava-se perfeitamente o que fora fazer em um lugar como aquele alguns meses atrás. Fora em uma delegacia que tivera que encarar seu estuprador pela última vez. Nunca mais tivera notícias dele, e esperava que ele estivesse exatamente em um ambiente como aquele; sofrendo bem mais do que ela tinha sofrido.

Quando as três entraram no local,

PERIGOSAS NACIONAIS

fortemente vigiado por policiais, entraram em uma fila enorme, peculiar ao horário de visitas. Era visível o quanto Faith estava tensa, estalando os dedos e roendo o canto das unhas bem feitas. E, assim que chegou sua vez, apesar do nervosismo, decidiu que preferia entrar sozinha. Era hora de enfrentar seus demônios.

Caminhou por um corredor mal iluminado e frio, em direção a uma sala, onde foi revistada e deixada sozinha. O local era pequeno demais, e ela temia uma proximidade muito grande com Henry. Sabia que ele não lhe faria mal, apesar de tudo, mas não sabia o que *ela* seria capaz de fazer. Estando há tanto tempo longe dele, seu rancor se tornou uma leve indiferença, como se tudo que ele lhe fizera não passasse de uma simples lembrança ruim. Porém, quando o encontrasse, olhasse nos olhos que um dia amara, mas que eram falsos e cruéis,

PERIGOSAS ACHERON

não poderia prever sua reação.

Foram dez minutos que pareceram uma eternidade. Ela tentara se manter sentada, comportada como a dama que sempre fora. Quando Henry surgiu, parecendo mais atordoado do que ela, Faith mal pôde acreditar que se tratava da mesma pessoa com quem foi casada.

Ele sempre fora um homem bonito, vestia-se bem e mantinha o corpo atlético com exercícios diários, mas estava magro de uma forma quase doentia. Seus olhos, além de fundos, estavam cheios de olheiras e com alguns pequenos hematomas. O rosto demonstrava uma palidez cadavérica, e o cabelo já mostrava alguns raros fios brancos. Com certeza sua vida não estava fácil naquele lugar, e, por um momento, Faith permitiu-se sentir um pouco de pena dele. Mas esse sentimento de compaixão desapareceu a partir do

PERIGOSAS NACIONAIS

momento que ela se lembrou que ele estava ali pela maldade que cometera contra ela mesma e contra uma jovem que fora morta pelo homem que estava à sua frente. Seu ex-marido.

— Faith! — exclamou, com uma estranha expressão de adoração. — Quando me falaram seu nome, eu quase não acreditei.

— Pois é... estou aqui...

— Foi estranho ouvir Faith Adler. Não sabia que você já tinha se casado... — seu tom de voz tinha uma espécie de humildade completamente diferente para ela. Henry jamais fora um homem humilde. Era orgulhoso de si mesmo, de sua carreira, do casamento e de quem se tornara. Não parecia mais tão orgulhoso naquele momento.

— Sim. Me casei há mais de um mês.

PERIGOSAS ACHERON

— Bem... não sei o que dizer. Talvez... parabéns?

— Não preciso que diga nada. Não vim aqui para esfregar minha felicidade na sua cara, Henry, embora estivesse muito tentada a isso quando te vi, assim que entrou aqui. — ela parecia revoltada, de uma forma como Henry jamais a tinha visto. — Pensei que sentiria algo bom ao vê-lo, mas, não. Só consigo lembrar das atrocidades que cometeu. Não apenas contra mim, mas contra aquela moça. Você cometeu um assassinato.

— Foi Ursulla...

— Não me interessa quem foi. Você foi cúmplice. Você dormiu com essa mulher... sabendo que ela tinha sangue nas mãos! — ela elevou a voz. Henry não soube o que responder, então, ficaram em silêncio.

— Você está linda, Faith. — ele sabia que
PERIGOSAS ACHERON

estava sendo ridículo, mas precisava comentar. Ela estava realmente radiante, exalando felicidade. Parecia mais sensual, mais feminina, como toda mulher que se sente amada pareceria.

— Não vou comentar esse elogio. — seca, ela afirmou, olhando-o nos olhos. — Eu prometi a mim mesma que não falaria nada desagradável para você, mas não consigo! Não consigo não lembrar de quão miserável eu me senti quando você descobri que preferiu forjar a própria morte do que ficar comigo. Nem posso imaginar o que eu fiz de tão ruim para que me desprezasse tanto. — não conseguiu conter as lágrimas. E nem queria. Ela sabia que era forte, que sobrevivera a tudo aquilo sem maiores cicatrizes, então, não precisava provar nada para ninguém.

— Não, Faith! — exclamou. — Não pense jamais dessa maneira. Eu sou o culpado, o idiota da

história. Você é maravilhosa e foi uma esposa perfeita.

— *Cale a boca!* — explodiu e o surpreendeu. Henry jamais a vira perdendo o controle e achava até mesmo que ela era um pouco fria às vezes. Aquela mulher era diferente de sua ex-esposa, mais passional, mais humana. Rowan Allers realmente fizera muito bem a ela. Um bem que ele jamais fora capaz de proporcionar. — Eu não sei o que vim fazer aqui, mas só quero que saiba de uma coisa... já faz seis meses que estou tentando engravidar. Minha médica disse que por causa do aborto pode ser mais difícil. — ela engoliu em seco, com dificuldades para continuar a frase. — Juro que se eu não for capaz de dar um bebê a Rowan, eu vou fazer da sua vida um inferno!

Sem dizer mais nada, ela deixou a sala. Não

podia ficar mais nem um minuto ali, debilitada por uma terrível claustrofobia.

Henry, por sua vez, sentia-se ainda pior. Realmente não conseguia compreender como fora capaz de deixá-la por Ursulla. A verdade era que ficara hipnotizado por sua beleza exótica, por sua segurança, sua independência e pela vida de aventuras que ela lhe proporcionaria, mas jamais pensara que sentiria tanto ciúme em ver Faith com Rowan. Durante todo o tempo que ficou longe, depois de forjar a própria morte, procurou saber de sua vida por intermédio de um detetive, que contratara para monitorar se ela estava bem. Mas ao vê-la feliz, realizada como mulher, começou a sentir um sentimento possessivo aflorar em seu interior, o que foi deixando Ursulla muito irritada. Enquanto isso, ele ia se cansando de suas loucuras. Quando começou a pensar no que tinha feito —

abandonado uma boa esposa, assassinado uma mulher inocente e forjado a própria morte —, chegou à conclusão de que estava exatamente onde merecia estar. Era tão psicopata quanto Ursulla.

E ver Faith, graciosa e elegante, saindo pela porta da sala de visitas do local onde ficaria preso por muitos e muitos anos, teve certeza que aquela seria a última vez que a veria.

Cailey chegou na casa de Jayce bastante abalada. Faith ficara destruída depois da visita a Henry, então, passaram a tarde toda juntas. Ainda não concordava com a decisão da irmã de visitar seu ex-marido, mas imaginava que ela realmente precisava daquilo. Era a primeira vez que a via

chorar copiosamente pelo que tinha acontecido entre eles, então, acreditava que a história finalmente tinha recebido seu ponto final.

Nos braços de Jayce, mais tarde, Cailey também chorou. Ele parecia cansado, pois trabalhou o dia inteiro, mas mesmo assim a ouviu com toda atenção e carinho. Porém, assim que ela parou de falar, ele caiu no sono, exausto.

Entretanto, Cailey não conseguia relaxar. Fora os temores em relação ao Poeta Sombrio, que eram uma constante em sua mente, a história de Faith e Henry não saía da sua cabeça. Era doloroso imaginar que sua irmã o amara, confiara nele e fora traída de uma forma devastadora. Era por isso que tinha medo. Podia não estar pronta para revelar a Jayce o que sentia por ele, mas sabia que o amava. E era um amor que parecia se desenvolver conforme o conhecia mais, conforme ele

demonstrava mais e mais sua devoção.

Mas o que faria se ele a surpreendesse, de repente, de forma negativa?

Pensando nisso, levantou-se da cama com cautela, tentando não acordá-lo. Queria passar um tempo sozinha, pensando em tudo aquilo.

Sabia que estava sendo infantil e insegura, mas não conseguia evitar. Ainda havia em si muito da antiga Cailey, enquanto a nova desabrochava lentamente.

Insone, caminhou até a janela da sala, abrindo-a em seguida para observar a beleza da noite. No caminho pegou seu diário, que estava sobre a mesa de jantar, e pôs-se a escrever, sentando-se no parapeito, encostada na cortina cor de bronze.

Cailey sempre apreciou a noite,

especialmente para escrever. Gostava dos sons que ela proporcionava, mas ao mesmo tempo era fascinada por seu silêncio. Quando era menor, sentava-se naquela mesma posição, decidida a ouvir o sussurro das estrelas. Imaginava que elas confessavam segredos entre si, enquanto, rebeldes, fugiam da severa vigilância da Lua. Poderiam ser interpretados como meros pensamentos de uma criança, mas Lolla sempre tratou como uma preciosa imaginação de uma futura escritora. Ela sempre soube que sua netinha caçula teria intimidade com as palavras; sempre soube que Cailey via as coisas de uma maneira diferente das demais pessoas. Porque tudo que ela via tornava-se poesia, mais cedo ou mais tarde.

Em sua mente de menina, a mesma noite que observava naquele momento era motivo de inspiração. Mas escrever, para Cailey, sempre foi

uma válvula de escape. Ela agora sentia medo. Medo de iniciar um texto e ser tomada por uma mente que não era a sua.

Foi então que desviou seus olhos da noite, antes que fosse convencida a descrevê-la de forma metafórica em um pedaço de papel, e fez com que seus olhos buscassem um ponto menos atrativo. E foi quando encontrou uma pequena cômoda, bem ao lado da janela, onde vários papéis repousavam.

Tentou conter sua curiosidade por algum tempo, mas quando percebeu que se tratavam de retratos, decidiu ir até lá para ver. Imaginava que poderiam ser fotografias da família de Jayce, que ele tanto amava, e se interessou em vê-las.

Mas a animação foi substituída por uma dor lancinante no coração. Uma dor emocional que mais parecia física.

As fotos eram de uma mulher... Uma linda
PERIGOSAS ACHERON

mulher, um pouco mais velha do que Cailey, mas com uma aparência semelhante, embora fosse mais alta, com um corpo mais volumoso e os cabelos fossem cacheados, mais curtos que os seus. Eram inúmeros retratos, cuidadosamente organizados. Encontrá-los sobre a mesa foi uma surpresa, pois, com certeza, significava que Jayce os estivera olhando.

E qual seria o sentimento dele ao olhar para aquela mulher?

Cailey sabia quem ela era... Era Debra, a policial que fora morta pelo “Assassino das Noivas” e que o deixara de luto por tanto tempo.

O que mais a incomodava era pensar que Debra Winney tinha uma bela aparência, mas, mais do que isso, ela parecia extremamente madura, segura de si e independente. Claro que não havia como avaliar todas essas coisas apenas olhando

para uma fotografia, mas Cailey já tinha ouvido Steve falar dela com admiração. Elogiara seu trabalho, sua competência e sua parceria com Jayce. Imaginava que ela deveria ser corajosa, determinada e muito especial. Principalmente para Jayce. Talvez mais especial do que Cailey jamais poderia vir a ser.

E a dor da perda chegou mais rápido do que ela pensara. Ela não queria ser a segunda opção na vida de alguém. Não queria ser amada pela metade, enquanto quem Jayce realmente queria era uma mulher que não estava mais viva; uma mulher que ele não podia mais ter.

Antes que pudesse descobrir que o que sentia era muito mais forte do que apenas uma paixão passageira, ela preferia sair de cena. Talvez ele sequer se importasse.

Arrumou suas coisas em silêncio, sentindo o

PERIGOSAS NACIONAIS

gosto do sal das lágrimas indesejadas na boca. E foi embora... mas não sem antes olhar para ele pela última vez, sabendo que poderia estar jogando uma chance de ser feliz no lixo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Quinze

Uma chuva forte açoitava o vidro da janela aberta, molhando o chão e os pés de Jayce. O vento assobiava e fazia a cortina voar pelo quarto, em uma dança frenética.

Ainda de olhos fechados, como um sonâmbulo, Jayce levantou-se da cama e fechou as janelas. A água da tempestade que caía lá fora molhou-o, fazendo com que despertasse. E a primeira coisa que percebeu, após abrir os olhos e esfregá-los para deixá-los menos embaçados, foi que percebeu que Cailey não estava deitada na cama.

Preferiu não chamar seu nome antes de procurá-la pela casa, pois ela poderia estar dormindo no sofá. Porém, depois de checar todos os cômodos, viu-se desesperado.

Batendo acelerado, seu coração dizia que havia algo de errado. A primeira coisa que pensou foi que ela tinha sido levada pelo Poeta Sombrio, e que ele não a tinha protegido como deveria. Contudo, sua preocupação cessou quando encontrou duas fotos de Debra no chão, quando elas deveriam estar sobre a cômoda da sala. O segundo passo era procurar pelas coisas dela que, de fato, não estavam mais lá.

Ela o tinha abandonado...

Sentia-se estúpido por ter deixado aquelas fotos ali, à vista, especialmente quando ele queria apenas devolvê-las aos pais de Debra. Sabia que Cailey ainda tinha algumas dificuldades para lidar com relacionamentos e poderia imaginar qualquer coisa, especialmente que Jayce ainda amava a outra. O que não era uma inverdade. Porém, o amor que sentia por ela não se comparava ao que sentia por Cailey. E agora mal sabia se teria oportunidade de

lhe dizer isso.

Bem, ele era um homem que sabia criar suas oportunidades.

Vestindo um suéter de moletom e uma calça jeans, ele saiu na chuva torrencial que caía, sem nem pensar no que estava fazendo. Quando começou a dirigir, a única coisa que tinha em mente era chegar em seu destino o quanto antes. Antes que fosse tarde demais.

Eram quase duas da manhã quando chegou na casa das DeWitt. Em uma situação normal, jamais se permitiria incomodar uma pessoa àquela hora da madrugada, mas *precisava* ver Cailey. Precisava enfiar a verdade em sua cabeça teimosa. Seja lá como fosse.

Foi Tatianna quem abriu a porta, e a julgar pela rapidez com que ela apareceu, fechando seu robe por sobre o corpo esguio, Jayce soube que ela ainda

PERIGOSAS ACHERON

não tinha dormido.

— Não sei o que fez para Cailey, mas ela está péssima! Por isso, você não é bem-vindo. — Tatianna falou com decisão, e por um momento Jayce teve certeza que estava diante de uma adversária à altura. Por mais que fosse muito menor que ele, acreditava fielmente que poderia impedi-lo de entrar.

— Eu não fiz nada. Ela interpretou uma situação de forma completamente errada. Por favor, preciso falar com ela para esclarecer tudo.

Tatianna o avaliou com seus olhos inquisidores. Jayce parecia transparente demais e verdadeiramente ansioso para encontrar sua prima. Ele, com certeza, tinha algo a dizer. Além disso, conhecia Cailey e sabia que ela era bem propensa a confusões e mal entendidos.

— Sei que você a ama. Dá para ver em seus

PERIGOSAS ACHERON

olhos. Por isso... *e somente por isso*, vou deixar que entre. Mas se for até lá para piorar a situação, esteja preparado para nunca mais entrar na minha casa. Estamos entendidos?

— Estamos...

Sem sequer terminar a resposta de forma devida, Jayce passou por Tatianna como um furacão. Subiu as escadas da mesma forma desesperada, até que chegou ao quarto.

Jayce nem pretendia bater na porta, mas ela estava trancada. Acabou tentando algumas vezes, socando a madeira com cada vez mais força, chamando por Cailey. Como não obteve resposta, não se intimidou e arrombou-a com um chute.

Cailey estava acordada. Rolara na cama sem parar, sentindo uma dor quase insuportável. Sair da casa de Jayce sem nem se despedir não parecia mais tão certo depois que avaliara a situação com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais cuidado; mas, ainda assim, não saberia como encará-lo depois de encontrar as fotos de Debra. Não saberia como reagir se ele confessasse que ainda amava a mulher falecida. Fugir, sem dúvida, foi a melhor opção.

No entanto, lá estava ele à sua frente, com uma expressão bastante contrariada.

— Se queria fazer uma cena, conseguiu. Parabéns! — ela bateu palmas, tentando soar irônica.

Sua gracinha, porém, foi interrompida por um Jayce alterado, arrancando o edredom que a cobria e tirando-a da cama à força, jogando-a em seu ombro. A atitude era impensada, quase neandertal, mas ele sequer estava pensando. Nunca lidara com uma mulher tão teimosa quanto Cailey, portanto, ela teria que aprender também a lidar com o lado mais primitivo dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Jayce, me coloca no chão! — ela gritou e esperneou, mas Jayce parecia decidido a levá-la dali. — Se me levar para sua casa, não vamos conversar. É melhor me colocar de volta na cama!

Conversar? Ninguém disse que ele queria conversar. Queria levá-la de volta consigo a qualquer custo, mesmo que fosse daquela forma ridícula, mesmo que tivesse que carregá-la daquela jeito até lá. Afinal, era madrugada e a rua estava vazia. Mas algo na forma como Cailey falou fez com que ele parasse subitamente e decidisse pensar melhor.

O que ele estava fazendo? Aquilo era quase um sequestro. Ela não queria ir com ele, mas pelo menos estava lhe dando uma opção de ouvi-lo. Não era isso que ele desejava? Então, sabendo que teria que lhe dar um voto de confiança, Jayce devolveu Cailey à cama, jogando-a lá sem demonstrar muita

gentileza.

— Pronto, madame, fiz a sua vontade... vamos fazer do seu jeito, mas se ousar tentar levantar dessa cama antes de colocarmos um ponto final na nossa conversa, eu não vou ser tão condescendente.

— Que direito você tem de me tratar dessa forma? Quem autorizou que entrasse no meu quarto? — ela gritou.

— Não preciso de autorização a partir do momento que você saiu da minha casa sem dar nenhuma explicação, me deixando preocupado. Espero que não tenha se esquecido que há um assassino obcecado atrás de você!

— Como acha que eu posso esquecer? Ele está *dentro* de mim. A qualquer momento pode me tornar sua marionete outra vez.

— Então, se lembra que ele existe, se tem tanto

medo dele, sabe que agiu de forma estúpida saindo da minha casa tarde da noite sem me avisar.

— Eu peguei um táxi. E cheguei aqui sã e salva, como pode ver. — ela disse, apontando para si mesma. Jayce tentou ignorar o fato de que ela estava vestindo apenas uma camiseta e calcinhas, o que não facilitava muito seus argumentos.

— Poderia não ter chegado. Poderia estar nas mãos dele... Deus, Cailey... será que não pensa?

— Não vou deixar que me insulte... — Cailey levantou-se da cama. Estava farta daquela conversa. Mas na mesma velocidade que sentiu seus pés tocarem o chão, sentiu-se sendo agarrada e jogada de volta ao colchão. Em instantes Jayce estava sobre ela, segurando seus punhos contra a cama, prendendo-a no local.

— Já disse que não vai sair daqui. Se quer fazer da forma mais difícil, garanto que está em PERIGOSAS ACHERON

desvantagem.

Cailey ainda lutava contra ele, o que era inútil, é claro. Além de ele ter o dobro do tamanho dela, ele a segurava em uma posição completamente desfavorável. Só lhe restou, então, suspirar e conversar com ele de forma civilizada.

— Jayce, eu não vou voltar. Todo esse nosso relacionamento foi um erro desde o princípio...

— Erro? Como pode ser um erro se eu te amo? — insistiu.

— Você não me ama!

— Ah, então agora além de escrever poesias mágicas também consegue ler mentes de simples mortais como eu? Então deveria ir na Assistência Técnica de sua cabeça, pois está lendo errado! — alterou-se.

— Eu acho melhor ficarmos afastados por

um tempo. Eu preciso colocar minhas ideias em ordem, e você também. — tentou soar madura, mas estava apenas proferindo uma frase bastante clichê.

— Não! Fale apenas por você, eu tenho certeza dos meus sentimentos! Não preciso pensar em nada! — ele já estava gritando. Como ela podia ser tão cabeça dura?

Então, para provar o que tinha falado, ele aproveitou que a tinha em seus braços, indefesa, para colar os lábios ao dela, cheio de paixão.

Por um momento, Cailey não foi capaz de resistir, muito menos quando ele a libertou, agarrando-a pela cintura e suspendendo-a da cama, colocando-a sentada sobre ele. Ele não estava pensando em fazer amor com ela, embora o desejo estivesse lá, latente, urgente... O que ele queria naquele momento era simplesmente mostrar que precisava dela, que tudo que sentia era tão intenso

quanto a forma como a beijava.

E teria dado certo, se Jayce não a tivesse trazido de volta à realidade sussurrando que a amava e que não suportaria perdê-la.

Soou verdadeiro demais, mas fez também com que ela saísse do transe. Lembrou-se das fotos, e imediatamente a cena de Jayce beijando Debra se formou em sua mente. Imaginou-o acariciando-a da mesma forma como estava fazendo com ela naquele instante. Foi então que Cailey o afastou de si.

— Chega, Jayce... — ela saiu do colo dele com uma expressão triste, contida. Ele podia jurar que ela jamais parecera tão linda, com os cabelos bagunçados e os lábios inchados depois do beijo. — Isso não está certo. Não é assim que você vai me convencer de nada. Só está piorando as coisas.

Ele finalmente se deu por vencido. Não
PERIGOSAS ACHERON

poderia obrigá-la a amá-lo. Não poderia segurá-la consigo enquanto ela não tivesse certeza do que queria.

— Sei porque você foi embora. E já entendi que não me quer por perto, mas quero que saiba que sempre vou me lembrar de Debra com carinho. Ela sempre vai ser importante para mim, não apenas por ter sido minha namorada, mas pela pessoa que foi e pela boa equipe que formávamos. Só que ela não está mais aqui... e *você* está. O que eu sinto por você é completamente diferente do que eu sinto por Debra, mas isso não significa que ela ficaria entre nós. Ela nunca cruzou nosso caminho, e eu nunca permitiria que isso acontecesse...

Sem dizer mais nada, Jayce deu as costas para ela e foi embora, visivelmente ferido.

Não mais do que ela...

Cailey sentia que estava se afogando em um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mar aberto, sem nem tentar lutar por sobrevivência. Sentia seus pulmões se fechando, sua respiração falhando, e uma dor lancinante atingiu seu coração, como se uma flecha envenenada o tivesse perfurado em cheio. Seus olhos encheram-se de lágrimas. As lágrimas mais amargas que já tinha chorado na vida. Porque elas tinham gosto de solidão. A solidão que ela pensara ter eliminado de sua vida, estava lá, novamente, como sua única companhia...

Era como se a única luz no meio de uma imensa escuridão tivesse se apagado. Não fazia sentido... Não era o certo. Ele sabia disso.

O certo era estar com ela, sentindo-a em seus braços, protegida, amada... Era insuportável

PERIGOSAS ACHERON

pensar que a felicidade mais uma vez escapava por seus dedos. Desta vez, não de forma tão definitiva, mas, ainda assim, dolorosa. Claro que ele ainda podia lutar, e era o que faria, mas já não tinha certeza de mais nada.

Podia não ter certeza de nada, mas sabia que naquele momento a única coisa que lhe restava era trabalhar.

Steve tinha acabado de receber uma lista de todos os funcionários que trabalhavam na Fissure. Eram pelo menos 80 pessoas, entre diretores, auxiliares, gerentes e secretárias. Poderia ser qualquer um.

Além disso, buscara o nome de Monica Grimm no banco de dados de pessoas desaparecidas, e lá estava ela. A queixa fora dada naquela mesma madrugada, pela mãe da jovem. E, pela manhã, antes do almoço, os detetives

PERIGOSAS NACIONAIS

compareceram à casa da família Grimm, para um interrogatório.

Sylvia Grimm os recebeu com cordialidade, demonstrando toda sua dor pelo desaparecimento da filha; um oposto da falta de interesse da família Bridges.

— Sra. Grimm, quando foi a última vez que falou com sua filha? — Steve iniciou.

— Ela saiu de casa há dois dias, pronta para uma espécie de entrevista e depois iria viajar com umas amigas. Mesmo quando viajava ela sempre me dava notícias, mas desta vez passaram-se dias e nada. Telefonei para ela sem parar e acabei avisando à polícia.

Jayce percebeu que ela tinha supostamente saído para viajar no exato dia em que iria se encontrar com Cailey.

PERIGOSAS ACHERON

— Sua filha andava assustada com alguma coisa? Comentou algo sobre alguém que poderia estar lhe incomodando? — Jayce prosseguiu.

— Sim. De alguns dias para cá, ela começou a faltar à faculdade, não entrava mais na Internet e não escrevia... E ela amava escrever.

— Por acaso Monica sofria desmaios, tinha lapsos de consciência ou ficava fora do ar em dados momentos? — a pergunta parecia ridícula, mas Jayce queria saber de Monica também tinha a mente invadida pelo Poeta Sombrio ou se as coisas eram mais sérias com Cailey.

— Eu presenciei um ou dois desmaios recentes, mas ela dizia que era estresse com a faculdade — a mulher mostrou-se intrigada. — O que isso pode ter a ver com seu desaparecimento?

— Sra. Grimm, vou ser sincero com a senhora, e espero que tenha calma com o que vou
PERIGOSAS ACHERON

lhe dizer. Acreditamos que sua filha tenha sido sequestrada. — a mulher gemeu desesperada, colocando as duas mãos em concha na boca. — Se isso for verdade, o sequestrador segue um padrão.

— Então quer dizer que ele está envenenando minha filha?

Como explicar para ela toda a loucura daquela história?

— Não sabemos exatamente como ele age, mas temos informações que suas vítimas apresentam esses sintomas. — era uma mentira piedosa. Não seria fácil contar que um lunático era capaz de penetrar na mente de pessoas, através de suas imaginações criativas; por isso, era melhor não alimentar suas dúvidas.

— Vítimas? Ele já sequestrou alguém antes? — Jayce e Steve fizeram que sim com a cabeça, prevendo o que viria a seguir: — E vocês PERIGOSAS ACHERON

encontraram a moça?

— Não, senhora. Quando o caso nos foi reportado, a moça já estava morta.

Sylvia Grimm não suportou. Começou a chorar copiosamente e a proferir o nome da filha, acompanhado de outras palavras que eles não conseguiram compreender. Enquanto Steve tentava confortar a mulher, que se agarrara a ele em um ato impensado de desespero, Jayce levantou-se, começando a caminhar na direção de uma estante, onde um porta-retrato se destacava no meio de muitos outros. A foto inserida ali era de uma jovem garota, de aproximadamente vinte anos, sorridente, vestindo um delicado vestido de verão. Seus cabelos lisos e loiros, o rosto inocente e o corpo pequeno e esguio não deixavam dúvidas: ela era uma cópia de Cailey. Não era tão bonita e um pouco menos sensual, mas a semelhança era

inegável.

Isso o deixou visivelmente preocupado. A certeza daquela obsessão aumentava cada vez mais, atingindo o limite do perigo. Jayce sentia-se apavorado ao pensar que não estaria mais constantemente ao lado dela, que deveria se manter afastado até que Cailey mudasse de ideia. Ou que não suportasse mais a distância e cometesse uma loucura.

Cailey também estava com o coração partido.

Ainda achava que tinha feito uma escolha certa, apesar de Tatianna ter tentado convencê-la do contrário, mas não podia negar que estava sofrendo.

Muito.

Sentia-se vazia, sozinha, perdida. Não conseguia se concentrar em nada, e seu dia de trabalho não foi nada produtivo. Ficou calada durante todo o expediente, apenas pensando em Jayce e no silêncio do Poeta Sombrio, que era deveras preocupante. Imaginava que ele deveria estar maltratando Monica Grimm, divertindo-se demais para torturar Cailey também.

Tudo que ela queria, quando terminou seu horário de trabalho, era arrumar suas coisas e ir para casa, mas seu grupo de colegas reuniu-se ao redor de sua mesa, com uma expressão animada. Era aniversário de Sandy, e todos sairiam para comemorar. Ela tentou se esquivar, alegando estar com uma terrível enxaqueca, mas foi persuadida por Lenny e Nate. Eles haviam percebido que ela estivera chateada durante o dia inteiro e decidiram

animá-la.

E, de fato, tinha tudo para ser uma noite divertida. Pelo menos seriam algumas horinhas onde ela deixaria de pensar em Jayce.

O barzinho estava lotado. A mesa onde sentaram estava cheia das pessoas que ela mais gostava no escritório, e todos pareciam empenhados em diverti-la. Havia uma única coisa a incomodá-la: Johnny chegou alguns minutos depois, parecendo empenhado também, mas em tentar seduzi-la. Ele realmente estava muito bonito, bem vestido, cheirando a colônia pós-barba e perfume caro. Totalmente previsível.

Conforme a noite ia passando, as conversas pareciam começar a se tornar mais desagradáveis, as companhias menos atrativas e até a cerveja que estava bebendo parecia menos saborosa. Na verdade, não era apenas isso... a música começava

PERIGOSAS NACIONAIS

a soar abafada em seus ouvidos, como se estivesse debaixo d'água. Um gosto amargo na língua começou a deixá-la enjoada, e a visão começou a embaçar. Podia jurar que tinha bebido apenas duas doses e estivera sóbria até poucos minutos atrás. Aquela sensação era muito estranha, portanto.

Já nem ouvia o que seus amigos conversavam. Seus ouvidos estavam tomados pelo som de sua própria respiração, que parecia incerta, entrecortada, ofegante. Mas na sua mente uma voz também falava... incisiva... ordenando que ela saísse da mesa e fosse até o banheiro.

Levantou, portanto, cambaleante, tentando não chamar a atenção dos outros, que pareciam sequer notá-la, tão entretidos que estavam com uma piada que Lenny estava contando. Mal lembrava como tinha chegado no banheiro. Em um momento estava sentada à mesa, noutro estava olhando-se no

PERIGOSAS ACHERON

espelho, observando uma mulher pálida, suada e com a maquiagem borrada.

Aquela era mesmo ela? O que estava acontecendo?

E aquela foi a última pergunta que se fez, mas que ficou sem resposta, pois foi tomada pela escuridão.

A casa parecia vazia. *Vazia demais.*

Uma sensação de dejavú percorreu sua mente, fazendo com que ele se lembrasse da época em que chegar em casa e não encontrar Debra era seu maior tormento.

Bem, não conseguia definir qual sensação

era pior; afinal, Cailey *escolhera* não estar mais com ele. Ela o abandonara. Nem todo seu amor fora suficiente.

Ele não queria se tornar piegas, mas a *porra* da casa estava impregnada com o cheiro dela. E isso iria matá-lo. Lentamente.

Jayce tinha algumas coisas para fazer em casa. Alguns relatórios para escrever sobre o interrogatório da Sra. Grimm, pesquisar informações sobre cada um dos colegas de trabalho de Cailey... mas estava ali, pronto para deixar marcas no chão da casa de tanto que andava de um lado para o outro. Além disso, tinha a mão no bolso, sobre o aparelho de celular, tentando não ceder à tentação de telefonar para ela.

Telefonar não adiantaria. Ela não atenderia à ligação, e ele se sentiria um idiota. Mas seria pior ainda se fosse vê-la. Estava tão desesperado que

PERIGOSAS NACIONAIS

seria capaz de jogá-la no ombro novamente, algemá-la e levá-la consigo. Não estava pensando como um homem racional. Jayce a amava... desesperadamente. Não saberia dizer quando aquele amor começou, nem o motivo de ele existir, apenas o sentia.

E lá estava ele sendo piegas outra vez.

Antes que pudesse cometer a loucura de ir atrás dela como um selvagem, decidiu tentar uma abordagem civilizada. Telefonaria. Pelo menos algumas vezes até que ela decidisse atender.

Bem... a primeira chamada ela não atendeu, mas teve mais sorte na segunda.

Contudo, havia algo de errado...

A voz de Cailey parecia fraca, quase inaudível, como se estivesse passando mal. Isso o preocupou imediatamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Jayce... — quando ela proferiu seu nome, mais parecendo um gemido, ele passou de *preocupado* para *desesperado*.

— Cailey, você está bem? Onde está?

— Eu não sei... eu... — a voz falhou, como se ela tivesse desmaiado. Mas ele não podia permitir perdê-la naquele momento. Precisava fazer com que ela continuasse falando.

— Fale comigo, Cailey! Onde você está? — ele elevou a voz, tentando resgatá-la da inconsciência.

— Eu estava em um barzinho com o pessoal do trabalho... estava tentando esquecer você. — sua fala parecia um delírio. — Mas não consigo...

— Mantenha o foco, Cailey! Preciso saber onde você está. — ele sabia que ela estava em apuros. Só não esperava que fosse se encerrar em

apenas um dia de separação. — Por favor, meu amor, diga onde você está que eu vou te buscar...

— Não sei... não sei...

— Olhe ao seu redor. O que você vê?

— Paredes...

Não iria ajudar. Ela estava completamente desorientada, parecendo sedada... *drogada*. Talvez fosse exatamente isso. Ela tinha dito que saíra com as pessoas do trabalho. Não era difícil que o Poeta Sombrio estivesse entre eles.

— Você disse que estava em um bar. Qual o nome desse bar?

— Eu... eu não lembro... — ela gemeu, irritada por não lembrar. — Algo como Fashion... Fantastic... — Cailey fez uma pausa, como se estivesse pensando. — *Flawless!*

Jayce conhecia o lugar. Tratava-se de um
PERIGOSAS ACHERON

pubzinho simples e badalado perto da revista onde ela trabalhava. Na pior das hipóteses teria que correr para lá e obter qualquer informação.

— O que mais você lembra? Se esforce um pouco, meu amor. — falou com carinho para mantê-la calma. Tudo que ele não precisava era que Cailey tivesse consciência de que poderia ter sido sequestrada. Se ela entrasse em pânico, ficaria mais difícil fazer com que mantivesse o foco.

— Lembro de ter começado a passar mal. Ai alguém falou para eu ir para o banheiro. — ela fez uma pausa longa, como se tivesse perdido o fio da meada. Jayce, portanto, teve que gritar o nome dela para que retornasse. — Depois eu caminhei e entrei. Eu me olhei no espelho... estava tão pálida... parecia doente. Ai apaguei.

— E quando acordou?

— O telefone tocou...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, querida, tente olhar ao seu redor mais uma vez. Preciso que me descreva o local onde está. Tudo que puder mencionar de detalhes será de grande ajuda.

Cailey demorou um pouco para responder. Ela deveria estar verificando o local ao seu redor. Jayce ouviu-a respirar fundo, mas com dificuldade. Seu próprio coração batia acelerado, ansioso por aquela resposta.

— Eu estou deitada em um chão de carpete, atrás de uma estante de ferro. — ela pareceu terminar a frase. Mas não chegava nem perto do que seria suficiente.

— O que tem nessa estante?

— Não consigo me levantar para ver, Jayce... estou tonta.

— Por favor, meu amor. Tente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá. — ela demorou um pouco para responder, mas logo retornou, parecendo ofegante como se tivesse feito um esforço desumano. — Produtos... acho que estou em um almoxarifado.

— Consegue ver algum rótulo? Alguma placa?

Mais um tempo de silêncio. Um silêncio desesperador. Jayce não podia permitir que ela desmaiasse ou não conseguiria encontrá-la. Quem quer que a tivesse levado até o local onde ela estava deveria ter algum plano. E ele tinha certeza que fora obra do Poeta Sombrio.

— Jayce... ainda estou no bar. Estou vendo muitas caixas da mesma cerveja que eu estava bebendo.

— Continue falando comigo, Cailey. Estou indo para aí.

PERIGOSAS ACHERON

Mas foi em vão. Apesar de a ligação não ter sido encerrada, ele não conseguiu mais ouvi-la. Cailey tinha perdido os sentidos. Mas ao menos sabia onde ela estava. Esperava apenas não chegar tarde demais.

Enquanto Jayce se encaminhava para até onde ela estava, Cailey, vestida de branco, caminhava por uma longa estrada que parecia não ter fim. Por mais que andasse, ainda tinha muito a percorrer. Seus pés não se sentiam cansados, então, ela não pretendia parar.

O vento batia em seus cabelos dourados, presos em duas tranças, e fazia com que as folhas das árvores caíssem, dançando harmoniosamente

PERIGOSAS NACIONAIS

até chegarem ao chão. Parecia uma cena de outono, embora ela quase pudesse jurar que ainda era inverno. Ao seu redor, pássaros feitos de papel voavam, como se lhe guiassem o caminho. Um arco-íris despontava no céu, e algumas flores começavam a brotar no exato instante em que ela pisava no chão, avançando sem destino.

Estava sozinha. E parecia que iria permanecer assim por muito tempo. Mas não se sentia triste ou melancólica. Sentia-se livre, viva e em comunhão consigo mesma.

Mas estava enganada. Sua solidão não durou muito tempo.

Uma pessoa apareceu na sua frente, materializando-se do nada. Uma figura conhecida e amada começou a se formar. Era Lolla.

— Vovó? — balbuciou. — Você voltou?

PERIGOSAS ACHERON

Lolla não falava nada. Apenas sorria para a neta. Abriu os braços, e Cailey nem sequer pensou duas vezes, apenas correu em sua direção e se jogou ao carinho que ela lhe oferecia.

— O que devo fazer, vovó? Eu tento fazer as coisas certas, mas acabo errando. Sempre.

— Comece a equilibrar mente e coração, querida. Eles são conselheiros melhores do que eu.

E foi tudo que ela disse. Logo depois de afastar-se do abraço firme da neta, Lolla jogou-lhe um beijo carinhoso e começou a desaparecer, da mesma forma como aparecera. Subitamente, com delicadeza, deixando uma sensação de paz em seu lugar.

Paz essa que durou uma fração de segundos. Assim que Lolla partiu, todo o belo caminho que estava sendo percorrido por Cailey transformou-se em uma típica floresta de horrores, com um aspecto

PERIGOSAS ACHERON

mal assombrado e galhos de árvore que a prendiam, mexendo-se, tornando-se mais e mais apertados, sufocando-a, ferindo-a. Uma nova figura também se materializou, vestindo-se completamente de negro, com um aspecto monstruoso, profundas cicatrizes e cheirando a morte. Todos os pássaros de origami se desmancharam, tornando-se novamente folhas de papel, com manchas de sangue e de nanquim.

Um barulho forte e súbito tirou-a de seu devaneio sombrio.

— Calma, meu amor... vou tirar você daqui... — era a voz de Jayce. Ela sabia que era ele, mas não conseguia vê-lo. Seus olhos não tinham forças para se manterem abertos, e seu corpo pendia inerte enquanto ele a levantava do chão.

Ouvia mais algumas vozes, tentando se explicar, alegando que não sabiam que havia uma

mulher trancada ali, enquanto uma outra voz familiar para Cailey dizia que todos deveriam ir para a delegacia.

Steve! Era Steve quem falava!

Sabendo que estava entre pessoas queridas, ela se permitiu ser levada sem resistir.

A consciência de Cailey ia e vinha com a mesma rapidez. Depois, deitada em sua cama, coberta, de banho tomado, completamente em alerta, alguns flashes de Jayce carregando-a para sua casa, entrando com ela no chuveiro e recebendo os primeiros jatos de água, protegendo-a com suas costas largas, vieram à tona. Ela não conseguia processar todas as imagens, mas a sensação era

ainda pior por não saber o que havia acontecido, o que a tinha levado àquele total estado de torpor.

Com os cabelos molhados, vestindo apenas uma calça de moletom preta e uma toalha enrolada no pescoço, Jayce estava sentado à sua frente, observando-a, estudando-a, esperando o momento certo para que ela se sentisse pronta para falar.

— Você está bem? — era tudo que realmente importava naquele momento.

— Agora estou — a resposta era positiva, mas Cailey não parecia nada bem. Fisicamente parecia recuperada do torpor e da letargia, mas seu emocional estava abalado. E não era para menos. — O que aconteceu comigo?

— Não tenho nada comprovado, mas é bem provável que tenha sido drogada. Com êxtase.

— Êxtase? — os olhos dela se arregalaram,

como se a palavra fosse proibida. — Como você sabe?

— Os sintomas; tremores, seu coração estava batendo mais rápido que o normal, suor excessivo, lapsos de memória, torpor. E com certeza colocaram a droga na sua bebida. Você poderia ter morrido por causa da mistura com o álcool.

Jayce observou Cailey praticamente perder a cor do rosto, mas seu queixo estava erguido, como se extraísse forças de dentro da alma. Ela assumiu a postura de uma lutadora, de alguém que não estava simplesmente na defensiva. Com certeza achava que aquilo estava chegando longe demais.

— Você foi inconsequente em sair à noite, desprotegida.

Apesar de não querer soar severo, foi difícil se conter. Cailey precisava compreender, de uma
PERIGOSAS ACHERON

vez por todas, que enquanto estivesse correndo perigo, precisaria abdicar de algumas coisas. Especialmente sair à noite com pessoas que ela mal conhecia.

Porém, decidiu abrandar o tom de voz, pois tinha algo a mostrar para ela. Algo bastante desagradável.

— Por um momento eu não soube o motivo dessa espécie de “sequestro” que você sofreu, mas encontrei isto... e tudo foi esclarecido. — Jayce entregou um papel para Cailey. Era uma pequena cartolina, do tamanho exato de um convite, amarelado como um pergaminho. Um bilhete escrito à mão, em uma caligrafia perfeita e épica, encontrava-se ali. Imediatamente ela sentiu uma onda de medo percorrer seu corpo.

Era *dele*, é claro. Porém, pela primeira vez a mensagem não era direcionada a ela. Mas, sim, a

Jayce.

“Prezado detetive,

*Não adianta lutar contra as forças do destino.
Cailey é minha...*

*Adiei um pouco nosso encontro porque quero
estar pronto para ela. Mas isso deve servir para
lhe mostrar que a qualquer momento posso trazer
sua amada para mim.*

*Avise-a que em breve estaremos juntos... Para
toda eternidade.”*

Ele assinava como Edmond Forsight. Por algum motivo, Cailey sentiu necessidade de proferir aquele pseudônimo em voz alta, fazendo soar como uma maldição. Pois era exatamente assim que ela o sentia. As palavras que ela sempre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tanto amara a amaldiçoaram, tornando-a prisioneira de seu próprio dom. Seus versos transformaram-se em uma armadilha, uma encruzilhada de onde ela sabia que não poderia fugir. Não sem causar uma tragédia. Para ela... ou para o Poeta Sombrio.

No exato momento em que leu o nome que tanto odiava, foi assolada por uma intensa dor no peito, como se estivesse prestes a ter um ataque cardíaco. Apesar disso a dor foi breve, mas a guiou para outro lugar, fora da realidade.

Assim que a primeira imagem projetou-se em sua mente, Cailey enxergou o corpo de uma mulher, caído no chão, nadando em sangue. Ao redor dela, várias folhas de papel, escritas com a mesma caligrafia que tinha acabado de ver. Apenas uma mensagem igual se repetia em todos os papéis: *“Tarde demais...”*

Monica Grimm estava morta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dezesseis.

Apesar de não ter dormido nada durante a noite, Jayce não se sentia cansado. Era como se a adrenalina tivesse tomado conta de seu corpo. Cada vez que se lembrava do bilhete do Poeta Sombrio — que levava consigo dentro do bolso —, de Cailey completamente debilitada e vulnerável e da possível morte de Monica Grimm, ele se enchia mais e mais de ódio. Era um ódio venenoso, amargo e pútrido, que fazia com que ele ficasse cego para o que era certo e errado. A única justiça que ele conhecia naquele momento era a morte. Cada segundo que se passava, enquanto aquele verme ainda estivesse vivo, era um segundo perdido.

Bem cedo pela manhã, Jayce levou Cailey

a um hospital para fazer exames de sangue e de urina, que ficaram prontos alguns minutos depois, comprovando a teoria de que havia substâncias tóxicas em seu organismo. Depois ele a deixou com Tatianna, uma vez que ela não estava muito bem para trabalhar, e foi para a delegacia.

Deixá-la, naquele estado, fora a coisa mais difícil que já tinha feito na vida. Durante toda a noite, depois que ela “retornou” de seu transe provocado, agarrou-se a ele para dormir um sono agitado e inconstante. Ao menos, pelo que parecia, a tinha de volta. Então, seu coração estava mais confortado.

E tinha trabalho a fazer...

Eram mais ou menos nove horas da manhã quando ele chegou, sozinho, no Flawless, o barzinho onde Cailey passara sua noite anterior. Alguns funcionários ainda estavam lá, ajudando na

arrumação e recebendo mercadorias, quase prontos para irem para casa para descansar, pois, à noite, recomeçariam o expediente.

Jayce reconhecia alguns rostos, então, se aproximou de um homem jovem, de boa aparência, que ele sabia ser um dos barmen.

O rapaz estava fazendo conferência de um carregamento de bebidas que chegava. Seus olhos estavam vermelhos de cansaço, e ele parecia falar com dificuldade. Deveria estar muitas horas sem dormir, vivendo uma rotina estressante.

— Posso falar com você um minuto? — Jayce se aproximou.

— Cara, não tá vendo que eu estou ocupado? E depois vou para casa. O bar está fechado... — o rapaz nem olhou para Jayce em um primeiro momento, mas quando o fez, deu de cara com um distintivo que estava sendo mostrado sem PERIGOSAS ACHERON

o menor pudor.

— Acho que vai querer falar comigo...

Difícilmente Jayce usava de sua autoridade daquela forma, mas o caso exigia isso. Então, depois de um pedido de desculpas um pouco atrapalhado, o rapaz delegou o que estava fazendo para um colega e pediu que o detetive o acompanhasse até um pequeno escritório que ficava nos fundos do estabelecimento.

— Você estava trabalhando aqui ontem à noite, não estava? — Jayce começou.

— Sim.

— Então deve ter sabido sobre a mulher que foi trancada no almoxarifado, inconsciente.

— Todo mundo soube, mas o gerente nos disse que foi uma brincadeira. Ela bebeu demais, e os amigos pregaram uma peça. — o rapaz fez uma

PERIGOSAS NACIONAIS

pausa e prosseguiu. — Eu fiquei de olho nela quando levantou da mesa. Estava doidona.

— Sim, ela estava. Há indícios de que foi drogada. Neste estabelecimento.

— Ah... desculpa esfarrapada! Essas garotas ficam doidonas, fazem um bando de merda e querem colocar a culpa nos outros...

— Talvez. Já lidei com algumas assim antes, mas estamos falando da *minha mulher* neste caso. Então eu a conheço muito bem. — o rapaz engoliu em seco pela forma como Jayce falou. —

Sei que ela veio a este bar em uma comemoração com colegas do trabalho. Pretendia beber pouco e apenas conversar. Acabou drogada e trancada num almoxarifado. Como você explica isso?

— Eu... eu... não sei! — gaguejou, inseguro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, mas você vai ter que encontrar uma explicação. Ou, pelo menos, se lembrar de qualquer coisa estranha.

— Mas eu nem estava servindo a mesa deles.

— Sabe quem estava?

— Sim... sei. Ele ainda está aqui. Vou chamar...

Não demorou muito para que o barmen retornasse, acompanhado do colega.

— Fala para ele, John! Fala o que você viu...

— Bem, a garota realmente não estava bebendo muito. Além disso, parecia entediada... quase não conversava. Teve uma hora que ela se levantou para pegar uma cerveja para um colega. Não sei porque ele mesmo não fez isso... Mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pouco tempo depois de ela ter voltado para a mesa, começou a ficar estranha e foi até o banheiro, cambaleando. Depois não a vi mais.

— Quando ela se levantou, você viu alguém mexer no copo dela?

— Não, senhor. Não vi. — ao responder isso, engoliu em seco, como se tivesse algo a esconder.

Jayce, desconfiado, resolver pressionar um pouco mais.

— Tem certeza? Sabe que se qualquer coisa for descoberta sem a sua ajuda, pode ficar pior para você.

John, o tal garçom, olhou para o colega, em busca de ajuda para aquela resposta. Porém, o outro saiu de fininho, livrando-se de qualquer responsabilidade.

PERIGOSAS ACHERON

— Me deram uma boa gorjeta para colocar um negócio na bebida dela. Mas tinham me dito que seria uma brincadeira. — tentou se explicar.

— Quem te deu o dinheiro? — para não matar o homem à sua frente, Jayce se controlou muito.

— Foi um homem... ele sempre vem aqui. Mas ele foi mandado, assim como eu.

— Depois que ela desapareceu, o que fizeram as pessoas na mesa? Não foram procurá-la?

— Não. Realmente esqueceram dela. Por isso pensamos que tivesse sido uma brincadeira.

Mas não tinha sido uma brincadeira. Nem perto disso.

— Bem, John, vou ter que levá-lo para a delegacia para prestar depoimento. Infelizmente, mesmo que não tivesse noção do que estava

PERIGOSAS NACIONAIS

fazendo, você cometeu um crime. Vai ter que responder por isso.

Contrariado, John se deixou ser algemado por Jayce e teve que suportar os olhares curiosos de seus colegas enquanto era levado para a delegacia.

Depois de deixar John na companhia de Steve, o próximo destino de Jayce foi a revista Fissure. Antes de ser levada à casa de Tatianna, Cailey deixou uma lista das pessoas que estiveram com ela no bar, facilitando a busca. E ele interrogou cada uma, e todas lhe passaram a mesma informação: que encontraram um bilhete sobre a mesa, avisando que Cailey tinha ido embora, com uma forte enxaqueca. Claro que ninguém tinha confirmado se esse bilhete fora realmente escrito por ela... Apenas acreditaram no que era mais conveniente. E isso poderia ter custado a vida e a segurança de Cailey.

PERIGOSAS ACHERON

Cailey já se sentia melhor, embora a sensação de boca seca, a dor de cabeça e eventuais náuseas ainda aparecessem, por causa do efeito da droga. Mesmo assim, ela ainda não se sentia pronta para voltar ao trabalho; não apenas por sua debilidade física, mas principalmente porque sentia medo. *Ele* estava cada vez mais próximo... cada vez mais ousado.

Nem todos os seus pensamentos foram revelados a Jayce ou a Tatianna, nem mesmo a Faith, que aparecera por lá pouco antes do almoço. Era como se Cailey ainda pudesse sentir as mãos dele tocando-a, levando-a para aquele almoxarifado para trancá-la ali. Pensava na facilidade que ele encontrara para se aproximar, para torná-la uma PERIGOSAS ACHERON

presa fácil. Imaginava um milhão de coisas que ele poderia ter feito, e sentia-se imunda, indigna.

Mas naquele exato instante, em que via-se sozinha no quarto, com as cortinas e as janelas fechadas, como se o vento pudesse trazer ainda mais incertezas, ela não pensava em qualquer outra coisa que não fosse Jayce.

Ao menos estavam bem, embora a história das fotografias ainda não tivesse sido esclarecida. Contudo, fora ele quem a salvara novamente, quem a embalara quando sentira medo de adormecer. Ele era a rocha onde ela se apoiava quando sentia que iria desmoronar. Mas ao mesmo tempo era a voz suave que dizia que tudo iria ficar bem. E ela até chegava a acreditar que as coisas pareciam menos difíceis ou impossíveis. Se tivesse Jayce ao seu lado, Cailey sentia que podia fazer qualquer coisa.

E o que mais poderia significar isso do que

amor? Ela o sentia dentro de si, gravado dentro de seu corpo e sua mente, como aquelas palavras que escrevia agarravam-se ao papel. E o que sentia por Jayce era como a mais sublime poesia...

Mas para que pudesse ver beleza novamente em seus versos, precisava transformar sua poesia novamente em algo sublime... como sempre fora.

Portanto, não podia se permitir descansar...

Levantou-se, então, e foi até o computador. Ligou-o e acessou o site “Entrelinhas Obscuras”. Algo lhe dizia que haveria qualquer provocação a ela ali, uma vez que ele estivera tão perto...

Acessou, portanto, sua página dentro do site e percebeu que não havia nada. Nem sequer uma mensagem. Em seguida, foi até a página de Edmond Forsight e verificou que ele tinha postado sua primeira poesia.

E, claro, conforme ela já imaginava, era
direcionada a ela...

*“Seu nome surgiu em meus sonhos
Em devaneios desesperados
Como a esperança, a luz
Como a última gota de orvalho da flor*

*Nosso destino já está escrito
Em sangue, lágrimas... desejo
Nas brumas cálidas da noite
Como um pacto
Selado pelas palavras, pela poesia*

*Estaremos juntos em doces auras
Mentes conectadas
Mãos entrelaçadas*

Corpos unidos

Em uma dança eterna

Em vida, em morte... em corpo e alma

Como sempre, ao ler suas palavras, Cailey sentiu o corpo gelar e sua mente começar a ser invadida. Mas, de alguma forma, daquela vez sentia-se forte, pronta para lutar.

Então, Cailey fechou sua mente. Transformou seus pensamentos em um indefinido breu, forçando-se a permanecer assim por um tempo. Assim que percebeu que estava sozinha dentro de seu próprio inconsciente, abriu os olhos.

A sensação foi de uma paz absoluta. Mais que isso... em sua boca estava o gosto da vitória. E

ela era doce... doce como uma recém criada melodia, soando suave e perfeita a seus ouvidos. Já podia ser livre. Talvez uma liberdade condicional, vigiada, onde teria que ficar constantemente em alerta, mas, ainda assim, uma liberdade.

Mas o Poeta Sombrio não se deu por vencido. Ele insistia, tentava, parecendo cada vez mais desesperado, nervoso, coberto de raiva e ressentimento. Cailey lutava, concentrando-se até sentir que seus neurônios iriam explodir. Até sentir que suas forças estavam se esvaindo. Mas não desistiu. Finalmente pertencia a si mesma.

Cailey sentia-se revigorada. A sensação em seu peito era a mesma de quando uma pessoa se

cura de uma doença terminal. *Liberdade*.

Estava reunida com sua família, na casa que fora de Lolla DeWitt e que agora lhes pertencia. Jayce também estava lá, tornando o momento ainda mais especial, enquanto se divertia em sua conversa com Rowan, que parecia tê-lo perdoado pelo desentendimento com Faith.

Aquela cena mais parecia uma festa para Cailey.

Ao observar todas as pessoas que amava reunidas, ela teve um breve vislumbre de como poderia ser seu futuro, logo que o Poeta Sombrio se afastasse de sua vida. Sentia uma felicidade plena, mesmo que ainda houvessem pedras obscuras em seu caminho.

Sentia-se tão feliz como observadora daquela belíssima imagem, que nem sequer se uniu ao jogo de baralho que se formava entre Faith, PERIGOSAS ACHERON

Rowan, Jayce e Tatianna. Preferiu ficar sentada à janela, observando as estrelas, tentando encontrar alguma para a qual pudesse fazer um pedido. E um agradecimento, é claro.

A noite já estava escura, quase anunciando a chegada da madrugada. As estrelas — as tais estrelas que Cailey tanto queria admirar — despontavam, contrastando sua cor prateada com o manto negro de veludo.

Naquele céu, onde Deus adormecia sereno, Cailey desejava encontrar respostas. Até porque, o "sonho" que tivera com Lolla ainda parecia real demais em sua mente. Ela queria compreender o que realmente diziam seu coração e sua mente. E sobre o que sua avó se referia.

Contudo não foi respostas que encontrou... mas, sim, mais uma batalha.

Nunca pensara que o Poeta Sombrio
PERIGOSAS ACHERON

desistiria tão fácil. Sabia que ele lutaria até o fim pelo poder de sua mente, lutaria até deixá-la novamente vulnerável a ele.

Por um breve momento, Cailey conseguiu lutar contra. Conseguiu manter a porta de sua mente fechada, fixando os olhos naquela cena que a deixara tão em paz minutos antes: sua família reunida em harmonia. Contudo, não estava dando certo.

E enquanto guerreava contra um inimigo invisível, Cailey se enchia de ira. Desejava a morte dele. Dor. Odiava-o por estar fazendo aquilo com ela, queria que ele sofresse sem limites, que deixasse de existir para sempre.

Estava começando a fraquejar, por isso, para não estragar o momento feliz daqueles que amava, Cailey decidiu correr para o banheiro, para enfrentar seu algoz sozinha. Aquela luta era

somente dela... Não havia como ninguém ajudá-la, então, teria que suportar o fardo e tentar vencê-lo da melhor forma possível.

Foi Jayce quem primeiro reparou a ausência de Cailey. Não que os outros não se importassem com ela, mas ele mantinha constante vigilância, preocupava-se e conhecia mais detalhes de sua briga contra o Poeta Sombrio. Pelas suas contas, ela já não estava lá sentada, observando as estrelas em silêncio, por pelo menos dez minutos. O que era muito. Claro que ela poderia estar fazendo qualquer coisa, mas ele preferia não pagar para ver.

— Algum de vocês viu para onde Cailey foi? — Jayce interrompeu o jogo e as risadas em

um dado momento, e todos passaram a prestar atenção nele.

— Não. Ela estava sentada ali ainda agora.

— Rowan respondeu, olhando para o local de onde Cailey saíra, que já estava vazio.

— Será que ela não foi ao banheiro? —
Tatianna também indagou, mostrando-se um pouco animada demais depois de várias taças de vinho.

— Vá procurá-la, Jayce... — Faith pediu, compreendendo a preocupação de Jayce,

Levantou-se, então, da cadeira com decisão, começando a caminhar pela casa. Não fazia ideia de onde ela poderia estar, portanto, começou a chamá-la, batendo em portas e abrindo as que estavam abertas. E apenas uma estava fechada, trancada por dentro. O lavabo.

— Cailey... você está aí? — ele bateu na

porta. Logo os outros já estavam a seu lado, também esperando que Cailey respondesse para provar que estava bem. Porém, apenas escutavam o silêncio.

— Ela deve estar aí dentro... precisamos entrar! — Faith exclamou, começando a ficar apavorada.

— Cailey! Responda! — Rowan juntou-se a Jayce, começando também a socar a porta, ajudando Jayce. — Acho que vamos ter que arrombar. — Rowan sugeriu, dirigindo-se ao outro.

Jayce sequer proferiu qualquer resposta, apenas balançou a cabeça em concordância. Sendo assim, os dois homens tomaram uma certa distância, e Rowan começou a contar de um a três. No três, ambos deram um forte chute na porta, que abriu, escancarando-se.

O ambiente não era grande, portanto a

PERIGOSAS ACHERON

primeira coisa que viram foi Cailey sentada no chão, com as costas grudadas à parede, os olhos girando nas órbitas, em um estado de semi-consciência. Pálida, molhada de suor — e ao mesmo tempo tremendo de frio —, ela segurava um batom vermelho nas mãos, completamente desgastado.

— Jayce, veja... — Tatianna falou, chamando-o e apontando para o espelho.

Era uma poesia, escrita no vidro com uma caligrafia tremida e cheia de falhas, na cor vermelha, condizente com o batom que estava com Cailey. A mensagem dizia:

“Minha flor perdeu as pétalas

Tentando desabrochar

Lutando contra os próprios espinhos

É que ela se atreve a ferir-se

Quis dançar outra músicas

A canção que embalou o fim

Quebrou a corrente de nossa união

Decretou a sentença

Agora ela tem sangue nas mãos outra vez...”

Era uma acusação. O Poeta Sombrio usara aquelas linhas malditas para fazer com que Cailey acreditasse que a morte de Monica Grimm fora plenamente culpa sua. Sua intenção era torturá-la psicologicamente, fazer com que acabasse cedendo à pressão e se entregando. Mas claro que ele não iria deixar. Jayce não permitiria que ela fraquejasse... E também não permitiria que ela lesse

PERIGOSAS NACIONAIS

aqueles versos.

— Rowan, você pode, por favor, limpar o espelho? Vou tirá-la daqui; não quero que veja isso...

— Claro. Faith, Tatty... acompanhem Jayce. Cuidem de Cailey que eu me encarrego disso aqui. — os homens estavam no comando, ao perceber que as mulheres estavam abaladas demais para agir.

Jayce aproximou-se de Cailey e estava pronto para levá-la do chão, mas foi interrompido:

— Não! — Cailey proferiu, em um tom de voz gutural que mal parecia lhe pertencer. Com a mesma veemência e decisão, afastou-se dos braços de Jayce e levantou-se do chão sozinha, começando a ler o que ela mesma tinha escrito no espelho, embora as palavras não lhe pertencessem.

PERIGOSAS ACHERON

Seu rosto parecia impassível enquanto passava os olhos pelo texto. Não havia como interpretar sua linguagem corporal ou decifrar o que se passava em sua cabeça. A beleza inocente de Cailey tinha desaparecido naquele momento, dando lugar a uma expressão severa, madura. Jayce sentia que ela estava lentamente escapando por entre seus dedos... A mulher que ela era — doce, delicada, com um delicioso espírito infantil — estava perdendo-se em meio ao pandemônio que se instalara nos corredores de sua alma. Estava infectada por um vírus fatal, proveniente de um veneno que ele mesmo havia experimentado muitas vezes: a maldade. Desnecessária, devastadora e definitiva. Uma vez que ela se instalava em seu coração, era tarde demais. Cailey já não podia mais ser salva daquele destino. Ele conseguia ler em seu rosto o desejo pela vingança e pela justiça... não a justiça divina ou pelo cumprimento das leis, mas a

PERIGOSAS ACHERON

justiça que apenas a morte poderia proporcionar.

Mesmo estudando cada reação de Cailey, não conseguiu prever o que ela fez. Fechando a mão em punho, ela socou o espelho, com força; não apenas uma, mas duas, três, vezes, só parando quando foi imobilizada por Jayce, que agarrara seus braços para trás, começando a arrastá-la para o quarto. Porém, ela não resistia, e, em seu rosto, um estranho sorriso se formava, como se espatifar aquele espelho pudesse ter surtido algum efeito contra seus problemas.

Jayce a guiou até o quarto, fazendo com que se sentasse na cama, enquanto Tatianna corria para buscar gaze e álcool para limpar as feridas que os cacos de vidro tinham deixado na mão de Cailey.

— Quero ficar sozinha com Jayce. — foi a primeira coisa que ela falou, em um tom de voz muito mais áspero do que ela gostaria.

— Se precisarem de qualquer coisa, estaremos na sala. — Faith falou, com uma expressão derrotada, como se estivesse ansiando em ficar perto da irmã para descobrir o que tinha acontecido. Contudo, Cailey não mudou de ideia.

Assim que Faith, Rowan e Tatianna saíram, Cailey pediu que Jayce fechasse a porta. Ele prontamente atendeu ao seu pedido, e logo se viram sozinhos.

— Ele está tentando me culpar... Outra vez. — foi a primeira coisa que ela falou. Não havia qualquer tipo de entonação ou emoção em sua voz. Algo havia mudado naquele momento, ele apenas não sabia até onde iria essa mudança.

— Você não tem culpa de nada. Não se deixe influenciar. — ele afirmou, enquanto desinfetava o machucado de Cailey. Era provável que estivesse ardendo, pelo contato da ferida aberta

com o álcool, mas ela não esboçava nenhuma reação.

— É claro que não tenho culpa. Eu fechei minha mente para ele. Me protegi. Ele matou Monica porque é louco. — finalmente Cailey alterou-se um pouco. O que era bom, pelo menos na opinião dele.

— Exatamente. Espero que mantenha essa opinião. Você está certa quando diz que ele é louco... louco em sua obsessão por você. — enfatizou, esperando que ela finalmente compreendesse e parecesse de se colocar em risco.

— Por ele ser louco é que me pergunto qual vai ser seu próximo passo...

— Eu também gostaria de saber, Cailey... Gostaria muito de saber.

— Acho que ele vai vir atrás de mim. — ela

falou com uma espécie de certeza, sem demonstrar medo. Percebendo que Jayce estava prestes a lhe responder de forma confortadora, interrompeu-o. — Não se preocupe... Já estou pronta para ele...

Capítulo Dezessete

Finalmente, depois de alguns dias desaparecida, Monica Grimm foi encontrada. Ela estava completamente nua, jogada na calçada em frente à delegacia onde Jayce trabalhava, enrolada em uma fita vermelha de cetim. Como um mórbido presente.

O peito perfurado cinco vezes a balas de revólver, do mesmo calibre daquelas que mataram Jodie Bridges, eram a prova de que o “Poeta Sombrio” tinha cumprido sua promessa e tirado a vida da moça.

Embora fosse exatamente o que ele não queria fazer, Jayce ligou para Cailey para lhe contar a notícia. Ela precisava estar informada, saber de cada passo do caso para ficar em alerta. Qualquer

detalhe poderia ser crucial para que se mantivesse a salvo.

Minutos depois de ter desligado o celular, Steve entrou em sua sala, balançando um papel no ar, indicando que ali havia uma informação importante. Era tudo que ele precisava.

— Acho que tenho algo para você, parceiro... — Steve se jogou na cadeira de Jayce, colocando os pés sobre a mesa. — Sabe aquela lista de funcionários da revista Fissure, onde sua namoradinha trabalha? — Jayce, que odiava aquele suspense, respondeu logo que sim. — Eu fiquei analisando aqueles nomes por um bom tempo e... *voilà!* Mason Fisher é estagiário do setor de contabilidade!

Steve jogou o papel sobre a mesa, deixando-o bem próximo dos olhos de Jayce, que mal conseguia acreditar no que tinha acabado de

ouvir.

Lá estava a ligação que eles tanto procuravam. O rapaz conhecia Jodie Bridges, provavelmente conhecia Monica Grimm, e, o principal, conhecia Cailey. Trabalhava com ela. Poderia ter enviado a poesia em seu primeiro dia no emprego... poderia estar presente no Flawless, no dia em que ela fora trancada no almoxarifado. Poderia ser o Poeta Sombrio.

Além da lista — que estava toda rabiscada de caneta vermelha —, havia um breve relatório sobre atividades de Mason. Falava sobre seu cargo inexpressivo na revista, sobre sua vida regrada e um pouco solitária, e um hobby interessante... escrever poesias.

— Tudo está batendo. Será que chegamos a algum lugar? — ainda incrédulo, Jayce perguntou, logo que terminou de ler o que tinha em mãos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Espero que sim. Vamos dar uma pressionada no amigo aí?

E Steve não precisou sequer perguntar duas vezes. Para isso, Jayce estava sempre pronto.

Logo que chegaram na oficina, foram recebidos pelo pai de Mason, que sustentava uma expressão de poucos amigos. Ele trabalhava em uma bela moto, mas logo interrompeu seu serviço para atender aos detetives.

— De novo vocês por aqui? — perguntou, insatisfeito.

— Queremos falar com seu filho. — anunciou Steve.

— Ih, então vieram na hora errada. — o homem estava com um leve cheiro de álcool no hálito. — Meu filho não aparece em casa há pelo menos três dias.

PERIGOSAS ACHERON

— Três dias!? — surpreendeu-se Jayce. — E o senhor não reportou isso a ninguém? Ele poderia estar desaparecido.

— Nada disso! — balançou a cabeça uma meia dúzia de vezes. — Mason é assim mesmo. Para começar ele nem mora comigo. Eu moro no segundo andar daqui da oficina, Mason fica na casinha dos fundos. É pequena, mas pelo menos ele pode ter liberdade.

— Vamos precisar dar uma olhada na casa de Mason, senhor. — Steve pediu, com educação, já sabendo que não seria nada fácil.

— Ah, nem pensar! Eu até tenho uma cópia da chave, que fica comigo para um caso de emergência, mas nunca entro lá sem autorização dele. Regras entre homens.

— É um caso de polícia, senhor Fisher. Podemos voltar com um mandado, se preferir, mas,
PERIGOSAS ACHERON

no final das contas, vai dar na mesma. — Jayce também proferiu sua frase com cautela e sentiu hesitação na atitude do homem. Ele já não parecia tão convicto sobre seu pacto com o filho.

— Acham que Mason pode estar encrencado com alguma coisa? Porque se for isso, eu mesmo faço questão de abrir a porta daquela casa.

— Sim. Ele está indiretamente envolvido em um caso que estamos investigando. — Steve afirmou.

O homem mais uma vez respirou fundo, ainda deixando prevalecer sua lealdade para com o filho, mas acabou cedendo, acompanhando os dois policiais aos fundos da oficina, onde Mason morava.

Com a chave reserva, ele abriu a porta e a casa foi revelada. Na verdade era mais um pequeno

PERIGOSAS ACHERON

quartinho, com o adicional de uma cozinha e um banheiro. Apesar de não ter mais de vinte e cinco metros quadrados, era bem arrumado, cheirava a limpeza e móveis antigos.

— Pode nos deixar sozinhos? — Jayce perguntou ao homem, que se mantinha parado ao lado deles como uma estátua, um guardião. Ao perceber que ele não parecia muito animado com a ideia, o detetive prosseguiu: — Vamos deixar tudo exatamente como encontramos.

Não havia escolha, então, o sr. Fisher se retirou, deixando o caminho livre para Jayce e Steve.

Havia algumas contas empilhadas sobre a mesa de jantar improvisada, que eles verificaram, embora não tenham encontrado nada incriminador. Verificaram gavetas, agendas, livros...

Livros...

Poderia ter passado despercebido, se Jayce não estivesse tão focado em sua investigação.

Ao lado de grandes clássicos da literatura como *Ulisses* e *Viagem ao centro da terra*, encontrou algo que poderia ser uma prova que Mason era o verdadeiro Poeta Sombrio, ou que, pelo menos, tinha alguma ligação com ele. O livro chamava-se "*A mansão do lobo*". Era exatamente igual ao que tinha visto nas mãos de Cailey no dia em que ela fora sozinha à casa de Gloria Eller.

Jayce pegou-o nas mãos com todo cuidado. Era uma edição bem mais antiga que a de Cailey, estava um pouco empoeirada, com as folhas amareladas e a capa dura um pouco gasta.

— Jayce, você sabe que isso não prova nada, não é? Qualquer um poderia ter um livro desses. — Steve alertou.

— Eu sei, mas é muita coincidência, não

PERIGOSAS ACHERON

acha?

— Claro. Concorde com você.

Ainda com o livro nas mãos, Jayce sentou-se no pequeno sofá de dois lugares, quase preenchendo-o inteiro com seu tamanho considerável, começando a folhear o livro, sentindo o cheiro de suas páginas envelhecidas pelo tempo. Era um livro grosso, e, tendo que tomar cuidado redobrado por causa da idade do exemplar, ele demorou pelo menos dez minutos até chegar a algum lugar.

Havia um bilhete entre uma das últimas páginas, com uma caligrafia desenhada, que ele reconhecia. A mensagem dizia: *"Para que encontre sua Georgianna."*

— Acho que Mason não é nosso homem. — Jayce avisou a Steve, que não estava lendo o bilhete. Quando seu parceiro ouviu aquela PERIGOSAS ACHERON

afirmação, aproximou-se e verificou o que havia no papel.

— E olha para quem ele estava pedindo conselhos! — zombou Steve.

— Tenho que levar esse livro para Cailey... — ele ia continuar falando quando reparou em algo que até então não tinha notado. — Ei, tem umas notas de rodapé aqui. São quase imperceptíveis, de lápis.

— A letra é a mesma do bilhete!

— Provavelmente este livro pertencia a ele! Agora mesmo é que Cailey precisa ver isso... — Jayce olhou para o amigo. — Por mais que não queira que ela se envolva dessa forma, se ela puder descobrir qualquer coisa que faça tudo isso terminar, vai ser melhor.

— Ah, porra, Jayce, você vai mesmo tirar

esse livro daqui, não é?

— Tirar é uma palavra muito forte. Vou apreender. — Jayce levantou-se e colocou o livro debaixo do braço, saindo em seguida.

Aquele era Jayce Hernandez, ele jamais mudaria; especialmente quando se tratava de salvar as pessoas que amava. Cailey tinha sorte em tê-lo.

E Cailey foi exatamente a primeira pessoa que Jayce buscou quando saiu da casa de Mason Fisher. Ela pegou os dois livros e colocou-os sobre a mesinha de centro, abrindo o exemplar que lhe fora entregue naquele momento, começando a analisar cada uma das notas de rodapé que encontrava perdidas pelas páginas.

Cada frase que encontrava era anotada em um bloquinho, e elas formavam uma poesia. Era uma poesia intimista, completamente diferente das outras terríveis que ele costumava escrever para PERIGOSAS ACHERON

assustá-la.

*"Sou uma estrela da noite
Vagando em busca de um desejo
Buscando sentimentos em um coração
Que desaprendeu a viver*

*Sou escuridão que brota da luz
Sou os espinhos que tiram a beleza da flor
Sou nada
Sou tudo
Que não queria ser"*

E havia uma data ao lado da última frase:
Abril de 2010.

Com uma espécie de agonia, Cailey
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

percebeu que, de alguma forma, sentira-se muitas vezes como ele: perdida, vazia e melancólica. Conseguia se encontrar em cada palavra que ele redigira naquelas páginas gastas. Por mais que fossem frases simples, que podiam combinar com o sentimento de qualquer outra pessoa, era como se tivessem sido escritas para ela.

Foi então que seu coração compreendeu: estava provando de seu próprio veneno. Os dons dos dois eram exatamente iguais. E, através daquele sentimento, ela pôde finalmente compreender corretamente o que tinha acontecido.

O Poeta Sombrio a sentira, mesmo antes de ela enviar a resposta — junto com as flores que ele solicitara para Faith —; ele soubera que Cailey tinha um coração partido, uma alma machucada... a conexão entre eles era mais profunda. Como verdadeiras *almas gêmeas*.

PERIGOSAS ACHERON

Ele soubera de sua dor. Cailey podia sentir que ele quisera salvá-la, mas acabou transformando tudo em um pesadelo ainda maior. Porém, onde Jodie Bridges entrava nessa história? Será que fora apenas uma marionete em um jogo insano? Apenas um caminho para que ele chegasse até seu principal alvo?

Se havia qualquer coisa para ser descoberta, ela descobriria naquele momento. Fechou seus olhos e colocou as duas mãos sobre as páginas do livro que estavam abertas. E o chamou. Chamou como nunca o houvera chamado... com o coração. Não que sentisse qualquer coisa por ele que não fosse ódio. Ainda o odiava, com todas as suas forças, mas não podia negar que ele era uma parte dela agora. Uma parte terrível, que ela precisava eliminar, sem dúvida.

O Poeta Sombrio não demorou a atender o

chamado de Cailey. Estava desesperado para falar com ela, para entrar outra vez em sua mente. Sua mensagem, contudo, fora breve e bastante clara:

"Se quiser resposta para todas as suas dúvidas, encontre-se comigo. Mas venha sozinha."

Ao final da mensagem, ele lhe indicou um endereço e simplesmente cortou a conexão, como se estivesse apressado.

— Ele quer se encontrar comigo. — ela falou, um pouco ofegante e zozza, assim que terminou de escrever o endereço.

— Ele com certeza é louco mesmo em pensar que eu te deixaria ir sozinha a um encontro com ele. — Jayce riu com desdém.

— Algo me diz que ele sabe disso. Tenho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

certeza que ele sabe que eu vou mostrar isso para você. É uma armadilha, Jayce! — exclamou. — Você não pode ir até lá.

— Eu sou da polícia, Cailey. Eu *tenho* que correr riscos.

— Se qualquer coisa acontecer com você... — só de mencionar aquilo, Cailey já sentia o coração apertar de desespero.

— Não vou sozinho, tudo bem? Estarei com Steve e alguns reforços. — tentando acalmá-la, ele passou a mão em seu rosto, com carinho. Então mudou seu tom de voz: — Quer dizer que se preocupa comigo? — sorriu com uma expressão vitoriosa no rosto.

— É claro que sim. Acha que eu não tenho coração?

— E será que eu tenho alguma parte desse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seu coração? — olhou fundo nos olhos dela, parecendo um menino suplicante. Como ela poderia resistir?

— Meu coração é seu, Jayce. Você deveria saber disso...

— Não, não sei. Só sei que eu te amo. E isso é tudo que importa... — ele fez uma pausa e estendeu a mão para ela, levantando-se de onde estavam sentados, dando a entender que queria que ela fizesse o mesmo. — Venha comigo.

Sem nem perguntar nada, Cailey seguiu Jayce e percebeu que ele a estava levando até a cômoda onde ela encontrara as fotos de Debra. Ao abrir a gaveta, ele lhe mostrou que não havia mais nenhuma delas lá.

— Jayce, o que fez com as fotos? Não me diga que jogou fora...

PERIGOSAS ACHERON

— Não... eu jamais faria isso. Eu as enviei para a mãe de Debra. Tenho certeza que estarão mais bem guardadas lá. — ele se mostrava triste ao falar, de cabeça baixa, mas quando a olhou nos olhos novamente, estava sorrindo. — Como eu disse, Cailey, não há nada entre nós, eu prometo. É você quem eu quero... Ele a beijou. O beijo selou a promessa. Nada poderia separá-los. Nem mesmo a esuridão...

Mas nem o beijo nem a promessa deixaram Cailey mais calma. Jayce tornara-se mais do que apenas o homem com quem ela compartilhava alguns momentos e com quem fazia amor. Ele tinha se tornado seu porto seguro, seu abrigo, seu consolo... e tudo acontecera inesperadamente, PERIGOSAS ACHERON

rápido. Porém, conseguia acreditar que teria, com ele, um futuro promissor.

Isso, é claro, se ela mesma sobrevivesse àquele furacão que tinha se instalado em sua vida.

Pensar em morte lhe dava calafrios, lhe proporcionava emoções que não queria ter. Lembrava-se da visão que tivera, no início daquilo tudo, onde assistira a cena de seu assassinato. Aquela imagem ainda a desnorteava um pouco, porém, naquele momento, pensava também em Jayce. Imaginava que o Poeta Sombrio poderia tentar matá-lo naquele encontro, o que, de alguma forma, a amedrontava tanto quanto sua própria morte.

Estava com a cabeça apoiada nas duas mãos, com os cotovelos sobre a mesa de trabalho, quando alguém tocou seu ombro, chamando-a. Um pouco desligada como estava, acabou por tomar um

PERIGOSAS NACIONAIS

susto, mas quando se virou para ver quem era, encontrou Lenny, sorridente e amigoso como sempre.

— Nossa, Lenny! Você me deu um susto!
— exclamou, sempre sincera.

— Desculpe, princesinha! Queria te chamar para almoçar. Vamos?

— Já está na hora do almoço? — Cailey se surpreendeu e olhou para o relógio do computador para se certificar de que Lenny estava certo. Já passava do meio-dia. — Nossa, perdi completamente a hora.

— Bem, mas daqui a pouco seu estômago vai te lembrar. Não aceito não como resposta.

— Vamos. Estou mesmo precisando espairer. — Cailey começou a tirar sua bolsa do encosto da cadeira quando o Outlook acusou um

PERIGOSAS ACHERON

novo e-mail. — Espera um momentinho. Recebi um e-mail do diretor da revista.

Boyd Olsen, o dono e diretor da revista Fissure, pedia, em um e-mail educado e muito profissional, que Cailey DeWitt comparecesse à sua sala após o horário de expediente, pois ele gostaria de conversar com ela sobre uma ideia para sua coluna.

— Ih, ele vai começar a explorar você também, princesinha? — Lenny, que estivera lendo o e-mail por sobre o ombro dela, zombou.

— Fazer o quê? Preciso compensar minhas faltas e atrasos.

— Tudo bem, mas agora mesmo é que você precisa comer muito bem, ou não vai aguentar a ladainha do velho. — Lenny pegou Cailey pela mão e começou a puxá-la para fora da sala.

Ele a levou em um restaurante do outro lado da rua. Era um lugarzinho simples, onde ela já tinha almoçado em um outro dia de trabalho, mas a comida era muito boa. Estava agradavelmente vazio, e eles puderam escolher uma mesa mais reservada.

— Sabe, princesa, você não anda com uma carinha muito boa. O que está acontecendo? — Lenny comentou, logo depois que escolheram seus pratos e os informaram à simpática garçonete.

— Acho que estou precisando de um ombro amigo.

— E aqui está ele. Desabafe comigo.

— Não quero contar tudo que tem acontecido comigo. Só quero ficar em paz... quero parar de sentir medo. — não planejava falar tal coisa, mas acabou saindo, como uma estranha confissão fora de hora.

— Medo? Do que você tem medo, Cailey?

— Lenny perguntou, com uma expressão no rosto que ela não conseguiu decifrar.

Ela estava de cabeça baixa quando ele terminou a pergunta, lamentando em silêncio tudo pelo que estava passando. Estava tensa demais pensando em Jayce... Mas quando resolveu responder, levantou seus olhos na direção dos dele, muito séria, e a resposta saiu em um tom misterioso, indecifrável:

— Tenho medo de mim mesma. Do que sou capaz de fazer.

Cailey pensou que jamais tinha respondido nada com tanta convicção nem tanta certeza. O que sua vida se tornara era exatamente o que ela mais temia; um pesadelo sem fim, uma rua sem saída rodeada por criaturas estranhas que a perseguiam.

— Não sei qual o seu problema e acho que

PERIGOSAS ACHERON

não somos assim tão íntimos para que me sinta no direito de perguntar do que se trata, mas, seja lá o que for, está destruindo a Cailey que eu conheci...

— Estou entediando você, não estou?

— De maneira alguma, você jamais poderia me entediar. — Lenny beijou-lhe as duas mãos. — Está me deixando preocupado. Seu brilho, que sempre foi notável, está desaparecendo. Seja o que for que está te deixando assim, enfrente! Não fuja...

— Eu sei, Lenny! Mas contra o que estou lidando não há como fugir. — adquiriu uma expressão melancólica, que partiria o coração de qualquer um.

— Sempre há uma rota de fuga, querida. Talvez você só tenha que abrir os olhos. A resposta pode estar mais perto do que você imagina.

A resposta de Lenny poderia ter feito todo o

sentido se ela soubesse que tinha a opção de fugir. Para onde quer que ela fosse, levaria um pedaço *dele* com ela. Levaria sua mente, a certeza de que eram parte de um mesmo universo; compartilhavam um mesmo dom. Um para o bem, e o outro para o mal.

Até que a morte os separasse...

Inquieto durante boa parte do dia, Jayce batia com a ponta de uma caneta esferográfica na mesa, sem conseguir parar de olhar no relógio. Algo lhe dizia que aquela noite seria decisiva para o caso e que, depois de tudo, iria comemorar com Cailey. Já comprara um belo anel, simples, mas bonito, e com uma intenção que não poderia ser

melhor. Estava dentro de seu bolso, pronto para ser entregue, apenas aguardando que tudo aquilo acabasse. Ainda não tinha certeza se ela estava preparada para dar um passo tão grande em seu relacionamento, em sua vida, mas queria tentar. Precisava fazer com que ela soubesse que era desejada como esposa e companheira de todos os dias, para sempre. Ele queria que Cailey soubesse o quanto era linda de todas as formas e o quanto ele a amava. Se haveria mesmo um casamento, era ela quem teria que decidir.

Ela e o destino, porque, naquela noite, tudo teria um fim.

Capítulo Dezoito

Já era noite quando Cailey percebeu que todos do seu setor já tinham partido, mas ela precisava esperar que Boyd Olsen a chamasse até sua sala para a maldita reunião.

Seu computador já estava desligado, e ela tentava telefonar para Jayce para saber onde ele estava, se já havia chegado no local do encontro com o Poeta Sombrio. Ainda eram oito e meia, mas estava tão ansiosa que não aguentava mais esperar por notícias. Queria ao menos saber se ele estava bem e avisá-lo que ainda estava na empresa, pois nem tivera tempo de falar com ele.

Estava prestes a telefonar para ele mais uma vez, quando finalmente recebeu o tão esperado telefonema a mando do chefe. Colocou, portanto,

sua bolsa no ombro, pois tencionava ir embora logo depois da reunião, e partiu para o último andar do prédio, onde ficava a sala da diretoria.

Ao chegar lá, a sala estava fechada. Bateu, bateu, mas não veio ninguém atendê-la. Cailey ainda insistiu mais um pouco, não querendo acreditar que ele poderia tê-la deixado esperando até aquela hora para nada, mas ninguém veio atender.

Quando olhou ao seu redor, percebeu que algumas luzes já estavam apagadas, restando apenas as de emergência. Todos realmente já tinham ido embora.

E foi nessa hora que percebeu que a armadilha do Poeta Sombrio não era para Jayce, mas para ela....

Desesperada, correu em direção aos elevadores, mas já estavam desligados. Ela poderia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se trancar em uma sala ou correr para a portaria do prédio, onde sabia que havia segurança vinte e quatro horas. A segunda opção lhe pareceu melhor, pois ficar presa dentro de uma sala mal iluminada, sabendo que estava sendo perseguida, não era uma alternativa atraente. Resolveu, portanto, ir pelas escadas. Eram doze andares, mas estava em ótima forma física e nem pensava no cansaço. Queria apenas fugir.

Ela contava cada andar em voz alta, em contagem regressiva. A cada um que era eliminado, sua voz soava mais e mais fraca, ofegante. Suas pernas começaram a fraquejar, tanto pelo esforço físico quanto pelo nervosismo, e ela precisou redobrar o cuidado para não cair.

Já estava no último andar, quase comemorando a vitória, quando sentiu que sua mente estava prestes a ser invadida. Precisou parar

PERIGOSAS ACHERON

por um segundo, para manter toda sua concentração e bloquear o contato. Se permitisse que o poeta entrasse em seus pensamentos, ficaria vulnerável. Ainda mais. Contudo, ela não esperava ouvir um berro em sua mente. Um berro tão alto que atingiu seu cérebro em máxima potência, fazendo-a cair no chão e rolar alguns poucos degraus da escada. O suficiente, porém, para deixá-la inconsciente, à mercê de seu Poeta Sombrio.

Sem estar ciente do que acontecia com Cailey, Jayce chegava no local especificado na mensagem do Poeta Sombrio. Tratava-se de uma casa bem velha e abandonada, com várias tábuas de madeira espalhadas pelo chão. Parecia um canteiro de obras, exceto pela mobília velha e estragada que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

havia lá. O cheiro era ruim, de carniça, e tanto Jayce quanto Steve acreditaram que encontrariam algo morto ali.

Com a arma em punho, Jayce percorreu a pequena casa inteira; e foi em um último cômodo que ele viu uma cama de solteiro, tão velha quanto o resto dos móveis, onde um cadáver repousava.

Ele tampou o nariz, pois o cheiro, de perto, era ainda mais forte e notou, com pesar, que se tratava de Mason Fisher. Ao lado do corpo havia um papel, que Jayce pegou, começando a ler logo em seguida. Ali encontrou outra mensagem, e era destinada a ele, não à Cailey, que deveria ser a pessoa a estar lá naquele momento, conforme ele pedira. Ela estava certa, era uma armadilha.

PERIGOSAS ACHERON

*"Caro Jayce Hernandez,
Hoje ela estará comigo. Mas não se preocupe. Eu o
manterei informado. Acompanhe as fotos."*

Fotos?

Em desespero, Jayce vasculhou a cama e todo o resto do casebre à procura de algum retrato, mas tudo que encontrou foi um notebook aberto em uma conta fantasma de e-mail. A caixa de mensagens estava vazia, com exceção de um e-mail, em negrito, sem assunto, sem mensagem, apenas com um arquivo em anexo.

Olhando para Steve, que também começava a ficar preocupado, Jayce se aproximou do computador e abriu a mensagem. Posteriormente abriu o anexo, e logo uma foto de Cailey, caída no chão, aos pés de um lance de escadas, inconsciente, se mostrou.

Ao ver aquilo que ele mais temia, Jayce socou a mesa de madeira com tanta força que ela quase cedeu, fazendo o laptop se movimentar, quase pular, sobre a superfície.

— Vamos para a Fissure agora, Steve. Não podemos perder tempo.

Com a cabeça baixa, tentando controlar sua respiração e sua ira, Jayce falou. Sem hesitar, ele saiu da casa, deixando seus colegas de trabalho encarregados em cuidar do corpo.

Depois que entraram no carro, Jayce começou a dirigir como um louco, avançando sinais vermelhos, pegando atalhos, com a sirene da polícia berrando sobre seu carro e facilitando a ultrapassagem. Assim, eles chegaram no prédio da revista em dez minutos.

Jayce saltou do carro com uma pressa absurda e entrou no prédio seguido por Steve.

PERIGOSAS ACHERON

Porém, ambos foram barrados por um segurança.

— Somos da polícia! Uma moça pode estar sendo sequestrada nesse momento, levada de dentro deste prédio! — Jayce mostrava seu distintivo com impaciência.

— Senhor, isso é impossível! Ninguém entrou neste prédio desde o final do expediente e não há mais ninguém lá. — não havia muita certeza no que ele dizia, por isso, Jayce o pegou pela gola do uniforme e o encostou na parede, contrariando qualquer ética.

— É a minha mulher que está aí dentro! Se qualquer coisa acontecer com ela, você vai se arrepender. — vociferou.

O segurança olhou bem para Jayce e viu que seu desespero era real demais para se tratar de um engano. Ele era pago para proteger o prédio e todas as pessoas que trabalhavam ali, e se

PERIGOSAS ACHERON

realmente alguma mulher fosse raptada de dentro daquele local durante seu turno, estaria com um grande problema. Por causa disso, deixou Jayce e Steve entrarem, torcendo para que aquilo tudo não passasse de um alarme falso.

Em uma corrida contra o tempo, Jayce percorreu o caminho até a escada. Não havia como subir pelos elevadores, e mesmo que estivessem ligados, ele preferiria não perder tempo. Os dois detetives se dividiram para cobrirem mais lugares em menos tempo e foram gritando o nome de Cailey por todos os andares, entrando em cada sala, vasculhando banheiros, copas, almoxarifados e salas de reunião. Ela não estava em lugar nenhum.

A cada parada que fazia em cada andar, Jayce ligava para o celular de Cailey para que seu toque o levasse a encontrá-la. Não era uma boa opção, mas torcia para que ela tivesse conseguido

fugir, estivesse trancada em algum lugar, escondida, ou até mesmo inconsciente, mas que fosse encontrada.

A música “Pour Elise”, do celular de Cailey, que tocava toda vez que alguém lhe telefonava, nunca lhe parecera tão mórbida, especialmente quando viu o aparelho de celular jogado sobre uma mesa no terceiro andar, na sala de “Comunicação”. A bolsa de Cailey também estava ali e, dentro dela, havia uma foto de uma velha câmera Polaroid. Daquela vez, a foto mostrava-a dentro de um porta-malas, amarrada e vendada.

Era tarde demais.

— Jayce, fique calmo, por favor! — pediu Steve quando percebeu que o colega estava completamente atormentado. — Precisa manter a calma para poder encontrá-la

— Ele a levou, Steve! — Jayce exclamou, chutando uma cadeira para longe, sem nem ouvir o que Steve tinha lhe dito. — Minha Cailey está nas mãos daquele louco! Eu não fui capaz de protegê-la!

— Mas vamos resgatá-la. Tenha certeza disso!

Steve mal conseguiu concluir sua frase, porque Jayce passou por ele correndo como um furacão. Foi direto ao encontro do tal segurança e lhe mostrou a foto de Cailey no porta malas aberto do carro.

— Eu... eu não sei o que dizer... não vi ninguém entrando... — tentou se explicar, envergonhado.

— Não viu, porque foi um funcionário que a levou! — Steve disse, antes que Jayce pulasse sobre ele, cheio de ódio.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu quero ter acesso à fita da câmera de segurança. Tem alguma outra saída desse prédio?
— tentando ficar o mais calmo que conseguia, Jayce indagou, mantendo a lógica e a razão.

— Há mais uma saída, sim. A dos fundos, que dá direto na garagem.

— E não tem nenhuma segurança por lá? — perguntou Steve.

— Não. Só a câmera. Nunca precisamos...

— Então quero ver essa gravação agora. — ordenou.

Convencido pelo tamanho e pela autoridade de Jayce, o rapaz nem sequer hesitou, chamou um de seus colegas da sala de segurança para acompanhar os policiais até lá.

Um outro segurança gordo e muito mal educado os recebeu e começou a rodar a fita até um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ponto onde houve uma movimentação diferente. E Jayce pôde ver toda a cena que o fez sentir uma terrível dor no coração por ver Cailey exposta a uma situação tão perigosa.

A mídia mostrava Cailey sendo empurrada, inconsciente, em uma cadeira de rodas, por uma pessoa mascarada, até um carro prateado, sedan, que estava estacionado bem próximo à porta. Ela foi literalmente jogada dentro do porta-malas, amarrada e amordaçada, exatamente como na fotografia que Jayce recebeu, que foi tirada minutos depois, sendo mostrado na filmagem.

Por uns dez minutos, Cailey foi deixada ali, dentro do veículo, com o porta malas fechado, até que o sequestrador voltou, entrou no carro, deu a partida e foi embora, levando-a para qualquer lugar naquela cidade.

Jayce, por sua vez, não estava sequer

PERIGOSAS ACHERON

pensando. A imagem de Cailey em poder do “Poeta Sombrio” estava bloqueando sua mente para qualquer outra coisa. Não podia parar de se culpar, de lembrar de todas as promessas que lhe fez de deixá-la a salvo, que não fora capaz de cumprir. Falhara com ela, com a mulher que amava e que lhe salvara a vida de uma maneira tão mágica, tão especial. Não conseguiria se perdoar se não chegasse a tempo novamente.

— Onde você estava que não viu uma cena como essas acontecer? — um Jayce transtornado quis saber.

— Detetive, essa é a hora exata em que eu faço a ronda pelo prédio para apagar as luzes, desligar ar-condicionados e computadores. Somos uma equipe pequena e recebemos ordens do diretor da revista. Foi ele que criou nossa rotina. — explicou, perdendo o mau humor ao ver o que tinha

acontecido.

— Então o sequestrador de Cailey conhecia a rotina dos seguranças e se aproveitou do momento certo. — outra vez Steve falou de maneira sensata.

Jayce, que continuava assistindo o vídeo sem parar, conseguiu enxergar a placa do carro e anotou-a em um papel.

— Esse carro é da própria empresa. É usado para reportagens. O cara foi bastante esperto. — comentou o segurança.

— Mas pela placa podemos rastreá-lo. — na mesma hora, Jayce pegou seu telefone celular e ligou para a delegacia, informando todo o problema e solicitando que localizassem a placa que ele ditou logo em seguida.

Na mesma hora, o policial que atendera o

PERIGOSAS NACIONAIS

telefone pediu que ele aguardasse alguns minutos, e logo em seguida lhe deu a localização do veículo. Com aquela informação nas mãos, Jayce e Steve saíram correndo para o tal lugar.

Porém, ao chegarem lá, encontraram o carro abandonado no meio de um matagal e nem sinal de Cailey nem do “Poeta Sombrio”. Cheio de ódio de si mesmo, Jayce socou o teto do carro, procurando onde descontar sua raiva. Estava devastado, mas precisava recuperar sua sanidade, afinal, ainda havia uma chance. E ele não a desperdiçaria.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dezenove

A consciência ia e vinha. Em um momento estava vagando pelo caminho que já conhecia, com os pássaros de papel e as árvores outonais, e no outro tinha vislumbres de um quarto desconhecido, além de sentir dores pelo corpo.

O medo consumia sua alma cada vez que abria os olhos. Estava apavorada com o que poderia encontrar.

Covarde... era o que gritava na sua cabeça. Era tudo que achava de si mesma naquele momento, amarrada à uma cama, sem nem lutar por sua própria vida.

Deveria enfrentá-lo, gritar, esparnear, tornar cada momento um inferno para ele, mas tinha medo de sua reação. Temia que ele a matasse, como

fizera na visão que tivera. Pensara que estava pronta, mas nunca se está preparado para tal situação.

Quando finalmente abriu os olhos, mantendo-os assim por algum tempo, conseguiu enxergar que estava em um quarto muito grande, parecendo pertencer a uma mansão. A cama era de dossel, com duas colunas de madeira, onde seus punhos estavam amarrados. Havia um quadro enorme preso na parede, que mostrava um rapaz de aparência bem comum, nada atraente, usando um óculos simples e roupas um pouco fora de moda. Cailey tentou se lembrar daquele rosto, mas não conseguia. Definitivamente, ela não conhecia o Poeta Sombrio.

Mas ele não trabalhava na Fissure? Por mais que não soubesse o nome de todos, seria capaz de lembrar dos rostos, já que sempre cruzava com

muitas pessoas nos corredores e no elevador.

De qualquer forma, sabia que ele iria aparecer, mais cedo ou mais tarde. Ao pensar nisso, precisou controlar sua respiração, antes que perdesse o controle.

Queria Jayce... Queria que ele surgisse por aquela porta, pronto para resgatá-la. Mas aquilo não era um conto de fadas, era a realidade, e Jayce sequer sabia onde ela estava. Na verdade, Cailey também não sabia se ele estava bem.

Estava completamente sozinha. Até que *ele* aparecesse...

O anel de noivado reluzia sobre a mesa de centro, descansando dentro da caixinha de veludo,

PERIGOSAS ACHERON

que estava aberta. A visão daquele objeto servia como uma motivação para ele. Não iria perder outra pessoa importante; era apenas uma questão de tempo até que a joia estivesse no dedo de Cailey.

Ao lado da caixinha, o livro de Edmond Forsight jazia aberto em uma das páginas onde havia uma das notas de rodapé.

O detetive folheou, portanto, o livro “A Mansão do lobo”, enquanto mantinha por perto todas as cartas e mensagens que recebera do poeta. Para quem não entendia muito de poesia, de figuras de linguagem e textos cheios de duplo sentido, aquilo era quase como uma Bíblia em latim. Ele compreendia a ideia geral, dos textos, das histórias, mas não iria conseguir encontrar pistas demonstradas de maneiras tão indiretas. Desolado e cheio de fúria, fechou o livro com força e o jogou de encontro à parede à sua frente.

Cailey era sua luz, sua nova motivação. Queria ter o prazer de conhecer quem ela era sem toda a tensão que a rondava, de poder começar um relacionamento normal, andar de mãos dadas, levá-la ao cinema, beijá-la sob as estrelas... queria ser romântico como ela merecia... dizer que a amava várias vezes.

E tinha certeza que faria isso...

Pensando no quanto queria salvá-la, ele levantou-se do sofá, e seus olhos foram atraídos para o local onde o livro tinha caído, aberto. Uma página havia se soltado, ficando um pouco para fora. Preocupado em ter danificado o que poderia ser uma evidência ou conter uma pista para encontrá-la, Jayce correu até o exemplar e o pegou nas mãos novamente.

Foi então que reparou em algo que nem ele nem Cailey tinham visto antes.

A página que se soltara estava colada na seguinte, com certeza escondendo alguma coisa.

Jayce tentou descolá-las com todo o cuidado e foi surpreendido por um outro papel, tirado de um bloquinho de notas, que continha uma breve mensagem:

“Perdoe-me. Não pude mais viver daquela forma.

A poetisa está certa... ela jamais vai me querer

A dor está me consumindo.

Adeus...”

Bilhetes como aquele eram fáceis de ser encontrados em seu trabalho, ao lado de corpos de pessoas que cometeram suicídio. Era exatamente uma mensagem terminal... um adeus de uma pessoa

que está prestes a partir para sempre. E com um pedido de desculpas era prova mais que suficiente.

A letra do bilhete era a mesma das notas de rodapé, muito similar àquela das mensagens que Cailey e ele recebiam do Poeta Sombrio. Porém, ao olhar com muito cuidado, fazendo uma análise quase profissional, ele podia perceber diferenças significativas.

O que provava que...

Seria possível?

O Poeta Sombrio não era exatamente quem eles pensavam que fosse...

Porque o Poeta Sombrio...

...estava morto.

Havia uma data no final do suposto bilhete suicida, que seria a chave que abriria a porta de suas dúvidas.

PERIGOSAS NACIONAIS

E foi com essa data na cabeça que ele correu para a delegacia, indo direto para sua sala para acessar o computador.

O banco de dados lhe forneceria uma lista de pessoas cujas mortes foram causadas por elas mesmas naquela época. Poderia demorar a noite toda, mas Jayce encontraria quem começara aquela história toda.

Porque a história tinha que ter algum início. E Jayce quase podia construir uma teoria em sua cabeça, por causa de uma única frase do tal bilhete suicida: “*A poetisa está certa... ela jamais vai me querer*”. Jayce se lembrava por alto da poesia que Cailey escrevera para seu cliente da floricultura, desencorajando-o a continuar tentando um relacionamento com Jodie Bridges. Com certeza ela tinha lhe aberto os olhos, e o rapaz tinha percebido que não teria sucesso em suas tentativas.

PERIGOSAS ACHERON

E, sabendo que jamais teria a mulher amada, cometeu suicídio.

Mas se ele estava certo, afinal, quem estava atormentando Cailey? Quem poderia ter se incomodado tanto com a morte do rapaz ao ponto de querer se vingar de Cailey?

Com aqueles questionamentos na cabeça, Jayce prosseguiu com sua pesquisa. Eram muitos nomes, e um daqueles poderia ser a resposta que o levaria até Cailey...

Ela tinha perdido a consciência mais uma vez. Acordou com o sol batendo em seu rosto e com a mente um pouco embaralhada. Sonhara que estava com Jayce, fazendo amor em uma cama

macia e cheirando a flores, mas acordara no mesmo lugar... ainda sequestrada.

Contudo, não estava mais com os braços atados.

Em uma nova liberdade, Cailey pôde levantar-se da cama e esticar-se um pouco até sentir todos os ossos estalarem e os músculos voltarem ao lugar, depois de tanto tempo parados.

Tempo. Ela nem sabia há quanto tempo estava ali. Só sabia que já tinha amanhecido.

Alguém tinha colocado um prato de comida sobre a elegante escrivaninha de mogno, contendo brioches, requeijão e frios, além de uma garrada térmica com café e uma xícara com leite. Tudo parecia saboroso, mas Cailey jamais comeria um pedaço sequer. Não sabia o que poderiam ter colocado naquela comida, e estava cansada de ficar inconsciente, de ser a vítima. Queria lutar.

Ciente de que poderia ser sua única chance de encontrar qualquer coisa que pudesse usar para fugir, Cailey buscou a primeira janela que encontrou. Abriu sua cortina e percebeu que estava cercada por grades de ferro, parecendo muito novas, como se tivessem sido recentemente colocadas. Como se tivessem sido instaladas naquela janela especialmente para ela.

Apesar de não poder usar aquela janela para fugir, Cailey, ao menos, conseguia enxergar a paisagem do lado de fora. Ela via árvores, muitas árvores frondosas, um jardim muito bem cultivado, além de outros detalhes com menos importância. E via uma estátua... de um lobo uivando para a Lua.

A mansão do lobo...

É claro. Ela estava na famosa mansão do lobo, título do livro de Edmond Forsight.

Forçou, portanto, sua memória para tentar

PERIGOSAS ACHERON

se lembrar da poesia que abria o livro, homônima a ele. Sabia que ali encontraria qualquer pista. Mas sua falha memória não conseguia se recordar de nenhuma palavra, afinal, tinha apenas passado os olhos naquele texto.

Focando novamente em sua sobrevivência, Cailey encontrou um pequeno banheiro, uma suíte. Abrindo gavetas e a porta do espelho, ela buscava qualquer coisa com a qual pudesse se defender. Mas é claro que seu captor não mantinha giletes ou estiletes ou qualquer outra coisa cortante por ali.

Contudo, havia um espelho.

Enrolando uma toalha de rosto na mão, que já estava machucada pelos cortes que o outro espelho que quebrara lhe causaram, Cailey socou várias vezes o espelho, até que conseguiu extrair uma boa lasca de vidro, afiada, que poderia servir.

Ela não hesitaria nem um momento. Era ele
PERIGOSAS ACHERON

ou ela. Então que fosse ela a sobreviver.

Sem sequer fechar os olhos ou sentir qualquer espécie de cansaço, Jayce continuava sua busca. E não foi em vão. Já eram dez da manhã — o que, para ele, era tarde demais —, mas ele tinha um nome.

Brennan Sullivan.

Estudava na mesma faculdade de Jodie Bridges e Monica Grimm, cursando Literatura, com especialização em poesia.

Havia uma notícia com informações consideráveis no jornal, que foi facilmente encontrada na Internet depois que Jayce encontrou o nome.

PERIGOSAS NACIONAIS

Na reportagem ainda dizia que Brennan era vencedor de vários prêmios de poesia, em várias partes do mundo. Sua morte fora considerada suicídio, pois ele cortara os próprios pulsos e a faca utilizada para isso estava a seu lado, coberta de sangue, possuindo apenas as suas digitais. Ele morava sozinho, em um apartamento próximo à faculdade, muito confortável, e... estagiava na revista Fissure.

Steve, que tinha chegado na delegacia bem cedo e encontrara o parceiro mergulhado em sua pesquisa, o estava ajudando e concordou que aquele só podia ser o homem por quem procuravam.

— Agora precisamos descobrir quem poderia ter se ressentido com sua morte... — Steve complementou, assim que terminou de ler toda a matéria.

PERIGOSAS ACHERON

— Acho que essa vai ser a parte fácil. — Jayce respondeu, abrindo outra aba de seu navegador de internet, que já estava com outro site de notícias aberto.

Nesta outra reportagem, podia-se ver uma foto grande, em muito boa qualidade, de uma pessoa que parecia desolada, chorando, vestida de preto, observando o caixão ser velado.

E eles conheciam esta pessoa.

Era Gloria Eller.

Capítulo Vinte

Gloria Eller!

Ela não podia acreditar quando a figura delicada, feminina e elegante se materializou na sua frente, *de pé*, procurando a origem do barulho de vidro se quebrando.

Cailey confiara nela, contara boa parte de seus problemas, mas era ela aquele tempo todo.

— Você acha mesmo que esse pedaço inútil de vidro vai te servir de alguma coisa? — Gloria indagou, em um tom completamente diferente de como falara com Cailey nas vezes em que se encontraram.

— Gloria... — a voz de Cailey quase não saiu, de tanta que era sua decepção. — Por quê?

Pensei que fosse um homem... Você era o poeta esse tempo todo.

— Não, querida. O poeta existiu. E ele era brilhante, tinha um futuro maravilhoso pela frente. Era o *meu* Edmond Forsight.

Gloria apontou para a foto do rapaz. Assim que Cailey levantou os olhos para observar o quadro novamente, percebeu que havia sim uma semelhança com aquela mulher. Talvez os olhos azuis escuros e profundos, o porte físico e os cabelos lisos. Eram mãe e filho...

— E o que eu tenho a ver com tudo isso?

— Você é uma assassina, Cailey DeWitt! Você o levou a morte! — gritou.

— Eu? Eu nem conhecia o seu filho...

Enquanto começava a se aproximar de Cailey, a passos lentos, como se espreitasse uma

PERIGOSAS NACIONAIS

presa em uma floresta, Gloria começou a recitar a poesia que fora enviada por intermédio da floricultura.

— Suas palavras malditas fizeram meu filho se matar... Ele se suicidou por amor! — ao terminar de falar aquilo, Gloria estava muito próxima de Cailey. Ela poderia cravar aquele pedaço de vidro em seu peito, poderia acabar com aquilo, mas sentia-se compelida a saber qual era a história que as levara até aquele ponto. E quando Gloria se afastou, ela prosseguiu com seu relato. — A verdade, Cailey, é que seu dom é muito perigoso. Qualquer coisa que você sente, ao escrever, é transmitido ao destinatário de sua poesia. Se você estiver feliz, se estiver comovida com a história, será o mesmo sentimento que a pessoa terá. E você se lembra o que estava sentindo quando escreveu a poesia para o meu filho?

PERIGOSAS ACHERON

Claro que Cailey lembrava. Ela até comentara com Jayce... sentia ódio e nojo de si mesma... vergonha. Queria morrer. E foi esse lúgubre sentimento que ela transmitiu para o inocente rapaz.

— Bem... demorei um pouco para descobrir que a poetisa que tinha partido o coração de meu filho era você. Mas quando eu li a poesia que tinha escrito para ele, sabia que tinha encontrado alguém igual a mim! Temos o mesmo dom, Cailey, podemos manipular os pensamentos das pessoas por meio de nossas palavras. Imagine o quanto de poder isso nos dá.

— Não me interessa por esse poder. — respondeu com raiva.

— Não se interessa porque não sabe como usá-lo corretamente. Mas eu posso ensiná-la...

— Então foi assim que me fez chegar até

PERIGOSAS ACHERON

você? Usando dessa manipulação? — Cailey compreendia tudo.

— É claro! Lembra-se da poesia que mencionava “almas gêmeas”? Eu só plantei a sementinha em sua cabeça e criei aquele site horroroso para fazê-la vir até mim. Eu queria que confiasse em mim, queria mantê-la por perto... fazer seu detetive tão precioso não chegar até meu nome. Foi muito simples. — Gloria fez uma pausa. — Tudo foi uma encenação, Cailey... a cadeira de rodas, as mensagens demonstrando desejo... eu queria que acreditasse que o Poeta Sombrio era Brennan... queria que tivesse conhecido a história dele. Por isso lhe dei o livro. Se tivesse pesquisado um pouco mais, teria encontrado sua história. Você o esqueceu, deixou meu filho abandonado...

— Eu nem o conhecia! — perturbada por aquela história, Cailey alterou novamente o tom de

VOZ.

— Mas deveria! Ele era muito melhor do que você, como pessoa e como poeta. Pode não ter herdado meu poder, mas ele era tão maravilhoso quanto Edmond Forsight... ele tinha o direito de usar esse pseudônimo. Era assim que ele se apresentava para as pessoas, era o que ele queria ser. O que eu queria que ele fosse.

— Foi você quem matou Jodie e Monica?
— Cailey também falou, concluindo algo óbvio. —
E o que Monica tinha a ver com a história?

— Monica foi a primeira a partir o coração de Brennan. Ele se apaixonou por ela, mas ela não o quis. Depois que aconteceu o mesmo com Jodie, ele não suportou. Eram duas tolas... não sabiam o rapaz incrível que ele era.

— Pena que nasceu de uma mãe completamente louca. — em um lapso de coragem,
PERIGOSAS ACHERON

Cailey exclamou, e viu Gloria partir para cima dela e lhe dar uma bofetada. Porém, antes que pudesse golpeá-la uma segunda vez, Cailey rasgou seu rosto com o caco de vidro.

— Sua piranha! — com uma força impressionante, Gloria usou as costas de sua mão para golpear o rosto de Cailey. Daquela vez, a moça cambaleou, indo de encontro a uma parede, deixando cair o pedaço de vidro. — Você vai morrer! Já que ele não pôde ter Monica nem Jodie, ele terá você.

Nesse instante, muitas das mensagens que Gloria a enviara, fazendo-se passar pelo Poeta Sombrio fazia sentido. Todas as promessas de que eles ficariam juntos significavam que aquela mulher pretendia matá-la para juntá-la a seu filho. Na morte.

— Louca! — Cailey berrou, arrastando-se

para longe de Gloria.

Não queria morrer. Não pelas mãos daquela mulher. Então decidiu lutar por sua vida. Ainda no chão, colidiu com uma parede, vendo-se encurralada. Como Gloria se aproximava, Cailey usou seu pé direito para chutá-la no rosto, exatamente onde estava machucado, fazendo-a gritar.

Foi a chance de Cailey levantar e correr para a porta que estava aberta. Mas Gloria foi mais rápida, e antes que pudesse sair de seu cativeiro, ouviu um berro em sua mente. Exatamente como acontecera no prédio da revista Fissure.

Cailey, mesmo cambaleante pela força da mente de Gloria, conseguiu se defender e conseguiu correr para fora do quarto.

A casa era imensa, e por um momento ela se sentiu um pouco atordoada. Então, antes que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pudesse descer as escadas, outro grito ressoou em sua cabeça. Mais forte, mais incisivo, que foi suficiente para fazer com que Cailey caísse no chão, sem forças.

Insana e descontrolada, Gloria se aproximou e começou a bater em Cailey sem parar, gritando que tudo era culpa dela, que matara seu filho, que precisava pagar com sua vida.

A mulher era incrivelmente forte para sua idade e sua ira parecia deixá-la ainda mais poderosa. Tanto que Cailey foi deixada inconsciente, com o rosto machucado, os olhos roxos, o lábio e o nariz sangrando. Sentiu, então, que a mulher a arrastava pelo braço, devolvendo-a ao quarto.

Ela mal ouviu a porta ser trancada, fechando-a novamente naquela loucura, até que chegasse sua liberdade... que poderia vir com seu

PERIGOSAS ACHERON

resgate, ou sua morte.

Por mais que soubesse que ela não estaria ali, Jayce chegou na casa de Gloria Eller, acompanhado de Steve, com arma em punho e um mandado.

Deixando os dois criados contrariados, os detetives começaram a procurar pela casa toda. Tinham plena convicção de que ali seria o último lugar para onde ela levaria Cailey, mas, ao menos, encontrariam alguma coisa que indicasse onde ela poderia estar.

Descobriram muitas coisas interessantes, além do que realmente tinham ido procurar.

Encontraram uma fatura de cartão de crédito

PERIGOSAS ACHERON

conjunto de Gloria Eller e Boyd Olsen, o diretor da revista Fissure. Além disso, alguns cartões e compromissos marcados em sua agenda provavam que ambos eram amantes, o que fazia Gloria ter pleno acesso a informações e ao prédio da revista. Também fora daquela forma que ela enviara o e-mail de Cailey, enviando-lhe a história que se tornara poesia em seus primeiros dias de trabalho. Além disso, com certeza soubera que haveria o encontro depois do expediente no Flawless, e que Cailey estaria lá.

Jayce estava esperançoso, acreditando que iria encontrar alguma coisa, mas foi interrompido por seu celular que tocava. Olhou para Steve e suspirou derrotado antes de atender, reconhecendo o celular de Faith. Eles tinham trocado telefones no dia em que todos jantaram juntos, na intenção de poderem conversar sobre Cailey quando houvesse qualquer

problema. E lá estava o problema...

— Jayce... o que houve com Cailey? — ela mal esperou que ele dissesse alô. Estava aflita, com urgência em saber notícias.

— Acalme-se, Faith... — ele abaixou a cabeça, tentando encontrar uma forma melhor de contar-lhe o inevitável. — Eu não sei onde ela está.

— Está em perigo, não é? Eu... eu tive uma visão. Uma flor... um Lírio. É a flor da proteção. — ela chorava, mal conseguindo pronunciar as palavras. Logo em seguida, uma outra voz feminina chamava seu nome, indentificando-se como Tatianna.

Era fácil sentir a força emanando da voz de Tatianna. Claro que ela também estava preocupada, desesperada com a possibilidade de sua prima estar em perigo, mas era uma mulher corajosa e muito firme, apesar da aparência e modos delicados.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fale comigo, Jayce. Faith não está em condições agora. O que podemos fazer por Cailey?

— Já sei quem é o “Poeta Sombrio”, ou melhor... a farsa que ele era. — Jayce confessou.

— Como assim uma farsa? — surpreendeu-se Tatty.

— *Ele* é Gloria Eller. Não tenho tempo para explicar o fato de ser uma farsa, mas prometo que vão ficar sabendo de tudo.

— Meu Deus! Gloria Eller! Cailey confiava nela. — lamentou Tatianna. Depois de alguns minutos de silêncio, ela acrescentou: — Você vai encontrá-la, não vai, Jayce?

— É claro que vou. Não vou descansar enquanto ela não estiver aqui conosco de volta. — tentou parecer confiante, e Tatianna pareceu confiar nele, desligando o telefone em seguida.

PERIGOSAS ACHERON

Era o peso de uma enorme responsabilidade em seus ombros. Precisava se manter são e calmo para raciocinar e encontrar Cailey. Precisava encontrá-la por ele e pela família que a esperava.

Por isso retornou à sua busca.

Steve, que continuara a vasculhar a casa enquanto Jayce estava no telefone, encontrou coisas muito estranhas que demonstravam que a mulher era realmente obcecada pelo filho. O quarto dela possuía uma lousa repleta de fotografias dele. A maioria tirada em várias partes do mundo, outras em campeonatos de poesia, onde ele fora o vencedor. Mas quando Jayce se aproximou do parceiro para ajudá-lo em sua busca e percebeu que ele estava observando os retratos, seus olhos caíram sobre um que lhe trouxera uma luz.

Lá estava Brennan Sullivan, vestindo uma blusa quadriculada, calças jeans e uma suéter por

PERIGOSAS ACHERON

cima da camisa, de braços cruzados, exibindo um sorriso sem graça, com os cabelos ao vento... em frente a uma estátua de leão, que abria caminho para uma imensa propriedade, que despontava ao fundo da imagem, em imponência e beleza.

Imediatamente a capa do livro de Edmond Forsight lhe veio à mente. O nome “A mansão do lobo” o fez olhar mais algumas vezes para aquela fotografia e perceber uma pequena legenda, escrita na caligrafia que eles tanto já conheciam: “*Brennan estreando nossa nova casa, recém adquirida.*”.

— Já sei onde ela está, Steve! Precisamos descobrir onde fica essa casa!

— Jayce, eu não sei...

— Mas eu sei! — ele exclamou, interrompendo o colega, enquanto dava um telefonema para a delegacia. — James? Preciso de um favor, cara. Mas é urgente. — disse, assim que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um policial atendeu do outro lado da linha. — Preciso que descubra onde fica uma propriedade chamada “A mansão do lobo”. Acho que na Internet você vai encontrar isso.

O rapaz pediu que ele esperasse um pouco — o que para Jayce pareceu uma verdadeira eternidade. Assim que ele voltou à linha, com a resposta, o detetive sentiu que ainda havia uma chance.

— Aqui diz que foi a casa de um poeta famoso, do século XVI, confere?

— Essa mesmo. Me passe o endereço, por favor.

Jayce nem precisou pegar papel e caneta, pois decorou o endereço imediatamente. Seu primeiro passo foi partir para a Mansão do Lobo, sem nem pensar em mais nada.

PERIGOSAS ACHERON

Sentia dor.

Sentia fome.

Frio.

Medo...

Estava novamente amarrada à cama, mas sequer tinha forças para tentar se soltar. Na verdade, nem sabia se tinha vontade para isso. Sentia-se letárgica, entorpecida por uma estranha sensação de derrota. Ela queria acreditar que sairia daquela enrascada, que em breve estaria novamente nos braços de Jayce, sentindo-se a salvo e protegida, mas a esperança começava lentamente a abandoná-la.

Ainda era uma tola. A mesma Cailey infantil que acreditava em tudo que lhe diziam, que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colocava sua fé em desconhecidos, acreditando que não tinham nada a lhe oferecer que não fosse algo bom. Aprendera da forma mais cruel que aquilo era perigoso. Se não acreditava nem em si mesma, como conseguia crer em desconhecidos? Gloria Eller era um exemplo. Jayce lhe alertara, pedira que não confiasse tanto em um primeiro momento, mas ela desabafara, contara seus segredos e confessara o que a afligia, deixando o campo aberto para suas maldades.

Sem forças, queria apenas ser levada pela inconsciência para não precisar outro confronto com Gloria Eller. Queria apenas ser deixada em paz. E se tivesse que morrer, que fosse sozinha, abandonada ali... melhor do que sentir tanta dor como sentira quando fora terrivelmente espancada.

Mas foi então que ouviu vozes...

Vozes que não pertenciam a Gloria Eller.

PERIGOSAS ACHERON

Era... Jayce... ele chamava por seu nome... ele a tinha encontrado!

E quando a porta abriu, ela sentiu seu coração bater mais forte, ansiando em vê-lo, porém, deparou-se com Gloria Eller novamente, mais furiosa do que nunca, berrando coisas que ela não conseguia compreender.

Quando ela entrou no quarto, Cailey reparou que ela segurava uma arma na mão, parecendo pronta para usá-la a qualquer momento. Ela também trancou a porta, aproximando-se em seguida, tampando sua boca com a mão para que ela não gritasse e chamasse a atenção de Jayce. O cano gelado do revólver foi parar em sua têmpora, como uma promessa de que Gloria não hesitaria em matá-la, caso ela desse qualquer indício de que estava ali.

— Então, Cailey... acho que vou ter que te

dar uma escolha. Quem devo matar primeiro: você ou Jayce?

Os olhos arregalados de Cailey provaram que nenhuma das duas opções era válida. Ela não queria morrer, mas também não saberia viver sem Jayce. Não queria ter na consciência que o perdera de forma tão absurda, por sua própria culpa. Mas não era apenas isso... ela queria poder ter a oportunidade de viver algo especial com ele. E isso foi suficiente para que ela reagisse.

Se Gloria tinha o poder de invadir sua mente, se tinham o mesmo dom... ela poderia usá-lo para se salvar.

Fez, portanto, sua mente berrar. Era um grito sem sentido, sem significado, um urro de raiva, que ressoou profundamente no cérebro de Gloria. A intensidade foi tanta, que a mulher louca cambaleou, chegando a cair no chão; o que foi

suficiente para permitir que Cailey chamasse por Jayce.

Porém Gloria se recuperou rápido e partiu para cima de Cailey, colocando as mãos em torno de seu pescoço, começando a asfixiá-la.

Um barulho forte, de porta sendo arrombada, fez com que Gloria parasse, soltando Cailey e virando-se na direção da porta, apontando sua arma para quem chegava. Era Jayce, seguido por Steve e mais dois policiais, todos de coletes à prova de balas, com armas em punho.

O olhar de Jayce encontrou Cailey, estirada na cama, presa e machucada. Era exatamente a cena que ele temia ver. E tudo ficou pior quando Gloria Eller apontou novamente a arma para a cabeça dela.

— Solte a arma, Gloria. Você não tem para onde ir. Vai ser presa! — Steve exclamou.

— Não me importo. Só quero que ela morra. — Gloria falou com uma frieza impressionante. — Aliás, Jayce Hernandez... como vai conviver com outra morte em sua consciência?

Ele não podia ceder à provocação. Não enquanto sua mulher ainda estava em perigo. Fez um terrível esforço para permanecer concentrado no que deveria fazer. Por isso, seus olhos continuaram focados em Cailey, tentando transparecer um pouco de confiança. Naquele momento, lembrou-se da promessa que fez quando se reencontraram, logo após ler a poesia que o salvara da decadência. Ele prometeu que seria seu guardião, que a protegeria de qualquer coisa. Então ele soube que nada o impediria. E Cailey soube também. Tanto que sorriu, como se dissesse que confiava nele, mais do que qualquer coisa.

— Isso não vai trazer Brennan de volta,

Gloria...

— Não, não vai... não quero isso. Quero que Cailey esteja com ele. Ele não chegou a conhecê-la, mas serão um par perfeito na eternidade. Preciso apenas convencê-la disso. — ela riu muito alto, parecendo uma daquelas caricatas bruxas de contos de fadas.

— Sabe, Gloria... — pela primeira vez Jayce olhou para ela, desviando dos olhos de Cailey, que não pareciam mais amedrontados. — ... não acho que nada disso tenha a ver com seu filho. — tanto Gloria Eller quanto Steve olharam para Jayce surpresos com aquele comentário.

— Do que está falando, seu imbecil?

— Acho que isso tem a ver com poder. Você não suporta saber que existe uma pessoa no mundo que tenha um dom melhor que o seu. — Jayce riu, em uma perfeita interpretação. —
PERIGOSAS ACHERON

Porque, sinceramente, você não é nada perto de Cailey. Ela me trouxe de volta à vida... fez com que eu me apaixonasse de forma tão linda, tão pura... você jamais seria capaz disso. Seu dom é cheio de escuridão... você não possui a verdadeira poesia no coração.

— Como ousa? Eu...

— Eu não terminei ainda... — ele vociferou com autoridade. — Seu filho também não era nada. Era um poetazinho medíocre, sem nenhum talento, que apenas se aproveitava do dom da mãe para ter sucesso. Veja o que eu faço com o retrato dele... — e Jayce apontou sua arma para o quadro com a foto, atirando bem no meio da testa de Brennan.

— Não! Meu filho... não...

Foi a oportunidade perfeita. Gloria esqueceu de tudo ao seu redor e correu para o local onde estava pendurado o quadro, que ficava na

PERIGOSAS ACHERON

direção contrária de onde Cailey estava presa, e Steve aproveitou para agarrá-la e imobilizá-la. Os outros policiais o ajudaram, algemando-a, enquanto ela ainda gritava o nome do filho, chorando como a louca que era.

Jayce, é claro, aproximou-se de Cailey, soltando-a e puxando-a para si, levantando seu corpo fragilizado da cama, mantendo-a em seus braços.

— Jayce... — ela falou seu nome em um sussurro, como se quisesse convencer a si mesma de que ele estava ali, depois de tanto medo e desesperança. — Eu sabia que você viria.

— Nunca te abandonaria...

Eram lindas palavras, mas foram interrompidas por um grito de Gloria Eller, que se debatia enquanto ainda era imobilizada por policiais.

— Cailey... — ao chamá-la, fez com que tanto Jayce quanto a própria Cailey olhassem em sua direção. — Não importa tudo isso. Onde quer que eu esteja, vou infernizar sua vida. Jamais terá paz. Vai preferir a morte.

Sim. Cailey preferia a morte. Mas não a sua própria.

Jamais pensara que teria coragem suficiente para pegar em uma arma e matar um ser humano, mas ao tirar o revólver do coldre de Jayce e levantar-se da cama — ainda com dificuldade por causa de seus ferimentos —, ela sabia exatamente o que queria: mandar Gloria Eller e toda a sua poesia horrível para o inferno.

O tiro foi libertador. Puxar o gatilho fez com que Cailey sentisse mais um elo da corrente que a prendia se abrindo. Quando viu Gloria cair morta, no chão, pois a bala foi certa em sua

cabeça, foi que compreendeu que nenhum dos policiais tentou impedi-la. Na verdade foi como se facilitassem, segurando a mulher à sua frente. Aquilo, claro, teria que ser um segredo entre eles. Mas isso era outra história...

No momento seguinte em que Gloria perdeu a vida, Cailey sentiu como se tivesse arrancado algo de dentro dela. Estava finalmente solitária dentro de sua mente, livre para ter seus próprios pensamentos e criar sua própria poesia.

A força desta liberdade fez com que ela cambaleasse, quase perdendo os sentidos. Jayce a segurou, levantando-a rapidamente no colo.

— Vou tirar você daqui, tudo bem? — ele sussurrou em seu ouvido, percebendo que ela ainda estava consciente.

— Tá. — ela mal conseguia falar. Sabia que não demoraria para desmaiar, de tão exausta que

PERIGOSAS ACHERON

estava, mas ainda havia algo a ser dito. Algo muito importante. — Eu amo você...

Ela já não suportava mais ficar com os olhos abertos, pois eles doíam devido aos ferimentos que Gloria lhe causara, mas sentiu o peito de Jayce subir e descer, como se ele tivesse suspirado de alívio.

— Eu amo você também, linda... — ele fez uma pausa, mas logo prosseguiu. — Sabe, Cailey, eu não acho que seja a melhor maneira de se pedir alguém em casamento, mas juro que há um anel lá em casa ansiando para entrar em seu dedo. — brincou. — Então, quer se casar comigo?

O pedido foi feito, mas não veio nenhuma resposta. Cailey tinha apagado, completamente, com a cabeça encostada no peito de Jayce, totalmente inconsciente do que estava acontecendo ao seu redor.

Tudo que lhe restou foi rir e esperar. Será que a vida com aquela garota seria sempre assim, tão cheia de emoções?

Bem... ele pagaria para ver...

Epílogo

Lolla sorria.

Mais uma vez.

Nunca era fácil ter que ser uma expectadora passiva; não quando tinha que ver suas queridas netas sofrendo tanto. Mas observar o amor de Rowan por Faith e a devoção de Jayce para com Cailey era o bastante para que ela soubesse que, no final das contas, o sofrimento era válido.

A hora de Tatianna estava chegando.

Previa muita dor também em seu caminho.
E morte...

Se haveria luz também em sua jornada,
apenas o tempo poderia dizer.

Teria que ter paciência... Mas a paciência

era um dom divino. E, de dons, as DeWitt entendiam muito bem.

FIM